

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

*Envelhecimento e institucionalização:  
as experiências na Fundação Obras Sociais da  
Paróquia da Boa Viagem em Belo Horizonte*

**VANJA DE CASTRO**

**Belo Horizonte**  
**2009**

VANJA DE CASTRO

***Envelhecimento e institucionalização:***  
*as experiências na Fundação Obras Sociais da*  
*Paróquia da Boa Viagem em Belo Horizonte*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Linha de Pesquisa:** Participação Social, Políticas Públicas e Meio Ambiente

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri

**Belo Horizonte**

**2009**

301 Castro, Vanja de  
C355e Envelhecimento e institucionalização [manuscrito] : as  
2009 experiências na Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa  
Viagem em Belo Horizonte / Vanja de Castro. – 2009.

217 f.

Orientadora: Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem. 2.  
Sociologia – Teses 3. Envelhecimento – Teses. 4. Biopolítica –  
Teses. I. Zhouri, Andréa Luisa Moukhaiber. II. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas. III. Título



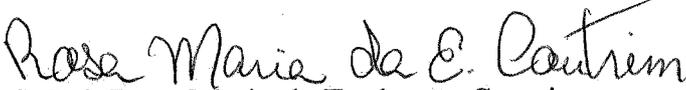
Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
**Programa de Pós Graduação em Sociologia**  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31.270-901 - Belo Horizonte - MG

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE**  
**VANJA DE CASTRO JUSTE**

Aos 13 (treze) dias do mês de novembro de 2009 (dois mil e nove) reuniu-se a Banca Examinadora da Dissertação do Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Sociologia intitulada "*Envelhecimento e institucionalização: As Experiências na Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem em Belo Horizontes*", composta pelos professores doutores Rosa Maria da Exaltação Coutrim – UFOP, Inês Assunção de Castro Teixeira - FAE-UFMG e Andréa Luísa Moukhaiber Zhouri (orientadora/SOA-UFMG). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da dissertação. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 13 de novembro de 2009.

Banca Examinadora:

  
Profª. Drª. Rosa Maria da Exaltação Coutrim

  
Profª. Drª. Inês Assunção de Castro Teixeira

  
Profª. Drª. Andréa Luísa Moukhaiber Zhouri

Aos meus pais, Livio Ferreira de Castro (*in memoriam*) e Hilda Lima de Castro, pela coragem e determinação, pelo amor à vida e às pessoas, pela convivência saudável com o envelhecimento e pela alegria e disposição a cada manhã.

Aos meus filhos, Marcos e Luiza, que ajudam a trazer sentido à minha vida e a reeditá-la.

## AGRADECIMENTOS

Aos idosos com quem trabalhei neste estudo, tornando-o possível ao compartilharem comigo suas experiências. Sou-lhes grata pelo muito que me ensinaram.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri, pelo acolhimento do projeto, pela autonomia oferecida no desenvolvimento da pesquisa e por suas sugestões.

Ao Diretor-Presidente da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, Padre Eugênio Barbosa Martins, pelo consentimento na pesquisa e pelo interesse manifestado.

Ao administrador da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* e sua equipe administrativa, às Irmãs Gracianas da Casa Santa Zita e à equipe do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem, pela receptividade e apoio.

Às lideranças da *Associação de Santa Zita*, por compartilharem comigo sua história.

Às Irmãs da *Congregação das Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento* e à Direção do *Instituto Sagrada Família*, pela oportunidade de atuar no Centro de Estudos e Atividades para a Melhor Idade – *CEAMI*, onde aprendi a ouvir pessoas idosas.

À Prof.<sup>a</sup> Geisa Moreira, pela receptividade em seu Projeto de Extensão da PUC MINAS.

Aos amigos Maria Bernadete Carvalho, Carlos Diniz e Maria Célia Silveira, que me iluminaram com sua lucidez durante esse percurso.

Aos amigos Luiz Brant, Tânia Quintaneiro, Cleone Castanheira, Fábio Siloé e Patrícia Alkimin, que trouxeram contribuições por diferentes vias.

Às colegas Josiane Queiroz e Marluce Aguiar, por me orientarem sobre os caminhos para cumprimento das exigências do Comitê de Ética e Pesquisa.

Aos funcionários da FAFICH, atenciosos e colaboradores, e especialmente à Vilma, sempre amigável.

À Dr.<sup>a</sup> Mônica Terra Sá, pela autorização de férias-prêmio na Escola Judicial para o trabalho em campo, e à Gerência de Saúde do TJMG, pela acolhida em um momento especial.

À Jussara Melo, pelo percurso terapêutico e ricas discussões, facilitadores dessa travessia.

A Adjalme Juste Filho, pelo apoio concreto e por ter acreditado em mim.

Às minhas irmãs Sandra e Sonja, por demonstrarem seu amor fraterno me ouvindo e estimulando.

Agradeço a Deus, por ter me dado amparo e força diante da tarefa proposta.

*“Não, talvez não seja isso. As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou, pelo menos, não era apenas isso. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar”.*

Clarice Lispector, “Os de Sofia” in *A legião estrangeira*

## RESUMO

O estudo se refere ao envelhecimento em um ambiente social marcado por graves questões políticas e econômicas, pelos avanços tecnológicos, pelo efêmero da imagem e por novas formas de pensar a realidade a partir da industrialização, que trouxeram importantes transformações nos modos de viver e no cotidiano das relações, impondo à vida dos idosos uma complexidade crescente.

O ingresso em Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs – apresenta-se como uma das alternativas que se pretendem resolutivas para as situações experimentadas pelas famílias, pela sociedade e pelos próprios idosos, vindo a evidenciar, na estratégia de redistribuição das pessoas conforme categorias, a ação de dispositivos sociais para a gestão da vida característicos das biopolíticas das populações. Torna-se relevante a investigação dos efeitos trazidos por esses dispositivos, alimentados pelas representações sobre a velhice avançada veiculadas na sociedade sobre os indivíduos idosos.

Foram apresentados os contextos de duas ILPIs em Belo Horizonte, Minas Gerais, descritos e analisados os modos de vida experimentados nesses ambientes, consideradas as trajetórias e situações de vida que favoreceram o ingresso na instituição, além de examinada a influência exercida pela ILPI sobre a subjetividade dos que ali se inserem.

Uma das instituições abriga vinte e sete mulheres, e a outra, oitenta e seis internos. Destes, dezoito idosos, de ambos os sexos, participaram das entrevistas individuais, realizadas, em sua maior parte, no ano de 2008. A abordagem etnográfica ancorou este estudo exploratório, em que foram utilizados: observação em campo, trabalhos em grupo com desenvolvimento de diferentes dinâmicas, entrevistas norteadas pela história oral e pesquisa documental, envolvendo também gestores das instituições e lideranças zitas – empregadas domésticas que contaram com o apoio das Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem para a construção de um espaço para a estada na velhice.

Os procedimentos para ingresso mostraram uma perspectiva de avaliação quantitativa e normalizadora, inadequadas para uma pessoa idosa necessitada de acolhimento, tendo a triagem se revelado um mecanismo burocrático. Foram constatadas a institucionalização espontânea (embora derivada de pressões externas), a proveniente de resolução conjunta entre familiares e idoso e a determinada pelos familiares ou patrões, algumas vezes à revelia do idoso. As zitas experimentam uma situação peculiar, a da inserção planejada.

A proliferação das ILPIs evidencia a complexidade dos fenômenos sociais e a incipiência das formas de atendimento à pessoa idosa capazes de contribuir para a preservação dos vínculos originários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento, dispositivos sociais, biopolíticas das populações, trajetórias pessoais, famílias, institucionalização.

## ABSTRACT

This study approaches the aging process in a social environment that is marked by serious political and economical issues, technological advancement, one's ephemeral image and also by the new ways to perceive reality after industrialization, causing significant transformations in lifestyle and everyday routine of relationships and creating adding more complexity to the lives of elderly people.

Entering an Assisted Living Facility (ILPI) becomes an alternative that appears to be a solution for the situation which families, society and elderly people themselves are facing nowadays. It clearly shows, according to the strategy for people redistribution into categories, the effect of the social mechanisms to manage life, which are a characteristic of bio-politics of populations. The investigation of the effects caused by these mechanisms becomes relevant especially because of the way old age is conveyed.

The contexts of two ILPIs (Assisted Living Facilities) located in the city of Belo Horizonte, state of Minas Gerais were here presented; the different lifestyles experienced in these environments were described and analyzed as well as life trajectories and situations that might have favored the decision of entering an ILPI; in addition, the assisted living's influence on the subjectivity of those who live in such facilities was also examined.

One of the facilities accommodates twenty-seven women; the other has eighty-six residents. Eighteen elderly people of both genders were interviewed individually, mainly in 2008. The ethnographic approach served as basis for this study, and the following techniques were used: field observation, group work with development of different dynamics; interviews were guided by the story told and documental research, which also involved the ILPI's managers, and leaders of the 'zitas' - housemaids that had the support of the Social Work sector of the Boa Viagem Parish (local Catholic church) to build a place where they could live in old age.

Admission procedures showed normalizing and quantitative assessments, which were inadequate for an old person in need of shelter; and the triage was a bureaucratic mechanism. Both the spontaneous admission to an assisted living facility, that is, the one that derives from decision made by both the family members and the elderly person (and also by the external pressure), and the assisted living that is determined by the family members or employers, sometimes without the elderly person's own consent, were observed. The 'zitas' experience a peculiar situation, that is, the planned assisted living.

The increase of ILPIs makes it evident how complex the social phenomena are and how incipient the manners to assist elderly people are to efficiently contribute to the preservation of the original bonds.

**KEYWORDS:** aging, social mechanisms, bio-politics of populations, personal trajectories, families, assisted living.

## LISTA DE FIGURAS

1	Organização da Associação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem, Belo Horizonte, período anterior a 1972. ....	55
2	Organização da FOSP BV, Belo Horizonte, 2008.....	55
3	Santa Zita.....	70
4	As zitas da Associação .....	73
5	Padre Paulo Rególio e paroquianas .....	75
6	Refeitório da Casa Santa Zita .....	80
7	Capela da Casa Santa Zita .....	87
8	Vista parcial do Recanto e de seu jardim interno .....	90
9	Vista aérea do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem.....	94
10	Capela do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem .....	97

## LISTA DE QUADROS

- 1 Idosos entrevistados em ILPI, por faixa etária, 2008. ....58
- 2 Tipos de inserção nas instituições: Recanto e Casa Santa Zita, Belo Horizonte, 2008. ....133

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAOPPD I –	Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos das Pessoas Portadores de Deficiência e Idosos
COEP –	Comitê de Ética em Pesquisa
COMUPRA –	Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu
FOSPBV –	Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI –	Instituição de Longa Permanência Para Idosos
Irmãs Gracianas –	Congregação das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Graças
LBA –	Fundação Legião Brasileira de Assistência
MP/MG –	Ministério Público de Minas Gerais
Obras Sociais –	Associação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem
OMS –	Organização Mundial de Saúde
PUC-MG –	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Recanto –	Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem
RDC –	Resolução de Diretoria Colegiada da ANVISA
SBGG –	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SEDESE –	Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e Esportes
SERVAS –	Serviço Voluntário de Assistência Social

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 - VELHICE, SOCIEDADE E INSTITUIÇÕES ASILARES .....</b>	<b>22</b>
1.1 Relações entre indivíduo, velhice e sociedade .....	22
1.2 A invenção da velhice como categoria identitária: contextualização histórico-social.....	31
1.3 Os asilos e as representações da velhice .....	38
1.4 A internação em instituições asilares e os relacionamentos familiares na atualidade .....	41
1.5 As Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs.....	44
<b>2 - CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>50</b>
2.1 A pesquisa qualitativa como espaço dialógico .....	50
2.2 O percurso para a coleta de dados .....	54
2.3 Breve apresentação dos idosos entrevistados e número de encontros realizados .....	57
2.4 Os encontros coletivos com os idosos: as vivências propiciadas pelos grupos .....	59
2.5 As entrevistas individuais com os idosos .....	61
2.6 As entrevistas com os gestores, a pesquisa documental e os encontros com lideranças .....	63
<b>3 - CARACTERIZAÇÃO DOS LOCAIS ESTUDADOS .....</b>	<b>65</b>
3.1 O contexto histórico das Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem e a Associação de Santa Zita ....	66
3.2 A instauração dos asilos vinculados às Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem .....	78
3.2.1 Apresentação da Casa Santa Zita: seu histórico e sua situação atual.....	78
3.2.2 O Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem: da integração às Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem à sua situação atual.....	90
3.3 A Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem –FOSPBV .....	98
3.3.1 O modo de gerenciamento das instituições asilares da FOSPBV e os desafios enfrentados ....	100

<b>4 - O SUJEITO IDOSO NO CENÁRIO INSTITUCIONAL DO RECANTO E DA CASA SANTA ZITA .....</b>	<b>113</b>
4.1 Procedimentos para a institucionalização, rotinas e ressonâncias sobre o idoso.....	114
4.2 Trajetórias de vida, situações sociais que levaram à institucionalização no Recanto e na Casa Santa Zita e experiências na nova condição .....	132
4.2.1 1ª situação: Internação por imposição, à revelia do idoso .....	134
4.2.2 2ª situação: Internação com aviso anterior.....	141
4.2.3 3ª situação: Internação combinada com a família.....	146
4.2.4 4ª situação: Escolha pessoal, embora pudesse viver com os familiares.....	160
4.2.5 5ª situação: Escolha da internação por não ter com quem morar.....	173
4.2.6 6ª situação: Filiadas à associação cofundadora da Casa Santa Zita .....	176
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>200</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>212</b>
ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para idosos (f.1) .....	213
ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para idosos (f. 2) .....	214
ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para gestores (f. 1).....	215
ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para gestores (f. 2).....	216
ANEXO III - Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG .....	217

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento, embora marcado por mutações biológicas visíveis, graduais e contínuas, caracteriza-se como um processo de transformações que se desdobra no transcurso da existência, de acordo com as características de cada um, fertilizadas no trabalho de constituir-se sob a influência das condições históricas e sociais do período. Esses fatores tornam as concepções sobre a velhice variáveis conforme o indivíduo, a cultura e a época. Por isso, é impossível pensar sobre o que significa ser velho fora de um contexto determinado.

As demandas de produtividade e a resistência física exigidas ao trabalhador com o processo de industrialização no Ocidente evidenciaram a velhice dos operários como etapa de fragilidade e impedimento de realizar as tarefas prescritas pelas fábricas, numa ocasião em que a expectativa de vida dos trabalhadores era pequena em decorrência da sobrecarga de trabalho. O tempo social passou a ser regulado pelos relógios, foi estabelecida uma disciplina antes desconhecida. A velhice começou a ser estigmatizada, referida como um atributo profundamente depreciativo (GOFFMAN, 1975), atualizado com o culto à imagem e os avanços tecnológicos para os quais os idosos não foram preparados. As biotecnologias, as informações geradas pelos satélites e pela internet, o uso de equipamentos e objetos de última geração, francamente descartáveis, evidenciam tanto a discrepância em relação aos saberes e às experiências acumuladas dos idosos, agora considerados anacrônicos, quanto a “falta de sincronia entre o que o meio exige e o que os idosos podem oferecer [...] como se, no interior dos diversos grupos, os interesses passassem a ser diversos, antagônicos ou excludentes” (VIEIRA, 2003, p. 16).

No caso das famílias, as situações da contemporaneidade interpelam os sujeitos e impõem a atenção com projetos individuais, que poderão ou não assegurar o sucesso almejado, o êxito revelado pelo acúmulo de bens, pelas possibilidades de lazer e entretenimentos, conforme a ideologia propagada. Esses embates, muitas vezes, comprometem as relações, diluindo o calor e o afeto necessários ao idoso.

O olhar aniquilador lançado à velhice perpassa as diferenças individuais e coletivas, mostra-se homogeneizador, incide sobre a identidade dos idosos, que podem assimilá-lo ou refutá-lo, com maior ou menor dificuldade, pois “é preciso compreender que, nas circunavegações da vida, uma brisa amena para uns pode ser para outros uma tempestade mortal, tudo depende do calado do barco e do estado das velas” (SARAMAGO, 2000, p. 114).

No primeiro caso, os idosos tendem a reproduzir os estereótipos veiculados na sociedade, assimilando a velhice como estado de decrepitude e perda dos papéis sociais, de autonomia, dos vínculos e das referências. No segundo, os idosos se mostram capazes de reagir com relativo êxito aos estereótipos que a sociedade lhes pretende imputar, não os assumindo como inerentes à fase vivida. Há homens e mulheres que evidenciam sabedoria, conhecimento, empreendedorismo, um especial talento, conservando o *status* de uma posição alcançada<sup>1</sup>. Existem ainda aqueles mais pobres que continuam ativos no trabalho até idade bem avançada, colaborando, muitas vezes, com parcela significativa da renda familiar, sendo, por isso, valorizados.

Entre aqueles que tentam escapar dos estereótipos, muitos despendem esforços contínuos para afirmar-se frente à força do novo e da juventude, parâmetro da saúde, da beleza, da habilitação para a vida. Propõem-se ao entretenimento e a ações capazes de retardar o processo de envelhecimento, até que constatarem não ser possível negar a passagem do tempo, experiência que exige novos sentidos para a existência.

Há idosos que demonstram genuíno desejo de sociabilidade, de viver com qualidade, de conhecer novos horizontes, conquistar a liberdade possível. Valorizam a participação na vida cultural, nos trabalhos voluntários ou mesmo o sossego de uma vida calma e contemplativa.

Constituem um dos eixos norteadores deste trabalho os dispositivos sociais que tornaram a velhice uma categoria cultural, referenciados nas proposições de Foucault (2002, 1979a) sobre as biopolíticas das populações e vistos como recursos utilizados pelo Estado na gestão da velhice, assim como de outras categorias etárias. O mecanismo de segmentação por idades ancora as políticas públicas, as leis, os regulamentos, as resoluções que especificam direitos e deveres, evidenciando sua efetividade (DEBERT, 1998).

Como categoria, a velhice teve seu fundamento na concepção médica de que o corpo velho é aquele em degenerescência (GROISMAN, 2002; SILVA, 2008), noção associada às

---

<sup>1</sup> Recentemente a mídia, com seu enorme poder de gerar mudanças, tem demonstrado sua tendência a rever estereótipos associados à velhice. Procede no sentido de convocar a atenção pública para os idosos já avançados que permanecem bem dispostos, lutando com vivacidade pelo reconhecimento de seus direitos, fazendo-se presentes e participantes da vida familiar e da sociedade. A telenovela global “Caminho das Índias” apresenta um empresário, Sr. Cadore, que permaneceu viúvo por muitos anos e com os filhos maduros, o qual se casa com uma senhora também idosa que trabalha em uma clínica de psiquiatria. Ele se afirma como dono de seu destino, opina sobre assuntos da empresa de modo apropriado e, apesar das ironias do filho, descobre falcatruas de que ninguém se dá conta. O Sr. Cadore se diverte com amigos, frequenta ambientes alegres, é querido pelos netos, ajuda-os quando seus pais se omitem, supera as agressões da nora e mantém a autoconsideração. Na mesma telenovela, uma mulher de casta inferior, já no início da velhice, é eleita representante do povo, na Índia.

ideias de perda e finitude, que provocam no idoso um desconforto crescente, também sentido pelas pessoas próximas e encarado com uma mistura de piedade, horror e desprezo. Os infortúnios do velho tornaram-se motivo para sua separação espacial em relação aos vadios, aos desordeiros, aos doentes, aos mendigos, aos inválidos, às crianças órfãs que viviam nos asilos de mendicidade, num posicionamento higienista dos médicos que influenciavam as políticas públicas, justificadas pela ideia do bem-estar geral, prometendo a produção de positivities, com os novos saberes que adviriam de seus estudos com essa população. Assim, segregados, os velhos receberiam o amparo caritativo – exaltado como valor moral – e o atendimento assistencialista das obras sociais das igrejas e entidades afins, com auxílio de damas de caridade, benfeitores e guardiões da velhice desamparada.

Os asilos e suas representações em diferentes momentos históricos tornaram-se importante chave para este estudo, pois evidenciam os modos pelos quais a sociedade estabelece seus dispositivos de controle e exerce suas práticas para alcançar objetivos relacionados à produção de riquezas e segregar aqueles que não se enquadram no sistema produtivo. Ademais, os velhos tornam perceptível a carência de beleza e de recursos, o que supostamente atingirá a todos, esbarrando no limite do insuportável. Desse modo, os asilos apresentam-se, simultaneamente, como produto e como protagonista da história, diante das transformações desencadeadas pela industrialização, as quais engendraram novas formas de pensar a realidade, manifestadas nos costumes, nos modos de vida e no cotidiano das relações.

A constituição dos discursos geriátrico e gerontológico e a institucionalização das pensões e das aposentadorias como um direito social evidenciaram as mudanças ocorridas e colocaram-se como ferramentas para distinguir a velhice das demais fases da vida. Groisman (1999b) comenta Katz (1996) ao designar esses dispositivos como “tecnologias de diferenciação”, mecanismos que se foram modelando como injunções sociais próprias da contemporaneidade<sup>2</sup>. Articuladas, tais tecnologias vêm constituir a velhice como um problema de visibilidade pública, e os interesses sobre o assunto se colocam na pauta dos governos, das instituições sociais e dos pesquisadores de áreas como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a Demografia, tendo à frente a Gerontologia. Em conjunto, procuram por arranjos que permitam ao idoso independente ou semi-independente a inserção social e o engajamento em atividades significativas, como modos de prevenir doenças e adiar os prejuízos da velhice. Esses arranjos se apresentam nos “programas de envelhecimento ativo”, com o despontar das universidades e centros de convivência propostos pelo movimento da

---

<sup>2</sup> As tecnologias de diferenciação de Katz corroboram os estudos de Foucault sobre as biopolíticas das populações.

Terceira Idade a partir das aposentadorias da classe média e das promessas do mercado de consumo. Emergem como forma de responder aos efeitos vislumbrados pelo aumento da expectativa de vida em conjunção com a redução da natalidade e da mortalidade e como uma reação aos estigmas relacionados ao envelhecimento, possibilitando a afirmação identitária desses jovens idosos. Agem em prol da renovação, da otimização dos desempenhos e da maximização das forças para a preservação da autonomia, tendo em vista a previsão de um desafio global, social e econômico, com o aumento da população idosa em tão grande escala. Esse aumento acarretará impactos substanciais às instituições provedoras de assistência à saúde e à previdência social, que já sofrem os efeitos da má distribuição dos recursos efetuada ao longo dos anos, ingerência responsável, em grande parte, pelos problemas dos sistemas previdenciários. Seus programas e modalidades de aposentadoria vêm sofrendo reformulações para tentar preservar as possibilidades de atendimento mínimo.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em suas estimativas populacionais apresentadas na publicação “Projeção da População do Brasil por sexo e idade: 1980-2050 - Revisão 2008”, revela, entre outros aspectos, as informações sobre as tendências da mortalidade, da fecundidade e da migração em nível nacional, no período de 1980 a 2050. A análise dos resultados destaca as transformações relevantes, detectadas nos indicadores demográficos implícitos nessa projeção, sobretudo com relação ao “acelerado processo de envelhecimento da população, resultante do efeito combinado da redução dos níveis da fecundidade e da mortalidade e do aumento da expectativa de vida, a partir de meados da década de 1980”<sup>3</sup>.

De acordo com a pesquisa “Tábuas da Vida”<sup>4</sup>, publicada em 01/12/2008 pelo referido instituto<sup>5,6</sup>, o brasileiro passou a viver 5 anos e 5 meses a mais do que na década anterior, tendo a expectativa de vida aumentada de 67 anos em 1991 para 72 anos e 5 meses em 2007, concentrando-se no sul e sudeste as maiores taxas de expectativa de vida – 74 anos e 7 meses

---

<sup>3</sup> IBGE. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050*. Rio de Janeiro, 2008. ISSN: 1516-3296. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/default.shtm). Acesso em 14 out. 2009.

<sup>4</sup> A “taxa de mortalidade” é um índice matemático que expressa o número provável de óbitos em uma população dada, normalmente calculada não só para a população total, mas para diferentes faixas etárias e para cada sexo em separado. As fórmulas encontradas para seu cálculo utilizam o que os demógrafos chamam de *tábuas da vida*. Conhecendo a taxa de mortalidade, um cálculo de subtração informa quantos devem sobreviver, conforme idade e sexo, configurando a “expectativa de vida”. A “taxa de natalidade” é a relação entre nascidos e a população total, e a “taxa de fecundidade” deve ser interpretada como o número médio de filhos nascidos vivos por mulher ao completar 50 anos (informações extraídas de Barreto, 1992).

<sup>5</sup> IBGE. Tábuas completas de mortalidade. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1275&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1275&id_pagina=1). Acesso em 14 out. 2009.

<sup>6</sup> IBGE. *Breves notas sobre a mortalidade no Brasil no período de 1991/2007*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2007/notastecnicas.pdf>. Acesso em 14 out. 2009.

e 74 anos, respectivamente. Enquanto a taxa feminina de expectativa de vida encontrada foi de 76 anos e 4 meses, a masculina foi de 68 anos e 8 meses, diferença que se mantém estável entre os gêneros desde 1991.

O IBGE constatou ainda, segundo as Estatísticas do Registro Civil (2007, v. 34), publicadas em 04/12/2008, que houve queda no número de nascimentos no Brasil pela segunda vez e que as subnotificações, concentradas especialmente no norte e nordeste do País, têm diminuído. A pesquisa comprovou também que as mulheres brasileiras têm aguardado mais para terem filhos. O IBGE prevê que, em 2050, o País terá cento e setenta e três idosos para cada criança.

Segundo Papaleo Netto *et al.* (2006, p. 282), as transições demográficas e epidemiológicas não têm sido acompanhadas por transformações socioeconômicas compatíveis com suas consequências. Aos idosos avançados ou dependentes podem faltar suportes adequados para viver sua velhice, preservando a interação com os ambientes onde foi construída sua história. Rupturas e abandono levam ao sentimento de solidão e angústia e à percepção de que a vida perde em sentido e a identidade fica em suspenso.

Nesse cenário, a velhice remete à reflexão sobre a atual função social da instituição asilar e sobre o fenômeno da institucionalização de idosos, que abrange as trajetórias e situações pessoais determinantes do ingresso na instituição, as interações e os modos de vida ali estabelecidos, as rupturas que podem advir e incidir no conceito que o indivíduo tem de si mesmo. Os dispositivos socioculturais que moldam a percepção do envelhecimento na sociedade influenciam os sentimentos e as atitudes, tornando-se relevante observar se e como os idosos conseguem investir e estruturar modos satisfatórios de viver. Isso veio a se constituir objeto de investigação em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos, cujos contextos históricos foram delineados.

Beauvoir (1976, v. 1) evidencia a presença dos asilos desde o advento da industrialização. Hoje eles estão enfeitados, ganham novos nomes e, como clínicas geriátricas ou Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), proliferam, a fim de acolher a velhice. Essa proliferação das instituições asilares evidencia a complexidade dos fenômenos sociais e demonstra não terem sido encontradas ou implantadas formas de atendimento à pessoa idosa capazes de contribuir para a preservação dos vínculos originários. Isso ocorre, possivelmente, pela incipiência das políticas públicas diante da falta de recursos, de infraestrutura e de vontade política para efetivá-las, embora sejam cuidadosamente

planejadas. A falta de visão prospectiva dos governos e a disputa de recursos públicos com outros segmentos sociais, que também ainda não tiveram suas necessidades atendidas, são fatores a serem considerados, conforme salienta Vieira (2003).

Certo é que, se a velhice mais avançada é vista na sociedade produtivista como um período sombrio, também abriga a ideia de maturidade, de possibilidade de ganhos, mesmo que modestos, de esperança de realização de alguns dos projetos desejados. O acento da velhice recai também sobre aquisições e possibilidades; se assim não for, o idoso se torna um ser desalojado, sem lugar no mundo, desamparado, e a velhice, um período de estreitamento “de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos” (BOSI, 1994, p. 83). Tais transformações nem sempre são percebidas, devido à falta de sensibilidade dos que estão próximos ao idoso, devido à omissão do olhar que o encaixaria no lugar de um ser social e de benquerença e, ainda, devido à proeminência dos traços narcisistas da sociedade, que não resgata do passado o tesouro político e psicológico, do qual podem ser extraídas reservas imprescindíveis para o enfrentamento do futuro (LASCH, 1983). Assim, a depressão e a demência podem instalar-se como uma defesa ou uma saída para o indivíduo que envelhece, que se encontra ferido de morte pela falta de investimento do ambiente, que não lhe outorga reconhecimento e filiação ao grupo social.

### ***A pesquisa: comentário inicial***

O presente trabalho centra-se numa pesquisa exploratória empreendida em duas Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPIs)<sup>7</sup>, que têm seu contexto histórico e sua dinâmica cotidiana discutidos: a Casa Santa Zita e o Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem, ambas componentes da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Paróquia Boa Viagem* (FOSPBV), em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde os idosos vivem em regime de internação semiaberta (dependendo da autorização do responsável pelo idoso, o que é estipulado em contrato, atualizado periodicamente). Gestores dessas instituições e lideranças da *Associação de Santa Zita*, cofundadora da Casa Santa Zita – ao lado das Obras Sociais da Paróquia – também foram entrevistados, além de participantes do corpo técnico do Recanto e Irmãs de Caridade da Casa Santa Zita.

---

<sup>7</sup> As instituições estão representadas no item 2.2, de forma esquemática para facilitar a compreensão de suas relações.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Em seguida, foi realizada uma leitura atenta que permitiu revisão do conteúdo, exploração das diferenças, das similaridades, para ordenação e classificação dos achados em quadro esquemático, conforme as modalidades de ingresso na instituição, articuladas às trajetórias de vida, sendo privilegiadas quatro dimensões: a vida familiar; os papéis sociais exercidos e os relacionamentos constituídos; o envelhecimento; a situação na instituição, no momento da pesquisa.

A percepção de limites temporais e também pessoais, no sentido de conseguir processar recortes aproveitando, da melhor forma possível, o extenso material coletado neste estudo exploratório conectou-se à consciência de que não se pode esgotar a abrangência do tema e de que sua circunscrição aos locais e aos atores pesquisados deve ser salientada.

A estruturação do trabalho se deu da seguinte forma:

No primeiro capítulo, realiza-se uma reflexão sobre a relação entre indivíduo, velhice e sociedade, evidenciando a velhice como uma etapa da vida que comporta inquietações e desafios radicais e que exige rearranjos para a preservação do equilíbrio entre limitações e possibilidades. Este capítulo contempla, ainda, ao lado de sucinta revisão da literatura sobre o envelhecimento, análise sobre o modo como a velhice se torna categoria social diferenciada, com a finalidade de situar seus alcances sociais, apresentando breve histórico sobre a constituição dos asilos para velhos e suas representações em diferentes épocas. Os motivos hoje encontrados por alguns pesquisadores para a institucionalização são indicados, e as relações familiares na contemporaneidade, comentadas. Por fim, como informações preliminares, para facilitar a compreensão do contexto atual das instituições estudadas, descrevem-se as ILPIs e as principais normas legais a que estão sujeitas.

O segundo capítulo, relativo à metodologia empregada, aborda as condições de produção desta pesquisa em campo.

Apresentam-se, no terceiro capítulo, as instituições onde a pesquisa foi realizada. Privilegia-se a perspectiva histórica, que remete às origens da *Associação de Santa Zita*, precursora da Casa Santa Zita, cuja importância se buscou resgatar. Essa abordagem possibilitou a compreensão de aspectos atuais das situações de cada uma das instituições e de seus desafios.

O quarto capítulo refere-se, na primeira parte, aos procedimentos para ingresso no Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem e na Casa Santa Zita. São evidenciados os costumes, atividades e as repercussões dessa realidade sobre o idoso, de forma generalizada. Em

seguida, abordam-se situações particulares: as trajetórias de vida e as determinantes sociais que levaram à institucionalização, focalizando as delicadas experiências vividas pelo indivíduo, na velhice, junto às pessoas significativas. Os modos de inserção e as interações estabelecidas com os outros residentes, a reação às rotinas, a adaptação às atividades e as modelagens institucionais são apresentadas, tendo em vista seus efeitos sobre os idosos, bem como a participação ou a ausência das famílias nesse processo. A necessidade de socialização em um novo grupo e os impasses causados pela institucionalização são também examinados.

Por fim, são registradas algumas considerações finais para pontuar o quê de significativo foi encontrado na pesquisa empreendida, de caráter exploratório, e com uma ampla problemática em parte, desvendada.

Ao final, nos anexos, exibem-se os termos de Consentimento Livre e Esclarecido para Idosos e os termos para Gestores, esclarecendo sobre a participação no estudo, além da carta de aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais por meio do parecer ETIC 271/08, com o título provisório “Trajetórias pessoais, envelhecimento e instituições”.

## **CAPÍTULO 1 - VELHICE, SOCIEDADE E INSTITUIÇÕES ASILARES**

Neste capítulo, são analisadas as relações entre indivíduo, envelhecimento e sociedade, mostrando a velhice como uma fase delicada da vida e indicando as transformações ocorridas nessa etapa, que envolvem desafios radicais e pressupõem rearranjos para que seja mantido o delicado equilíbrio entre limitações e possibilidades, necessário para se viver bem.

É igualmente tratada a origem da velhice como uma nova categoria identitária, buscando situar os fatores que contribuíram para sua situação atual. Dentre esses fatores, os saberes médicos, de especialistas, de gestores se entrelaçam fundamentados em discursos políticos, práticas sociais, interesses econômicos e no surgimento de disciplinas diversas, dentre elas, a Gerontologia.

Em seguida é abordado o histórico das instituições asilares em geral e as representações sociais da velhice ali refletidas, culminando na constituição das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs).

### **1.1 Relações entre indivíduo, velhice e sociedade**

Falar da velhice incomoda porque expõe o limite ao qual todos nós somos submetidos. Falar de velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem e na relação com o Outro. A velhice exige novas transcrições e traduções. Ela desacomoda muitos 'restos' deixados em qualquer canto à espera de um tratamento possível; desacomoda a procrastinação, desacomoda os futuros não cumpridos - mas que gostaríamos de realizar-, desacomoda a idéia de imutabilidade ou de permanência, desacomoda os ideais e as certezas nas quais todo sujeito busca se alojar. A velhice desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo (MUCIDA, 2006, p. 16).

De fato, conforme Mucida (2006) salienta, pensar na velhice exige do sujeito a ressignificação de uma série de situações de sua própria vida, em sua singularidade, embora envelhecer seja próprio do ser humano, uma experiência universal. Pode-se dizer que o envelhecimento é um fenômeno universal, social e cultural, enquanto as velhices são processos pessoais e subjetivos (VIEIRA, 2003).

O tema é fonte de angústia e ansiedade pela ambivalência que provoca: falar de velhice provoca interesse e rejeição, porque todos entendem que é a alternativa à morte, embora assinala para o fim. A interpretação dada à existência imprimirá sua diferença entre os modos de envelhecer de cada um, sendo o envelhecimento uma experiência solitária, que diz respeito ao sujeito que a vivencia, assim como a morte. Mucida parece também compreender dessa maneira:

Como um quadro, a velhice depende das mãos do seu pintor, da escolha das tintas, do desenho a ser delineado por um olhar que escapa. Se a pintura exibida nesse quadro só é construída por cada um e de seu próprio modo, o certo é que ninguém escapará a ela, salvo morrendo-se antes (MUCIDA, 2006, p. 16-17).

Assim, as mutações biológicas, embora visíveis, não se constituem como um fato absoluto, possuidor de uma essência. As etapas da vida, pensadas como investimentos culturais, têm o seu estatuto imposto ao homem conforme a sociedade a que pertence, como indica Beauvoir (1970). Além disso, há uma dimensão individual no envelhecer que suscita atenção, pois é dela que provém a busca pelo sentido do que é ser um sujeito no mundo, sentido a ser sempre construído, pois sempre inacabado.

O contexto cultural oferece um destino à velhice, que se transforma historicamente, de acordo com o dinamismo social e com os enunciados a seu respeito. Grande parte do conteúdo desses enunciados é formulada em contraste com aqueles relativos à infância, à juventude, à idade adulta, considerando ser a identidade do “eu” construída em oposição à identidade “do outro” e vice-versa, marcadas por características próprias a cada uma delas. Mas não é apenas em relação aos “outros” de diferentes gerações que se pode contrapor tal enunciado, visto as velhices variarem também entre si, uma vez que há a velhice dos ricos e a dos pobres, a do trabalhador braçal e a do executivo, a feminina e a masculina. Sobre isso alguns dos idosos entrevistados neste estudo esclarecem:

Cada um é cada um, então eu não vou assim... entrar no cada um dos outros, não... que é uma coisa que não vai me interessar, né? Então deixa Deus com o mundo que ele criou e suas criaturas (MAGDA, 91 anos).

O envelhecimento masculino é diferente do feminino, ah muito! Em tudo, de a a z. Fisicamente, sexualmente, mentalmente. Mulher supera tudo. O homem já é mais pretensioso. Ele acha que é intocável. Diversas mulheres aqui são mais entusiasmadas pra viver, se enfeitam, usam brincos, pulseiras, anéis, batom. O homem só faz uma higiene mínima (WAGNER, 60 anos).

Ah... O envelhecimento feminino, aqui, acho que é maior que o do homem. A mulher fala que esquece muito, enxerga pouco. O homem não reclama tanto assim.

Tem uma aí que fala que não sente nada, mas fala uma coisa com ela e daí a cinco minutos ou menos, pergunta: o que você falou mesmo? O que eu fiz mesmo? Mulher esquece demais e o homem não é assim! (GILSON, 71 anos).

Em nossa sociedade, os dispositivos sociais<sup>8</sup> de disciplinamento exigem dos indivíduos a preservação de competências e habilidades físicas e psíquicas para conduzirem as incidências da velhice de modo a se sentirem íntegros e independentes, sendo encorajados e monitorados para a adoção de estilos de vida condizentes com os ditames da juventude, para a renovação das identidades e autoimagens, num inegável adiamento do envelhecimento. Para tanto, são ensejadas atividades apropriadas para ordenação do tempo, socialização, ocupação da mente e do corpo visando ao envelhecimento ativo e à motivação para viver. No entanto, para além da intenção de promover o cuidado com a saúde do idoso, fazendo uso dos avanços da ciência, está o fato de que nossa cultura cede, cada vez mais, espaço ao cultivo da imagem na qual os homens se alienam, o que é manifestado na necessidade compulsiva de negar todo traço da velhice e da passagem do tempo, de aparentar vigor e aproveitar o máximo o presente (*carpe diem*)<sup>9</sup>.

Segundo Lasch (1983), a necessidade permanente de o indivíduo ser valorizado e admirado torna-se a cada dia mais dissonante das condições de existência das pessoas idosas e tornam a perspectiva do envelhecimento intolerável. Tal horror pode originar-se numa perspectiva racional e realista sobre o que acontece com as pessoas idosas em nossa sociedade ou de uma perspectiva mais pessoal, que estaria associada à emergência de uma personalidade narcisista como tipo dominante de estrutura de personalidade na sociedade contemporânea.

O horror à velhice e à morte, presente na cultura ocidental, deve-se, segundo Elias (2001), ao fato de que, nessas circunstâncias, o indivíduo convive com processos naturais cegos e incontroláveis, o que causa mal-estar a todos os próximos. Afinal, falar de velhice é falar do outro em que nos tornaremos, ao passo que pretendemos nos preservar como somos, pois “ [...] não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado” (ELIAS, 2001, p. 80).

Beauvoir (1970) afirma serem as características estigmatizadoras atribuídas aos velhos, concepções ideológicas fundamentadas em valores provenientes da sociedade

---

<sup>8</sup> Para Foucault, o termo “dispositivo” designa os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder, sendo o dispositivo constituído como um feixe de relações de múltiplos sistemas que se articulam em rede (Revel, 2005, p. 39).

<sup>9</sup> *Carpe diem*: colha o dia.

industrial, como a capacidade laboral, a produtividade, a utilidade, a celeridade, qualidades que não favorecem a valorização da identidade de “velho”, e, segundo a autora, “como em nós, o velho é o outro, a revelação de nossa idade vem, normalmente, dos outros. Não a aceitamos com satisfação” (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 12). Ou seja, como ela diz em outro momento, é comum “que o reconhecimento nos atinja do exterior”.

O relato de uma das entrevistadas neste estudo elucida a importância do outro para a conscientização do envelhecimento que ela própria vivenciou:

Envelheci quase sem sentir que estava envelhecendo. Fui envelhecendo, envelhecendo gradativamente, mas não me sinto, nunca me imaginei com 83 anos [...] muito menos com essa disposição que eu tenho. Brinco com a minha família: ‘você é que me lembra que estou velha, porque eu [...] não me sinto velha’. Eu [...] será que eu não tenho autocrítica? Eu estou pensando nisso, sabe? Ontem, eu falei, ‘olha, eu não me considero uma velha, sou uma pessoa que tem oitenta e três anos, mas eu estou lúcida, consciente do que faço, capaz de escolher, discernir uma coisa certa de uma coisa errada, eu sei escolher o que é melhor para mim!’ (ILCA, 83 anos).

Rubem Alves (2004) também narra sobre essa revelação vinda de fora, a ser assimilada: certo dia em que tomou o metrô, se pôs a olhar de rosto em rosto, até que seus olhos se encontraram com outros que faziam o mesmo que os dele. Tratava-se de uma jovem, o olhar dela não se desviou:

Senti-me como Narciso. Eu me vi refletido naqueles olhos como Narciso se viu refletido na água da fonte. Minha imagem estava bonita. Aquele sorriso era a garantia de que ela via beleza em mim [...] E assim fiquei [...] tomado de felicidade [...] Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. [...] Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono. Ela, jovem, bem podia continuar sua viagem de pé. [...]. Tudo isso me foi dito naquele segundo quando ela me obrigou a assentar-me em seu lugar, com o seu gesto irrecusável. Lembrei-me (ALVES, 2004, p. 18-21) de versos de T. S. Eliot:

‘E eles dirão: ‘Seu cabelo, como está ralo!’  
Meu casaco distinto, meu colarinho impecável,  
Minha gravata elegante e discreta,  
confirmada por um alfinete solitário -  
Mas eles dirão: ‘Seus braços e pernas,  
Que finos que estão!’

Rubem Alves prossegue: “E, de repente, eu me vi como nunca me havia visto, iluminado por uma luz diferente, crepuscular. E então, tudo mudou [...]. E foi assim que eu

me descobri velho, ao ver a minha imagem refletida no espelho dos olhos daquela moça...” (ALVES, 2004, p. 21).

Parece importante ressaltar que, em algum momento da vida, as perdas advindas com o processo do envelhecer tornam-se o foco das atenções do indivíduo, quando se computa o que se viveu e o que não se viveu. É um momento doloroso, no qual o receio de envelhecer se associa ao que se deixou de viver, às potencialidades não satisfeitas, ao que se perdeu pelo caminho, sem realização. Referem-se aos futuros não cumpridos, idéia apresentada por Mucida (2006) no início deste capítulo.

Por isso, muitas formas são encontradas para evitar pensar sobre a velhice, que, afinal:

[...] se acha apartada de nós por um lapso de tempo tão prolongado que se confunde a nosso ver com a eternidade: esse porvir tão longínquo se nos afigura irreal. Antes de desabar sobre nós, a velhice é coisa que só diz respeito aos outros. Pode-se, assim, compreender que a sociedade consiga evitar que enxerguemos semelhantes nossos nos velhos (BEAUVOIR, 1976, v.1, p. 09).

Berger (1973) ajuda a esclarecer essa questão: a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido na medida em que forma um mundo coerente, organizado em torno do *aqui* do nosso corpo e do *agora* do nosso presente. A vida cotidiana é experimentada em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A realidade mais próxima de cada um é a zona acessível à manipulação corporal, que contém o mundo ao alcance do indivíduo, onde ele atua para modificar a realidade, ou seja, é seu mundo por excelência. O interesse por zonas distantes é menos intenso e urgente.

Pensar no distante, na corrente do tempo, é lembrar da finitude do ser. A esse respeito, pode-se reportar a Pascal (1973), em sua reflexão sobre a impossibilidade de o homem permanecer em seu quarto, em repouso, a fim de evitar as diversas agitações, os perigos e os castigos a que se expõe e que geram contendas, paixões, cometimentos audazes e muitas vezes funestos: ele forçosamente pensaria em sua condição e sobre a morte que o espreita – algo tão intolerável que lhe é necessário fugir e lançar-se a quaisquer atividades, a que chama “divertimentos”, e às ocupações exteriores, entre os quais a guerra, os grandes empregos, o jogo, a conversa das mulheres, a caça, os problemas de álgebra, pois é o ruído, a agitação e o tumulto que desviam o pensamento sobre sua condição, sobre suas contínuas misérias, sobre o tédio que encheria o espírito com seu veneno. Precisa do entusiasmo e da ilusão, formar um

motivo para excitar seu desejo e sua cólera, seu temor, precisa dos altos cargos que o façam intensamente procurado e não permitam que fique só e pense em si mesmo. Isso é sempre mais ameno do que se deparar com o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua impotência, seu vazio e finitude, que o levariam ao desespero.

Um dos entrevistados neste estudo ilustra essa necessidade de evasão com os seguintes dizeres:

Não, não me preocupo em ficar velho e nem com a morte, não. Às vezes eu fico vendo esse camarada em cadeira de roda que sofreu assalto, ficou tetraplégico ou [os que] tiveram derrame. Se eu vou ficar assim desse jeito, não quero ficar. Prefiro que Deus me leve de uma vez [...] se estou pensando nisso eu ligo a televisão e me encaro na televisão. Eu ligo a televisão e vou ver televisão e caio lá e aquilo passa, entendeu? (GILSON, 71 anos).

Na atual sociedade narcisista, franqueada pelos ideais de expansão e abundância, adere-se a um projeto de culto ao consumo, agora questionado em suas bases por Calvino. O que se deseja é mesmo o novo, ou não se deparar com a temporalidade que pode provocar angústia? Como Pascal, Calvino evidencia a dificuldade de se ver como um ser no tempo, à maneira contemporânea:

A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias [...] Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos da Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro. [...] mais do que pelas coisas [...] fabricadas, vendidas, compradas, a opulência [...] se mede pelas coisas [...] jogadas fora para dar lugar às novas. Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão [...] é de fato, como dizem, o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente. O certo é que os lixeiros são acolhidos como anjos e a sua tarefa de remover os restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso, como um rito que inspira devoção, ou talvez porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas (CALVINO, 1990, p. 105).

O fascínio pelo novo ultrapassa o consumo em si, impregna a vida com o sonho das coisas descartáveis, com a promessa da assepsia, da limpeza das mentes e dos corpos tornados sempre frescos de juventude. É preciso deixar espaço para o mais novo entre os novos, e, não obstante, o que se exclui de um lugar se acumula em outro lugar, e, como no verso de um bordado, o modo como os fios são tecidos é revelado. Ali está a história dos homens, paulatinamente desvalorizada pelo desejo de torná-la invisível. Excluir para não pensar, mostra Calvino, esse, o efeito ou a razão do consumo desenfreado.

O conjunto das práticas culturais referendadas por essas aspirações torna-se as máximas da contemporaneidade. A tendência é a não aceitação do envelhecimento como um processo de deterioração inevitável do corpo. É assim desenhado o “impacto da socialização

da natureza” (GIDDENS, 2005, p.145). Os cientistas almejam a longevidade e tentam prolongar a juventude e o vigor indefinidamente; almejam até mesmo a imortalidade, não se conformam com a frustração e impotência impostas pela velhice, representada como perda e degenerescência, como “devastação do tempo”, “a ser retardada” (GIDDENS, 2005, p.145).

A velhice avançada torna-se um limite ao ritmo e às expectativas daqueles que se pretendem sempre jovens. A esse respeito nos indica um sujeito desta pesquisa:

Envelhecer e perceber o envelhecimento dos outros? Ah, se eu pudesse, não pensava. Ia fazer a pílula do rejuvenescimento. Ah... se você pudesse ter a pílula do rejuvenescimento, você queria! Esquecia a palavra velho, envelhecer (WAGNER, 60 anos).

É como estigmatizada que a identidade de velho, especialmente de velho avançado em idade, aparece em nossa cultura, de forma pejorativa. A reflexão de Goffman sobre o estigma pode nos ajudar:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso (GOFFMAN, 1975, p. 13).

O que parece como negativo na velhice, sua imagem desvalorizada, acaba sustentando a imagem da juventude como um ideal, num processo que se retroalimenta. Os enunciados de alguns dos idosos pesquisados demonstram como percebem essa situação, a falta de futuro e o não-investimento no presente. A velhice do corpo, a decadência física, a perda do vigor são vistos como um naufrágio, como se segue:

Envelhecer é ir perdendo as habilidades e adquirindo defeitos e limitações. O envelhecimento só desce, né? Eu cheguei aqui há tempos atrás, estava melhor. Não usava bengala, andava bem. Agora não. [...] Eu vejo o meu declínio e o da minha esposa, limitações da mente, também. [...] Eu estou do lado das [pessoas] que não envelhecem bem. Parei de trabalhar e não tenho mais nada para fazer aqui. (LOURENÇO, 84 anos).

Idoso é a pessoa que vai ficando de idade, quer dizer que ele está ficando mais cansado, a mente vai faltando mais um pouco, é isso. Fala uma coisa aqui e, chega lá, ele já esqueceu o que que é (PAULO, 82 anos).

Ser idoso? A pessoa gaga. Ser idoso é estar chegando ao fim da vida, já está mais pra lá do que pra cá. Então não é bom não, né? (GILSON, 71 anos).

É quando a pessoa vai trocando idade, todo ano troca, né? E, quando a gente enxerga no espelho, vê que está muito decadente, e aí... É da parte física só que falei, e a parte espiritual, emocional... esquecimento! Esquecimento, idéia fraca! (DIRCE, 81 anos).

A vivência da velhice como estigma é processada inicialmente no corpo, trazendo a ideia do corpo em declínio, enfraquecido, imperfeito, e vai-se estendendo para outras esferas – a vida psíquica, os papéis desempenhados e a sensação de que nada se pode esperar de um indivíduo em decadência, cujo tempo “passou”.

Para os envelhecidos, especialmente aqueles já aposentados, a experiência de viver neste nosso tempo pode exigir uma bem-estruturada rede de suportes para reorganização e manutenção de uma identidade satisfatória, num mundo dominado pelas incertezas, pela falta de uma âncora que favoreça a ordenação. No entanto, como sublinha Martuccelli (2002), as redes de suporte podem não ter a significação que o indivíduo necessita para sentir-se amparado. Podem não ter qualidade para ele, de forma que, examinadas em si, pouco dizem. Como constituir assentos carregados de significações para além dos papéis tradicionais é uma pergunta a ser feita.

Destituído de suas referências, com uma porta definitivamente fechada atrás de si, o idoso precisará entender como viver de modo não conhecido, transpor psicicamente um território que se fez impossível para tentar alcançar outro, talvez possível de ser habitado, mas que requererá todo um despojamento, desapego, ultrapassagem da crise de se sentir sem ancoragem, sem raízes, para ressignificar sua existência. Esse movimento será feito muitas vezes em solidão (porque os conhecidos faleceram ou não são mais os mesmos – adoeceram, tiveram diferentes experiências em diferentes grupos, o que desfavorece a identificação), pela percepção da distância entre o que se é e o que gostaria de ser ou se tornar. No caso dos mais otimistas, a velhice é vista como fase de aprimoramento pessoal. Ressignificar a existência pressupõe um caminho a ser construído, com todos os riscos que pode conter esse percurso.

Thompson (2002) cita seu livro *I don't feel old*, de 1990, no qual observa que a velhice não se constitui em uma fase de calma retirada ou declínio, mas de desafios radicais, quando cada um há de “se respaldar criativamente em suas experiências de vida anteriores para combater a depressão e a doença” (THOMPSON, 2002, p. 16-17).

Segundo Py (1999), a perspectiva negativa da velhice, representada como antecâmara da morte e como retiro social, transita para uma orientação positiva, em que é almejado o sujeito participativo, inserido, engajado. Mas nem todos têm a mesma experiência, nem todos têm os mesmos recursos para o enfrentamento proposto, nem todos contam com serviços à disposição. Essas orientações divergentes demonstram ser a velhice atual plena de ambiguidades.

Produções científicas que tematizam a velhice como um problema constituído têm sido desenvolvidas e tendem a ser incrementadas em decorrência do envelhecimento populacional, com o qual se haverá de lidar, como Schirmacher alerta em sua entrevista à Schelp (2004). O filósofo preocupa-se em favorecer mudanças nas representações sociais da velhice e afetar o meio social, fazendo, inclusive, uso dos meios de comunicação, na intenção de veicular imagens favoráveis, em detrimento das que retratam as pessoas mais velhas como bizarras, patéticas e colocadas à margem. Isso traz ressonâncias sobre o modo como as crianças e os jovens constroem sua percepção sobre os idosos, que, por sua vez, também as assimilam (SCHIRRMACHER, entrevista cedida à SCHELP, 2004, p. 11-14).

Para Beauvoir (1970), a sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que ele produz, por isso, enquanto conservar sua eficácia, permanecerá integrado na sociedade sem se distinguir dela. Ao perder suas capacidades com a velhice, aparece como *o outro*, tornando-se sem serventia, sem valor de troca, não passando de uma carga, incapaz de intervir no percurso do mundo. “É o sistema todo que está em jogo e a reivindicação não pode deixar de ser radical: é preciso mudar a vida” (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 303).

Muitas das pesquisas têm como pano de fundo as questões psicossociais e enfocam a importância de incentivar mudanças interiores e de atitudes, que levem os idosos a se tornarem capazes de cuidar de si e a se posicionarem como sujeitos. Schirmacher (2005) sublinha a importância de os idosos se precaverem contra os preconceitos e os estereótipos que podem minar as potencialidades ainda presentes (SCHIRRMACHER, 2005, p. 156, 157).

Uchôa *et al.* (2002) mencionam a preocupação de Corin (1985, p. 27, 32) com este momento, num sentido muito próximo ao de Schirmacher. Corin entende que devem ser conjugados parâmetros externos (sociais e culturais), traços individuais e marcadores biológicos, na construção de representações da velhice e do envelhecimento, para facilitar a compreensão da relação do indivíduo com esse processo. Constata serem os programas destinados aos idosos comumente referenciados em uma descrição da velhice enraizada nas ideias de deterioração e perda – de papéis sociais, de capacidades intelectuais, de beleza e vigor –, evidenciando a falta no velho do que é valorizado socialmente, o que traz marginalização às pessoas idosas.

A velhice assim caracterizada, como degeneração, dano, privação, falta, nos endereça às concepções foucaultianas de “biopolítica das populações”, modalidade do poder normalizador, que empreendeu a gestão da vida, por meio da proliferação de técnicas e

estratégias anônimas, encadeadas e propagadas, de modo a esboçar dispositivos a fim de investir sobre o corpo da população, instaurando um processo de redistribuição das pessoas consideradas improdutivas conforme categorias gradativamente estipuladas. É nesse sentido que serão abordados, neste estudo, as questões que levaram à institucionalização dos idosos e os problemas decorrentes do internamento.

## **1.2 A invenção da velhice como categoria identitária: contextualização histórico-social**

Com a percepção do envelhecimento populacional, em torno da década de 70, momento em que as desigualdades e os problemas sociais se exacerbaram, o biopoder – uma modalidade de poder que incide sobre os indivíduos para mantê-los úteis e produtivos, e também sobre a vida da população, para salvaguardá-la de riscos e da degenerescência, conforme se pronuncia Foucault (1979a, 2002) –, investiu sobre as populações, instituindo a separação dos indivíduos segundo indicadores objetivos, como idade escolar, idade para o casamento, idade para inserção no mercado de trabalho, e também segundo as condições gerais de saúde física e mental. A velhice foi distinguida de outros públicos que habitavam os asilos e hospitais, como vadios, mendigos, doentes, loucos, crianças órfãs e viúvas desamparadas, passando a constituir uma categoria própria. Nesse sentido, os mecanismos de previdência social adotados pelo Estado contribuíram para a consolidação dessa distinção.

A partir da sociedade industrial, processaram-se profundas rupturas nos modos de viver, sendo criada uma nova forma de lidar com a questão da velhice e de sua qualificação, conforme Foucault (1979a, 2002) nos informa em seus estudos sobre o poder.

O poder sobre a vida ou biopoder desenvolveu-se a partir do século XVII em duas formas principais, interligadas “por um feixe intermediário de relações” (FOUCAULT, 1979a, p. 131). O primeiro polo do poder se cumpria sobre os corpos individuais tomados como objetos e instrumentos de seu exercício, buscava a ampliação de suas aptidões por meio de vigilância e correções. Para isso, impunham-se gestos, mediam-se desempenhos, hierarquizavam-se os indivíduos, comparando suas naturezas, seu valor, prescrevendo obrigações e horários para o adequado aproveitamento do tempo a fim de garantir eficácia e rapidez. O corpo útil é o corpo produtivo, e a sua sujeição, segundo Foucault (1977), pode ser obtida de modo planejado, a partir de estratégias de alguns dominantes que investem sobre os

dominados e neles se apóiam. É um poder relacional, que deslocou a instância unificada do Estado e do Soberano, por ser exercido nas práticas sociais historicamente construídas. Sua função era a de produzir realidades e efeitos, como a proteção das riquezas.

A outra face, centrada no corpo como espécie, constituída por volta da metade do século XVIII, retoma as funções do poder Soberano e do Estado, considerados importantes por gerirem a vida. Instaurou-se uma biopolítica das populações, em nome da qual se segregavam e se matavam os considerados exógenos. De caráter massificante em suas formas disciplinadoras da convivência, possibilitou o surgimento de agentes especializados que tinham suas práticas regulamentadas e recomendavam condutas que colaborassem para o aumento da produtividade, da higiene e assepsia, da pureza moral do corpo social, com o propósito da melhoria da raça, em feroz luta contra a degenerescência. Medidas higienistas e eugênicas foram tomadas, e realizadas intervenções sobre a saúde coletiva<sup>10</sup>, ou sobre grupos específicos. Visavam instaurar os padrões considerados normais, sendo reconhecidos todos os desvios<sup>11</sup>, em continuidade ao poder disciplinar e com ele podendo articular-se, conforme analisa Foucault (2002).

Tendo em vista o contexto de mecanismos burocráticos, disciplinares e institucionais conformadores de uma engrenagem de duas faces – as disciplinas do corpo e as regulações da população – em torno das quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida, torna-se possível compreender como as práticas institucionais moldaram a velhice no século XX, assim como moldaram a loucura e casas como os asilos, os manicômios, as casas de correção, os hospitais gerais. Esses ambientes asseguraram a separação entre os que produziam e os que não produziam, entre os normais e os loucos, com intenso controle sobre as relações, tendo sido destacadas as diversas categorias, entre elas a da velhice, abordada no contexto das biopolíticas voltadas para o homem-espécie.

Foucault (1979a) esclarece como a medicina, apoiada nas novas instituições de saúde pública, justificava os racismos sociais iminentes e os fundamentava como verdade, em nome de uma urgência biológica e histórica. Os hospitais propiciavam a exclusão dos conflitos e impasses do meio social, ajudavam a manter a ordem nas cidades. Nos hospitais, o indivíduo

---

<sup>10</sup> Entre as providências, o planejamento das cidades para prevenção de epidemias e contaminações por doenças que poderiam prejudicar o sistema produtivo, tendo em vista as urgências de natureza econômica com o desenvolvimento da indústria pesada e da necessidade de mão de obra proletária estável. O Estado, que na ocasião da emergência do poder disciplinar teve sua importância minimizada, volta a ter relevância como instância de controle e de políticas voltadas para a população (FOUCAULT, 2002).

<sup>11</sup> As disciplinas são estranhas ao discurso jurídico da lei, da regra entendida como efeito da verdade soberana. A regra disciplinar é, ao contrário, uma regra natural: a norma. As disciplinas, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, definirão um código que não é o da lei, mas o da normalização (REVEL, 2005, p. 65).

emergiu como objeto de saber, uma vez que, para a adequada formação do corpo médico, era considerada imprescindível a incessante observação dos internados, e, entre eles, muitos idosos tinham seus corpos mantidos sob constante vigilância e exames. O esforço de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar deve-se à tarefa desses poderes de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Por isso se ordenam, se classificam e se separam as populações, isolando parte dela, a fim de assegurar a saúde e o vigor do corpo social.

Groisman (2002) e Silva (2008) seguem os passos de Foucault (1998), discorrendo sobre a construção do saber médico nos hospitais dos séculos XVIII e início do XIX, o que permite o entendimento sobre como esse saber veio a afetar as concepções anteriores relativas ao processo de envelhecimento, pois resultou na constituição de duas novas disciplinas: a Geriatria e a Gerontologia<sup>12</sup>, sendo esta última conformada como um campo multidisciplinar que amplia o olhar sobre a velhice. Os desafios para afirmação dessas especialidades são atribuídos aos problemas na delimitação e definição de seu objeto, relacionadas com as fronteiras entre “o normal e o patológico” da velhice, questão que se colocou como capital quando era procurada uma base clínica para a senescência, discurso pré-geriátrico<sup>13</sup>, germinado na França, com Marie François Bichat (1771-1802), François Broussais (1772-1838) e Jean-Martin Charcot (1825-1893). Até então, os médicos não tratavam os velhos como uma categoria separada de pacientes, e não havia uma terapêutica específica, pois a concepção corrente sobre a senescência era a do corpo dispendo de certa dose de vitalidade no nascimento, que paulatinamente se esgotaria, conforme as incidências de forças cósmicas ou divinas.

A Geriatria surgiu como especialidade no início do século XX, em torno de 1910, preconizando um novo modelo que ainda hoje ancora suas práticas sobre a velhice, definida, então, como decadência física e identificada como doença. O avanço dos anos e a redução da energia não mais explicavam o envelhecimento, e as autoridades médicas citadas procuraram caracterizar a velhice pelas suas condições fisiológicas e anatômicas singulares. Bichat postulou que os tecidos conteriam em si a vida, seriam a sede da doença, que depois chegaria aos órgãos; também relativizou a morte, distribuindo-a ao longo da vida sob a forma de mortes parciais e progressivas (*apud* FOUCAULT, 1998, p. 165-166). Envelhecer seria entrar

---

<sup>12</sup> Geriatría é o estudo clínico da velhice. Compreende a prevenção e o manejo das doenças do envelhecimento. É uma especialidade em Medicina e também em Enfermagem, Odontologia e Fisioterapia. Gerontologia é um campo interdisciplinar que visa a estudar as mudanças típicas do processo de envelhecimento e de seus determinantes biológicos, psicológicos e socioculturais. É um campo multiprofissional e interdisciplinar. Embora a Gerontologia envolva muitas disciplinas, a pesquisa repousa sobre um eixo formado pela Biologia, pela Psicologia e pelas Ciências Sociais (CALDAS, Célia Pereira. *Aula 1. Módulo 1. Conceitos básicos em Gerontologia*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, [s.d].

<sup>13</sup> Conforme apontado por Katz (1995, 1996), citado por Groisman (2002) e por Silva (2008).

em processo de morte, o corpo envelhecido seria o corpo morrendo: “a morte lenta e natural do velho retoma, em sentido inverso, o desenvolvimento da vida na criança, no embrião [...]” (BICHAT *apud* FOUCAULT, 1998, p.163).

O grupo de médicos acima mencionado fazia experimentos em hospitais franceses não apenas com doentes e moribundos, como também com velhos pobres em hospitais. Foram realizadas autópsias comprovando esclerose e deterioração dos órgãos e tecidos. Depois, as células passaram a ser consideradas as unidades essenciais, e o envelhecimento foi isolado em unidades cada vez menores, na busca de se medir o grau de degenerescência do organismo, que caracterizaria a senilidade. As tentativas atuais de se medir o envelhecimento consideram o critério cronológico, baseado na idade, embora este seja reconhecidamente falho e arbitrário, atravessado pela tendência de se confundir saúde com juventude.

E, não obstante os indivíduos se apresentarem saudáveis e ativos, as transformações visíveis com o envelhecimento adquiriram novos significados, pela ideia de esses indivíduos estarem internamente lesionados, tendo seus tecidos e órgãos deteriorados. Passam a ser descritas a fisiologia e a anatomopatologia da velhice. O modelo da energia vital é rejeitado pelos médicos franceses em favor do modelo baseado na degeneração dos tecidos (GROISMAN, 2002). A representação da velhice passou a ser a de um longo estado patológico, um desvio evidenciado pela relação do corpo degenerado com as solicitações do mundo exterior e pela comparação efetuada entre os órgãos de velhos com os de outros homens: um estado que se vincula à desorganização e aponta para a morte. Com a vida, a morte forma uma “trama única que ao mesmo tempo a constitui e a destrói. A degeneração é, no próprio princípio da vida, a necessidade da morte que lhe é indissociável [...]” (FOUCAULT, 1998, p. 180, 181). E, assim como a doença se torna “especializada” e “individualizada” (FOUCAULT, 1998, p.181, 193), “a idade passou a ser um fator fundamental para distinção social, destacando-se como categoria e como modelo de identidade para os sujeitos” (SILVA, 2008, p. 157).

Assim, a velhice passou a ser considerada como uma etapa que ganhou desenhos próprios em um dado momento histórico ao ser diferenciada e convertida em um problema social, como sugere Foucault (2002), ao afirmar que, entre os alvos de controle da biopolítica, na segunda metade do século XVIII, estava a longevidade, ao lado dos estudos sobre

proporção da natalidade, mortalidade e endemias<sup>14</sup> de uma população. Geraram esquemas de mapeamentos e intervenção, e a medicina toma a feição da higiene pública, com campanhas e medicalização da população.

Outro campo de intervenção já no início do século XIX foi aquele dos indivíduos fora do circuito da produção, por incapacidade, por acidentes, por anomalias e por velhice, levando à introdução de seguros, de poupança individual e coletiva, de seguridade<sup>15</sup>.

Houve também, conforme Foucault (2002), uma mobilização para baixar a morbidade, encompridar a vida e estimular a natalidade, como mecanismos de regulação que assegurassem compensações, estabelecendo procedimentos para maximizar forças e extraí-las, controlar eventualidades e acidentes, de modo a minimizar os perigos internos em relação ao conjunto da população. Os mecanismos de previdência, regulamentadores, foram instalados, e o Estado passou a ter nas idades cronológicas um mecanismo de classificação dos indivíduos para referenciar suas políticas sociais, estabelecer leis que definiam e determinavam direitos e deveres.

E contra esse poder ainda novo no século XIX, as forças que resistem se apoiaram exatamente naquilo sobre o que ele investe – isto é, na vida e no homem enquanto ser vivo. [...] O que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. O ‘direito’ à vida, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o ‘direito’, acima de todas as opressões ou ‘alienações’, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser, esse ‘direito’, tão incompreensível para o sistema jurídico clássico, foi a réplica política a todos esses novos procedimentos de poder que, por sua vez, também não fazem parte do direito tradicional da soberania (FOUCAULT, 1979a, p. 136).

Desse modo, a noção de velhice como etapa diferenciada da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX, quando uma série de mudanças e a convergência de diversos discursos vieram dar novo ordenamento ao curso da vida, havendo “dois fatores fundamentais e determinantes: a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias” (SILVA, 2008, p. 158).

---

<sup>14</sup> No caso das endemias, referem-se à natureza, à extensão, à duração, à intensidade das doenças reinantes numa população que subtraem as forças e reduzem o tempo de trabalho, causando baixa na produção e gerando os custos dos tratamentos (FOUCAULT, 2002, p. 290).

<sup>15</sup> As instituições de assistência existiam havia muito tempo, vinculadas à Igreja (FOUCAULT, 2002, p. 291).

A questão das caixas de aposentadorias para a velhice e das pensões passa a ser tema das pautas de legisladores no decorrer do século XIX, na França, sendo a velhice assimilada à invalidez e à incapacidade para produzir. Instituições específicas são criadas na mesma época – os asilos, nascidos progressivamente de determinados hospícios. A institucionalização dos sistemas de aposentadoria teve como consequência a criação de agentes especializados na gestão da velhice (Silva, 2008). Também houve uma transferência progressiva da responsabilidade das famílias para esses novos agentes, e a velhice foi consolidada como categoria etária. Além disso, a associação da velhice com invalidez foi crucial para a definição da identidade do velho como incapaz e ocioso.

Os ativistas denunciaram a idade como um instrumento opressivo para confinar as pessoas a papéis fixos e estereotipados. Entre eles, Young e Schuller (*apud* GIDDENS, 2005, p. 147, 148) chamam nossa sociedade de “aprisionada pela idade”, visto serem tanto os jovens como os velhos categorizados antes pela idade do que por suas características de sujeito.

Para Debert (1999b), a ideia do idoso como vítima de um processo de pauperização, abandonado pela família e alimentado pelo Estado, conformando todo um conjunto de perdas a que se vincula toda uma visão depreciativa de sua identidade, foi fundamental para a legitimação dos direitos sociais e sua transformação em ator político.

No Brasil, a velhice torna-se tema privilegiado nos anos 80, pensada como desafio para a sociedade: “assistimos, por um lado, a uma socialização progressiva da gestão da velhice. Considerada por muito tempo como própria da esfera privada e familiar, ela se transforma em uma questão pública” (DEBERT, 1999a).

No caso do Brasil, conforme Simões (1999a), a velhice foi transformada em uma questão coletiva com a universalização dos sistemas de aposentadoria estabelecida na Constituição de 1988, que concedeu esse direito a todos os cidadãos, inclusive aos não-contribuintes, propiciando ainda a equidade e unidade aos sistemas rurais e urbanos.

Observa-se a franca desconstrução da associação de velhice com invalidez, incapacidade ou degenerescência, o que demonstra não ser a velhice uma categoria natural, mas influenciada pelo contexto sociocultural, como a “Terceira Idade” vem afirmar.

Como observa Silva (2008), a noção de Terceira Idade surge nos cenários inglês e francês, em torno de 1950, sendo legitimada na década de 80, em face do aumento da longevidade e da qualidade de vida. As avançadas tecnologias médicas e as aposentadorias das camadas médias urbanas deram ensejo à formação de novo mercado de consumo e ao

discurso gerontológico. Reunidos, propiciaram a formação dessa nova categoria identitária, que vingou por atender aos anseios dos sujeitos, em seu cotidiano, no tocante a modos de vida e de consumos mais sofisticados, que, por sua vez, engendraram as agências especializadas em serviços diferenciados.

A idade de 60 anos é considerada neste estudo como marco para a inclusão na categoria idoso, conforme parâmetro oferecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e, no Brasil, estabelecido pela Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo Decreto n. 1.948, de 3 de julho de 1996, textos estes que dispõem sobre a Política Nacional do Idoso.

Paulatinamente, observa-se uma subdivisão da categoria idoso, agora desdobrada em 3 fases – idoso jovem, idoso maduro e idoso avançado – sendo endereçados aos idosos jovens e àqueles em boas condições de saúde os programas de Terceira Idade, em seu frenesi por múltiplas atividades. Para Groisman (1999a), o fenômeno da Terceira Idade pode ser considerado uma tentativa de rompimento com as imagens negativas da velhice que predominavam no início do século XX.

A leitura de Lenoir (1979) e a de Featherstone e Heyworth (1995), feita por Silva (2008), evidenciaram a Terceira Idade como categoria etária entre a maturidade e a velhice, não uma negação desta. De acordo com eles, a Terceira Idade contrapõe-se à velhice, assim como a aposentadoria ativa à passiva, a casa de repouso ao asilo, a gerontologia à assistência social.

Sobre isso, Debert (1998) mostra como Bourdieu (1983) ressalta que a manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política para a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida, lembrando que as categorias são uma criação arbitrária e que comportam certa fluidez. Debert (1998) pondera que, apesar disso, as categorias têm sua efetividade, pois são constitutivas de realidades sociais específicas.

Assim, por meio de uma intensa interlocução entre o discurso gerontológico, a mídia e os discursos organizados em torno da “Terceira Idade”, é configurada uma pedagogia do envelhecimento saudável. Não seria essa uma nova forma de movimento do biopoder, investindo sobre a vida em um novo formato, no sentido de preservar a saúde, estimular seu interesse social, para não adoecer e continuar consumindo?

### 1.3 Os asilos e as representações da velhice

Enquanto predominava a caridade cristã como norma orientadora das ações, o trabalho assistencial estava direcionado aos velhos pobres, assim como aos mendigos, aos doentes, à criança órfã, às viúvas, aos incapacitados para o trabalho e a outros aptos a serem alvos das práticas caritativas, não havendo preocupações em classificar, separar, hierarquizar ou mesmo em prevenir problemas de saúde.

Os asilos, surgidos no Rio de Janeiro ao final do século XIX, tiveram os seus contextos estudados por Groisman (1999b), que retoma momentos anteriores para tornar inteligível o processo que engendra várias transformações. O percurso do autor será aqui acompanhado, sinteticamente, para tornar compreensível a situação das instituições asilares em geral, bem como das representações da velhice no transcurso de quase dois séculos. As instituições estudadas nesta pesquisa, o Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem e a Casa Santa Zita, têm suas especificidades, suas histórias singulares e seus desafios; não obstante, existem aspectos comuns entre as histórias dos asilos.

Segundo Groisman (1999b), que se baseia nos estudos de Fraga Filho (1996), na primeira metade do século XIX, os indigentes jovens, considerados vadios, itinerantes e ociosos, foram percebidos como uma ameaça à ordem social e, em 1830, passaram a ser considerados criminosos. Porém, em 1841, a legislação determinou que os vadios fossem convertidos em elementos úteis, inseridos nos sistema. A separação entre merecedores de caridade e elementos perigosos foi, portanto, característica do Brasil na primeira metade do século XIX. A polícia pôs-se a reprimir a vadiagem, e a Santa Casa de Misericórdia abrigava os necessitados de assistência.

Essa conformação se transformou, a partir da segunda metade do século XIX, conforme os relatos de Abreu (1987), colhidos por Groisman (1999b), em razão da decadência da escravidão, que tornou necessária a transformação dos pobres em trabalhadores assalariados, e a concepção de pobreza começou a desvincular-se de seus aspectos morais e religiosos. O discurso da filantropia foi fortalecido, juntamente com o do higienismo, que passaram a criticar a caridade.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> *As práticas caritativas compassivas* tendiam a fazer dos pobres seres dóceis, humilhados e submissos, em alguns casos, débeis e dependentes. Legitimavam as desigualdades e se constituíam o meio pelo qual uma relação entre indigência e abundância se mantinha basicamente justa, naturalizavam a lógica das compensações entre o supérfluo e a carência do

O controle da população pobre foi vinculado ao poder médico que orientava o planejamento urbano, em busca da erradicação das doenças, em busca da salubridade. Os mendigos e vadios, vistos como proliferadores de doenças, epidemias, não foram mais tolerados na cidade. No Rio de Janeiro, foi fundado o Asilo da Mendicidade, uma albergaria, onde passavam por uma triagem: os doentes eram encaminhados para a Santa Casa, e os outros, para a Casa de Correção.

Em 1855, a epidemia de cólera gerou a tomada de providências no sentido do encarceramento dos mendigos, como medida preventiva. A Casa de Correção ganhou o estatuto de Asilo da Mendicidade, e, a partir de então, vadios e mendigos passaram a ser categorizados como potencialmente perigosos e deixaram de inspirar caridade. Para Fraga Filho, o sentimento de piedade passou a ser indicado como fator de incentivo ao ócio e ao vício. A assistência indiscriminada passou a ser combatida, e uma guerra de forças entre a medicina e as religiosas, que dirigiam as instituições, ganhou lugar. Foi realizada uma ruptura decisiva com o passado da assistência social aos “desafortunados”, introduzindo-se novas concepções pedagógico-sanitárias.

Práticas diferenciadas para as distintas categorias tornaram-se o foco da atenção. O Asilo da Mendicidade foi transformado num grande estabelecimento e inaugurado em 1879 por Dom Pedro II, segundo o modelo de penitenciárias europeias, que favoreciam a vigilância dos internos. Eram os indigentes, os velhos e os incapazes (que recorriam à caridade dos transeuntes, ou se apresentavam espontaneamente), além dos alienados e dos desordeiros que compunham a população dos residentes. Tipos e idades eram misturados, o que foi condenado pelo higienismo.

Em busca do ordenamento (aqui se observa o investimento do biopoder sobre as populações), a velhice começou a ser separada da massa indiferenciada de miseráveis e

---

necessário. O risco era “reforçar esse sofrimento e essa pobreza, convertendo-os em um mal necessário para poder exercer o bem” (CAPONI, 2004, p. 25).

Já as *políticas filantrópicas* invertem as dificuldades apresentadas pela caridade e oferecem, ao invés de esmolas, conselhos que, se eficazes, prevenirão problemas. No caso de algum auxílio material, este deverá trazer algum efeito moral sobre os necessitados. Critérios são estipulados para a assistência a ser oferecida, busca-se desmascarar os falsos indigentes, controlar a pobreza fictícia – aquela que explora as crianças para pedir esmolas e fere o seu corpo para expô-lo. Uma forma de vigilância contínua é a visita à família pobre, investigando suas necessidades. Em torno de 1920, a assistência se transforma em assunto de Estado, com controle da alimentação, da higiene, da importância da poupança.

Enquanto as práticas caritativas ofereciam consolo, as filantrópicas investigavam e planejavam reformas, não sendo o filantropo um homem compassivo, que, conforme Nietzsche apontou, “satisfaz uma necessidade de sua alma, fazendo o bem” (Nietzsche, 1978 *apud* CAPONI, 2004, p. 82). Em alguns casos as duas práticas se mostram complementares e solidárias. Ambas tentam assistir os necessitados sem apagar as assimetrias. A busca de capacitar os pobres para o desempenho de um papel ativo veio a seguir, a fim de torná-los úteis, modelados como cidadãos pelos filantropos.

Já a *solidariedade* se efetiva entre iguais, mediada pelo diálogo e pela argumentação, colocando o respeito acima da compaixão (CAPONI, 2004, p. 44).

moribundos que habitavam o hospital geral. Surge, então, o *Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada* em pleno cenário da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. Buscava-se maior especialização, e a instituição tornou-se modelo para outras, sob a inspiração da filantropia higiênica. Assim a “velhice ganhou um lugar na cidade, lugar este geográfico e, ao mesmo tempo, simbólico, pois o asilo de velhos era – e continua sendo – um lugar carregado de significados. [...] o asilo aparecia como uma espécie de limbo entre a vida e a morte” (GROISMAN, 1999b, p. 188). Evidenciava-se o desamparo social dos que lá se encontravam.

O asilo de velhos seria apenas um dos componentes de um processo que isolaria a velhice – desamparada ou não – das outras categorias etárias, conclui Groisman (1999b). Isso porque, em 1909, foram inaugurados quartos particulares para velhos não desamparados. A institucionalização da velhice deixou de ser realizada por motivos caritativos para se transformar em fonte de renda. A velhice iniciaria o século XX intimamente ligada às instituições, e, desde então, a experiência de envelhecer se vincularia à iminência do asilamento.

Groisman (1999a) alerta para o fato de que os velhos institucionalizados dificilmente se encaixam nas tramas da Terceira Idade, e, em vez de asilos, a mídia prefere divulgar as novas formas de institucionalização do idoso: Centros de Convivência, Universidades de Terceira Idade, Unidades Domésticas, Condomínios para Idosos, Casas de Repouso, entre outros nomes dados. No Brasil, entretanto, o modelo asilar está longe de ser abandonado, enfatiza o autor.

Debert (1999a) chama a atenção para o aspecto de que não se pode fechar o espaço para a velhice abandonada e dependente, nem transformá-la em uma consequência de descuido pessoal, em responsabilidade individual, o que também preocupa Giddens (2005), por perceberem ser hoje o estilo de vida e os cuidados com a saúde ressaltados, sendo os indivíduos considerados responsáveis pelo seu bem-estar. Giddens constata que os indivíduos devem se empenhar rotineiramente para a postergação e a administração competente de suas moléstias, utilizando do acompanhamento da medicina e áreas afins, hoje capazes de aliviar a dor e o desconforto a elas associados e desenvolver estratégias de convivência com as mesmas, visando assegurar a manutenção dos relacionamentos, a busca por interesses pessoais e profissionais, a continuidade da gestão das questões domésticas, enfim, devem preservar sua autonomia.

Conforme Debert (1999b) “a tendência contemporânea é rever os estereótipos [...] encorajando a busca da auto-expressão e exploração de identidades de modo [...] a abrir espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente”. A autora prossegue: “Contudo, o sucesso surpreendente dessas iniciativas é proporcional à precariedade dos mecanismos de que dispomos para lidar com a velhice avançada” (DEBERT, 1999b, p. 14-15).

#### **1.4 A internação em instituições asilares e os relacionamentos familiares na atualidade**

Alguns estudos sobre a internação em instituições asilares e suas razões serão aqui apresentados e posteriormente cotejados com o material coletado no estudo de campo desta pesquisa, considerando o objetivo proposto de compreender como os dispositivos socialmente conformados para a gestão da velhice se combinam com as trajetórias e situações pessoais, levando à inserção nas instituições asilares.

Ferreira (s.d) apresenta os estudos de Telles Filho (1999) sobre os motivos de internação de idosos em asilos, que possibilitam concluir ser a inaptidão para o exercício de atividades laborais em decorrência de condições precárias de saúde, idade avançada, debilidade física e alterações no comportamento, somadas às dificuldades financeiras para seu sustento e à falta de respaldo familiar, o que predispõe ao encaminhamento para a instituição, onde viverão sem o desejado aconchego.

A falta de solidariedade e a dificuldade de inserção social, as situações de humilhação, insultos e maus-tratos são, a cada dia, mais comuns no cotidiano dos idosos, contrariando o entendimento de que a família, por sua posição nuclear, seja a principal fonte de cuidados com a pessoa idosa. A esse respeito, Debert (1999a) traz informações de Evandrou e Victor (1989) sobre uma pesquisa realizada nas *Delegacias de Polícia de Proteção aos Idosos* em São Paulo, que revelou ser a violência denunciada no local, referente, na maior parte, àquela praticada por parentes, principalmente filhos que residem no mesmo domicílio usado pelos pais. Alguns estudos, segundo a autora, consideram o bem-estar na velhice dissociado de relações familiares intensas, que ainda pressupõem o convívio intergeracional. Nesse sentido, alguns pesquisadores concluem que “a segregação espacial do idoso permite a ampliação de

sua rede de relações sociais, o aumento do número de atividades desenvolvidas e a satisfação na velhice” (DEBERT, 1999a, p. 52).

No entanto, continua Debert (1999a), há trabalhos, como o de Jacobs (1975), que revelam os idosos estudados em um conjunto habitacional como apáticos, passivos, solitários, havendo animosidade entre negros e brancos e mal-estar dos sadios para com os doentes e deficientes físicos. A autora retoma outras pesquisas que, ao contrário, apontam o papel ativo dos idosos como criadores de mudanças nas novas comunidades construídas especialmente para eles, compondo novos arranjos em resposta às transformações na sociedade mais ampla. Os motivos para os idosos se reunirem em comunidades são os mesmos de outros grupos, segundo a autora: buscam se prevenir contra ameaças exteriores, encontrar certa homogeneidade (que permita alguma identificação entre os residentes) e a interdependência entre os sujeitos. Como os idosos não têm mais seu *status* caracterizado pela idade cronológica no novo ambiente, podem proceder a uma reciclagem das identidades anteriores e assumirem papéis já exercidos ou novos, por não se sentirem à margem. Assim, as novas formas de sociabilidade na velhice não são substitutas das relações familiares, exatamente por serem distintas as esferas de relações.

Nesses estudos analisados por Debert (1999a), há uma relativização da importância das relações familiares para o bem-estar na velhice, embora outras pesquisas enfatizem “que as relações familiares ainda são fundamentais na assistência ao idoso e nas expectativas em relação ao processo de envelhecimento”. Um dos estudos citados dizia respeito à decisão de inquilinos na compra de imóveis e, entre os compradores próximos à aposentadoria, “a aquisição da casa estava diretamente relacionada à preocupação em assegurar a continuidade da vida familiar [...] privada e autônoma” (DEBERT, 1999a, p. 50-54).

Debert (1999a) conclui que a velhice é retratada conforme a interação focalizada, pois:

Pensar na relação entre o idoso e a família é ora fazer um retrato trágico da experiência de envelhecimento, ora minimizar o conjunto de transformações ocorridas nas relações familiares. Pensar na interação entre idosos é, pelo contrário, traçar um quadro em que um conjunto de mudanças e a criatividade grupal seriam capazes de minimizar ou mesmo negar os inconvenientes trazidos pelo avanço da idade (DEBERT, 1999a, p. 55).

Debert (1999a) parece aludir a um princípio articulador, de caráter mais geral, capaz de conectar os idosos para que possam viver em comunidade, de modo a obterem qualidade de vida nessa união. No entanto, não há consenso sobre a importância de um contato

permanente com os familiares. Isso porque, enquanto vários estudos concluem ser fundamental a estrutura da família para o cuidado afetuoso e para o suporte às necessidades do idoso, outros demonstram que não. Debert (1999a) pondera que o ato de transformar a interação entre idosos em comunidades apartadas do mundo da família numa situação idealizada, capaz de minimizar ou negar os inconvenientes trazidos pela velhice, pode camuflar a falta de comprometimento das famílias com seus idosos.

Não obstante, muitas são as justificativas para a internação, que podem também refletir situações sociais. O forte impacto da industrialização e as regulamentações decorrentes do poder disciplinar, de acordo com Foucault (1977, 1979a, 2002), fizeram com que as famílias dividissem, com os especialistas e com instituições como creches, escolas, abrigos, os cuidados de seus membros, o que causou a segregação dos grupos etários dentro da família.

As situações da contemporaneidade interpelam os sujeitos e imprimem sua força no sentido da compressão do tempo. Elas impõem às famílias as necessidades de sobrevivência e êxito, conforme a ideologia propagada pela mídia, incompatível com a satisfação das necessidades do idoso. Isso resulta numa dissonância entre necessidades, trazendo efeitos nocivos aos relacionamentos, no sentido de sua desagregação, já que as injunções deste tempo incidem sobre os vínculos, fraturando-os, em muitos casos. A maneira como os vínculos vão-se desfazendo, pode determinar os novos vínculos institucionais que serão formados (VIEIRA, 2003).

Alguns fatores responsáveis pelo distanciamento das famílias de seus idosos referem-se às mudanças ocorridas em sua estrutura, pois o padrão de família nuclear (pai, mãe e filhos), preconizado pela sociedade burguesa, não é agora homogêneo, tendo havido abertura a diferentes arranjos familiares, que comportam famílias monoparentais (resultantes do aumento das separações e divórcios), famílias reconstituídas pelos novos relacionamentos, famílias compostas por casais homossexuais, famílias com apenas uma pessoa na unidade domiciliar, entre outros. Também é observada a maior permanência dos filhos adultos em casa, pela demora em alcançarem sua independência financeira, dadas as exigências de que estudem e se preparem por um período maior para enfrentarem a concorrência no mercado de trabalho, o que convoca a atenção dos pais como provedores.

Apesar dessa presença, Prado (1985) observa o enfraquecimento dos laços pela restrição dos projetos familiares, tomados como percurso a ser transposto em conjunto. Cada

membro da família mostra-se absorvido por suas próprias atividades num ambiente específico, e as atividades coletivas, como as reuniões dominicais, as férias com parentes, vão sendo substituídas pelos programas conforme grupos etários. Também na contemporaneidade é relativamente comum que alguns dos elementos da família não se encontrem uns com os outros no dia, embora residam na mesma casa, ou podem, ainda, viver em diferentes cidades ou países, pela maior mobilidade que se constata.

Tudo isso se soma para ampliar as dificuldades na atenção aos idosos, uma vez que as famílias de hoje perderam a condição existente nas antigas, as quais, compostas por uma rede de pessoas unidas pela solidariedade socioeconômica e afetiva, se revezavam nos cuidados dispensados a eles (GIDDENS, 2005, 2002). Hoje é comum que os idosos não possam contar com a disponibilidade pessoal e material dos que lhes são próximos para assisti-los adequadamente. Esse tipo de situação pode trazer isolamento e sensação de abandono, o que se articula intrinsecamente com o aumento dos casos de institucionalização, seja por procura do idoso, seja por decisão de todos os da família no coletivo, ou mesmo pela imposição dos familiares ou dos ex-patrões.

### **1.5 As Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs**

O termo Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI é uma expressão adotada pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBBG, fundamentada na Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o *Estatuto do Idoso* e dá outras providências, especialmente no Título II, Capítulos VIII e IX, para substituir o termo asilo, ancianato, clínica geriátrica, casa de repouso, abrigo, entre outros. Além da nova denominação, outras mudanças importantes ocorreram, a partir da expansão dos benefícios previdenciários, iniciada em torno de 1970, e da orientação advinda da Organização Mundial de Saúde – OMS, em 1984, referente à elaboração de políticas.

Conforme Vieira (2003), vários documentos propõem a regularização para o setor de Gerontologia Institucional, entre eles, a Política Nacional do Idoso<sup>17</sup>, que traça as diretrizes

---

<sup>17</sup> BRASIL. Lei n.8.842, de 4 de janeiro de 1994, dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Regulamentada pelo Decreto n. 1948, de 3 de julho de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 04 jan. 1994. Disponível em: <http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1994/8842.htm>. Acesso em: 7 jan. 2009.

básicas em Gerontologia; a Portaria 810, do Ministério da Saúde, datada de 22 de setembro de 1989, que definiu as Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil; o Manual de ILPIs, elaborado pela SBGG de São Paulo, que propõe critérios e recursos necessários; e a Resolução SS-123, de 27 de setembro de 2001, da Secretaria de Saúde de São Paulo, que define e classifica Modalidades e Formas de Organização da Assistência Institucionalizada no Estado de São Paulo. As recomendações para funcionamento das ILPIs devem ser atendidas sob pena de fechamento do estabelecimento, fiscalizado pela Agência de Vigilância Sanitária, cujas ações se incluem no campo de atuação do SUS. São também órgãos fiscalizadores os Conselhos do Idoso, o Ministério Público e outros, previstos em lei, conforme o art. 52 do *Estatuto do Idoso*.

Segundo Viviane Azevedo Vargas, da Gerência de Vigilância em Estabelecimentos de Saúde, em palestra na PUC-MG, há uma rede constituída para a Vigilância Sanitária<sup>18</sup>, resultante da necessidade de desenvolvimento de Ações Intersetoriais, composta pelos seguintes órgãos: Coordenadoria de Atenção à Saúde do Idoso – SES/MG, Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social – SEDESE, Serviço Voluntário de Assistência Social – SERVAS e Ministério Público – MP/MG.

A Resolução da Diretoria Colegiada – RDC/ANVISA n. 283, de 26 de setembro de 2005, teve como parâmetro o *Estatuto do Idoso* e definiu que as ILPIs devem elaborar um Plano de Atenção Integral à Saúde em articulação com o gestor local de saúde e um Programa de Educação Permanente na área de Gerontologia para o aprimoramento dos recursos humanos.

As ILPIs devem também se submeter à inspeção da Vigilância Sanitária, e, nesta inspeção, se observam quais são as atividades delineadas pela instituição para favorecer a convivência entre os residentes e quais são programadas para atender às dimensões religiosa, esportiva, festiva. Um ambiente de respeito, de dignidade, que esteja em condições de preservar a identidade do idoso e sua privacidade, deve ser assegurado pela entidade. Se

---

A Lei n. 8.842 teve suas regulamentações em etapas, sendo a Portaria 810, do Ministério da Saúde, uma delas, que foi revogada posteriormente pela Portaria GM/MS n. 1.868, de 11 de outubro de 2005, considerando o disposto na Lei nº 9.782, de 26 de janeiro de 1999, no que diz respeito à competência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, do Ministério da Saúde, para estabelecer normas para ações de vigilância sanitária relativas aos serviços inerentes à saúde e, ainda, considerando a Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005, por intermédio da qual a ANVISA aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial.

<sup>18</sup> Vigilância Sanitária é definida como um conjunto de ações capazes de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e de intervir nos problemas sanitários decorrentes do meio ambiente, da produção e da circulação de bens e da prestação de serviços de interesse da saúde, conforme a Lei Estadual 13.317/99, do Código de Saúde de Minas Gerais. O conceito de risco usado pela gerente de Vigilância em Estabelecimentos de Saúde é o de Blaise Pascal, 1654 *apud* BERNSTEIN em 1997, para quem *risco* é “a probabilidade da ocorrência de um evento desfavorável”.

houver abandono moral ou material por parte dos familiares ou ausência de identificação civil, deve-se proceder à notificação ao Ministério Público.

Na inspeção, são contemplados os critérios de admissão dos idosos, os motivos do encaminhamento, os dados dos parentes e responsáveis, a relação de seus pertences, os prontuários, o valor da contribuição para a instituição, a documentação dos idosos, a capacidade de atendimento da instituição e os planos de trabalho existentes. Cabe, ainda, à Vigilância Sanitária verificar se está sendo garantida a liberdade de ir e vir dos idosos (salvo nos casos de restrições previstas no Plano de Atenção à Saúde), se são promovidas situações na ILPI que facilitem a preservação dos vínculos com as famílias, se são disponibilizadas formas de convívio entre gerações e se a casa está aberta às visitas.

Com o suporte de um formulário bastante detalhado, é realizado o controle e, se necessárias, feitas as recomendações. Entre as exigências a que deve se submeter uma ILPI, consta a de que seja proporcional o número de componentes da equipe técnica e o de idosos, agrupados conforme os distintos graus de dependência. É analisada a adequação do número de funcionários para os serviços de alimentação, limpeza e lavanderia, considerando a realidade de cada instituição.

A Vigilância Sanitária ainda verifica questões relacionadas à vacinação da população da instituição, notificação de epidemias, assistência farmacêutica, alimentação e cuidados com a manutenção e manipulação dos alimentos. São também objeto de avaliação a tomada de providências e os serviços utilizados pela ILPI em casos de urgência.

Ainda segundo a gestora Viviane de Azevedo Vargas, os registros no formulário de inspeção, acompanhados do memorial fotográfico e do autotermo (comprovante de realização da fiscalização), gerarão um relatório e um termo de obrigações a cumprir, as quais, se ignoradas pela ILPI, podem gerar processos administrativos.

Segundo Ferreira (s.d), psicóloga do Ministério Público, foram identificadas, no ano de 2005, pelo Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência e Idosos – CAOPDI do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, seiscentas e duas ILPIs, das quais 88% eram de natureza filantrópica e 12%, particulares. A maioria delas é mantida por entidades religiosas com recursos de doações e contribuições previdenciárias dos próprios idosos. Foi verificado que nenhuma era mantida exclusivamente pelo Poder Público e apenas 27% delas recebem uma contribuição mensal *per capita*, sendo os repasses muito baixos em relação ao custo dos serviços. O CAOPDI

apurou, ainda, que o atendimento médico, em 96% das ILPIs, era realizado em postos de saúde ou por médicos voluntários, em visitas esporádicas.

Vieira (2003) informa sobre os procedimentos para internamento, em que se busca, inicialmente, distinguir os idosos saudáveis dos que têm comprometimento em uma ou mais dimensões. Em seguida, de acordo com o autor, confrontam-se as situações detectadas com as formas de organização de atendimento, ou seja, busca-se o perfil institucional mais adequado ao idoso, representando a Instituição de Longa Permanência uma das alternativas para um tipo específico de idosos. Entre as formas de organização, a Portaria 810 do Ministério da Saúde definiu tanto as normas de funcionamento quanto os tipos de serviços a serem prestados aos idosos, entre eles, a Residência Temporária, a Família Natural, a Família Acolhedora, a República, o Centro de Convivência, o Centro Dia, a Casa Lar, a Assistência Domiciliária, o Atendimento Integral Institucional (com três modalidades diferentes, conforme o grau de autonomia/dependência). A RDC n. 283, além de definir normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial, dispõe, em seu art. 2º, que as Secretarias de Saúde estaduais, municipais e do Distrito Federal devem implementar procedimentos para a adoção do Regulamento Técnico estabelecido, podendo criar normas de caráter suplementar, com a finalidade de adequá-lo às especificidades locais.

É importante ter em vista que a superposição das dimensões comprometidas no indivíduo idoso, aliadas ao contexto familiar, social, financeiro, cultural e ainda às práticas, às rotinas e às dinâmicas institucionais, nem sempre bem definidas, tornam-se fatores que complicam a aplicação dos parâmetros estabelecidos nos documentos que retratam os perfis.

A institucionalização dos idosos, seja nas ILPIs vinculadas às Obras Sociais, como as que são objeto deste estudo, seja em clínicas geriátricas particulares ou conveniadas, é percebida como um assunto delicado ainda hoje, em face das determinantes históricas de negligência e alienação, “embora seja indiscutível a demanda espontânea crescente por esse tipo de assistência” (VIEIRA, 2003), possivelmente por ser fruto da ausência de outras soluções.

As instituições surgem e persistem porque atendem a necessidades relevantes dos membros da sociedade. Considerando a contínua transformação da estrutura, da função e dos valores da instituição família, é presumível a organização de novas formas de atendimento às necessidades de seus membros, sendo criadas, em decorrência, outras instituições, a partir de referentes sociais que as expliquem. Entretanto, a esse modo

funcionalista, surgem críticas baseadas na “inadequação entre as necessidades sociais e o que é oferecido para atendê-las, na dificuldade em identificar quais são essas necessidades, e sobre qual ótica e de quem essas necessidades são definidas” (VIEIRA, 2003).

Como já visto, o projeto das ILPIs trouxe normas referenciadas no *Estatuto do Idoso*, que estabelece no art. 3º ser obrigação da família, da comunidade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. No parágrafo único do mesmo artigo, inciso V, o *Estatuto* estabelece que o atendimento ao idoso deve ser efetuado, prioritariamente, no seio de sua família. Sendo ameaçados ou violados os direitos, por falta, omissão ou abuso da família, estão previstas, art. 43, medidas de proteção. O art. 49 estabelece que as ILPIs tenham como princípio a preservação dos vínculos familiares, o atendimento personalizado, que pode ser realizado em pequenos grupos, sempre salvaguardando a identidade do idoso. *O art. 37 institui a assistência integral na modalidade de ILPI quando verificada a inexistência de grupo familiar, de casa-lar, o abandono ou a carência de recursos próprios ou da família*, sendo necessário que se firme contrato de prestação de serviço com a pessoa idosa abrigada, o que pressupõe a manifestação de seu desejo de residir na instituição e de não possuir condições de residir com a família.

A prioridade das ILPIs para aqueles que não têm famílias ou estão abandonados é uma forma de controle estatal para impedir abusos de famílias descompromissadas. Foi constatada a inexistência ou incipiência de formas de atendimentos-dia para os idosos avançados, o que leva à maior procura pelas ILPIs. Se, de um lado, há idosos que optariam pelo atendimento-dia para continuarem residindo sozinhos ou com suas famílias, de outro há os que preferem viver nas instituições como internos.

Merece destaque o estudo de Goffman (2005), em que o autor aponta ser o asilo um tipo *sui generis* de instituição total, no caso, criada para pessoas supostas como incapazes e inofensivas. Segundo esse estudioso:

[...] uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas todas elas tratadas da mesma forma e

obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição (GOFFMAN, 2005, p.17-18).

Pavarini (1996) e outros autores<sup>19</sup> estiveram discutindo sobre os quadros extremos, embora comuns no Brasil, como situações de miséria e pobreza, ausência de familiares ou impossibilidade de a família enfrentar o desafio de problemas de saúde crônicos do idoso, tendo em vista a escassez e a precariedade dos serviços de suporte no País. Por isso, consideram os asilos como uma opção ainda admissível, e suas práticas não mereceriam condenação, visto esses pesquisadores terem observado os esforços dos gestores das instituições em procurar recursos que tragam melhores condições ao espaço físico, bem como a postura de luta por mudanças na concepção dos modos de atuação e de atendimento. Tem havido uma busca por ações que incentivem o desempenho eficaz em atividades cotidianas, a autonomia para decisões e a participação em ações na comunidade. É conhecido que o estímulo à independência e ao engajamento favorece a autoconsideração, a busca e a possível descoberta de novos interesses e novas habilidades. Caso o ambiente asilar se apresente inadequado para a promoção da saúde do idoso, caso a equipe seja negligente, isso poderá resultar em conformismo e dependência, muitas vezes irreversíveis, determinando o desamparo.

Importante salientar que, amparados no próprio *Estatuto do Idoso*, o Ministério Público e a Vigilância Sanitária estão em movimento na tentativa de desconstrução da instituição asilar no modelo encontrado por Goffman (2005), em seu estudo publicado em 1961.

O próximo capítulo trata das condições de produção da pesquisa, qualitativa e de cunho exploratório, das motivações e desafios para trabalhar a temática do envelhecimento e institucionalização do idoso.

---

<sup>19</sup> Jordão Neto (1987), Hôte (1988), Szasz (1994), Baltes, Neumann e Zank (1994), autores trabalhados In: Pavarini (1996).

## CAPÍTULO 2 - CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PESQUISA

Este estudo, conforme já se mencionou, foi realizado em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs<sup>20</sup>, sediadas em Belo Horizonte: o Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem e a Casa Santa Zita, ambas componentes da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Igreja da Boa Viagem – FOSP BV*<sup>21</sup>, onde os idosos vivem em regime de internação. As duas instituições diferem quanto à inserção na cidade, quanto ao seu caráter histórico e também quanto às modalidades de funcionamento e coordenação, o que favoreceu o exame dos modos de vida em diferentes ambientes institucionais e a observação de seus efeitos sobre os residentes.

### 2.1 A pesquisa qualitativa como espaço dialógico

A pesquisa foi orientada pela metodologia qualitativa, considerada apropriada a esta modalidade de estudo, por favorecer a compreensão da dinâmica das relações sociais dentro das instituições e das experiências dos sujeitos a partir de suas perspectivas, possibilitando a apreensão do “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2001, p 21-22) que lhes dizem respeito e no qual se implicam. A abordagem etnográfica foi escolhida por favorecer que sejam revelados esses “significados que sustentam as ações sociais com o envolvimento direto do pesquisador nas interações que constituem a realidade social para o grupo em estudo” (GIDDENS, 2005, p. 514). A observação participante, as narrativas que alicerçam a metodologia da História Oral, para reconstituição do cotidiano, para levantamento da história das instituições em foco, para registro de tradições culturais e das trajetórias pessoais, foram combinadas aos grupos de discussão e à análise documental, neste estudo exploratório.

Partindo do pressuposto de que as narrativas são referidas historicamente, pois produzidas por indivíduos biograficamente situados no mundo, no interior de instituições que interferem no conteúdo e na maneira de falar, foi considerado que há um “coro de vozes” que

---

<sup>20</sup> Daqui em diante as Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs poderão ser tratadas apenas por ILPIs.

<sup>21</sup> Daqui em diante será usado apenas FOSP BV ou *Fundação*, ao me referir à Fundação Obras Sociais da Paróquia da Igreja da Boa Viagem.

interpenetra o indivíduo, tendo em vista os elos que amalgamam seu contexto de vida e as circunstâncias presentes, o passado e o futuro, assim como sua especificidade subjetiva.

O suporte essencial a este estudo foi encontrado nas vozes de testemunhos sobre instituições que foram se estabelecendo e se transformando, como também nas vozes dos idosos que adentraram em suas lembranças para enunciar seu percurso pessoal, suas circunstâncias, seus afetos, suas decisões e as influências exercidas ou sofridas nas relações estabelecidas, em diversos momentos da vida. Tudo isso foi importante para o esclarecimento da problemática da pesquisa de campo, cujo objetivo se constituiu em desvendar a relação das trajetórias e circunstâncias pessoais com o processo de inserção institucional do idoso em suas diversas modalidades.

A etnografia, por se fundar no contato direto do pesquisador com o grupo em estudo, possibilita a interação de perspectivas múltiplas, fornece uma visão panorâmica da situação a partir das especificidades, além de permitir que sejam relativizados conceitos, teorias e hipóteses e que sejam revistos objetivos inicialmente delineados e mesmo reformulado o projeto conforme as evidências do campo. Comporta alterações por sua construção se dar durante processos dialógicos nas práticas interativas vividas nos trabalhos de campo. Pode-se dizer, conforme Clifford (2002), ter sido a pesquisa uma negociação construtiva entre sujeitos, no caso, entre esta pesquisadora e os idosos internados, os gerentes, as coordenadoras. Também a equipe técnica do Recanto, algumas das Irmãs da Casa Santa Zita e líderes da *Associação de Santa Zita* participaram ativamente.

Não havia inserções da pesquisadora, anteriores ao Mestrado, em instituições asilares, a não ser um estágio durante a graduação em Psicologia, concluída em 1982. Havia uma inquietação em relação ao processo de envelhecimento, gerada por situações de vida desta pesquisadora no que diz respeito aos modos de envelhecimento diversos de pessoas que viveram em ambientes e circunstâncias sociais assemelhadas. O anseio de conhecer sobre a experiência do envelhecer se firmou após a leitura do conto de Aníbal Machado, “Viagem aos seios de Duília”, em que o personagem fica perdido com a aposentadoria, tendo a sensação de que perdeu o dom de viver, não encontra no presente algo que lhe traga sentido e se movimenta para o resgate de significados do passado, numa viagem de retorno ao jovem que um dia fora. Além dessa leitura, a implicação com a temática se robusteceu no decorrer de observações relacionadas ao desemprego e à aposentadoria de pessoas conhecidas ou muito próximas e à conseqüente volta para casa. Essas situações repercutiram na vida familiar, já

que tornaram presentes diversas das inquietações próximas àquelas do processo de envelhecimento, como as restrições financeiras e relacionais, principalmente no âmbito profissional para os sujeitos em causa, e para toda a família como desdobramento. A fragilidade, então sentida, foi canal de mobilização para conhecer de perto outras experiências e modos de lidar com esses tipos de situações.

Iniciado o Mestrado, já em busca de grupos de idosos para estudo, houve aproximação por quase dois meses com um programa de extensão da PUC, denominado *PUC Mais Idade*, frequentado por lideranças de grupos de diversos bairros de Belo Horizonte. Todavia, como a pesquisadora não dispusesse de tempo integral, os agendamentos de entrevista ficaram prejudicados.

Uma inserção intensa no Centro de Estudos e Atividades para a Melhor Idade – CEAMI, integrante do Instituto Sagrada Família se fez possível. Ali, semanalmente, durante um ano, esta pesquisadora atuou facilitando trabalhos grupais em Psicologia, e, paralelamente, várias entrevistas foram realizadas e gravadas com freiras da Congregação das Clarissas Franciscanas e com pessoas da comunidade externa que frequentavam o CEAMI. A partir da orientação recebida no Programa da Pós-Graduação em Sociologia da UFMG no sentido de um trabalho em diversas instituições, outros ambientes foram buscados. Sentia-se a necessidade de sondá-los, porém a inserção para o estudo nem sempre era possível, por excesso de controle ou por se exigir um projeto já aprovado pelo comitê de ética.

Após a sondagem de algumas entidades, foram abertas as portas da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* – FOSP BV, para o estudo em suas instituições asilares – o Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem e a Casa Santa Zita. O processo de imersão nesses dois espaços indicou a dificuldade de um trabalho comparado entre as duas instituições e o CEAMI, considerando a perspectiva almejada – a de realizar entrevistas aprofundadas, beirando as histórias de vida –, pelas circunstâncias extremamente diferentes encontradas nos ambientes. Optou-se pelas duas instituições asilares, embora o CEAMI, grupo frequentado por pessoas de idades diversificadas, até mais de 80 anos, tenha sido referência de fundo, pela experiência ali adquirida.

Esses movimentos até a definição dos locais, conquanto tenham gerado o receio de não se cumprir a tarefa proposta em tempo hábil, contribuíram para a ampliação da sensibilidade com os idosos, clarearam o prazer na realização de trabalhos com esses grupos e

ampliaram o interesse em oferecer alguma contribuição para a área relacionada ao envelhecimento.

A história de vida, abordagem compatível com a etnografia, oferece a perspectiva temporal e, conforme Portelli (2000), favorece o respeito dos silêncios e das reticências pelo direito das pessoas de não revelarem tudo sobre si próprias. Sendo a memória “um processo, algo que está acontecendo agora e do qual participamos”, o sujeito, auxiliado pelo “outro” que o ouve e lança um olhar interessado, experimenta a introspecção e pode permitir, nesse momento, que surjam e sejam expressos afetos relacionados com a velhice e a institucionalização. Nesse sentido, os entrevistados se revelaram, à medida que se sentiram confiantes e tranquilizados, tendo seus ritmos respeitados. O mundo subjetivo e suas interações com situações concretas de existência se enunciam, na entrevista, de modo articulado aos lugares ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado, sendo a produção do discurso a resultante do processo de reelaborar e reordenar os fatos, com efeito salutar para o indivíduo.

Segundo Oliveira (1998), a autonomia do pesquisador ao interpretar se baliza pelas categorias ou conceitos básicos das teorias que tem como referência, mas está sempre vinculada aos achados do estudo, e sua escrita se fundará nos dados recolhidos. Isso evidencia que os dados nunca são puros, sofrem uma refração nos três momentos da pesquisa: o momento do olhar, do ouvir e do escrever. Para o autor citado, o pesquisador, no ambiente socialmente construído que lhe é próprio, não pensa sozinho, mas do interior de uma representação coletiva, contida em sua sociedade e em sua comunidade profissional.

Durante o trabalho de campo, por vezes, houve intensa confrontação com o fato de, numa pesquisa, haver situações de envolvimento não previstas em sua intensidade, exigindo esforço para a autolimitação e circunscrição da atuação, uma vez que o pesquisador é sempre implicado, e não neutro. Portelli (1996) compartilha com Pietro Clemente (1996) sua ideia sobre o desafio que algumas situações impõem: “é como se os pesquisadores que entram em diálogo com uma dor que a razão não consegue controlar, ficassem contaminados por ela e precisassem começar a fazer sua própria elaboração dessa perda”. Por sua vez, Roman Jakobson (*apud* Bosi, 1994) explicita que “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito”, o que oferece a Bosi (1994) a oportunidade de dar prosseguimento à sua reflexão, através de Jacques Loew (1959), ao enunciar que por isso

“sofre-se de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados” (BOSI, 1994, p. 38)<sup>22</sup>.

Para este estudo, foi criado um espaço de diálogo e interlocução por meio de movimentos de idas e vindas<sup>23</sup> entre os próprios idosos nos momentos das entrevistas individuais e dos encontros grupais e também nos contatos diferenciados com cada categoria (idosos, gestores, equipe, antigas coordenadoras, associadas de Santa Zita). O trânsito nas instituições permitiu reunir conhecimentos de diversas fontes, sensibilizar a equipe dirigente e o pessoal técnico para aspectos verificados que poderiam ser revistos por repercutirem negativamente na vida do idoso e valorizar aqueles catalisadores de processos construtivos. Com isso, a pesquisa foi-se tornando um processo em que se admitiram intervenções. Quanto aos idosos, esse movimento teve sua pertinência pelas sinalizações realizadas caso a caso e nos grupos. Assim, a atuação desta pesquisadora foi caracterizada por uma múltipla inserção, ora como sujeito social participante nos espaços de pesquisa ora como psicóloga junto aos diversos atores.

Embora a pesquisa qualitativa e em especial a etnografia permitam o conhecimento da realidade social a partir dos pontos de vista dos entrevistados, sendo por isso considerada o método ideal para este estudo, não se pode esquecer que a realidade é sempre mais rica que sua construção científica. Torna-se necessário conviver com esses limites e ter o estudo como um passo que poderá levar a outros não só para a apreensão da realidade, mas para sua transformação, considerando o desejo de um mundo melhor (GOMEZ, 2005; LEVEN, 2008).

## 2.2 O percurso para a coleta de dados

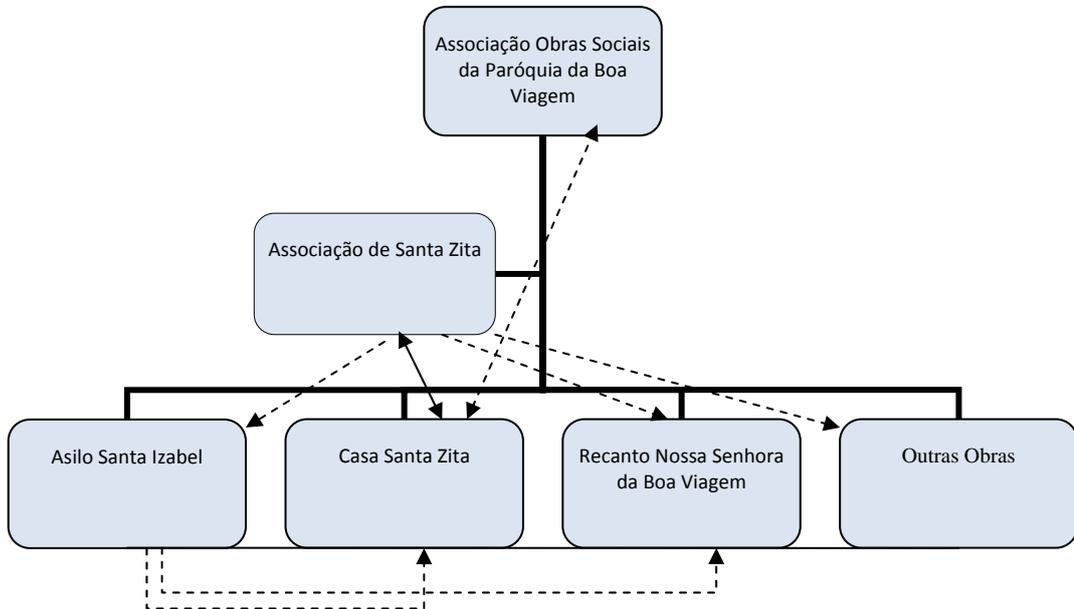
Antes de adentrar o percurso realizado para a coleta dos dados desta pesquisa, torna-se necessário esclarecer que a *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* teve sua origem na antiga *Associação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, cuja razão social foi mantida até 1972. A esta associação estava vinculada a entidade Associação de Santa Zita,

---

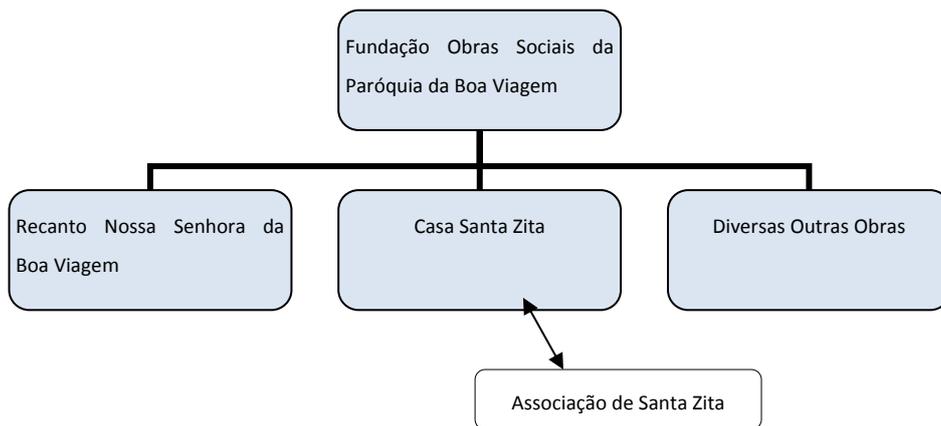
<sup>22</sup> Bosi compreende sua própria pesquisa sobre o envelhecimento como uma comunidade de destino, em que esteve como sujeito, enquanto indagava, e como objeto enquanto ouvia e registrava, sendo como que um meio do qual alguém se valia para transmitir suas lembranças, com seus corpos limitados para escrever, seja pela cegueira, seja pelo tremor, ora pelo coração acelerado, ora pela íris apagada.

<sup>23</sup> Clifford (2002) explana sobre o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos, quanto à observação participante: “de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; e outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos” (CLIFFORD, 2002, p 33-34). Para ele, a observação participante é uma dialética entre experiência e interpretação.

corresponsável pela criação da Casa Santa Zita. As figuras abaixo mostram o retrato dessas Obras Sociais da Boa Viagem em dois momentos, ou seja, em 1972 e em 2008, respectivamente, e permitem ao leitor a visualizar o poder de influência da *Associação de Santa Zita* nesses dois períodos.



**FIGURA 1 - Organização da Associação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem, Belo Horizonte, período anterior a 1972**



**FIGURA 2 - Organização da FOSP BV, Belo Horizonte, 2008**

Para a coleta dos dados, foram desenvolvidas com diversos atores várias modalidades de ações, que permitiram contextualizar o universo investigado, as filosofias de trabalho vigentes no período da Associação Obras Sociais e no da *Fundação Obras Sociais*. Entre elas:

- entrevistas com o administrador da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* – FOSP BV;
- obtenção da carta de anuência com o pároco da Catedral da Boa Viagem, que também é presidente da *Fundação*;
- entrevistas e reuniões com três Irmãs Gracianas<sup>24</sup>, entre elas uma ativa participante dos movimentos que se desenvolveram em torno de 1935, com a instauração da *Associação de Santa Zita*, no recesso da então chamada *Associação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*<sup>25</sup>. As outras Irmãs entrevistadas foram a atual coordenadora da Casa Santa Zita e aquela que a antecedeu na coordenação (até março de 2008);
- entrevistas com a coordenadora do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem;
- trabalho em grupo com idosos em cada uma das duas instituições, tanto no princípio da pesquisa quanto durante o seu desenvolvimento, explicitados adiante;
- entrevistas semiestruturadas com um total de dezoito residentes nas duas Instituições, com duração de uma hora em média, a cada encontro;
- reuniões com duas representantes da *Associação de Santa Zita*, precursora da Casa Santa Zita;
- pesquisa em documentos provenientes de diversas fontes, especificadas no item 2.6;
- encontro com a profissional em Relações Públicas da FOSP BV;
- diálogos, em momentos diversos, com profissionais da equipe do Recanto para compreender a concepção que têm da instituição e do trabalho ali realizado.

O material coletado permitiu assimilar a história das instituições pesquisadas, aspectos de seu contexto e, a partir dos relatos, a situação dos idosos e as ressonâncias da institucionalização sobre a subjetividade, as percepções da velhice, vida e morte e as relações mantidas com as famílias.

---

<sup>24</sup> Congregação das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Graças, conhecida como Congregação das Irmãs Gracianas.

<sup>25</sup> Usualmente tratada como *Obras Sociais*.

### **2.3 Breve apresentação dos idosos entrevistados e número de encontros realizados**

Em busca de preservar a identidade dos idosos, seus nomes foram modificados e algumas informações omitidas. Apresentam-se brevemente os dezoito idosos entrevistados nas duas instituições. Onze deles residentes do Recanto, que na ocasião contava com oitenta e seis internos de ambos os sexos, e sete idosas da Casa Santa Zita, onde residiam vinte sete mulheres. Para a composição da amostra, a entrevistadora considerou o interesse manifestado por aqueles em boas condições para o diálogo e antevisto no trabalho em grupo desenvolvido inicialmente.

Para os fins deste estudo, os idosos foram distribuídos conforme a faixa etária, caracterizando um grupo em que preponderavam os de mais de 75 anos, não estando, pois, em sua maioria, sob o eufemismo da “Terceira Idade”, “Melhor Idade”, “Feliz Idade”, recurso de propaganda que maquia o envelhecimento, reforçando um modelo que enaltece a juventude, negando o direito a envelhecer aos que já passaram dos 60 anos de idade (MARQUES & PADILHA, 2007).

O quadro a seguir especifica a composição dos grupos por faixa etária bem como o número de entrevistas efetuadas com cada idoso.

**QUADRO 1 - Idosos entrevistados em ILPI, por faixa etária, 2008**

Faixa etária	Instituições: Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem e Casa Santa Zita
60-64	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Wagner, 60 anos, homem, viúvo, 4 filhos, foi cozinheiro profissional, tetraplégico em decorrência de assalto com violência, reside há 7 anos e 2 meses no Recanto – 03 entrevistas;</li> <li>➤ Marcelo, 64 anos homem, divorciado, 5 filhos, foi caminhoneiro, residiu por 2 anos e 2 meses no Recanto após ter tido um AVC – 03 entrevistas, 03 contatos telefônicos.</li> </ul>
65-69	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Célia, 68 anos, mulher, solteira, 2 filhos, trabalhou como funcionária de bar , alcoolista, há 1 ano e quase 5 meses no Recanto – 03 entrevistas.</li> </ul>
70-74	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Gilson, 71 anos, homem, foi casado 4 vezes, 3 filhos, foi músico, teve várias profissões, dentre elas atuou com vendas, foi bancário, policial, proprietário restaurante de bar, alcoolista, há 1 ano e 9 meses no Recanto – 03 entrevistas;</li> <li>➤ Leila, 73 anos, mulher, viúva após divórcio, sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um colégio e de um hospital. Cega em consequência de um tumor no nervo ótico. Reside há 8 anos e quase 6 meses no Recanto – 02 entrevistas.</li> </ul>
75-79	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estêvão, 77 anos, homem, viúvo, 2 filhos, trabalhou com transporte e carro-forte, gosta de atividades de marcenaria, há 2 anos no Recanto – 02 entrevistas;</li> <li>➤ Ricardina, 77 anos, mulher, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita – 01 entrevista;</li> <li>➤ Maura, 78 anos, mulher, solteira, sem filhos, foi empregada doméstica. Reside no Recanto há 5 anos e 5 meses – 02 entrevistas.</li> </ul>
80-84	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Míriam, 81 anos, mulher solteira e sem filho, foi empregada doméstica e cozinheira de uma Congregação Religiosa, onde morava. Reside há 11 anos na Casa Santa Zita - 01 entrevista;</li> <li>➤ Dirce, 81 anos, mulher solteira e sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um laboratório. Reside há pouco mais de 4 anos na Casa Santa Zita - 02 entrevistas;</li> <li>➤ Paulo, 82 anos, homem, viúvo, 6 filhos, viveu na roça por muitos anos e foi funcionário de empresa ferroviária. Alcoolista. Reside há quase 6 anos no Recanto - 03 entrevistas;</li> <li>➤ Ilca, 83 anos, mulher solteira e sem filhos, foi professora, foi proprietária de colégio, secretária-executiva de empresas, atuou em ONG em outro estado e presta atualmente serviço voluntário em ONG desta cidade. Reside há 4 anos e 6 meses na Casa Santa Zita - 03 entrevistas, 01 contato telefônico;</li> <li>➤ Rúbia, 83 anos, mulher, solteira e sem filhos, atuou como assistente em serviço médico de uma empresa, participou de grupos de Terceira Idade, faz atividades artesanais. Reside há 2 anos e 8 meses no Recanto - 02 entrevistas;</li> <li>➤ Lourenço, 84 anos, homem, casado, 3 filhas, empresário da construção civil, pioneiro da edificação de Brasília, residente no Recanto há 1 ano e 8 meses - 03 entrevistas.</li> </ul>
85-89	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Lúcia, 85 anos, mulher, solteira, sem filhos, foi professora universitária e chefe de departamento de um órgão estatal. Reside há 1 ano e quase 9 meses no Recanto - 03 entrevistas;</li> <li>➤ Marta, 86 anos, mulher, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há quase 8 anos na Casa Santa Zita. - 02 entrevistas.</li> </ul>
90-94	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Magda, 91 anos, mulher, solteira e sem filhos, foi professora, diretora de Grupo Escolar, escritora. Pensionista há 20 anos na Casa Santa Zita, havia sido pensionista numa Congregação Religiosa por mais de 25 anos - 01 entrevista e mais 02 momentos individuais solicitados pela senhora;</li> <li>➤ Maria, 94 anos, mulher, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside na Casa Santa Zita há 26 anos – 02 entrevistas</li> </ul>

## 2.4 Os encontros coletivos com os idosos: as vivências propiciadas pelos grupos

A coleta de dados da pesquisa, no que concerne aos idosos institucionalizados, foi realizada no transcurso das entrevistas individuais semiestruturadas, acrescida dos dados procedentes dos trabalhos grupais e de observações da dinâmica cotidiana da instituição.

Os encontros grupais fazem parte do dia a dia desta pesquisadora em seu trabalho formal e foram experimentados no CEAMI (Grupo de Idosos do Instituto Sagrada Família, conforme já mencionado), sendo tidos como catalisadores de ricas experiências com as construções coletivas propiciadas pelos momentos das discussões a partir de estímulos relacionados com questões vividas. Os grupos nas duas ILPIs da *Fundação* foram formados segundo o sexo – feminino e masculino, no caso do Recanto, reunidos no último encontro. Na Casa Santa Zita, apenas um grupo feminino.

Os grupos foram constituídos com o auxílio dos coordenadores das instituições, que convidaram os residentes para o primeiro encontro, baseado nos seguintes critérios: ser maior de 60 anos<sup>26</sup>, pertencer a diferentes estratos sociais e categorias profissionais, de qualquer cor e etnia, com capacidade de manter diálogos e tendo preservados os seus direitos civis. Foi definido no enquadre que pessoalmente tomariam a decisão de envolver-se ou não no projeto apresentado.

A primeira reunião com cada um dos grupos foi dedicada à apresentação da pesquisadora e do propósito do estudo, bem como da razão dos encontros individuais e coletivos, duração dos mesmos, considerando certa flexibilidade.

Um dos principais objetivos dos encontros grupais relacionava-se ao procedimento da seleção dos idosos para as entrevistas por meio da observação da capacidade de interação e da disponibilidade para construção de relatos de vida, sendo que aqueles que viessem a ser convidados e aceitassem participar dos encontros individuais assinariam um termo de consentimento para participação na pesquisa. Além disso, esses grupos favoreceram também a aproximação gradativa com os participantes, tendo em vista a formação de laços de amizade, que ampliariam as chances de uma ambientação mais acolhedora e propícia à recordação e à narrativa nos encontros individuais, bem como à manutenção dos vínculos.

---

<sup>26</sup> Conforme convencionado pelo *Estatuto do Idoso*.

Os encontros coletivos, por meio das técnicas de dinâmicas grupais desenvolvidas, permitiram, ainda, observar as modalidades de relações estabelecidas entre os participantes, conhecer ideias e sentimentos não expressos individualmente, tornando-se uma atividade aprazível, construída em conjunto com os participantes, a partir da apresentação de algumas concepções iniciais quanto à convivência na instituição e ao modo de se viver ali, quanto à faculdade de percepção e sua importância na conformação identitária, individual e grupal. Um espaço para a escuta foi assegurado, permitindo que falassem livremente, quando dificuldades, queixas, alegrias foram trazidas à luz. Para a realização dos trabalhos em grupo, foram usados pequenos textos literários, brincadeiras, jogos, músicas e algumas técnicas de dinâmica de grupo para incentivar a reflexão e os diálogos. As entrevistas individuais foram retomadas de modo indireto, a partir de uma palavra ou uma expressão lançada por algum participante, que admitisse a retomada de questões surgidas, de modo generalizado, para serem então elaboradas no espaço coletivo, continente das questões que vivenciavam como institucionalizados.

Por terem encontrado uma atividade periódica, muitos se sentiram estimulados e nela depositaram expectativas de ações em prol da melhoria de sua situação, o que se reconhece, conforme realça Portelli (2000), como parte do desafio dos que fazem história oral, pois, além do sentido de preservação da informação, a memória é valorizada como sinal de luta e processo em andamento.

Uma das técnicas utilizadas no grupo foi a de divisão em duplas em que cada um falava de si para o parceiro, que, por sua vez, transmitia o que havia ouvido para o grupo maior. Os relatos de cada dupla só se concluíam após o referendo daquele sobre quem se falou. O ato de conversar, sendo estimulado, e o ato de ouvir a própria história narrada pela voz de um outro comumente trazem ressonâncias no sujeito, o qual pode dar início a um processo de recuperação do eu, em muitos casos, mutilado com a institucionalização e com a imersão na organização (GOFFMAN, 2005, p. 24, 150).

Como promotores da integração entre os participantes de cada instituição pesquisada, os trabalhos em grupo facultaram a descoberta de potencialidades e talentos dos colegas, a troca de experiências e de ideias, tendo sido o percurso de cada um valorizado, o que trouxe influência sobre a “autoconsideração”, conforme Gouldner (1973) a caracteriza: um sentido de potência e autonomia, e senso de diferenciação, o que, por dedução, facilita o encontro consigo mesmo como sujeito desejante, que pode alcançar metas e ser reconhecido em sua

singularidade, vindo a permitir, simultaneamente, o reconhecimento da alteridade, o aumento da capacidade de tolerância e de transigência, fatores relevantes para qualquer movimento em prol da cidadania.

Este tipo de pesquisa em que se coletam dados e, ao mesmo tempo, se incentiva a construção conjunta de um saber “diz de uma intervenção em que a escuta não é apenas individualizada, mas integrada na escuta coletiva, sendo o grupo o interlocutor privilegiado”, que possibilita a liberação de afetos e a “partilha da angústia, expressando-a numa mesa comum, onde se pode elaborá-la, pelo menos parcialmente”<sup>27</sup>.

Os trabalhos em grupo orientaram os posteriores momentos de interlocução com os coordenadores e com o administrador, pois tiveram uma função exploratória no sentido de alcançar um entendimento básico das condições da instituição na perspectiva dos idosos. Puderam se expressar, falar de seu mundo, o que favorece ações criativas e tomadas de decisões.

## **2.5 As entrevistas individuais com os idosos**

As entrevistas individuais com idosos foram realizadas no Recanto ou na Casa Santa Zita, em salas apropriadas, por permitirem a privacidade e não haver objeção quanto à sua duração. O Termo de Consentimento para participação na pesquisa foi assinado ao final do primeiro encontro individual, tendo sido anteriormente discutido com os participantes no primeiro contato coletivo.

Elaborou-se um roteiro semiestruturado, que pudesse atender a uma lógica pessoal de construção da narrativa<sup>28</sup>, com sinalizações raras, mas presentes, visando retomar os temas norteadores do estudo, buscar esclarecimentos e aprofundamento, com tato, evitando desrespeito com a intimidade do entrevistado e experimentando uma relação de cuidado. Foi possível observar que o fato de a pesquisadora não ser funcionária nem residente nas instituições asilares sobre as quais este estudo se estabelece favoreceu a emergência de críticas à instituição e aos funcionários, por se sentirem resguardados, com alguém que poderia compreendê-los com mais facilidade.

---

<sup>27</sup> ARAÚJO, José Newton Garcia. *A escuta nos grupos*. Belo Horizonte: Fale/UFMG [s.d.].

<sup>28</sup> Houve um único caso, o de Célia, de 61 anos, revoltada, assustada e queixosa com a internação, imposta pelos familiares, em que foi exigido um maior direcionamento, a fim de auxiliá-la a se organizar psicicamente.

As entrevistas tiveram por objetivo não somente obter conhecimentos e informações sobre as trajetórias de vida, como alcançar os pontos de vista e opiniões, “a versão dos agentes, marcada pela posição social daquele que vive e os narra”, conforme enfatiza Lang (2000, p. 123), ou seja, tentar deixar emergir o sujeito. Os produtos das entrevistas podem ser caracterizados como relatos de vida.

Com as narrativas nas entrevistas, o idoso é auxiliado a se resgatar, a se reformular e recriar, o que coíbe o processo de incapacitação de si, temido por Schirmacher (2005, p. 144), ao tomar conhecimento de um experimento em que se constatou que a incapacitação para a linguagem no idoso leva a uma incapacitação de si próprio. Ao empreender a reflexão sobre o vivido e a estruturação da narrativa, o indivíduo atualiza conteúdos, agora descortinados sob novas condições, e os reorganiza, de modo a formular novos significados e planejar ações em prol da realização de desejos latentes, ainda que sob outras roupagens, por contar com as possibilidades de compreensão e integração, favorecidas pela maturidade, no caso de idosos.

Ao ter a oportunidade, seja no grupo, seja nas entrevistas individuais, de recordar bons momentos e também os obstáculos e desafios pelos quais passou e superou de um modo ou de outro, com maior ou menor sucesso, conforme seu ponto de vista, mas sempre de acordo com as possibilidades do momento, a pessoa idosa pode retomar os caminhos trilhados e valorizar a si mesma e à sua história.

É de se ressaltar que, para além da riqueza das construções realizadas coletivamente, nos grupos, o ato de escutar, acolher e realizar breves intervenções, no momento tão especial da entrevista, produz um efeito terapêutico nos envolvidos, porque, além de impulsionar o sujeito “a tecer sua rede de relações e experiências do vivido, o que pode desencadear emoções e sentimentos muito fortes” (Le Ven *et al.*, 1997, p. 213-222), o entrevistador reflete sobre sua própria vida, seus pontos de vista, suas concepções de mundo, a partir do depoimento do outro, numa circularidade que se retroalimenta pelo comprometimento do pesquisador, o que cria um laço de cumplicidade.

Para o registro dos relatos, o roteiro da entrevista com os idosos foi estruturado em torno de quatro eixos:

- *a vida familiar*, por ser o esteio fundamental, lugar da socialização inicial, da construção de valores e da formação identitária;

- *os papéis sociais exercidos e os relacionamentos constituídos*, nos quais se incluem os diversos grupos de inserção na comunidade, a vida de trabalho, os relacionamentos intergeracionais;
- *o envelhecimento*, pela percepção das alterações no desempenho de atividades; pela avaliação das perdas e conquistas, das mudanças no estilo de vida, dos desafios, da necessidade de amparo, dos suportes encontrados;
- *a situação da velhice quando na instituição*, o ingresso e as ocorrências que lhe deram motivo, a percepção do lugar, a interação com os outros idosos e os modos de se colocar no grupo e de se adaptar às rotinas da casa, a percepção do corpo técnico, as atividades costumeiras e eventuais, o uso do tempo, as redes de solidariedade construídas ou vislumbradas, os preconceitos, o relacionamento familiar mantido ou o abandono vivenciado, as mudanças identitárias observadas após a institucionalização e a condição subjetiva atual.

O roteiro permitiu essa abordagem ampla, contudo foram efetuados recortes, privilegiando-se as trajetórias de vida, os motivos do ingresso e a vida na instituição.

Muitos dos entrevistados construíram, com a pesquisadora, seu espaço de narrativas em dois ou três encontros, dependendo de suas possibilidades de análise e síntese e, principalmente, do desejo de recordar e expor sobre si mesmos, sobre seus relacionamentos e situações de vida. Embora se tenha procurado delimitar as entrevistas a uma hora, sua duração variou conforme a disposição dos entrevistados, geralmente surpreendente, por encontrarem na entrevista um canal de expressão, considerado, por muitos, como inexistente à época.

## **2.6 As entrevistas com os gestores, a pesquisa documental e os encontros com lideranças**

As entrevistas com os gestores trouxeram subsídios ao estudo, no que diz respeito às questões institucionais no contexto da contemporaneidade, ao descortinar os desafios encontrados, as possibilidades e estratégias usadas no trato com os idosos e funcionários, a infraestrutura em que se apoiam (tais como a relação com o Poder Público, as formas de arrecadação de verbas, o serviço voluntário por profissionais isolados e aqueles desempenhados por universidades como parte do aprendizado acadêmico de seus alunos), tendo em vista a manutenção dos trabalhos e das casas em suas funções de proteção, guarda,

alimentação, hospedagem permanente, cuidados com as esferas física e mental, formas de lazer e oficinas diversas para a conservação da saúde e do bem-estar, e maneiras encontradas para favorecer a manutenção dos vínculos do idoso com a família e com a comunidade.

A pesquisa documental foi uma das fontes utilizadas, vindo a subsidiar este estudo com informações que ajudaram na contextualização histórica das instituições, e referiu-se a:

- dados provenientes de reuniões com lideranças da *Associação de Santa Zita*, onde a história oral foi importante componente durante o exame dos relatórios, de suas atas, dos recortes de jornais e de fotografias. Foi possível, com a combinação dos métodos, adquirir certa compreensão da filosofia de trabalho das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, da abrangência do trabalho caritativo realizado em seu seio em várias frentes, e uma visão panorâmica do conjunto das instituições para idosos – objeto ao qual a pesquisa se restringiu;
- Regimento Interno da Casa Santa Zita, que passava, no momento de sua apresentação, por alterações esclarecidas pela coordenadora da Casa, tendo por base o Regimento do Recanto;
- material específico concernente ao Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem: *diagnóstico situacional*, desenvolvido por um grupo de estudantes de enfermagem há alguns anos; conjunto de pequenos relatórios deixados pelas *Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo no Brasil*; fotos do Recanto; material usado para a triagem no *Recanto*, apresentado pela coordenadora da instituição;
- consulta a alguns dos boletins da Catedral, fornecidos pela FOSPBV.

O próximo capítulo, constituído de um memorial sintético, reúne peças coletadas, descreve o contexto histórico das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* e da *Associação de Santa Zita*, que se entrelaçam, e permite vislumbrar o modo de atuação das *Obras da Boa Viagem* nas duas instituições asilares em diferentes momentos.

## CAPÍTULO 3 - CARACTERIZAÇÃO DOS LOCAIS ESTUDADOS

Este capítulo, subdividido em itens, apresenta o contexto histórico de cada uma das instituições estudadas e, conseqüentemente, das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, às quais todas estão vinculadas. A fim de facilitar a compreensão, o leitor poderá retomar o esquema das figuras no item 2.2, onde é esboçada a estrutura dessas entidades e de suas interrelações.

No item 3.1, é apresentada a história da Associação de Santa Zita, entidade que congrega empregadas domésticas, considerada importante, neste estudo, por ter contribuído para a sustentação das iniciativas das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* em seu movimento instituinte, através de diversas frentes. Essa associação tornou-se corresponsável pela implantação da Casa Santa Zita, fundada com o propósito de oferecer segurança e conforto às empregadas domésticas em situação de desamparo.

No item 3.2, são reconstituídos os movimentos que levaram à instauração dos asilos dentro das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*. A Casa Santa Zita, uma “Casa de Repouso”, tem sua trajetória investigada no subitem 3.2.1. Já o subitem 3.2.2, é dedicado à história da integração do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem às *Obras Sociais* e da transferência dos integrantes do Asilo Santa Isabel para o Recanto e para a Casa Santa Zita.

O processo de mudança das Obras Sociais, de associação para fundação, é descrito no item 3.3, passando a antiga *Associação das Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* a denominar-se *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem – FOSP BV*. São registradas, de um lado, algumas ideias da gestão atual dessa fundação, que está tentando instaurar novo modo de administração, voltado para o empreendedorismo, a fim de enfrentar os desafios relacionados a problemas do passado e à própria dinâmica das instituições e da sociedade em geral. De outro, são considerados os pontos de vista dos próprios idosos sobre os procedimentos da FOSP BV em busca do melhor atendimento

### 3.1 O contexto histórico das Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem e a Associação de Santa Zita

Há setenta e quatro anos, foi constituída a *Associação de Santa Zita*, com sessão inaugural em 19 de março de 1935, na Catedral da Boa Viagem, com a presença de setenta e quatro (sessenta e oito solteiras, quatro casadas e duas viúvas) das noventa e oito empregadas domésticas inscritas. O objetivo da associação era dar assistência moral, religiosa e material às empregadas, numerosas naquele tempo em que não se contava com “diaristas” ou “faxineiras” para os trabalhos caseiros. Por meio do exame dos documentos dessa *Associação*, da escuta dos relatos de duas associadas e da narrativa de uma Irmã Graciana, foi possível rastrear os caminhos percorridos pelas *Obras Sociais*, transformada em *Fundação*, posteriormente, em 1972.

A história da *Associação de Santa Zita*, além de nos remeter à gênese da Casa Santa Zita, elucida a história do Asilo Santa Isabel e do Recanto, também instituições asilares, componentes das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*. Sobre a gênese da *Associação de Santa Zita*, Matilde<sup>29</sup>, uma de suas líderes mais engajadas, narra:

Essa Associação foi fundada em 1935. Era vigário da Boa Viagem, o Padre Álvaro Negromonte. Certa noite, uma doméstica bateu na porta dele, dizendo que, pelo fato de não ter cumprido as exigências da patroa e saído para a aula noturna, quando voltou, encontrou seus pertences jogados na rua. Chorando, ela veio atrás do padre para ver que solução ele daria. O Padre Álvaro pediu a Mercês, sua cozinheira, que recolhesse aquela doméstica [...]. E ficou muito preocupado com a situação das domésticas, principalmente daquelas do interior (MATILDE; 1ª reunião realizada em 2008).

*O Relatório à guisa de histórico*<sup>30</sup> indica que, ciente da possibilidade de a Igreja oferecer às empregadas domésticas orientação moral e espiritual, o Padre Álvaro Negromonte determinou que se organizasse a Associação, pelos motivos abaixo explicitados:

[...] por não buscarem a solução de outros problemas que não fossem os inerentes aos seus misteres profissionais, ou que não se relacionassem com a desregrada prática do fútil e do inútil, decidiu-se a trabalhar, no sentido de orientá-las. E mediu

<sup>29</sup> Os nomes são fictícios. Matilde é uma associada não residente na Casa Santa Zita, nascida em 1924, tendo feito parte da diretoria da Associação de Santa Zita em diferentes cargos e gestões. Nas entrevistas, Matilde contextualiza a história da Associação, apresentando os documentos sob guarda da atual presidente, Cassilda, que vive na Casa Santa Zita há três anos, e encontrou neste trabalho de busca de informações, que se prolongou por dias, uma oportunidade para ampliar seus conhecimentos a respeito da Associação sob sua direção.

<sup>30</sup> *O Relatório à guisa de histórico* é um documento sem assinatura e sem data, escrito com riqueza de detalhes, encontrado entre os documentos da Associação de Santa Zita.

bem, tanto quanto a necessidade de dar-lhes uma consciência própria de seus deveres para com os patrões, também a urgente necessidade de oferecer-lhes oportunidade e meio de elas preencherem as lacunas de sua formação moral e espiritual. Era dever do pároco preservar-lhes a alma, incutir-lhes senso de respeito próprio e encaminhá-las, pelo conselho e pela preparação, a futuro mais compensador. Interessava-lhe, vivamente, que as empregadas domésticas não parecessem lançadas à margem, como criaturas supostamente inúteis, ou arrojadas à infelicidade, por falta de direção, pela incompreensão, pela maldade humana e pelos preconceitos de classe. [...] Estava plantada a semente de uma nova agremiação na Paróquia da Boa Viagem, para o fim de convocar a participação, nela, das empregadas domésticas, às quais se ensinaria a amar e a praticar as boas ideias, os sentimentos puros e a conduta exemplar. [...] Fundou-se [...] a Associação de Santa Zita, destinada a estimular o progresso virtuoso entre almas anônimas e rudes. [...] A Associação de Santa Zita nasceu, assim, de um grande amor pela sorte de uma casta menos privilegiada (RELATÓRIO À GUIA DE HISTÓRICO, s.d).

O padre se revelou determinado no cumprimento de sua missão, ou seja, arrebanhar as “almas perdidas” das empregadas domésticas, através de um esquema sistematizado de orientações, tendo os princípios norteadores de sua ação sido evidenciados no *Relatório à guisa de histórico*: a crença no progresso, a ideia de possível evolução daquelas “almas rudes”, simples, por meio de um processo de socialização metódico, que propiciaria às zitas a adoção de novos modos de se conduzirem, de pensarem e sentirem e que, por fim, as promoveria a um novo patamar de virtude.

Como visto, Foucault (1977, 1979a, 1979b, 2002) tornou evidente a função estratégica do conjunto complexo a que chama “dispositivo”, na medida em que este responde à articulação entre produção de saber e formas de exercício de poder como manobra para, de forma racional e organizada, utilizar as forças em campo, direcioná-las, estabilizá-las, a fim de enquadrar a existência conforme um ordenamento moral. Salientou:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos [...] tal discurso pode aparecer como um programa de uma instituição [...] (FOUCAULT, 1979b, p. 244).

Os meios de ensino adotados pelas *Obras Sociais*, que constituiriam parte de seu programa, embora coercitivos, eram sutis na maior parte do tempo, porque oriundos da Igreja, que se conduzia de modo paternalista, pregava a bondade, a renúncia e a humildade como meios de alcançar o reino dos céus, de ter recompensas em uma vida pós-morte. O cuidado era uma dimensão presente no programa e aplicado à vida cotidiana das domésticas, como explica Matilde sobre algumas das reuniões:

A maioria das primeiras zitas eram todas do interior, moças simples, sem maldade. Então, a diretora da Associação foi uma verdadeira mãe, conversava sobre questões de trabalho, orientava e dava conselhos. Era naquele tempo que [...] O quartinho das domésticas era lá no fundo do quintal. A diretora falava: ‘você não ficam no quarto sem chave, não [...] Se estiverem trabalhando, qualquer pessoa da família for engraxar com vocês, vocês saem’ (MATILDE, 2ª reunião realizada em 2008).

Pode-se observar, na fala de Matilde, a participação da comunidade religiosa na vida privada das empregadas domésticas, o que pode ser analisado tanto sob a perspectiva do amparo, como também do controle.

O capítulo VI do *Relatório à guisa de histórico* homenageia Monsenhor Álvaro Negromonte pelo seu empenho em convocar aquelas “pessoas desamparadas” para o regaço das *Obras Sociais*:

Foi ele o escavador carinhoso e descobridor de riquezas ignoradas: num instante, deu realce a várias vidas; num momento, fez expandir-se, no trabalho e na devoção, um conjunto de almas, cuja vocação para o bem se manifestava no desajuste de existências mal vividas. [...] Seu gesto, sobre ser de carinho e de amor, foi o gesto do educador e do aperfeiçoador, que se destinou a contribuir para adaptar à vida de Deus e à vida social enorme parcela de uma classe incompreendida e desamparada. [...] Coube-lhe adestrar, para os serviços de Deus e do mundo, as almas ainda não cultivadas, que arrebanhou para o novo grêmio (RELATÓRIO À GUIA DE HISTÓRICO, s.d).

A concepção da assistência educativa como adestramento aos desamparados e incompreendidos, a qual romperia com os desajustes, conduz à prescrição de uma “fórmula de viver”: as zitas deveriam exercer um apostolado, propagar e divulgar a fé no seu meio, ter frequência às missas. O discurso e os projetos de Padre Paulo Rególio, que lidera a partir de 1952, definiam, ainda, o lugar das participantes no interior do grupo, oferecendo-lhes papéis e cargos diferenciados: as consideradas “exemplares”<sup>31</sup> conduziam reuniões com os 15 subgrupos de zeladas, e a hierarquia se expressava por meio de uma diretoria.<sup>32</sup> Nessas reuniões da *Associação de Santa Zita* com o padre e as paroquianas por ele convidadas à participação, eram esclarecidos os chamados problemas da alma e as normas de conduta social para o cumprimento da tarefa de orientar e assegurar o “progresso” das empregadas domésticas, em “benefício da alma de cada associada”. Uma moral austera, guardiã da ordem, buscava a preservação dos valores vigentes.

<sup>31</sup> Conforme a fórmula de viver prescrita para as zitas, expressa no *Relatório à guisa de histórico*.

<sup>32</sup> Inicialmente vinte grupos e, depois de uma “necessária seleção”, de deserções, de falecimentos, as associadas somavam, em 1960, duzentas e treze pessoas, “além de inúmeras aspirantes”.

As relações estabelecidas no cerne das *Obras Sociais* vieram a estruturar o modo de viver das domésticas receptivas às práticas instauradas num movimento dirigido para o alcance de fins claros, que supunha a constituição de novos indivíduos<sup>33</sup>, para os quais a virtude se contraporía ao pecado e ao desregramento, por meio de práticas de adestramento das inteligências similares àquelas efetivadas com os corpos, assujeitados pelo poder disciplinar, o qual se afirma pela criação de preceitos tidos como regra “natural”, como “norma” (FOUCAULT, 1979b, p.189; 1977, p. 164), em busca da regulação pelo convencimento, pelo incentivo a certos comportamentos, hábitos e atitudes até então inexistentes ou imperceptíveis. Com o tempo, as orientações seriam internalizadas, consideradas valiosas e mesmo agradáveis por conferirem proteção e por as zitas experimentarem os ideais alicerçados no coletivo, na Associação de que faziam parte, vinculada à Igreja e, portanto, ao sagrado.

A idéia do sagrado foi expressa no artigo sobre o aniversário de 50 anos da Associação de Santa Zita, em que o jornalista<sup>34</sup> alude à homenagem prestada a uma das mais humildes figuras da Igreja Católica pela servidão exercida com extrema resignação e pelos milagres realizados nos muitos momentos de adversidades sofridos, que lhe trouxeram a canonização.

Padroeira Universal das Empregadas Domésticas [...], Zita nasceu em Monsagratt, Itália [...]. Filha de pais humildes, aos doze anos de idade teve que abandonar o convívio da família, para partir em busca de trabalho a fim de minorar as dificuldades vividas pelos seus familiares e ter condições de dar de comer a quem tinha fome [...]. Vivia-se, na Itália e em toda a Europa, um período de fome e miséria [...] (JORNAL MÃOS NO TRABALHO, EM DEUS O CORAÇÃO, s.d).

No artigo, o jornalista relata que Zita trabalhava numa mansão, sofreu grandes dificuldades em cumprir o compromisso firmado interiormente de prestar ajuda aos pobres. Foi vítima de intrigas de primas que envenenaram os corações dos seus patrões, os quais lhe impunham tarefas descabidas, que gerariam situações vexatórias, mas Zita suportou pela proteção divina recebida. Pelos muitos obstáculos enfrentados, e em decorrência deles, passou a ser reconhecida como alguém capaz de realizar prodígios. Faleceu depois de 48 anos de serviço doméstico, “o que ocasionou uma das maiores peregrinações a que a cidade de Lucca já assistiu. [...] Foi o papa Pio XII quem consagrou Santa Zita como a padroeira das trabalhadoras em casas de família” (JORNAL MÃOS NO TRABALHO, EM DEUS O CORAÇÃO, s.d.).

<sup>33</sup> Indivíduo como efeito do poder e como seu centro de transmissão (FOUCAULT, 1979b, p. 183-184)

<sup>34</sup> Artigo assinado por Augusto Carlos da Cunha Duarte, provavelmente de 1985.

A saga de Santa Zita, uma empregada doméstica reconhecida como virtuosa e milagrosa pela Igreja e tornada a Padroeira Universal das Domésticas, fazia-se presente na atmosfera da Associação, uma comunidade religiosa com finalidades morais. Lembrada e valorizada pelas mulheres que exerciam o ofício de empregadas em casas de família, oferecia-lhes uma referência moral no sentido de serem “movidas pelo orgulho do trabalho a cumprir” (RELATÓRIO À GUIA DE HISTÓRICO, s.d.). Seus preceitos – tornados ideais pela Igreja, a qual deu brilho ao sacrifício e à submissão – eram afirmados pelo lugar de destaque dado às zitas nas *Obras Sociais*, as quais reiteravam a ética característica de Santa Zita, de trabalho disciplinado e de esforço. Ofereciam sustentação ao cotidiano dessas empregadas domésticas e lhes reforçavam essa conduta de lealdade e estabilidade junto aos patrões (em cuja residência também serviam o jantar e dormiam) por quarenta, cinquenta anos, muitas vezes em uma mesma casa, a exemplo de Santa Zita, em quem se espelhavam.



**FIGURA 3 – Santa Zita**

A adaptação às regras e a submissão às normas são uma forma de acatar limites, de aceitar “discursos verdadeiros e que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1979b, p. 180). O relato de Marta, uma das zitas entrevistadas e residente na *Casa Santa Zita*, ilustra essa situação, sendo seu caso emblemático entre as associadas:

Uai, pois eu, eu cá... [...] Eu desci do ônibus, mas eu não dei por ideia de ir no outro dia no Pronto Socorro para olhar. Continuei trabalhando, porque eu tava empregada. A perna deu aquele estalo e eu num liguei, não achei que fosse nada assim [...] de ficar do jeito que eu fiquei, sabe? Trabalhando, trabalhando e a perna só entortando, só entortando e eu não falei nada com a minha patroa, que tinha acontecido isso, não! Não sei por que eu não falei. Eu achei que não era nada! Porque deu aquele estalo, e depois continuou a doer. Porque nas casas dos outros... a gente não gosta de falar, não fala mesmo, a gente num lembra da gente. Lembra só de serviço. Saía pra comprar alguma coisinha porque não tinha armazém perto e minha perna só entortando, só entortando. Tem muitos anos isso, então depois eu tive que falar com a minha patroa que [...] não podia continuar com ela, que é gente muito boa, né? Mais de cinquenta, mais de cinquenta anos eu fiquei com ela. É gente que eu conhecia, então eu fiquei esses anos todos lá, mesma coisa de estar na casa da gente, fiquei lá, a menina casou, teve menino, eu até batizei a primeira menina, a neta dela eu batizei, fui madrinha da menina (MARTA, 86 anos; 2ª entrevista realizada em 2008).

O *Relatório à guisa de histórico* permite verificar que compunha o ideário das *Obras Sociais* a transmissão de valores como bondade, caridade, moderação e renúncia à vida pessoal, resguardados pela idéia de salvação por toda a eternidade e que concorriam em favor da coesão social. Esse consenso era compatível com a doutrina cristã e favorecia, secundariamente, os empregadores, que teriam em suas casas pessoas identificadas com Santa Zita e, como ela, diligentes, prestando-lhes serviços de qualidade, em que poderiam confiar, uma vez que a honestidade dessas empregadas lhes era afiançada pela Igreja.

Segundo o *Relatório à guisa de histórico*, foi formada “uma verdadeira agência de empregos e de controle, com a finalidade de encaminhar as associadas a melhores situações e vigiar-lhes as atividades profissionais”.

Retomando a sociedade disciplinar, nela a vigilância é múltipla e entrecruzada, se autossustenta por seus próprios mecanismos no grupo ou instituição. O indivíduo interioriza o olhar vigilante e “uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia” (FOUCAULT, 1977, p. 178).

Em 1940 haviam sido excluídas quarenta e nove sócias, embora outras houvessem ingressado. As sócias excluídas certamente não superaram seus interesses particulares em prol dos interesses coletivos. Por não se identificarem com a ética grupal – que tinha suas raízes fincadas no trabalho, na disciplina e na religiosidade –, deveriam sofrer sanções, a fim de manter intacta a coesão social e a vitalidade da consciência comum, que faz barreira à angústia do caos, sempre iminente para o indivíduo. Para manter a fortaleza do grupo, “para preservar a *Associação* do contágio do desinteresse, do desestímulo e da inconstância na prática de seus princípios”, era mister a conformidade às normas.

Como nos traz Foucault, “afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros [...]” (FOUCAULT, 1979b, p. 180).

Segundo esse autor

[...] só pode haver [...] certas ordens de verdade [...] a partir de condições políticas que são o solo em que se formam o sujeito, os domínios de saber e as relações com a verdade [...] Os modelos de verdade que circulam [...] em nossa sociedade, se impõem [...] a ela e valem não somente no domínio da política, no domínio do *comportamento cotidiano*, mas até na ordem da ciência (FOUCAULT, 1999, p. 27).

O autor sublinhou<sup>35</sup> que os mecanismos para a normalização das condutas, estabelecidos em códigos, advieram com as técnicas disciplinares e em sua tática estavam incluídos momentos repressivos, embora a prevenção fosse uma forma privilegiada de operar, ou seja, o controle se daria não só pela abolição de comportamentos inaceitáveis, como pela produção de características corporais, psíquicas e sociais, pela distribuição dos indivíduos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório e pelo controle do tempo individual – conforme desejável ao sistema capitalista. A esse tipo de controle social, chamou “ortopedia social”, que se “ordena em torno da norma, em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer” (FOUCAULT, 1999, p. 86-88).

Na *Associação de Santa Zita* intensificaram-se os retiros espirituais, as exortações e conselhos, as aulas de catecismo, a participação em congressos, entre outras atividades “em benefício da alma de cada associada”. Também se realizavam piqueniques e passeios, havia aulas de canto, alfabetização, assistência médica, e levavam socorro material e moral onde lhes parecesse possível. “Essa, a fórmula admirável que se encontrou para que pudessem viver, com dignidade e sob proteção divina, as humildes sucessoras de Santa Zita” (RELATÓRIO À GUIA DE HISTÓRICO, s.d.). Sucessoras porque o mito de origem das zitas lhes forneceu o modelo para a conduta através do encontro com uma realidade transumana e lhes evidenciou que alguma coisa *existe realmente*, que há valores absolutos, capazes de guiar o ser humano e de conferir significação à sua existência. “O mito garante ao homem que o que ele se prepara para fazer *já foi feito*, e ajuda-o a eliminar as dúvidas que poderia conceber quanto ao resultado de seu empreendimento” (ELIADE, 1972, p. 125).

---

<sup>35</sup> Refere-se a isso de diferentes formas em diversos de seus escritos, inclusive em *Vigiar e punir* (1977, p. 111, 130-153, 160-163, 258).

Ao rememorar o mito e reatualizá-lo, espera-se pelo renascimento e transcendência, pois, através do poder dos ritos, o indivíduo se deixa impregnar pela atmosfera sagrada, reiterando sua criação, “vivendo o mito” (ELIADE, 1972, p. 22) como uma experiência verdadeiramente religiosa, distinta daquelas da vida cotidiana. Especificando de que modo “[...] uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, seja apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição” (ELIADE, 1972, p.11), os mitos de origem justificam uma “situação nova” que recorda os momentos essenciais da Criação do Mundo, assim prolongando e completando o mito cosmogônico ao narrar como, por quem e em quais circunstâncias o Mundo foi modificado por meio de eventos grandiosos e, em parte, recuperáveis por meio dos ritos.

Eliade indica que, sendo o Cosmo aquilo que é perfeito, harmonioso, fértil, tudo o que se lhe assemelha se caracteriza como sagrado. Fazer bem alguma coisa – trabalhar, construir, criar, estruturar, entre outras ações – equivale a trazer algo à existência, dar-lhe “vida”, fazê-la assemelhar-se ao Cosmo, obra-prima exemplar dos deuses (ELIADE, 1972). Ao realizar seu trabalho de modo exemplar e conduzir-se pela vida de maneira ilibada, as zitas estariam procurando pelo Cosmo, pela ordem e afastando o caos com seus riscos e incertezas.



**FIGURA 4 – As zitas da Associação**

A narrativa de Matilde ilustra os ritos da *Associação* e seus símbolos, os quais ajudavam a congregar as zitas, identificadas com o drama narrado, numa demonstração de consideração e admiração.

Antigamente a gente tinha a missa na Boa Viagem, durante muitos anos a Associação era tão grande, tão grande que enchia os bancos da Boa Viagem, de um lado e de outro, do princípio ao fim. Nas procissões tínhamos ‘o nosso local de destaque’. Qualquer movimento da Boa Viagem, qualquer, a Associação era incluída. E nós usávamos saia marrom, blusa branca, escrito: ‘Associação de Santa Zita’. Beleza. É. Todas uniformizadas. Temos o estandarte de Santa Zita: era com baldezinho, tirando água do poço. Nas procissões saía a Irmandade toda com o estandarte, né? (MATILDE, 1ª reunião realizada em 2008).

As *Obras Sociais* cresciam e era preciso encontrar pessoas dispostas a trabalhar, pessoas que pudessem oferecer contribuição, tal como as zitas o faziam. A partir de 10 de fevereiro de 1963, as *Obras* passaram a contar com a assistência das *Irmãs Gracianas*, cuja central está sediada em Caratinga, MG, para ajudar na assistência social, a convite de Padre Paulo Rególio. Irmã Graça<sup>36</sup>, a primeira administradora da Casa Santa Zita, destacou em sua entrevista os trabalhos então desenvolvidos pelas *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*:

Eu trabalhava na catequese e na assistência social aos pobres, comandando o trabalho. As zitas não moravam lá na casa, mas elas ajudavam muito a gente. O Padre Paulo Rególio tinha aquele carisma, aquele amor apostólico aos pobres, sabe? Naquela época, tinha pensões que amparavam os tuberculosos e os cancerosos no hospital. Fazia uma ficha, direitinho, e aí fazia um almoço lá no Centro Social para toda a pobreza. Ele ia muito à favela e chamava o pessoal para o Centro Social, que existe até hoje. [...] E fazíamos teatro, fazíamos corte e prática da costura para angariar dinheiro para ajudar na manutenção das obras do padre, que gastava com tanto almoço, o salão da casa sempre cheio. As *Obras Sociais* mantinham um ponto de assistência social de saúde, tinha um médico que atendia, eram distribuídos muitos remédios, roupas... Então a pobreza toda era atendida ali (IRMÃ GRAÇA, entrevista realizada em 2008).

Em 1952, Padre Paulo Rególio assumiu o cargo de diretor da *Associação de Santa Zita*, no qual permaneceu até sua morte em setembro de 1987, conforme as atas da referida associação. Essas atas permitem acompanhar o crescimento das *Obras Sociais da Paróquia Boa Viagem* e reconstituir a história dos asilos a ela vinculados. Podem ser recompostos os planos do Padre Paulo Rególio, as propostas em curso, os desafios experimentados e demonstrações de como circulava a comunicação naquele ambiente. As zitas, além da taxa estipulada para o fundo de reserva aplicado na Caixa Econômica desde 1935, com vista à implantação de sua “Casa de Repouso”, que posteriormente se tornaria a *Casa Santa Zita*, contribuíam com seu trabalho nas quermesses, rifas, listas, carnês, jantares beneficentes, festivais de canjica, almoços, festas comemorativas, para obtenção de renda que pudesse auxiliar na manutenção dos muitos programas e ações, favorecendo a ampliação e consolidação das *Obras Sociais*. Como colaboradoras, tinham acesso às informações dos

<sup>36</sup> Nome fictício, referente à primeira das Irmãs Gracianas a vir trabalhar nas *Obras Sociais*.

acontecimentos, o que as valorizava, e essa forma de interação certamente reforçava o sentimento de devoção ao Padre Paulo, expresso por Matilde em suas narrativas.

A presença dos padres Paulo Rególio e Álvaro Negromonte na vida dessas empregadas domésticas, como líderes cuja autoridade era sustentada pela força e tradição da Igreja, se atrelava também ao carisma – um poder de influência que se fundamentaria “na revelação atual ou na graça concedida a determinada pessoa” (WEBER, 1999, p. 198) e que servia como fonte de inspiração, intuição e persuasão racional. Suas ações, como líderes, surtiam efeitos como se as zitas “tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (obediência)” (WEBER, 1999, p. 191). Elas mostravam-se convictas, em sua conformidade, conduzidas por um sentimento de obrigação, pelas vantagens pessoais obtidas e por uma motivação que “pode fundar-se no puro afeto” (WEBER, 1986, p. 128). O reforço à coesão grupal e à existência do próprio grupo advém da oportunidade de se oferecer valores e sentidos aos agentes em suas relações sociais. Os padres, membros da Igreja, os ofereciam e, ainda, os vinculavam ao mito inaugural de Santa Zita, consagrada como milagrosa.



**FIGURA 5 – Padre Paulo Rególio e paroquianas**

No caso específico do Padre Paulo Rególio, ao formular e anunciar suas intenções, sonhos e projetos, estimulava, conforme os relatos de Matilde, um sentimento de unificação e de pertencimento ao grupo em nome da causa nobre pela qual lutavam sem esmorecer, tendo à frente o líder que as incluía e nelas incutia o senso de pertencimento a uma irmandade, a um projeto maior, o das *Obras Sociais*, dando sentido às suas existências. Matilde ainda alude ao período: “A turma toda vivia feliz, satisfeita, todas esperando um fim de velhice tranquila”.

A situação da *Associação de Santa Zita* se transformou quando mudou o vigário. Matilde lamenta o desinteresse do novo padre e considera que isso representou o declínio do grupo, pois tudo “aquilo que tinha sido feito foi sendo cortado”. A Associação passou a ser excluída de muitas atividades.

Quando o esteio cai, a casa desmorona né? O nosso baluarte era o Padre Paulo, que dava todo carinho, toda a atenção para as ‘minhas veinhas’, fazia o possível e o impossível, né? Após o falecimento do Padre Paulo nós ficamos sem diretor, sabe? E então foi tudo acabando, tudo isso acabando (MATILDE, 2ª entrevista realizada em 2008).

A *Associação de Santa Zita* não teve mais a representação das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* em sua direção. Matilde percebe a importância da pessoa central, que permitia identificações com seus valores, com seus comportamentos e com o ideário das *Obras Sociais*, o que levava à reprodução das concepções de vida e do humano em pauta. Ela sofre por ter encarnado aquele ideário, hoje deslocado, ou seja, houve uma mudança essencial – a autoridade carismática, fora de cena, deixa lugar a uma rotinização na Associação. A morte do líder leva à perda de sentido do grupo e à burocratização, caso ele não promova um sucessor à altura (WEBER, 1986, 1999). Embora tenham sido feitos esforços de preservação por algumas associadas, a vida no grupo passou a se basear em regulamentações administrativas, enquanto os antigos preceitos para a conduta foram perdendo o sentido pela falta do entusiasmo e do poder de incentivo do padre Paulo Rególio.

Com a morte do líder, o poder de coesão do grupo se enfraquece no decorrer do tempo. Além disso, as próprias mudanças sociais e sistemas adotados pelo Estado para orientação e fiscalização das instituições cooperam com esse enfraquecimento, pela ampliação da burocratização, conforme ilustra a declaração abaixo:

Os anos foram passando, essas zitas foram Deus levando, entraram outras para a Associação, mas não era com aquele fervor, aquele amor. Porque as primeiras tinham aquele amor, era só [...] bastava pedir uma coisa que elas estavam prontas a ajudar (MATILDE, 2ª reunião realizada em 2008).

Halbwachs (1990, p. 25-50) investigou como a identificação com um grupo e a permanência da interação entre os componentes favorecem a emersão da memória dos acontecimentos considerados marcantes, enquanto o desapego ao grupo e a impossibilidade de adoção do ponto de vista de seus membros podem levar ao esquecimento, a menos que haja pontos de contato ainda bastante significativos e plenos de afetos para que a lembrança possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. O autor indica:

É como se abordássemos um caminho que percorremos outrora, mas de viés, como se o encarássemos de um ponto de onde nunca o vimos. Recolocamos os diversos detalhes dentro de um outro conjunto, constituído por nossas representações do momento. Parece que chegamos num outro caminho. Os detalhes não tomariam com efeito seu antigo sentido em relação a todo um outro conjunto que nosso pensamento não abrange mais [...] porque há muito tempo estamos afastados dele e seria necessário voltar longe demais (HALBWACHS, 1990, p. 32).

Assim, se uma associada perdesse o contato com a Associação e, num dado momento, estivesse entre os membros da sociedade que se tornou estranha a ela, nem sempre seria fácil restabelecer o contato interrompido. No caso das novas associadas, que não teriam presenciado as situações instauradas pelo líder, as reminiscências das antigas, sempre reunidas, não encontrariam eco em seus espíritos. O interesse é condicionado pela maior ou menor submersão à corrente de pensamento coletivo de um grupo e pelas influências de outros grupos com os quais nos envolvemos.

Consultando o último dos livros de atas, Matilde e a presidente atual da Associação informam sobre o número de participantes atualmente:

Hoje, o número das associadas frequentes às reuniões mensais soma dezoito. Outras doze pouco frequentam os encontros; a maioria é composta de pessoas muito idosas e com dificuldades para locomoção. E umas mais novas, não sei por que não vêm, parece que não se interessam, né? [...] Então, como eu falo, se não fossem as zitas internas, a Associação tinha terminado, porque as externas não participam (MATILDE, 1ª reunião realizada em 2008).

Segundo uma das dirigentes da antiga *Escola das Domésticas e Pensionato Maria Imaculada*<sup>37</sup>, as moças não querem mais se submeter à escravidão do serviço doméstico, querem trabalhar com *telemarketing*, em lojas, supermercados, e algumas das que residem na instituição fazem também faculdade. O acesso à informação facilita a percepção de que escolhas podem ser feitas dentro do imenso rol de profissões, num mundo com mais possibilidades de trânsito entre as esferas sociais, enquanto, outrora, a relação com a profissão era muito mais estável e definida.

Essa tendência reforça o declínio desse tipo de associação, explicado, ainda, pela ausência de liderança que sustentasse a sua posição e pela mudança no lugar concedido à *Associação de Santa Zita nas Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*.

<sup>37</sup> A *Escola das Domésticas e Pensionato Maria Imaculada*, hoje *Centro Maria Imaculada de Promoção das Jovens*, situada nas adjacências da Catedral da Boa Viagem em Belo Horizonte, é uma das obras da Congregação Religiosas de Maria Imaculada, com sede na Espanha. Recebia pensionistas e também pessoas que trabalhavam como domésticas. Nesse caso, enquanto aguardava emprego, facilitado pelas Irmãs, a candidata prestava auxílio nas atividades da casa. Segundo a atual dirigente, a *Escola das Domésticas* foi fundada para apoiar essa classe “mais castigada”; as moças vinham do interior para trabalhar no serviço doméstico e encontravam ali uma moradia temporária. Muitas residentes da Casa Santa Zita tiveram vínculos estabelecidos com a referida instituição.

### **3.2 A instauração dos asilos vinculados às Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem**

Este item trata da instauração das instituições asilares mantidas pelas *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*. Inicialmente, é apresentada a trajetória da Casa Santa Zita, sua situação atual, como um espaço de conquista que, gradativamente, foi sendo descaracterizado, desvinculando-se de sua motivação original.

A integração do Recanto às *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* e sua inter-relação com o Asilo Santa Isabel e com a *Associação de Santa Zita* são também detalhadas.

Finalmente, a situação atual do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem é contextualizada, mostrando-se, ainda, as representações que dele têm tanto algumas pessoas ali internadas, quanto residentes da Casa Santa Zita que visitaram o lugar. São feitas referências, também, às representações do Recanto elaboradas por parte de sua própria equipe de trabalho.

#### **3.2.1 Apresentação da Casa Santa Zita: seu histórico e sua situação atual**

A Casa Santa Zita foi inaugurada pelo Padre Paulo Rególio como “Casa de Repouso”, então situada na Rua dos Aimorés, entre as ruas Alagoas e Pernambuco. Há divergências nos documentos quanto à data de sua inauguração, podendo ter sido em 1954 ou 1957. A “Casa de Repouso” acolhia as empregadas domésticas vinculadas à *Associação de Santa Zita*, que eram, em sua maioria, provenientes do interior do Estado. Elas permaneciam geralmente muitos anos junto das famílias para as quais trabalhavam e, no caso de estarem em férias, desempregadas ou em razão de envelhecimento, doença, parto, pós-operatório, eram ali abrigadas. O *Jornal Lar Católico* de 28/04/1985, em entrevista com Matilde, então presidente da Associação, confirma as modalidades de atendimento da Casa Santa Zita, que não se caracterizava como um abrigo apenas para idosas. Também Maria, de 94 anos, relata em entrevista ter passado um período de suas férias naquela “Casa de Repouso” das zitas, quando ainda situada na Rua dos Aimorés, período em que pôde descansar da casa dos patrões.

Conforme o livro de atas da *Associação de Santa Zita*, em 17/08/1969, o estatuto da Associação de Santa Zita foi discutido, e Padre Paulo estabeleceu que, no caso de serem as zitas idosas e inválidas, a Casa Santa Zita se constituiria, para elas, em abrigo definitivo.

Irmã Graça veio para Belo Horizonte em 1963 e tornou-se uma grande colaboradora das *Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*. Ela forneceu informações sobre a fundação da Casa Santa Zita, implantada para acolher as zitas. Foi incumbida de sua administração por um período, acumulando a função de direção do Asilo Santa Isabel, no Bairro Serra. Isso até que novas Irmãs de sua congregação chegassem e pudessem assumir as atribuições que impediam Irmã Graça de se dedicar integralmente à Casa Santa Zita. Foi transferida pela congregação e, novamente requisitada, voltou a contribuir por mais dois anos na Casa.

Em 1965, Padre Paulo dialoga com as zitas sobre a permissão para a entrada de algumas pessoas de outras profissões ou estilos de vida, que residiriam como pensionistas na Casa, pagando um valor maior pela moradia, o que proporcionaria às *Obras* e à Associação renda mais significativa para a conservação do estabelecimento. Essa decisão de facilitar o acesso de pessoas de maior poder econômico à vida no asilo foi tomada pelo padre também em sua gestão no Asilo Santa Isabel.

A Casa Santa Zita passou por várias reformas, ao longo dos anos, a fim de oferecer melhores condições de higiene para suas internadas. Buscou-se, ainda, adequá-la às características de instituição para idosos que veio a adquirir, sendo construída uma rampa, assim como instalado um elevador para facilitar o acesso ao andar superior.

Em 1969 a Casa Santa Zita tornou-se um departamento da FOSP BV.

No final de 2008, a Casa Santa Zita, uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), situada na Rua Alagoas, 315, próxima à Catedral da Boa Viagem, está sendo novamente ampliada. Trata-se de uma casa simples, com capacidade para vinte e sete idosas<sup>38</sup> e onde também residem algumas Irmãs de Caridade, que conservam o ambiente sempre muito limpo, organizado e receptivo aos familiares, visitantes, estudantes.

A Casa possui, em seu quadro de colaboradores efetivos, doze funcionários, entre os quais: quatro Irmãs Gracianas, um médico geriatra que atende às idosas uma vez por semana, quatro cozinheiras que se revezam, duas faxineiras e uma lavadeira/passadeira. Possui dois quartos duplos, vinte e três quartos individuais, sendo que destes, doze são suítes. Conta com

---

<sup>38</sup> Entre as vinte e sete idosas, quatro são viúvas, o restante, solteiras. Mais da metade é pensionista, sendo as zitas em menor número, atualmente.

um consultório, uma lavanderia, uma cozinha com refeitório, área externa cimentada para banhos de sol, uma sala para receber visitas e uma pequena área multiuso, além de uma saleta próxima ao refeitório e uma capela.



**FIGURA 6 – Refeitório da Casa Santa Zita**

Quanto ao mobiliário, as idosas podem levar os seus, bem como adquirir ou ser presenteadas com equipamentos diversos, como televisão, rádio, entre outros. As roupas são pessoais e cada uma tem objetos e artigos para uso próprio.

Entre as Irmãs, há uma divisão de atribuições na casa, para facilitar sua dinâmica, sendo uma delas universitária de enfermagem. Essas religiosas participam de muitas reuniões com a Prefeitura, devido aos convênios relativos à alimentação e ao Programa Vida Ativa. Também frequentam os encontros com os responsáveis pelo SUS, atendem às muitas visitas, aos universitários, às idosas que reivindicam um espaço para moradia. Ficam aos domingos e feriados na Casa e zelam pelas idosas, a não ser quando têm compromissos religiosos, como os encontros na sede da Congregação.

A Casa Santa Zita recebe auxílio de benfeitores e de empresas parceiras e mantém convênios com universidades. São muitas as visitas de voluntários principalmente aos domingos, tanto para conversarem, quanto para oferecerem alimentos e atividades que quebrem a rotina, como as relacionadas com música e dança. Parentes de uma das moradoras

oferecem semanalmente flores para a capela, ficando a cargo de uma das zitas apanhá-las na Feira de Flores.

Segundo uma de suas antigas coordenadoras<sup>39</sup>, há grande procura de vagas devido à localização da Casa Santa Zita e de seu sistema de “casa aberta”, que propicia o convívio “dentro das normas, das regras da casa, com todo acolhimento e toda liberdade”. Essa Irmã coordenadora assegurou que as pessoas que procuram a Casa o fazem por livre vontade, não tendo percebido nas idosas que ali chegam sinais de maus-tratos pelas pessoas do ambiente em que antes viviam, fossem familiares ou patrões. Mas comentou que no mundo de hoje as pessoas estão “muito preocupadas em viver para si mesmas”. Ela observava a resistência de algumas zitas em retornar às suas cidades, possivelmente pela perda de vínculos significativos.

A maioria das idosas da Casa Santa Zita tem independência para as atividades da vida diária e, acostumadas a viver incrustadas numa área privilegiada da cidade, rica em recursos como sacolão, padaria, farmácia, igrejas, academia para hidroginástica, clínica de fisioterapia e ainda muito próxima à região hospitalar – o que é amplamente valorizado em face dos problemas de saúde decorrentes da idade –, podem participar ativamente da vida comunitária. Há entre elas quem preste serviço voluntário à comunidade e aquelas que acompanham as colegas a médicos e a exames, oferecendo ajudas individuais a quem manifeste qualquer debilidade física, compondo uma rede de apoio constituída conforme as afinidades.

Na Casa Santa Zita há um ritual que disciplina, que confere uma cadência e um ritmo à vida dos idosos pela sequência das atividades diárias: os horários de refeições, missas, ladainhas, chegada à noite, entre outros, bem definidos. No refeitório da Casa, um grande calendário feito pelas Irmãs Gracianas marca o dia do mês, o dia da semana e o ano. As idosas, assim, se situam no tempo. Apesar dos horários estabelecidos, pode ser observado que as residentes têm liberdade de buscar no refeitório um lanche para se alimentarem no quarto, antes de dormir. Também as atividades com estagiários sofrem variações que, se por um lado trazem descontinuidade, também propõem certa abertura ao novo e mobilização cognitiva. A criatividade dos voluntários evita o tédio na instituição. Uma senhora que fez o curso de Cuidadores de Idosos deu início a um trabalho a que denomina *Dedinho de Prosa*, e outras três senhoras estão ensinando bordado e pintura em tecido, crochê e tricô, com boa participação, tendo sido realizado um bazar com os produtos.

---

<sup>39</sup> Essa coordenadora, também uma Irmã Graciana, esteve no cargo até os primeiros meses de 2008.

A Casa Santa Zita não se enquadra na concepção de instituição total (GOFFMAN, 2005) pela possibilidade de movimentação das idosas por outros espaços, pelo respeito à identidade pessoal favorecida pelos móveis e objetos próprios, pela história construída na Associação (no caso das zitas), pela não obrigatoriedade de participação nos eventos e nas atividades programadas, pelo contato com estudantes e visitantes na instituição e pela possibilidade de participação em algumas das decisões tomadas em reuniões com os gestores.

A atual coordenadora da Casa Santa Zita foi chamada a ocupar o cargo em final de março de 2008, porém ali reside há cinco anos. Mostra-se preocupada com a heterogeneidade entre os diferentes grupos de moradoras. Ela se refere ao grupo das empregadas domésticas (zitas) de um lado e, de outro, ao das pensionistas que ali se “hospedam” de modo permanente e ajudam a instituição a se autossustentar. Relata que as Irmãs se esforçam para eliminar essa diferença, o que, no entanto, não é fácil.

A heterogeneidade cultural e social entre as moradoras foi facilmente detectada nos trabalhos em grupo, manifestando-se na diferença de posturas das idosas: umas mais seguras, outras intimidadas pelo discurso desqualificador a elas dirigido. Nessas situações, as zitas deixaram entrever algum constrangimento, pois residem na Casa idealizada para elas, estiveram contribuindo mensalmente com a *Associação de Santa Zita* durante anos, para assegurarem seu direito à moradia, e trabalharam duramente para sua implantação. No entanto, geralmente se calam diante das pensionistas, comentando entre si sobre o incômodo que sentem.

Aqui se parece estar frente a frente com situações de construção da identidade por antagonismo, no seio de diferentes grupos que convivem cotidianamente e que reproduzem as diferenças das classes na sociedade.

Os três relatos, a seguir, colhidos durante a entrevista, revelam as profundas diferenças e a desigualdade que permeiam as relações dentro da instituição. O primeiro deles ilustra a apropriação das oportunidades por parte de membros de uma elite, a fim de assegurar sua posição social:

Eu não te falei que tenho 68 diplomas! A gente estudou! Agora, eu tenho um diploma que é porque eu cheguei no meio do mundo, em Macapá. Lá está o meio do mundo e o governador dá um diploma para quem chegar lá! Eu tenho Pedagogia, Orientação Educacional, Administração, Supervisão, Magistério do ensino normal. [...] Tive muita sorte na minha carreira porque assim que eu formei, eu fui nomeada como Diretora, porque olha aqui, a minha família era muito amiga do Juscelino Kubitschek. [...] Já escrevi dois livros. Escrevi também num livro da Prefeitura,

*Contos de todos nós*, e o meu conto foi premiado. Eu tenho facilidade para escrever. Poesias, já fiz muitas, sabe? (MAGDA, 91 anos, pensionista, reside há 20 anos na instituição; entrevista realizada em 2008).

O depoimento apresentado aparece aqui como um exemplo da necessidade de se criar uma diferença para preservação da identidade, numa luta contra tudo o que tenta dissolvê-la, como o caso de estar excluída do trabalho, de não mais exercer os papéis sociais que lhe davam ancoragem. Magda volta ao passado tentando resgatar aquilo que lhe deu sustentação e de que precisa para se manter estável.

O segundo relato é de Maria, antiga empregada doméstica, uma associada zita. Revela a opressão, o desolamento diante das circunstâncias pessoais e a resignação de quem gostaria de ler, mas sofreu um bloqueio de aprendizagem pela intransigência e maus-tratos recebidos na infância. Foi criada pela irmã e seu cunhado desde os seis anos. O cunhado saía, e as duas, “isoladas naqueles matos”, criavam as crianças do casal, trabalhando na enxada, de segunda a sábado. Por isso “é que eu não tenho assunto nenhum, sou muito parada, muito boba, não sei ler, não estudei, eu não tenho assunto nenhum”, justifica, demonstrando consternação.

Eu não escrevo mesmo! A primeira letra ainda vai, que é M... É grande! O M é danado de grande. Eu não sei escrever. [...] Eu já tive na escola duas vezes e não aprendi assinar nem o nome! Já tive lá no Colégio Arnaldo, à noite. Estive na escola de criança, mas no tempo que era criança, eu não aprendi nada. Depois, já na cidade onde fui trabalhar, fui estudar à noite, também não aprendi. É, esse negócio de leitura [...] Eu apanhei demais para aprender oração. Meu cunhado me batia muito, ele que me ensinava. Tinha que ficar de joelho perto dele. E eu com aquele medo, não aprendia nada! Uma hora difícil! Depois que eu saí, liberei, eu aprendi minhas orações. [...] Deus que perdoe ele! (MARIA, 94 anos, solteira, há 26 anos reside na instituição; entrevista realizada em 2008).

Maria se deprecia ao se descrever. No seu entendimento, o fato de não saber ler a desqualifica como pessoa, sendo essa uma das vias pelas quais conforma sua identidade. Entretanto, como será visto, no capítulo IV, também encontra sustentáculo em sua lucidez, coragem, capacidade de iniciativa, esforço e determinação, fontes benéficas para se manter bem, em seus noventa e quatro anos. Referindo-se à leitura, Maria diz que “teria mais assunto”, imaginaria mais, abriria seus horizontes. Importante trazer a afirmação de Matos (2006) de que *e-ducere* quer dizer “conduzir para fora de” (MATOS, 2006, p. 55), evocando o itinerário de um ponto a outro, a ser percorrido por alguém a quem se convida a fazê-lo com amor e amizade. Maria não teve o amor e a amizade necessários para seu aprendizado.

O terceiro depoimento exemplifica a dificuldade em compartilhar a alegria e em reconhecer o saber informal do outro:

Eu percebo, porque ninguém é bobo, que certas pessoas não simpatizam comigo, porque querem que eu caia na gargalhada, como elas fazem [...] eu não sou disso, eu não fui acostumada assim, então eu evito. Tudo é para rir, tudo é para rir, deboche, sabe como é isso? Isso revela o quê? Revela atraso de vida, ignorância, mas depois eu penso bem e vejo que elas não podem mostrar mais do que isso. Elas foram empregadas domésticas, não é mesmo? (DIRCE, 81 anos, reside há pouco mais de 4 anos na instituição; entrevista realizada em 2008).

A constatação da diferença social, a dificuldade em dizer “nós”, o que poderia integrar a todas como mulheres num mesmo mundo, se faz presente no enunciado de Dirce.

Segundo a atual coordenadora, as zitas ajudam na portaria voluntariamente, revezam-se sem qualquer interferência da coordenação. Têm muita disposição para buscar uma verdura no sacolão sempre que necessário, assim como vão levar ou buscar um documento no escritório da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, situado nas proximidades. Também ajudam a regar as plantas, o pequeno jardim, a lavar louças, roupas e a passar uma vassoura no recinto.

Observa-se o *ethos* do servir ainda moldando suas identidades de empregadas, reforçado pela imagem de Santa Zita, presente na capela da Casa, reverenciada por todas as zitas.

Numa das visitas à Casa Santa Zita, Ricardina, uma das idosas, comentou sobre o quanto gostaria de aprender a ler, sendo essa a sua maior expectativa e o que mais a mobilizaria. A manifestação desse desejo suscita indagações sobre os relacionamentos na Casa, que conta, entre as pensionistas, com professoras e diretoras de escolas. Foi constatado, na ocasião, que duas pensionistas se dispuseram a ensinar em particular a uma ou outra zita por quem sentiam maior afinidade, porém uma dessas pensionistas precisou interromper o processo por adoecimento de familiar, a quem foi assistir. Não obstante as diferenças e situações discriminatórias dentro da Casa, criada pelos próprios grupos, que reproduzem padrões da sociedade mais ampla, soube-se de uma pensionista que prestou auxílio financeiro à Casa Santa Zita para solucionar problemas emergenciais apontados por órgãos fiscalizadores, outra ofereceu festas no Natal para alegrar a todas no ambiente e colaborou no planejamento anual das atividades. Pôde-se observar, ainda, a valorização pública de uma zita por uma pensionista, ajudando-a em seu processo de autoconsideração, fortalecendo o sentido de unidade do eu em momento de vulnerabilidade, conforme seu relato:

Você viu o que ela falou a meu respeito, né? Que sou sempre alegre. Graças a Deus! Toda vida eu fui assim. Ela falou muita coisa boa, que eu sou uma pessoa [...]

resignada, que ela nunca viu igual a eu. Toda vida eu fui alegre, ela nunca me viu de cara fechada, ela falando, né? Você tá me vendo assim, eu toda vida fui assim! Não fico com raiva de ninguém. [...] Às vezes tem uma discussão, igual eu tive essa semana, mas já passou. A Dona 'Cilmara', ela tem problema de ... Você precisa ver que desaforo que ela fez comigo. Eu não posso sair no escuro para fazer xixi. Nós aqui somos muito unidas, nós não brigamos, não. Essa discussão foi a primeira vez. Ela falou assim: 'não acende a luz, porque você não faz nada'. Eu falei assim: 'Se não fosse minha perna, eu estava na portaria também'. Mas você tem que ver o que ela falou comigo, pôs eu abaixo de zero! Ela falou uma besteira, precisava de ver. 'Que minha perna tá assim... (riso tenso) por eu fazer mal pros outros'. Todas me gostam, minha filha. Só essa chata que veio me encher aqui! (sussurra) (MARTA, 86 anos, zita, reside há quase oito anos na Instituição. Entrevista realizada em 2008).

Marta é pessoa querida pela maioria, mas incomoda essa outra zita por suas limitações físicas: um grave problema na perna a impede de prestar auxílio nos trabalhos da casa como as outras o fazem. Já bem idosa, necessita de cuidados especiais para uso do banheiro. Vítima de insultos por ter acendido a luz do corredor à noite, numa parte da casa em que existem divisórias não inteiriças separando os ambientes, mostrou-se magoada e sensibilizada. Procurava reencontrar-se e refazer-se por meio da recordação do elogio proferido pela colega pensionista no trabalho em grupo que antecedeu nossa entrevista.

Foi possível nessa e em outras situações observar que as dificuldades de relacionamento podem ocorrer também dentro de cada um dos grupos, demonstrando que as questões relacionais se dão para além de diferenças socioculturais. Isso porque as diferenças relacionais são formas de manter as identidades que tendem a se diluir num ambiente de homogeneidade, construído a partir "de fora", do exterior, por regulamentos e regras de conduta que se aplicam, inclusive, a outras instituições. Frente a isso, as pessoas resistem à dissolução por meio daquilo que, num primeiro momento, aparece como dificuldade de relacionamento.

O administrador da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* mostra seu esforço em lidar com as interações na Casa Santa Zita:

Implantamos uma metodologia diferente, a de escutar a cada uma das idosas, compartilhar com elas todos os problemas, críticas, soluções. Dando voz ativa para a idosa, como também para o nosso colaborador e a Congregação, nós conseguimos reduzir conflitos. [...] Um bate-papo informal em que nós sentamos, eu, a Congregação, coordenação e deixamos livre. Temos a pauta para falar de certos assuntos, alguns informativos da Instituição como um todo, da casa, de projetos, de futuro e elas se manifestam, reclamam, agradecem, dão a sua ótica da coisa. E muitas ideias hoje implantadas na Instituição foram delas (ADMINISTRADOR DA FOSPBV; entrevista realizada em 2008).

A coordenadora da Casa Santa Zita comenta sobre a ideia de convidar os familiares para reuniões, “porque ali se vê de tudo, desde os que gostam de visitar, acompanhar, promover festas, doar flores, telefonar sempre, os que vêm de longe visitar e trazer dinheiro, até os que não têm paciência nenhuma para ouvir a idosa”. Nesse caso, há queixas de solidão e grande desalento, ela constata.

O sentimento de não ser importante para alguém que lhe é significativo, de ter perdido seu lugar junto àquela pessoa, de sentir que está incomodando, sendo “demais” na vida do outro, gera um mal-estar considerável e perceptível nas expressões, nos gestos do idoso. As quebras de laços são fatores de desenraizamento e de despersonalização. No entanto, raríssimas vezes o idoso consegue falar disso claramente em poucos encontros, embora sinalize, por vezes mencione, usando de reticências, o sofrimento subjacente. Isso está em conformidade com a leitura de Portelli (2000) sobre a história oral e a importância do respeito aos silêncios e às reticências do interlocutor. A pessoa busca se defender daquilo que é sentido como insuportável.

Quanto aos universitários realizando estágios na casa, a coordenadora atual (2008) explica que as idosas não gostam que se aproximem dos quartos. Preferem se resguardar e assegurar a privacidade. Os dirigentes, atentos à necessidade de mudança no modo de administrarem essa questão, organizaram um cronograma das oficinas e sessões terapêuticas oferecidas pelos estudantes e especificaram os locais das atividades, para os quais as participantes são encaminhadas no horário definido.

Como já sinalizado, por meio de convênios com a FOSP BV, a cada semestre pode variar a presença, na instituição, das diversas universidades com seus estudantes e supervisores de estágios e podem variar também as áreas de conhecimento aplicado às idosas. Essa dinâmica, apesar de benéfica, traz interrupções nos processos desenvolvidos, gerando nas residentes a impressão de que os estudantes usam a Casa Santa Zita como local de aprendizagem, mas não de intervenções que resultem em melhorias duradoras, efetivas, em sua situação pessoal ou grupal, tampouco no modo de funcionamento da Casa. No caso específico desta pesquisa, as entrevistas se fizeram acompanhar por trabalhos grupais que alcançaram necessidades do momento, tendo gerado debates entusiasmados. Foi promovida, em decorrência de um dos encontros, uma Mostra de Talentos, na qual as residentes puderam se expressar e revelar suas potencialidades, recitando poesias e cantando músicas por elas compostas, expondo peças de artesanato por elas confeccionadas, entre outras atividades.

Ainda quanto aos convênios, tem havido continuidade nos trabalhos ofertados em educação física pelo Programa Vida Ativa, mantido pela Prefeitura em parceria com uma universidade, duas vezes por semana com a presença de um professor e seis estagiárias. Outro convênio que parece estável se refere a sessões de fisioterapia especializada para idosos, graças à parceria feita com uma faculdade cuja clínica-escola se localiza nas adjacências da Casa Santa Zita. As idosas receberam atendimento apenas na clínica até certo momento de 2008, a partir do qual aquelas com maior dificuldade para se locomover começaram a receber o tratamento na própria instituição onde residem. Para a coordenadora da Casa Santa Zita (2008), “a parceria trouxe ótimos resultados para as idosas, não só pela melhoria visível nos quadros clínicos, mas também pela alegria e descontração que as residentes demonstravam quando tinham o atendimento”. Ela prossegue, parecendo entusiasmada, “elas estavam conversando mais entre si e ficavam aguardando o dia dos atendimentos”.

Segundo essa gestora, o cotidiano é particularmente exigente para as Irmãs na lida com as idosas, no sentido de estarem prontas a ouvir, de ficarem junto a cada uma, pois isso lhes requer disponibilidade emocional, paciência e a capacidade de se desligar temporariamente dos outros afazeres. Zelasas, elas procuram oferecer de modo individualizado conforto, cuidado especial.



**FIGURA 7 – Capela da Casa Santa Zita**

Refletindo sobre a diferença existente em relação ao Recanto, algumas das idosas da Casa Santa Zita realçaram as contrastantes disponibilidades de recursos no entorno dos estabelecimentos, quando cotejadas suas particularidades em termos de disposição geográfica.

Os enunciados a seguir surgiram naturalmente ou a partir de indagações feitas durante os encontros e esclarecem a respeito das representações que têm dos dois ambientes:

Se eu já fui ao Recanto? Eu já fui lá há muitos anos! Quando eu estava boa ainda [...] Ah [...] lá tem muito idoso. Lá é [...] mais de dois tanto que aqui, é enorme! Nossa Senhora, é muita gente lá! Eu [...] não gosto muito de lá não, é muito deserto! Ah [...] é muito longe! É longe minha filha, pra a gente que já [...] Se adoecer, até arrumar médico e tudo [...] Eu [...] se fosse para a gente ficar lá, eu falo com você mesmo, eu não queria não! Aqui, aqui a gente está dentro, né? Dentro da cidade! Lá é bom para esses idosos que não fazem mais nada, que ficam na cama, cê acha que uma pessoa nova assim, como uma dona que mora aqui e que ficou lá, dá conta? Ela renegou de lá. Ela mora aqui naquele quarto em cima. Eu acho que, se fosse pra eu ficar lá, pode acostumar, mas eu não queria, não! Aqui nós temos a nossa casa arranjada pela *Associação de Santa Zita*, então eu vim (MARTA, 86 anos, solteira, sem filhos, foi empregada doméstica, reside há quase 8 anos na Casa Santa Zita; entrevista em 2008).

Tem muita gente querendo vir pra Casa Santa Zita e não tem lugar [...] [ri] [...] Tem muita gente que não pode vir porque está tudo cheio. Quer dizer que é bom, porque se fosse ruim ninguém queria, né? Quem quer ir pra lugar ruim? Lá pro Recanto, eu não quero ir, porque é mato. Eu fui criada no mato, mas já desacostumei [...] Gosto de ficar aqui, já me acostumei aqui nesse meiinho. Oh! Fui criada na roça, no mato mesmo, trabalhando na enxada, mas já desacostumei (MARIA, 94 anos, solteira, sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 26 anos na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

Eu até brinco de vez em quando e falo: se eu ficar inválida, eu então mudo daqui lá para o Recanto, é outro asilo da Boa Viagem, e lá recebe pessoas deficientes mesmo, inválidas. Aqui tem que ter uma acompanhante e eu não sei se eu terei condições de pagar uma acompanhante. Se bem que minha família não ia deixar, ia me ajudar a pagar essa acompanhante, eu tenho certeza (ILCA, 83 anos, solteira, sem filhos, reside há 4 anos e 6 meses na Casa Santa Zita, como pensionista; entrevista realizada em 2008).

Essas três senhoras, ao falarem sobre o Recanto, podem estar exprimindo fantasias de abandono e solidão, sugeridas pela vastidão de seu espaço interno e externo, pela sua maior população, pela sua distância em relação ao centro da cidade, trazendo a impressão de um lugar ermo, árido de relações significativas e pleno de desamparo.

Estando na Casa Santa Zita, elas se sentem “dentro” da cidade, do mundo movimentado das pessoas que trabalham, caminham pelas ruas e passeiam na praça defronte da Casa, onde se situa a Catedral, frequentada por uma multidão diversificada nos diferentes horários de missas. Se estivessem no Recanto se sentiriam “fora”. “Lá, no Recanto [...]”, é assim que dizem, o que denota ser ainda vislumbrado como local de isolamento. Também lhes parece sugerir a imagem de local para inválidos, tendo em conta a estrutura oferecida de enfermagem, auxiliares, fisioterapia, nutricionista, entre outros profissionais. Por outro lado, na Casa Santa Zita, uma acompanhante se faz necessária para quem chega ao estado de invalidez ou deficiência pronunciada, porque não são oferecidos tais serviços. A família ou as

antigas patroas assumem a contratação de uma cuidadora, que dorme no quarto da idosa e lhe presta auxílio durante o dia, por vezes, revezando com outra pessoa. Quando a situação de alguma das idosas sem acompanhante piora repentinamente e requer internação, contam com a companhia de uma das Irmãs ou mesmo de outras pessoas da *Fundação Obras Sociais* no hospital, pelo tempo que for necessário. Por tudo isso, as senhoras entrevistadas que se manifestaram a respeito de suas representações do Recanto percebem as instituições como tendo duas propostas diferentes, uma prezando a vida, a outra aguardando a morte.

Como a Casa Santa Zita tivesse sido fundada em razão das associadas zitas, o administrador da FOSPBV esclareceu, em entrevista, uma das indagações da pesquisadora. Relacionava-se aos critérios, em termos proporcionais, para a entrada de pensionistas e de associadas zitas:

Bom, é um assunto que esta gestão não se preocupou em momento algum. Porque a capacidade da Casa... São vinte e sete idosas, ou seja, só mesmo por algum falecimento que se abre uma nova vaga. A estrutura que nós montamos para diferenciar isso, diferenciar não, selecionar, foi uma fila de espera, foi um banco de dados, que nós temos. E tem hoje, aproximadamente, umas trezentas e trinta pessoas na fila aguardando uma vaga na Casa Santa Zita. Ou seja, muitas dessas pessoas já nem estão na nossa convivência, já faleceram. Mas é uma fila de espera que a gente tem e isso não discriminando, ou não colocando se ela é uma pensionista, se é uma zita. Enquanto Instituição, não há diferenciação (ADMINISTRADOR DA FOSBPV, 2ª entrevista realizada em 2008).

Assim, fica claro que, tendo como referência os motivos pelos quais a casa foi fundada, houve uma mudança de foco, explicitada pelo administrador no fragmento a seguir:

Acredito que perdeu-se o foco. Hoje, a instituição como um todo é administrada por leigos sob a ótica religiosa. Ou seja, nós temos a diretoria composta por leigos e religiosos. E, naquela época, era uma casa regida por religiosos. Então, você teria que ter um padre bom em administração, uma freira boa em gestão financeira, enfermagem [...] Todas as qualificações para que se mantenha a Casa em funcionamento. Essas questões eram tratadas de uma forma [...] muito caseira, artesanal, arcaica, até! Hoje não, hoje é uma visão mais profissional, mais empreendedora, uma visão de parcerias [...] *dentro dessa ótica de que todos têm os mesmos direitos e são iguais*. [As zitas] também estão na fila de espera [...] A lógica mostrou que [...] Vamos colocar em termos bem simples. Para a instituição funcionar, ela vai ter que gerar ‘trinta mil reais’. E você não vai conseguir trinta mil reais com as zitas, pagando menos que um salário mínimo. Ou seja, a instituição tem que bancar isso. Então, por isso, houve a necessidade, sim, de abrir a porta a outras (ADMINISTRADOR DA FOSBPV, 2ª entrevista realizada em 2008).

As lógicas de mercado e de produção, trazidas pelas forças decorrentes da industrialização, influenciam as relações estabelecidas, e as fundações podem ficar impedidas

de cumprir sua função social, como originalmente se propuseram<sup>40</sup>. As domésticas residentes na Casa Santa Zita vão perdendo seu lugar, pouco a pouco. À medida que forem morrendo, suas vagas não assegurarão a entrada de outras associadas zitas, na perspectiva colocada pelo administrador. Não estão resguardadas como categoria profissional. O trabalho dinâmico das então *Obras Sociais* em favor de uma classe menos privilegiada perdeu suas bases. Entretanto, há esforços das Irmãs para garantir lugares às zitas necessitadas, quando aberta uma vaga.

Certo é que, quando Padre Paulo estava entre os membros da diretoria da *Associação de Santa Zita*, algumas vagas para pensionistas já vinham sendo discutidas com o objetivo de ajudar a sustentar seu projeto, preservando o lugar daquelas que com ele lutaram para construir o espaço, além de contribuírem para outras ações das *Obras Sociais*. Atualmente, uma nova filosofia de trabalho orienta o funcionamento dessa entidade, e a conjuntura político-econômica acaba minando as forças de participação da *Associação*, que não consegue se mobilizar para lutar pela preservação do espaço conquistado.

### 3.2.2 O Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem: da integração às Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem à sua situação atual



**FIGURA 8 – Vista parcial do Recanto e de seu jardim interno**

---

<sup>40</sup> Sobre isso: “é provável que haja desvios dos cursos de ação institucionalmente ‘programados’, uma vez que as instituições passam a ser realidades divorciadas de sua importância original nos processos sociais concretos dos quais surgiram” (BERGER & LUCKMANN, 1976, p. 89).

A inauguração do Recanto decorreu da conjugação de diversos fatores, apresentados a seguir.

Conforme informações nas atas da *Associação de Santa Zita*, em abril de 1963 a chamada Casa das Velhinhas, na Serra, passa por reformas, “pois fará 50 anos de sua fundação”. Na reunião de 16 de fevereiro de 1964, é anunciado o início das obras do Asilo Santa Isabel em terreno doado pelas “Damas de Caridade”, na Serra.

As zitas foram solicitadas a colaborar na construção desse asilo, que se torna foco de ações intensivas. Os documentos pesquisados não permitiram certificar se a Casa das Velhinhas veio realmente a integrar o Asilo Santa Isabel, pois não houve menções a essa Casa nas atas seguintes, sendo provável que assim tenha ocorrido. Em 1971, apesar de contar com mais de noventa idosos, o Asilo Santa Isabel sofria impasses relacionados à ocupação por favelados de uma área contígua à Avenida Afonso Pena, o que impossibilitava a construção de nova ala. Esperava-se da Prefeitura providências no sentido de indenizar os favelados. As atas das reuniões da *Associação de Santa Zita* datadas de 19/02/1978 e 19/03/1978 assinalam que isso não ocorreu, pois o Município optou por dar nova destinação ao local. O asilo, conforme informado por Padre Paulo, em 21/01/1979, seria vendido. Em face disso, as *Obras* adquiriram, por preço especial, o Sanatório Hugo Werneck, pois as internações haviam sido reduzidas com a possibilidade do tratamento ambulatorial da tuberculose e de o doente permanecer junto à própria família.

Como Sanatório, inaugurado em 19 de março de 1929, o estabelecimento foi construído a dezoito quilômetros do centro da Capital mineira, na Rodovia MG-20, km 14, fora do perímetro urbano. Considerando a ameaça biológica da tuberculose, motivo de exílio, o local de clima adequado e com um bosque circundante, jardins e um amplo pátio, totalizando uma área de 175.000m<sup>2</sup>, foi convertido em um espaço de cura, legitimado pelo discurso médico e higienista como favorecedor da terapêutica. Seu corpo médico era considerado altamente competente, e a qualidade de atendimento era de ótimo nível também no que se refere à hospedagem. Chegou a ser ocupado por trezentos doentes. Com o crescimento da cidade, a área está hoje situada no Bairro Ribeiro de Abreu, mas ainda mantém certa distância da parte habitada nessa região periférica da cidade.

A agregação desse estabelecimento às *Obras Sociais* foi realizada num período fundamental para que se pudesse solucionar a situação do Asilo Santa Isabel e de seus idosos, que se tornara insustentável. O Sanatório foi transformado no Recanto Nossa Senhora da Boa

Viagem, inaugurado em agosto de 1980. Espaçoso, reunia condições para abrigar muitos idosos de ambos os sexos, além de contar com local próprio para retiros espirituais.

Em 19 de março de 1979<sup>41</sup>, exatamente 50 anos após a inauguração do Sanatório, egressos do Asilo Paulo de Tarso e do Asilo Santa Isabel chegavam ao Recanto, que manteve os remanescentes do Sanatório que não tinham para onde ir, assim como moradores de rua encaminhados pela Prefeitura. Isso mostra que o Recanto não foi fundado unicamente como um asilo para velhos, mas cumpriu a função social de prover as necessidades da cidade no sentido de dar um destino aos que não eram produtivos e inseridos socialmente. Essa dupla função das instituições asilares é descrita pelo sociólogo Antonio Jordão Netto:

Uma manifesta, de abrigar e cuidar das pessoas desamparadas ou que estejam impossibilitadas de estar junto às famílias e à comunidade; e outra latente, de ‘servir como *locus*’ socialmente aprovado, de segregação de seres humanos cuja produtividade econômica e representação social foram consideradas esgotadas pelo sistema social (JORDÃO NETTO *apud* GROISMAN, 1999b, p. 174).

Mesmo mais recentemente, ali ingressaram alcoolistas, vítimas de acidentes, pessoas com problemas de saúde como os decorrentes de acidente vascular cerebral, também os que sofreram amputações, tetraplégicos, cegos, dementes, entre outros, independentemente da idade, configurando um quadro de grande heterogeneidade entre os moradores. É o caso de Wagner, cozinheiro formado pelo Senac, que se preparava para ir viver no exterior quando foi vítima de um assalto violento que o deixou tetraplégico:<sup>42</sup>

Vim foi pra deixar os filhos mais à vontade. Eles trabalham. Trabalham de segunda a sexta. Outros de segunda a sábado. E eu fico fazendo lá o quê? Fico atrapalhando. Atrapalho eles a trabalhar. Porque, se eu fico lá, a pessoa não trabalha. É um empecilho deixar eu morar com eles em casa. Mas eu fico preocupado com eles. Ficam preocupados com o trabalho e preocupados comigo, se eu estou bem ou se eu estou mal. Ficar aqui é tranquilo. Então eles largavam eu, estavam desnorteados. Eu olho meu pai ou olho meu serviço? Não sei se olho meu pai [...] A minha mãe arrumou esse lugar [...] Estava muito atarefada (WAGNER, 60 anos, viúvo, 4 filhos, reside há sete anos e 2 meses no Recanto; entrevista realizada em 2008).

Em determinada época, o Recanto abrigava duzentos e vinte internados, sendo a maioria mantida pelos parcos benefícios da antiga Fundação Legião Brasileira de Assistência – LBA. Por isso, a equipe técnica era remunerada, mas “pessoal qualificado não podia ser

<sup>41</sup> Conforme relatórios das *Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo* que ali prestaram sua assistência até o final de 2005.

<sup>42</sup> Tetraplegia é a paralisia dos 4 membros secundários a lesão medular ao nível da coluna vertebral cervical. Hospital Santa Lúcia. 2007. Apresenta informações sobre lesão medular. Disponível em: <<http://www.santalucia.com.br/ortopedia/paraplegia.htm>>. Acesso em: 11 out. 2009.

uma realidade”. Naquela ocasião os idosos encontraram ali um clima de religiosidade, facilitado pela presença de quatro padres como moradores<sup>43</sup>.

Posteriormente, com a crise econômica e com o fechamento da LBA, a condição da instituição se agravou. À medida que os residentes faleciam, infere-se que não eram substituídos, sendo os novos ingressos contidos.

Atualmente, o número de idosos institucionalizados gira em torno de oitenta e seis. Muitos deles dependem de ajuda constante – por serem cadeirantes com tetra ou paraplegia, problemas de fraturas decorrentes de osteoporose ou por sequelas de AVC e amputação de membros, ou mesmo por apresentarem estado de demência, entre outros casos.

O Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem possui cento e cinco quartos, distribuídos em cinco alas. Conta com cinco refeitórios e uma cozinha central, com uma marcenaria para manutenção dos móveis, uma capela, várias casas que se destinavam aos funcionários nos tempos de Sanatório e ainda, um pouco afastada, a Casa de Retiro, com muitos quartos e amplo refeitório, bem conservada por ser utilizada para atividades como encontros, seminários e retiros, tendo o seu auditório capacidade para mais de trezentas. Gerida com fins lucrativos, a renda é destinada a cobrir parte das despesas do Recanto.

Alguns dos idosos residentes que possuem melhor condição financeira reformaram seus quartos, reunindo por vezes dois deles, obtendo assim também um espaço usado como saleta, pequena copa e banheiro, para maior conforto. Como na Casa Santa Zita, os residentes podem levar para o Recanto pertences como fotografias, móveis, televisão, entre outros. A lavanderia é comum, mas algumas pessoas lavam roupas íntimas e outras peças pequenas em seu espaço pessoal, a que geralmente chamam “minha casa”.

Apesar das dificuldades da instituição, que tem suas instalações físicas em condições precárias, é mantida a estrutura grandiosa da época em que o local era um sanatório para tuberculosos, podendo-se vislumbrar sua beleza encoberta nas paredes sem vida, em seus jardins negligenciados, na decadência das casas dos antigos funcionários.

---

<sup>43</sup> Referências no mesmo conjunto de relatório das *Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo*.



**FIGURA 9 – Vista aérea do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem**

Conforme o administrador da FOSP BV, em 2005 foi firmada uma parceria com um Centro Universitário. Seus estagiários de Comunicação e Marketing promoveram a divulgação da realidade do Recanto nas comunidades do entorno: Tupi, Guarani, Solimões, Ribeiro de Abreu. Os efeitos foram positivos, notados na frequência de pessoas das comunidades às missas aos domingos, seguidas de visitas aos residentes do Recanto. Outro resultado foi a formação de um profissional da FOSP BV em horticultura pelo Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (COMUPRA)<sup>44</sup>, que ofereceu substratos orgânicos para a horta do Recanto, cuja produção é hoje suficiente para atender às próprias necessidades e também às demandas do COMUPRA. Essa parceria tem permitido um benefício recíproco.

Por meio de um programa dos Correios, foi possível a montagem de dois auditórios na Casa de Retiro, o que valorizou o espaço e facilita seu aluguel.

No período em que a instituição foi acompanhada para efeitos deste estudo, foi possível constatar os frutos do trabalho que a FOSP BV e seus paroquianos empreendem em benefício do Recanto: a grande cozinha, dispensas e refeitório anexo foram reformados por

---

<sup>44</sup> O COMUPRA é uma entidade que reúne moradores do Bairro Ribeiro de Abreu, na região nordeste de Belo Horizonte, com o objetivo de potencializar ações integradas realizadas pela comunidade para o desenvolvimento dos moradores do bairro e adjacências. Uma de suas frentes de trabalho volta-se à agricultura urbana e à produção de alimentos envolvendo ingredientes orgânicos. Disponível em: <<http://www.comupra.org.br>>. Acesso em 11 out. 2009.

um benfeitor; o sistema de abastecimento de água feito por dois poços artesanais foi reorganizado no final de 2008. Novas oficinas para os idosos do Recanto começaram a ser desenvolvidas, outras dinamizadas como as de Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Nutrição e Reeducação Alimentar; a fisioterapeuta atende emergências e usa o procedimento de rodízio entre as alas, no cotidiano de sua atuação. Não obstante, o quadro de funcionários não cobre as necessidades dos idosos para atividades mais especializadas.

A coordenadora do Recanto se refere às interações com um grupo de voluntários, “pessoas espiritualizadas”, que tem frequentado o Recanto:

A gente está fazendo um grupo de quinze em quinze dias. Atividades [...] Por exemplo, na semana retrasada, nós fizemos ‘Dia da Beleza’. A gente trouxe cabeleireiro, fizemos unhas. Noh, mas foi ótimo! Eu me fantasiei. Peguei aquelas anteninhas [...] de jogar no cabelo [...] Você precisava ver! Os idosos riam! Olhavam para mim, assim, e riam! Domingo agora, nós fizemos um bingo! Mas eu nunca vi tanto idoso junto! Trinta e seis idosos! Você não acredita! Eu tirei foto, tirei no celular. Divulgamos antes. Aí, a gente fez esse bingão. As meninas das alas tiveram que buscar eles para almoçar. Eles não queriam ir embora, não! Eu tive que falar que acabou. Mas foi ótimo! É domingo sim, domingo não, só de manhã. Estamos programando de trazer um coral [...] (COORDENADORA DO RECANTO, entrevista realizada em 2008).

Aqui se observa a preocupação com atividades que visam ao cuidado de si – com o corpo, com a beleza e com a alegria propiciada pelas brincadeiras – como fator de construção de uma identidade positiva, por meio de atividades diversas que podem ajudar as pessoas a se sustentar apesar do abandono, das panelinhas, das rixas, das regras nem sempre suportadas.

A coordenadora e a psicóloga atuantes no Recanto à época das primeiras entrevistas para este estudo, hoje, não mais trabalham na instituição e, em uma entrevista coletiva, trouxeram suas representações sobre o local, impregnadas das imagens do antigo Sanatório:

Nós fizemos a ikebana<sup>45</sup> também. Aqui deu uma melhorada, sabe? Na primeira ikebana, nós trouxemos as flores. Aí, na segunda, fizemos com as flores daqui. As flores não duraram, com um dia elas já estavam todas murchas. As flores externas duraram mais. Oh, eu fiquei impressionada de ver! A energia é muito negativa, até as plantas sentem. **(Coordenadora)**  
 Aqui foi um lugar de muito sofrimento. **(Psicóloga)**  
 Eu percebi que deu uma acalmada boa! **(Coordenadora)**  
 Muitas pessoas morreram aqui, por causa da tuberculose. **(Psicóloga)**

<sup>45</sup> Ikebana (生け花 "flores vivas") é a arte japonesa de arranjos florais, também conhecida como Kado (華道 ou 花道) – a via das flores. Ikebana é uma arte floral que se originou na Índia, onde os arranjos eram destinados a Buda, e personalizada na cultura nipônica, pela qual é mais conhecida. A arte foi desenvolvida de modo a incluir o vaso, caules, folhas e ramos, além das flores. A estrutura de um arranjo floral japonês está baseada em três pontos principais que simbolizam o céu, a terra e a humanidade, embora outras estruturas sejam adaptadas em função do estilo e da Escola. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/ikebana>> Acesso em 25 Ago. 2009.

Eu vim pra cá sem acreditar em nada disso. Gente, esse negócio de [...] não tem isso de espírito [...] Mas agora eu tô observando mais. **(Coordenadora)**  
 É [...] Eu acho que tem a ver. **(Psicóloga)**  
 O relacionamento dos funcionários melhorou muito. Nossa! Eu senti. A gente vai aceitando. **(Coordenadora)**  
 (ENTREVISTA CONJUNTA com parte da equipe, realizada em 2008).

Verifica-se que percebiam ali um clima pesado e atribuíam isso aos espíritos sofridos dos que ali faleceram e precisavam ser acalmados com orações e boas energias, com as flores, as brincadeiras e o riso. Possivelmente, a equipe se desgasta vendo o sofrimento de tantos idosos e necessita encontrar explicações, compreender o sentido da situação, precisa ser cuidada para poder cuidar e procurar por formas de viver melhor.

As percepções de algumas das pessoas que estão cotidianamente no Recanto, residentes ou funcionários, são ainda carregadas das significações provenientes de um local de doença, exclusão e morte.

Essa significação se contrapõe àquela dada à Casa Santa Zita, traduzida na luta histórica pela construção de um abrigo para empregadas domésticas, que demandou esforço, vontade, empenho, sendo caracterizado como um movimento pela vida, segundo as domésticas residentes da Casa. Isso se reflete agora no bem-estar das moradoras zitas, pelo senso de pertencimento a um grupo com tradição respeitada pelas pensionistas que ali residem.

Não obstante as representações negativas do Recanto, Rúbia revela gostar do ambiente, de seu bosque, de suas árvores. Um fator a considerar é que ela dirige seu carro, que já vendeu, mas com ela permanece em uso até o vencimento da carteira, que definiu por não renovar devido à surdez. Tem, assim, facilidade de locomoção e, mesmo de ônibus ou metrô, pode se movimentar, sentindo-se ainda com independência.

Eu andei procurando pensão lá em Belo Horizonte, mas não gostei, não. Aqui foi o melhor lugar, porque eu gosto de andar e tenho espaço à vontade. Se eu não tiver podendo sair para a rua, eu posso andar aqui fora, se Deus der as pernas boas para andar. De manhã levanto, tem o pessoal todo da copa, dou bom-dia pra um, pra outro. Uma senhora do bairro onde morei que eu trouxe aqui para conhecer, perguntou: 'Aqui tem segurança?' 'E lá em Belo Horizonte tem segurança?' Aqui o que é que eles vêm roubar? Só se eles vão roubar velhos [risos]. Ninguém fica com dinheiro aqui. Uma televisão ou outra que tem aqui [...]. Eu estou muito satisfeita de ter vindo para cá, porque aqui pelo menos um pouquinho útil eu posso ser!. Eu posso fazer uma coisinha aqui e outra ali. Com 82 anos me puseram como Ministra da Eucaristia, eu nunca trabalhei nisso! Uma experiência boa, muito boa. E tem essa gincana aí na minha vida. Eu nunca fiz uma gincana! Vou completar 83 anos agora, e vou entrar em uma gincana, divertido, viu! (RÚBIA, 83 anos; entrevista realizada em 2008).

Rúbia percebe o Recanto como lugar prazeroso. Viveu por vinte anos em um sítio, aprecia a natureza, o espaço disponível, assim como enxerga as árvores e suas flores, tendo no lugar um refúgio junto à “natureza criada por Deus”, valorizando as novidades que lhe chegam com as diferentes estações do ano. Ela escolheu aquele local para viver e ali se sente útil.

Não apenas Rúbia (83 anos) gosta do Recanto, também Leila (73 anos) e Paulo (82 anos) manifestaram satisfação com o lugar, nas entrevistas trazidas no capítulo 4.



**FIGURA 10 – Capela do Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem**

No segundo semestre de 2008, foi criado um Departamento de Psicologia, substituída a psicóloga e reformada uma sala, transformada em espaço aconchegante para acolher e atender os idosos. Para facilitar o acompanhamento periódico, organizaram-se pastas contendo informações de cada internado, a fim de favorecer a visibilidade e a investigação, conforme a ótica de Foucault (1977).

A assistente social, também contratada no segundo semestre de 2008, está a postos com o objetivo primordial de intermediar as relações com os familiares, em busca de atenção e implicação na situação do idoso, de acordo com cláusulas estipuladas em contrato, mas não cumpridas por muitas das famílias<sup>46</sup>. Não obstante a resistência inicial constatada, a profissional percebe estar se tornando referência, sendo procurada por muitos daqueles com

<sup>46</sup> Conforme o depoimento do administrador e da assistente social, no segundo semestre de 2008.

quem manteve contato. Foi definido, junto à FOSPBV, que, após quinze dias de ausência da família, configura-se o abandono, e a profissional precisa tomar providências quanto a isso. As famílias entram no campo da vigilância institucionalizada para que assumam os seus compromissos com os idosos.

Em 2009, estagiários de medicina vieram compor os atendimentos com seu saber, pela primeira vez na história do Recanto.

A instituição tem-se estruturado e alcançado algumas de suas metas. Tornou-se mais aconchegante com o *hall* enfeitado e tem buscado favorecer o senso de orientação dos idosos quanto a datas, horários e atividades ofertadas, com avisos em murais, o que facilita a comunicação.

### **3.3 A Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem – FOSPBV**

*A Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* tem em Belo Horizonte sede, na Rua Sergipe, 12, no Bairro Funcionários, sendo considerada uma instituição de utilidade pública nos âmbitos federal, estadual e municipal. Atualmente, administra, além das citadas instituições para idosos pesquisadas, também o Centro Social Lar Frei Leopoldo (abrigo para crianças e adolescentes), a Creche Olívia Tinquitella, a Obra do Berço (pequena confecção de enxovais para bebês de mães carentes) e o Espaço Saúde (com ambulatório, farmácia para recepção e doação de medicamentos e salas de atendimento em fisioterapia, fonoaudiologia, homeopatia, psicologia individual e familiar e de tratamentos odontológicos e aidéticos. Há uma parceria com o Instituto Mineiro de Acupuntura e Massagens -IMAM)<sup>47</sup>.

*A Associação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, em 1972, passa a ter o estatuto de fundação, segundo seu administrador, entrevistado por duas vezes durante a pesquisa.

---

<sup>47</sup> O Espaço Saúde era antes denominado Assistência Maria José dos Santos.

Ao dar início à tessitura de suas considerações sobre as gestões anteriores, o administrador traduz a parceria das *Obras Sociais* com as Congregações em seus asilos<sup>48</sup> da seguinte maneira:

Pelo que Padre EG relatava, o Padre Paulo Rególio tinha essa visão de responsabilidade social bem aguçada, desde aquela época – a visão de ajudar o próximo. O propósito era esse, acolher as pessoas carentes. Então para isso ele fez várias parcerias e uma delas foi justamente a associação das zitas. A ideia surgiu, se expandiu. Outras pessoas compraram a ideia e daí vieram várias doações. [...] A Casa Santa Zita, depois o antigo Asilo Santa Isabel, o Recanto da Boa Viagem [...] Isso tudo foi tomando forma, a ordem de grandeza foi muito grande. [...] Ele criou a *Associação das Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem*, que só posteriormente veio ser qualificada como *Fundação* (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, entrevista realizada em 2008).

No Recanto, a parceria com as Irmãs se firmou dando continuidade ao trabalho já implantado na época do Sanatório, e o administrador salienta a importância da condução dos trabalhos religiosos, então sob responsabilidade da Congregação, além dos cuidados prestados aos residentes:

Uma grande Irmã [da Congregação Missionárias Servas do Espírito Santo] que faleceu recentemente, ficou conosco por 15 anos, ajudou bastante na caminhada do Recanto. A Congregação saiu há mais de 2 anos, porque não tínhamos condições de seguir [juntos]. [...] Tinham seus momentos religiosos e hoje pra ter isso... eu preciso do apoio da Paróquia, que por sua vez está muito limitada também. Então, graças a Deus, hoje o Padre Jeon está morando no Recanto e está fazendo essa pastoral lá dentro (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, entrevista realizada em 2008).

Ainda sobre a questão religiosa no Recanto, o administrador da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* esclarece:

Onde nós estamos pecando? Estamos pecando agora na questão ecumênica, religiosa da coisa. Por quê? Não é uma Casa, se você falar assim: todo mundo aqui é católico? Não! A sua grande maioria é evangélica, são evangélicos, entendeu? Então, ou seja, a gente tem essas dificuldades lá, também. E essa parte pega bastante! (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, entrevista realizada em 2008).

Pode-se inferir desses relatos que, ao mesmo tempo em que se tenta um trabalho racionalizado e segundo as leis do mercado, em busca de autossustentação, há também a necessidade de se contemplarem questões espirituais.

<sup>48</sup> A Congregação das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Graças, cujas Irmãs são conhecidas como Gracianas, atuam na Casa Santa Zita e as Irmãs da Congregação Missionárias Servas do Espírito Santo, atuantes no Recanto durante um período e anteriormente, no Sanatório Hugo Werneck, conforme já mencionado.

### 3.3.1 O modo de gerenciamento das instituições asilares da FOSPBV e os desafios enfrentados

Foi possível observar que as mudanças na administração das *Obras Sociais*, passando pela sua transformação em *Fundação* e pelas mudanças de seus gestores, hoje mais arrojados, se fizeram acompanhar por diferentes modos de conceber as instituições asilares e encontra-se em processo a alteração da assistência prestada, de caritativa a autossustentável. Também o momento presente é de adequações às orientações advindas de leis, resoluções, planos e das disposições do *Estatuto do Idoso*. Esses ajustamentos por si mesmos representam um grande desafio.

A gestão do atual administrador foi assumida em julho de 2004. Em entrevistas, expõe sobre as questões consideradas as mais expressivas no momento e as estratégias para enfrentá-las: investir em seus profissionais oferecendo cursos de formação a fim de se alcançar um melhor atendimento e projetar uma imagem positiva da instituição, para o que conta com as parcerias de universidades, empresas e benfeitores. Precisa também resolver com urgência problemas relacionados ao INSS, devido a uma dívida exorbitante, que traz grande preocupação e, ainda, afetando os convênios e o andamento de programas.

Inicialmente, o administrador da FOSPBV expõe sobre sua percepção dos funcionários e das parcerias com as universidades, empresas e benfeitores, relativa ao Recanto, fonte de maior preocupação. Alguns dos idosos também revelaram experiências por que passaram, importantes para a compreensão do contexto da instituição onde vivem:<sup>49</sup>

Uma análise comparada do momento atual com o período anterior a 2004 mostra que houve melhorias na Instituição [...]. Pioramos em alguns pontos, já detectados. Mão de obra é o fator principal; os nossos colaboradores, os nossos profissionais precisam ser reciclados, precisam ser remanejados e precisam, às vezes, ser substituídos. [...] Fizemos algumas parcerias, no caso, com a FUMEC, que deu um curso de cuidadores de idosos internamente para os nossos profissionais, tentando qualificá-los. Só que temos o analfabeto e o semianalfabeto, a pessoa que quer ser reciclada, a que não quer ser reciclada, e também a pessoa que não vale a pena reciclar porque já chegou ao seu limite. Dos profissionais que temos hoje, trinta por cento de nosso efetivo, é muito antigo (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 1ª entrevista realizada em 2008).

---

<sup>49</sup> A parceria com as Irmãs Gracianas na Casa Santa Zita parece fazer dali um ambiente mais facilmente administrável, também por ser bem menor em termos de espaço físico e conter uma população pequena, se comparada ao Recanto. Atualmente no Recanto não se conta com a presença de Irmãs de Caridade.

Como se vê, o administrador da Fundação avaliou que as respostas ao curso oferecido no Recanto estiveram aquém do esperado, abrindo um estado de dissonância que o levou a planejar estratégias para redirecionar a forma de gerenciar os espaços e as relações:

Hoje nós temos dois focos: primeiro, é o nosso profissional. É através dele que as coisas vão se dar, porque através dele eu vou ter um custo menor, um atendimento melhor e com mais qualidade. A nossa apresentação perante o público vai ser outra porque vai estar realizado profissionalmente, ou seja, a gente tem que trabalhar quem está com a gente e isso não era feito. O segundo momento foi de trazer os parceiros, as universidades, o que tem trazido bons resultados em ambas as Instituições (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, 1ª entrevista realizada em 2008).

Na segunda entrevista, o administrador fala, de modo direto, sobre as atuais demandas da Fundação e suas instituições, realçando os problemas encontrados e suas repercussões:

Precisamos de pessoas pró-ativas, mais compromissadas, mais interessadas em acertar [...] O problema é a herança [...] A gente vê a herança que foi deixada, de como foi tratado o idoso até agora, de como foi tratada a instituição, as crianças, os adolescentes: não foi de uma maneira que a gente pode tecer elogios, não! E a gente está colhendo os frutos disso. E vai colher mais durante algum tempo, porque as questões financeiras influenciam todas essas ações, em grande parte. E, quando a gente não acha pessoas adequadas, voluntários e parceiros adequados, a questão financeira [...] ela impera demais! Então, para se tomar novos rumos, coisas até simples tornam-se difíceis (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, 2ª entrevista realizada em 2008).

Segundo o administrador, para sanear os problemas encontrados, especialmente no Recanto, entre os quais a contratação de funcionários sem a habilitação para os cargos ocupados, de perfis incompatíveis com as funções exercidas, serão necessários dois ou três anos.

O Sr. Wagner, entrevistado e residente no Recanto, relata sobre as transformações ocorridas na instituição e confirma a opinião do administrador:

Não digo que está bem, mas melhorou bastante. Tratamento, respeito. Principalmente o respeito do profissional. Respeitam mais a gente. Não chamam a gente como um dia chamou de aleijado, de tetraplégico. Falavam aleijado, porque o nome de tetraplégico ou paraplégico, não fala [...] porque o raciocínio deles ainda não chegou [...] mas graças a Deus já foi mandado embora. Graças a Deus! Profissionais [...] foram uns dois ou três mandados embora, no ano passado, graças a Deus! Fugiu do vinho pro mel. (WAGNER, residente do Recanto há 8 anos; entrevista realizada em 2008).

O relato de Wagner mostra a depreciação a que foi submetido como um dos fatores que provocam o desconforto aventado pelos residentes. Evidencia o alto grau de agressividade

e mesmo de violência encontrado por Goffman (2005) nas instituições totais<sup>50</sup>, onde uma equipe arrogante e autoritária pode criar um modo de vida marcado por uma violência surda e cotidiana, e a equipe torna-se incapaz de explicar, controlar ou perceber sua própria implicação na produção de semelhante estado de coisas. Entre as formas de agir, as nomeadas “profanações verbais ou de gestos: pessoas da equipe dirigente ou outros internados dão ao indivíduo nomes obscenos, podem xingá-lo, indicar suas qualidades negativas, ‘gozá-lo’, ou falar a seu respeito com outros internados como se não estivesse presente” (GOFFMAN, 2005, p. 30). Esse fenômeno traz efeitos indeléveis sobre o sujeito.

Embora os residentes do Recanto, durante o dia, tenham ampla liberdade de ir e vir, a distância em relação à região central da cidade constitui-se em fator restritivo da mobilidade dos internos. Isso se faz acompanhar de um profundo abatimento moral, mesmo entre os que têm autorização para sair. Somente aqueles cuja saúde permite têm condições de tomar ônibus<sup>51</sup> e, ainda, o metrô, para chegar ao centro da cidade, e podem, assim, conseguir descaracterizar sua situação de reclusão e submissão à equipe.

Os que contam com a presença e suporte dos familiares podem passear com eles e frequentar o ambiente doméstico. Já os passeios, organizados pela instituição, são realizados com intervalo irregular – por vezes são programados, mas não efetivados pela dificuldade em conseguir parceiros comprometidos, que não deixem os idosos frustrados em suas expectativas. Há, pois, uma dependência em relação a recursos externos, à ajuda de benfeitores interessados.

Essas observações se aliam a outras e demonstram o longo caminho a percorrer pela *Fundação* em prol de um melhor atendimento. O relato do Sr. Lourenço, a seguir, vem confirmar a necessidade de um trabalho contínuo de melhorias no Recanto, corrobora a avaliação do administrador e a de Wagner. Conquanto exagere ao avaliar o quadro de profissionais, segundo ele, distante do almejado, do conveniente, o julgamento deixa entrever qual é sua relação subjetiva com o lugar e as outras pessoas que o frequentam.

Podia ser melhor. Aqui, cada um que se vire. Pode melhorar a administração e mesmo aproveitar os elementos que têm aqui, porque tem muita gente que faz isso. Aqui, já no meio de tanta gente que está sem órbita [...] E eles *passam a achar que é natural isso. E fica num nível muito baixo. Às vezes até caçoam, acham graça, porque é engraçado! Tem muito engraçado [...]* Às vezes eles não falam *profissionalmente*, tratando [...] porque muitas vezes, coitados, são serventes que

<sup>50</sup> O conceito de Instituição Total com que lidamos é o de Goffman (2005) descrito no item 1.5 desta dissertação.

<sup>51</sup> Até janeiro de 2008, nem sempre o ônibus podia trafegar até a entrada da instituição, devido aos estragos causados pelas chuvas na estrada, hoje asfaltada. Como pesquisadora, sofri as dificuldades no trajeto.

não evoluíram, escolaridade baixa de modo geral e enfermagem aqui é de nível médio. Têm uns aqui que estão estudando agora, mas mesmo assim [...] técnico. A maioria é técnico, tem uma pessoa com superior de enfermagem (LOURENÇO, 84 anos, residente do Recanto há 1 ano e 8 meses; entrevista realizada em 2008).

Como no depoimento de Wagner, também a narrativa de Lourenço evidencia o menosprezo dos funcionários pelos idosos e a banalização do sofrimento dos internos, o que revela que os encaminhamentos empreendidos foram insuficientes para a melhoria no atendimento. Os funcionários caçoam dos idosos, mostram-se zombeteiros, o que, aos poucos, começa a parecer natural. Perde-se o sentimento de indignação, o senso de realidade vai-se embotando diante dos eventos cotidianos. A equipe que deveria zelar pelos idosos demonstra falta de preparo e necessidade de expressar domínio sobre o outro que se encontra em suas mãos, desamparado.

Em consequência, os idosos retraem-se, recolhem-se em seu mundo particular. Perdem a esperança na vida, desistem dos projetos pessoais e não se adaptam aos institucionais, planejados pelos especialistas e pelos técnicos, sem a manifestação dos desejos do idoso. Goffman (2005) observou a recusa do indivíduo em aceitar a interpretação oficial da instituição quanto ao tipo de eu e de mundo que deve acatar para si mesmo, ao eu que a instituição admite para ele. É provável que um modo de reação defensiva ao menosprezo experimentado seja a apatia e mesmo a inexpressividade dos idosos – que puderam ser observadas quando das primeiras visitas ao Recanto.

A situação vivida por Leila, narrada a seguir, também se refere ao corpo profissional da instituição. Leila se queixou do sofrimento ocasionado por um erro cometido pelo antigo enfermeiro-chefe e pela equipe que o auxiliava, provocando-lhe dor constante há quase um ano e meio devido a uma ferida na perna, uma úlcera varicosa, malcuidada, que lhe impossibilitava, até o momento, fazer exercícios físicos e comparecer aos eventos e oficinas oferecidos. Por isso o profissionalismo da equipe foi colocado em questão também por ela. Socorrida por uma professora universitária, que a incluiu no programa de atendimento domiciliar de um plano de saúde, foi-se recuperando aos poucos.

O administrador da FOSPBV relata como têm sido valiosas as parcerias com as universidades, que cobrem muitas das lacunas institucionais quanto ao atendimento aos idosos, e salienta como foram eficazmente auxiliados por duas delas:

Teve um período que nós ficamos sem enfermeira, sem médico no Recanto. Não havia fonoaudiologia, a fisioterapia estava atendendo com muita urgência na Casa

Santa Zita. Então eu falaria assim: concordo? Mas aí tem o lado das pessoas certas nos lugares certos. Por exemplo, o pessoal da Unifenas e o pessoal da UNA seguraram o Recanto na parte clínica, sendo monitoras. Elas seguraram a parte de enfermagem do Recanto durante aproximadamente quase cinco meses com os seus alunos. Ou seja, todo esse acompanhamento, hoje feito por nós, pelos nossos profissionais, foi feito por nossos parceiros (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, entrevista realizada em 2008).

A Fundação não pôde substituir todos os profissionais não capacitados para o desempenho eficaz das funções exigidas, pois isso implicaria dívidas trabalhistas. Para o administrador da *Fundação Obras Sociais*, “andar conforme a lei é o objetivo, mas fica caro, exige estruturação prévia” e, por isso, dedica-se a negociar a situação da FOSP BV com as entidades afins.

Na época das entrevistas gerenciais, a coordenadora do Recanto, na segunda entrevista de 2008, também expôs que sua maior dificuldade era lidar com funcionários: o quadro era ainda pequeno e as demandas enormes. Os mais antigos não se ajustavam ao saber formal dos novatos por não entenderem os novos procedimentos, em conformidade com as normas da Vigilância Sanitária, as resoluções e portarias que regem o funcionamento de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPIs): “porque a gente tem que se enquadrar nessas normas e tem as normas trabalhistas, e essas pessoas não conseguem enxergar isso, essa visão de trabalho”. Relata que há dificuldades até na interpretação da escala de serviço, “porque eles trabalham aqui há vinte anos [...] a formação delas no quesito de educação é muito baixa, uns aqui têm a quarta série”.

O *Boletim Informativo da Catedral*, datado de setembro de 2008, relata que novo curso de formação sobre idosos foi recentemente ofertado: a própria equipe técnica da instituição orientou os auxiliares, técnicos de enfermagem e cuidadores de idosos do Recanto sobre nutrição, fonoaudiologia, psicologia, fisioterapia, enfermagem e primeiros socorros, durante os meses de julho e agosto do mesmo ano.

Retomando a questão da dívida com o INSS, o administrador frisa que ficaram inviabilizados os convênios com o Estado ou com o Município, capazes de assegurar a manutenção das unidades, tendo conseguido preservar apenas o convênio com a Secretaria Municipal de Abastecimento, no que se refere a alimentos. O convênio com a Prefeitura de Belo Horizonte foi perdido em setembro de 2006, o que ameaça os projetos. Explica a razão: a gestão anterior se autointitulou filantrópica, mandava seus processos para Brasília, onde não eram aprovados, o que deixou a Fundação “descoberta” no que se refere ao Certificado Nacional de Assistência Social (CNAS), que lhe garantiria imunidade tributária da cota

patronal perante o INSS. Com isso, entre 1994 e 2004, foi gerada dívida de dois milhões cento e oitenta mil reais, débito pelo qual a gestão atual responde na modalidade de processos administrativos ainda não julgados nas esferas do INSS. No momento (ano de 2008), a *Fundação* recebe atendimento de um escritório de advocacia especializado na área tributária, mas permanece a questão da falta de recursos com a lacuna dos convênios, o que causa grande transtorno. Desde o ano de 2004, a Paróquia e seus paroquianos vêm pagando o INSS, para se manterem em conformidade com as normas estabelecidas. Um imóvel foi penhorado a fim de solver parte da dívida, e outras doações de imóveis recebidas estão à espera do registro formal de partilha.

Acompanhando os *Boletins Informativos da Catedral*, a partir de abril de 2008, pode ser observado o esforço da Paróquia para contornar a crise financeira da *Fundação* e prosseguir com os trabalhos. A proposta é conseguir doações, organizar eventos como rifas e festas beneficentes para angariar verbas a serem usadas na manutenção de suas unidades, na aquisição de nova Kombi para condução de funcionários e de uma ambulância para traslado de pacientes aos hospitais. Para tanto, trabalham no sentido de manter alianças com empresas, universidades, benfeitores e encontrar novos parceiros, visando à regularização da situação e ao aperfeiçoamento dos serviços, inclusive com trabalho voluntário. Reuniões com parceiros existentes ou com aqueles que podem vir a se tornar colaboradores, prováveis parceiros, têm sido realizadas, a fim de apresentar os desafios que estão à espera de cada uma das instituições integrantes da FOSPBV.

Entre esses desafios está o atendimento das exigências dos órgãos fiscalizadores, como, por exemplo, a instalação de mecanismo de combate a incêndio na Casa Santa Zita. A Paróquia tem repassado verba para a Fundação, mas muitas são as demandas das instituições, conforme se depreende do exposto abaixo:

O Recanto da Boa Viagem é uma construção de 1929. Então, para você reformar aquilo [...] não tem jeito. Nós tivemos, há mais de dois anos, a queda do telhado. Graças a Deus o forro segurou o telhado porque senão [...] aproximadamente [...] [teria sido] quinze falecidos num dia. Caiu o telhado de uma ala inteira. Fizemos uma campanha aqui na Boa Viagem e foram arrecadados os 10 mil que precisava para colocar a ala em funcionamento, novamente (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 1ª entrevista realizada em 2008).

Das vinte e sete idosas que nós temos hoje lá na Casa Santa Zita, vamos pegar aí que dez são da associação das zitas<sup>52</sup>, que pagam o valor de R\$100,00 a R\$180,00. As outras pensionistas, um pouco mais. Aí nós vamos para o Recanto da Boa Viagem,

---

<sup>52</sup> Este número é um pouco maior do que foi dito, mas inferior ao das pensionistas, atualmente. Também os valores pagos pelas zitas me pareceram que são variáveis, pelo relato de uma delas a respeito.

onde nós temos oitenta e seis idosos e, desses, dez são de responsabilidade da instituição. Ou seja, eles têm aposentadoria, mas é uma receita que não entra mais na *Fundação* porque é justamente pra manutenção deles e, fora isso, nós ainda temos que investir no seu bem-estar (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, 1ª entrevista realizada em 2008).

#### O administrador da FOSP BV avalia:

Nós temos que encarar essa instituição como uma empresa que deve ter um resultado de *superávit*. Por quê? Não adianta fazer caridade sem dinheiro [...] e isso é bem definido pela curadora de Fundações, ou seja, que a Fundação tenha recurso para que se autossustente. Coisa que não está acontecendo hoje. [...] É um sonho nosso, desde quando chegamos, a implantação de um setor de captação e *marketing*, um profissional voltado para área de comunicação justamente para fazer essa divulgação: a nossa cara lá fora. [...] O representante maior do Clero na Fundação Obras Sociais também tem uma visão empreendedora, muito dinâmica das coisas (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, entrevista realizada em 2008).

Foi possível observar o estreito vínculo entre o discurso do administrador da FOSP BV com o chamado Terceiro Setor, emergente em decorrência do distanciamento e da ineficiência do Estado – e ainda com as práticas das políticas neoliberais do capitalismo global, que trouxeram instabilidade econômica, política e social. Surgiram inúmeras instituições com o objetivo de gerar serviços de caráter público, tendo essa característica em comum com o Estado (FERNANDES, 1994, p. 21 e 22), e, “envolvidas em múltiplos projetos, [...] fornecem dinheiro privado para projetos de utilidade pública” (FERNANDES, 1995, p. 26).

Como as Associações e as Organizações Não Governamentais (ONGs) oriundas da Europa se mobilizam para auxiliar o desenvolvimento de países do Terceiro Mundo, as Fundações fornecem “uma série de serviços de atendimento físico e simbólico às aflições da vida (FERNANDES, 1995, p. 28). Elas provêm de formas tradicionais de solidariedade social do final do século XIX e, mais remotamente, das Santas Casas do século XVI, que se associavam às igrejas cristãs, especialmente a Católica, e, com suporte do Estado, atuavam prestando serviços às comunidades à margem das políticas sociais básicas de saúde e educação (FERNANDES, 1997).

Segundo Paulo & Alexandrino (2008), fundações privadas adquirem personalidade jurídica para a atuação na persecução dos fins sociais definidos no respectivo estatuto. Três são os elementos essenciais: a figura do instituidor que faz a dotação patrimonial, o objeto consistente em atividades de interesse social e a ausência de fins lucrativos.

O Terceiro Setor é organizado e independente. Ao se dizerem “organizações não-lucrativas”, parecem sublinhar que, apesar de não gerarem lucro, “também são [...]

autogeridas, assim como as empresas no mercado” (FERNANDES, 1994, p. 19, 22). É por essa autonomia financeira que o administrador da Fundação luta arduamente, ciente de que no mundo contemporâneo não se sobrevive com doações. A FOSP BV tem muito a realizar para melhorar suas condições, e uma das questões com que depara é relativa à composição de uma equipe técnica na Casa Santa Zita, tendo em vista as exigências dos órgãos orientadores, como o Ministério Público e a ANVISA. Isso parece estar condicionado ao pagamento de dívidas e à obtenção de verbas via convênios, em decorrência de a documentação não estar liberada por equívocos de gestões passadas, como já mencionado. A administração tenta compatibilizar as prescrições para as ILPIs com possibilidades, nem sempre existentes, mas que devem ser efetivadas, e as dificuldades geram tensão: o atendimento por técnicos contratados pela FOSP BV se efetiva na Casa Santa Zita a partir de demandas de sua coordenação, efetuando-se o deslocamento do profissional solicitado do Recanto para a Casa Santa Zita, onde oferece atendimento pontual. A presença de profissionais de nível superior na equipe multidisciplinar de trabalho do Recanto não se reproduz na Casa Santa Zita, que conta com um geriatra uma vez por semana e com as Irmãs Gracianas (uma delas cursando Enfermagem). No segundo semestre de 2009, passou a contar com duas cuidadoras de idosas em seu quadro de funcionários.

Conforme visto no item 1.5, as Instituições de Longa Permanência para Idosos devem ter seu perfil bem definido, estar consonantes com as necessidades do idoso, atendendo, desse modo, às recomendações do Ministério da Saúde e às resoluções que classificam as modalidades e formas de organização da assistência institucionalizada adotadas pelo Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. A FOSP BV está tentando se adequar ao sistema, para atender às normas definidas.

A esse respeito, a coordenadora do Recanto também informa sobre a mudança paulatina no perfil, que demanda toda uma reestruturação funcional da instituição. Ela menciona as decisões já tomadas, objeto de consenso da equipe:

A decisão de mudar o perfil da casa foi geral [...]. Porque aqui não pode funcionar como hospital, por exemplo, idoso com sonda, acamado com feridas, idoso com problema psiquiátrico, não temos como admitir, porque teríamos que ter um número maior de funcionários, vai demandar da cozinha, que não é especializada [...] Ficou decidido aceitar o idoso mais tranquilo, que é mais independente [...] E que tenha um contato melhor com a família, pra gente resolver os problemas. Então, a gente tem filtrado isso na triagem (COORDENADORA DO RECANTO, entrevista realizada em 2008).

O administrador da *Fundação* e a equipe técnica do Recanto informam aos idosos e aos familiares que as Instituições de Longa Permanência não são locais de tratamento, mas de acompanhamento. O administrador relata que, na entrevista de ingresso, atualmente, não aprovam a entrada do idoso se a sua expectativa e a da família for a de tratamento em qualquer de suas modalidades. Prossegue: “Nós não somos qualificados como uma unidade hospitalar e não temos a habilitação adequada para fazer tratamento” (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, entrevista realizada em 2008).

A coordenadora do Recanto discorreu sobre a pequena participação das famílias na vida do idoso e, enquanto trabalhou na instituição, disse ter sentido falta de uma assistente social, agora contratada, para a interlocução com os familiares. Pouco antes da contratação da assistente social, a coordenadora do Recanto, a qual chegou a ser entrevistada diversas vezes, deixou a instituição, que não acertou efetivamente sua substituição no decorrer do presente estudo. Antes de deixar o cargo, a coordenadora pôde explicar que os regulamentos determinam que a família seja parceira da instituição asilar, que compartilhe com ela os encargos da velhice. Essa profissional examina alguns dos desafios:

Muitos deixam o familiar aqui e às vezes ele requer um cuidado maior, então eu tenho que ligar, implorar para dar atenção para o idoso na questão de alimentação, de roupa, de levar para o hospital, porque, se o idoso passar mal aqui, a ambulância, seja SAMU ou do plano de saúde, vem buscar, só que o idoso não pode sair sem acompanhante e ele deve ter um acompanhante no hospital [também]. Muitas vezes a família não está preparada para isso porque a família trabalha, a gente até entende porque é muito longe, são 18 km do centro de Belo Horizonte [...] Assim têm todas essas dificuldades [...] Tem familiar que mora em Betim, mora em Contagem, no Barreiro, então até chegar aqui é muito difícil. E, aí, o que faço? [...] Cada ala tem quatro pessoas: um técnico ou auxiliar, dois cuidadores e uma pessoa da limpeza. Se eu tiro uma pessoa da ala [...] vou ficar com três, eu nunca vou poder mandar a da limpeza [...], eu fico sem pessoas na área, é muito difícil. [...] até a gente conversar com a família, fazer ela entender esse lado [...] porque, quando o familiar traz o idoso para morar aqui, assina um contrato, especificando: a família fica responsável por levar o idoso ao médico se adoecer, se tiver qualquer problema! (COORDENADORA DO RECANTO, 1ª entrevista realizada em 2008).

O administrador também se manifestou sobre graves situações que evidenciam a complexidade dos relacionamentos entre instituição, idosos residentes do Recanto e suas famílias:

É difícil mensurar o potencial do Recanto, só que aí você também começa a questionar várias coisas. Eu tenho um documento [evidenciando] que eles [os familiares] têm que estar lá de 15 em 15 dias, pus isso no papel. Porque eu mesmo conversei com todos [os idosos]. [...] Só que você vai ligar pra um familiar e falar assim: o seu idoso, seu pai ou a sua mãe está passando mal, precisa de remédio assim, assado, precisa de uma ajuda sua [...] [A resposta muitas vezes é] ‘ah, resolve

aí'. Dos oitenta e seis idosos eu pego vinte famílias que atuam diretamente com o idoso, que são presentes. O resto, nenhuma ação. Abandonaram. [...] Sou eu um louco pra fazer uma reunião com todos os familiares, juntos? Nós temos que estar preparados [...] Falo pra você, de cara, eu falo muito com minha equipe, é um tiroteio o que vai acontecer! Você vai estar ali, e se você vir os questionamentos que vão fazer! Por exemplo [...] minha nutricionista refez os valores nutricionais para uma idosa, o familiar da idosa quase acionou o Ministério Público por causa disso. Quase foi à delegacia do idoso. 'Minha mãe, minha tia não precisa da sua nutricionista para avaliá-la, ela tem plano de saúde, ela tem isso e isso. E eu pago aqui pra fazer isso.' E assim nos recolhemos, anotamos no prontuário dela que foi negado pela família [...]. Então, quando eu digo que é um tiroteio, é no sentido de que [...] eles não vão enxergar o agora, eles vão enxergar o passado. 'Ah, mas era assim, funcionava assim e agora, não'. Você está tentando agora dar outro formato, tirar aquilo de errado que estava acontecendo. Hoje todos eles são informados do que se passa. Quando você liga, eles brigam com você [...] fulano de tal brigou, não gosta que ligue e fale que o pai precisa disso e daquela coisa [dizem os profissionais do Recanto]. Então a gente está estruturando isso, pra fazer uma reunião com todos os familiares (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, entrevista realizada em 2008).

A assistente social planeja reunir-se com a nova psicóloga para, juntas, programarem suas ações para esclarecer às famílias o verdadeiro papel das ILPIs.

O imperativo de apoiar o idoso na falta de familiar pode trazer dúvidas aos funcionários, conforme relato da coordenadora do Recanto. Ela entendia a necessidade de oferecer suporte, porém receava ser responsabilizada caso surgissem complicações.

Tem uma que eu sou a procuradora dela, ela pediu para eu ser a procuradora e o administrador da Fundação... Eu não gosto dessas coisas porque mexer com dinheiro... Aí ele falou: 'ela é lúcida, ela é tranquila e não vai te dar trabalho'. Aí, eu aceitei (COORDENADORA DO RECANTO, 1ª entrevista realizada em 2008).

Sobre o gerenciamento do dinheiro, ela explica que, por se tratar de uma Fundação, toda a movimentação dele é centralizada, cabendo ao escritório fazer as compras necessárias e o pagamento aos funcionários de suas diversas instituições. A Fundação administra o dinheiro dos internos que não têm condição de fazê-lo por si mesmos e que não contam com o apoio de familiares ou outros responsáveis, sendo esse o caso dos encaminhados pela Prefeitura ou dos remanescentes do Sanatório.

Retomando a questão, o administrador da FOSP BV também pontua:

[...] Todos os idosos encaminhados pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte têm trajetória de rua, não têm ninguém por eles. Nós os acolhemos, a Fundação fica como seu procurador, mas não como o seu curador, que aí seria diferente, aí teria que ser incapacitado [...]. Enquanto isso não for constatado, nós somos apenas um mero coadjuvante. Vamos acolher, mas ele é responsável pela sua documentação, pelo seu contrato com a Instituição e pelos seus vencimentos (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, 2ª entrevista realizada em 2008).

Sobre os procedimentos adotados quanto à documentação, ele acrescenta:

Aqueles idosos de responsabilidade da Instituição, que a Instituição tem a procuração [para agir] por eles, então, toda a sua documentação está no prontuário arquivado na Administração Central, ou seja, aqui no escritório. Mas isso não é o caso da Casa Santa Zita, porque ali não temos nenhuma idosa de responsabilidade única e exclusiva da Instituição. Na Casa Santa Zita, são idosas independentes e semi-independentes, que têm uma família por trás ou algum responsável. Então, é terminantemente proibido que a Instituição, não sendo qualificada como a curadora ou a procuradora desse idoso, retenha qualquer documento e/ou valores desse idoso. Ou seja, [neste caso] toda a sua documentação e os seus recebimentos estão de posse do idoso ou dos seus familiares. A Instituição tem é o contrato que é assinado tanto pelo seu responsável, como pelo idoso, e *xerox* de toda a sua documentação, para fins emergenciais (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, 2ª entrevista em 2008).

Ao ser entrevistado, Estêvão, no entanto, verbalizou seu incômodo com os procedimentos adotados pela família, sem a sua concordância, e sobre os quais a instituição não se manifestou. Ele estranha não poder ficar com seus documentos para uma eventualidade e seu descontentamento é uma censura à família e à *Fundação*:

Os documentos meus estão tudo com ele [filho]. Carteira de motorista, tudo. Certificado de reservista. Documento está tudo com ele. A carteira de identidade está com ele também. Não tenho nenhum documento. Se precisar aqui, eu não tenho nenhum. Outro dia fui no INPS ali, deu uma mão de obra danada porque eu não tinha a carteira (ESTÊVÃO, 77 anos, há dois anos na Instituição; 2ª entrevista realizada em 2008).

Uma carteira de identidade é documento pessoal que simboliza a existência do sujeito no mundo criado pelos homens, com suas normas e regras. Estêvão parece sentir-se despojado de sua autonomia, de sua condição de cidadão e de sua identidade. Sobre isso, Goffman enfatiza a importância do documento como suporte à identidade pessoal e à singularidade:

A documentação que os indivíduos trazem consigo com o objetivo de estabelecer a sua identidade pessoal [...]. Ao usar o termo identidade pessoal pretendo referir-me às [...] marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de história de vida que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade. A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros [...] (GOFFMAN, 1975, p. 70, 67).

Vieira (1997) realizou uma pesquisa em vários asilos da região de Belo Horizonte e constatou que o asilo seria o local das “identidades arquivadas”, tanto porque, literalmente, os documentos não ficavam em poder do idoso, mas sim arquivados pela instituição, como pela mortificação do eu decorrente das práticas assistencialistas que reconhecem a carência dos considerados incapazes.

O *Dicionário Eletrônico Aurélio* evidencia alguns dos significados de “arquivar”: não levar em conta, esquecer, suspender, sustar, o que, no caso em análise, significa interromper, suspender a própria vida. No Aurélio há outro sentido figurativo de “arquivar”, o de não dar a alguém as oportunidades de ascensão, de influência, de realização.

Assim, a destituição dos documentos, no caso de Estêvão, pela família, reflete a conduta da instituição de, até agora, ter se eximido da responsabilidade de iniciar uma discussão mais ampla sobre a subjetividade do idoso com as famílias.

O despojamento dos documentos se alia a outras técnicas de controle, apresentadas no próximo capítulo, que contribuem para a perda da segurança pessoal, “constituindo um fundamento para angústias [...]” (GOFFMAN, 2005, p. 29) e interferindo na imagem usual que cada um faz de si mesmo. O idoso sofre o processo de ser minado, amofinado em seu ser por estar impossibilitado de dizer quem é e de saber de si, daquilo que pode, daquilo que deve fazer no mundo.

A Fundação depara também com questionamentos externos, a serem considerados por implicarem reestruturações de grande significado social, como o seguinte:

[...] nós temos um outro fator, um outro problema. A Promotoria de Idosos, a visão é clara: lugar de idoso é onde? Em casa, com a família. Não é lá [na instituição]. O *Estatuto do Idoso*, ele é claro também. Lugar do idoso é no âmbito familiar. Então o propósito dela é: o que é uma ILPI? Para acolher o idoso que não tem ninguém e é semidependente ou dependente, encaminhados com trajetória de rua, encaminhados pelo município. A visão de uma ILPI é isso. Fora disso, pra ela [a promotora], é um hotel. Então nós enfrentamos esse problema. Aí tem um outro fator, ela julga o Recanto segregador. [...] Muitos idosos foram para o Recanto por ele estar localizado lá, a 18 km, todo arborizado. Não é pelo fato de ser supostamente segregador, que, em minha opinião, eu não acho que seja, pois criamos várias condições para a comunidade participar [...] É afastado sim, mas hoje a gente reúne condições desse ‘pleno atendimento’ aos idosos (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 2ª entrevista realizada em 2008).

Como relatado pela antiga coordenadora do Recanto, as famílias participam pouco dos cuidados emergenciais prestados aos idosos pela distância em relação à cidade, o que corrobora a visão da representante do Ministério Público sobre um estado de segregação. É de se lembrar, não obstante, que o Recanto foi a solução encontrada para alojar os idosos oriundos do Asilo Santa Isabel, que precisava ser desocupado, além de ter sido o abrigo seguro para as muitas pessoas doentes que se encontravam no Sanatório ou desamparadas, na rua. Também há de ser considerado todo o investimento feito ali pelas *Obras Sociais*. Além disso, o Recanto continua ainda como opção viável, cumprindo missão de significativo valor,

não só por sua infraestrutura, mas também porque outras possibilidades de modelo assistencial previstas na Portaria 810/GM do Ministério de Saúde, apresentada no item 1.5 desta pesquisa, como a Casa-Lar, a República, a Residência Temporária, o Centro-Dia, a Assistência Domiciliária, entre algumas das modalidades de serviços de média complexidade, não foram efetivamente implementadas pelo governo.

Finalmente, entre outros fatores imperativos, que lideram na escolha de uma instituição asilar como o Recanto, devem ser considerados o estilo de vida atual e as dificuldades decorrentes para a dedicação dos parentes a uma pessoa idosa, por vezes exigindo cuidados muito especiais, por vezes mobilizando afetos que demandam dos familiares saúde psíquica e emocional, sem contar que, no âmbito das famílias, há outras necessidades prementes, como as das crianças que precisam ser cuidadas, a do sustento, garantido pelo trabalho também das mulheres. Por outro lado, há de ser ressaltada a integração harmoniosa vivenciada por algumas pessoas residentes no Recanto, observada nos relatos de Rúbia ou de Paulo, em que se nota uma identificação com a natureza, sendo a beleza do lugar percebida especialmente por quem viveu no campo. Para alguns deles, ali, a natureza pode ainda ser vinculada à criação divina, como no caso de Rúbia ou de Leila, que valorizam o silêncio da região e o ar puro do ambiente como manifestações da presença de Deus. Assim, muitos são os elementos para análise no que tange à propriedade de o Recanto permanecer exercendo sua função asilar.

O capítulo quatro trata da vida na instituição asilar. Transita pelos motivos para o ingresso, os procedimentos da triagem, as formas de adaptação à vida em coletividade, os vínculos aí constituídos, a subordinação às rotinas e à filosofia da administração, a ruptura ou não de laços anteriores. Essas situações conformam uma nova subjetividade, ensejando novos posicionamentos do indivíduo.

## **CAPÍTULO 4 - O SUJEITO IDOSO NO CENÁRIO INSTITUCIONAL DO RECANTO E DA CASA SANTA ZITA**

Este capítulo tem como objetivo tratar dos procedimentos para a institucionalização, das condições dos internados e da convivência com o mundo externo, a partir daquilo que é, por um lado, estipulado pela instituição e, por outro, constituído pelo idoso no recinto, conforme seus posicionamentos adotados, tendo em conta as situações de vida e relações anteriores que ressoam na subjetividade.

As influências das trajetórias pessoais sobre a destinação às Instituições de Longa Permanência são também analisadas, considerando as particularidades de cada caso, segundo os idosos entrevistados, agrupados em seis tipos de inserção mais evidentes.

Abordam-se, inicialmente, os procedimentos para ingresso e formas de socialização no ambiente institucional. Nas instituições asilares, hoje designadas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), o idoso está sujeito ao sistema de autoridade e controle, que se revela nas técnicas disciplinares<sup>53</sup> das quais a instituição lança mão. Entre elas, o processo de triagem, que envolve os exames com suas finalidades de ordenar, classificar e normalizar.

Constitui também objeto de estudo o contrato entre as partes, momento em que foram constatadas ambigüidades quanto à autonomia do idoso. A revisão periódica do contrato gera tensão nos idosos, e os regulamentos e rotinas das casas devem ser acatados. Em todos esses aspectos, são evidenciadas as diferenças entre Recanto e Casa Santa Zita.

São importantes as condições de convivência com a equipe técnica e administrativa, as condições de participação nos programas institucionais, as interações com os outros idosos. Todas essas situações exigem capacidade de adaptação, disposição para viver novos relacionamentos com pessoas em condições as mais diversificadas, e mobilizam intensamente o indivíduo. Esse processo adaptativo pode ou não ser bem sucedido, sempre comporta considerável exigência psíquica e mesmo sofrimento, especialmente se a internação for involuntária. Para o idoso que “prefere” se institucionalizar a viver sozinho ou com familiares, o ingresso e a estada costumam ser mais simples, por terem sido objeto de reflexão e de planejamento anteriores.

---

<sup>53</sup> O chamado poder disciplinar discutido por Foucault (1997), que se utiliza de instrumentos anônimos e detalhistas, insidioso sobre os indivíduos para formar um saber a respeito destes. As disciplinas são um conjunto de técnicas que se constituem em dispositivos para a sujeição.

A internação em instituição asilar pode exercer múltiplos efeitos sobre o indivíduo também conforme os relacionamentos anteriores mantidos ou rompidos e as condições subjetivas atuais. O senso de identidade pessoal pode ser afetado, assim como a saúde física do idoso, o que está vinculado à possibilidade de entrar e sair, de conviver no mundo fora do estabelecimento, de manter relacionamentos significativos com pessoas de diferentes ambientes. São situações que interferem no modo como as condições de existência são percebidas por cada interno.

A diferença entre o espaço doméstico e o institucional gera uma extrema tensão pela desestabilização da concepção de si adquirida por meio de “disposições estáveis em seu mundo doméstico” (GOFFMAN, 2005, p. 24). Isso pode representar uma das mutilações do eu que o idoso experimenta, assim como os exames em procedimentos de triagem, o despojamento de documentos, de bens, de papéis sociais exercidos. Tais práticas constituem mecanismos sustentadores do poder disciplinar já na inserção do indivíduo na instituição e atuam de modo combinado.

Paralelamente, são relatados os pontos de vista do administrador da *Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem* (FOSPBV) e das coordenadoras das instituições sobre situações diversas do cotidiano, cotejados com os dos idosos, o que também permitiu a complementação das informações obtidas.

#### **4.1 Procedimentos para a institucionalização, rotinas e ressonâncias sobre o idoso**

O processo de triagem se caracteriza como uma perícia multiprofissional, por meio da qual os indivíduos são observados e diferenciados em busca de um controle normalizante. Nele são realizados exames para provável admissão.

O exame, como técnica, possibilitou, pelo fim do século XVIII, a entrada da descrição do indivíduo no campo do discurso científico, demonstrando um vínculo entre um suposto saber e o poder, usados para sujeitar os indivíduos. Segundo Foucault (1977, p. 164-169), o exame tem uma finalidade ordenadora e objetivante, em que a “individualidade entra num campo documentário e seu resultado é um arquivo inteiro com detalhes e minúcias que se constitui ao nível dos corpos e dos dias [...], situa-os igualmente numa rede de anotações escritas [...] e os fixam”, o que vem a constituir o indivíduo como objeto analisável, tendo

suas aptidões, capacidades e restrições levantadas. A cada indivíduo atribui-se um nível de desempenho em termos comparativos, conforme um consenso estabelecido pelos saberes especializados, o que permite a medida de fenômenos globais e promove “a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição numa população”

Lourenço, um residente do Recanto, salienta que chegou caminhando, por sua decisão, e narra o exame pelo qual passou e a forma como o entendeu, na triagem anterior à admissão:

Eu me candidatei e eu tinha que fazer um teste aqui. Eu fiz um teste vocacional [...]. Vim aqui, perguntei, fiz a entrevista e passei. Porque houve uma entrevista, uma entrevista aqui. Tem aí minha ficha, tem a entrevista aí (LOURENÇO, 84 anos, casado, 3 filhas, empresário da construção civil, reside no Recanto há um ano e oito meses; 2ª entrevista realizada em 2008).

Por sua vez, Célia se apresentava queixosa nas entrevistas desta pesquisa, lamentando-se continuamente pela internação. Indagada sobre seu processo de admissão no Recanto, relata não ter passado pela triagem e não ter sido informada de seu ingresso numa instituição asilar:

Não conversei com ninguém. Eu cheguei de surpresa. Não me falaram nada. Não teve exame nenhum. Eu fui no médico e lá do médico eu vim pra cá. Eu entrei aqui sem saber de nada. Eu até cheguei aqui, pensei que era um hospital, que eu vim cá, fazer um tratamento, uma coisa, né? Daí meu filho falou: ‘mãe, você vai ficar um mês aqui em tratamento’. E aí ficou nisso aqui [...] (CÉLIA, 68 anos, 2 filhos, alcoolista, ex-funcionária de bar, há um ano e cinco meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Célia teve um acidente vascular cerebral – AVC e também se alcoolizava, por isso pensou ser o Recanto um local para tratamento. Demorou a se dar conta de que se tratava de uma instituição asilar e de que não ficaria por apenas um mês, conforme o filho lhe havia dito. Foi internada à revelia. Seu relato motivou novas entrevistas da pesquisadora com a coordenação do Recanto e com o administrador, para buscar entender os procedimentos, mas em nenhuma delas foram obtidos esclarecimentos acerca da inserção sem triagem e sem acolhimento planejado.

Após explicar que os gestores vinham discutindo a respeito da admissão, a então coordenadora do Recanto menciona os critérios adotados para subsidiar as decisões da equipe técnica quanto à triagem, constituindo-se como decisões básicas, mas não detalha as características do acolhimento e das formas de interação estabelecidas entre a equipe e os idosos:

A família liga, perguntamos como que é o idoso. Ela [a atendente do Recanto] fala para a família como é o perfil da casa, explica 'nós atendemos idoso assim e assim'. Se o idoso se enquadrar nisso, a gente marca a triagem, se não se enquadra, a gente já descarta, fala que não tem como atender (COORDENADORA DO RECANTO, 3ª entrevista realizada em 2008).

A coordenadora do Recanto apresenta formulários usados na instituição, baseados em concepções quantitativas, e evidencia a natureza estatística da triagem, que se revela um procedimento racionalizado e frio:

Marcando a triagem, a equipe técnica faz uma avaliação, preenchem uma ficha [...] um formulário [mostra um e em seguida, outro mais detalhado]. Tem a avaliação da psicóloga, tem da fono e da fisioterapia e elas dão o grau de dependência. Quer ver? Isso aqui é uma evolução normal, então elas só descrevem. Agora, essa outra aqui, é baseada na avaliação multidimensional. Colocam-se os motivos da institucionalização, aí vem o cognitivo do idoso, traços de comportamento, a orientação, registros de memória, linguagem, tudo isso elas avaliam. Questão ginecológica, questão de próstata, hábitos intestinais, enfim, uma avaliação do idoso: escala de depressão, escala de atividades básicas da vida diária, tem os escores... (COORDENADORA DO RECANTO; 3ª entrevista realizada em 2008).

Ao lançar mão desse modelo, as instituições individualizam não pela singularidade, mas pela identificação da falta ou do excesso em relação ao que foi normatizado, ou seja, pela demarcação dos desvios. Ao estabelecer a média como o normal, os problemas passam a ser inerentes ao indivíduo, podendo a cultura se eximir de sua responsabilidade, excluindo os processos sociais e econômicos da análise da situação.

A respeito de alguns dos itens mencionados sobre a avaliação, tais como as funções fisiológicas, o grau de autonomia e independência, os processos cognitivos, os traços de comportamento, a capacidade de orientação e memória, pode-se salientar, no que se refere aos processos cognitivos, que muitos dos escores obtidos nos testes se referem à capacidade para integrar informações a fim de compreender instruções e se relacionam ao engajamento na cultura. Telford & Sawrey (1988) relatam ter sido constatado em muitas pesquisas que a permanência dos idosos no trabalho e o empenho ativo em tarefas de aprendizagem resultam em bom desempenho nos testes, pois mantêm um melhor funcionamento intelectual e o vocabulário sofre menor declínio. Os idosos tendem a ser mais cautelosos nas tarefas que apresentam novidades, necessitam de mais tempo para integrar suas respostas, porém pesquisas longitudinais estão começando a demonstrar que, exceto pelas tarefas de desempenho acelerado, pode haver pouca ou nenhuma alteração no desempenho das tarefas cognitivas, ao menos até os 80 anos ou mais. As pesquisas indicam, ainda, que a falta de

pressão ambiental para que as pessoas idosas empreguem abordagens sofisticadas é mais significativa do que os processos neurológicos degenerativos para explicar seus déficits na resolução de problemas.

Assim, pode-se ter em mente que muitos são os fatores que contribuem para ou desfavorecem o bom desempenho nos testes usados. É conveniente observar que as instituições geralmente abrigam ou se dispõem a abrigar idosos com maior dependência econômica e social, já com a saúde desfavorecida, normalmente sozinhos ou rejeitados, e seu percentual de desempenho nos testes não pode ser considerado representativo da população dos idosos, tampouco usado para efeito de comparação com a média da população estudada por algum pesquisador, tida por ele como representativa da população total. As condições muito diferentes impossibilitam a comparação em relação ao que fora estabelecido como “normal” pelo pesquisador, que estipulara índices ou escores aos testes, escalas e inventários.

Além disso, são as próprias sociedades que determinam quais os desvios serão considerados deficiências ou dotes, prejuízo ou ampliação do valor pessoal, dependendo do significado que atribuem aos desvios da norma, em sua intensidade, direção, extensão, área afetada e visibilidade ou obviedade, conforme ponderam Telford & Sawrey (1988), tendo em conta que os desvios estarão sempre relacionados com as perspectivas vigentes, que se alteram com o tempo e ainda diferem de cultura para cultura.

A maneira com a qual a sociedade lida com os problemas apresentados pelos “desviantes” reflete sua concepção sobre o homem. Também estão aí envolvidas as pressuposições da sociedade sobre os deveres para com os indivíduos, suas ideias de exclusão e inclusão. A rotulação de um desvio por déficit enfatiza sua divergência, fixa a desvalorização no indivíduo, fornece-lhe um estigma do qual dificilmente se libertará, tornando-se um prisioneiro de sua reputação, como alertam Telford & Sawrey (1988) e Goffman (1975).

Movimentos como o da desinstitucionalização psiquiátrica e o do retorno de crianças excepcionais às turmas comuns nas escolas vêm questionar as categorias resultantes dos desvios encontrados, que promovem a discriminação e perpetuam o modelo da incapacidade, mas não investigam as circunstâncias e processos sociais implicados. No entanto, observa-se que essas situações se apresentam como tendo dupla implicação, ou seja, embora haja a presença de fatores restritivos, as categorias e rotulações oficiais permitem a identificação dos conjuntos de sintomas, fornecem uma nomenclatura sintética, facilitadora da transmissão de

informações, servindo como “ponto de encontro para a mobilização de pessoas e recursos” (TELFORD & SAWREY, 1988) e de enquadre nos ditames dos benefícios financeiros e assistenciais legais, administrativamente autorizados, o que, apenas nesse sentido, favorece os envolvidos – situação análoga à que se vê no item 1.2 com Debert (1998) e Bourdieu (1983), de que a instauração da idade como categoria teve sua efetividade política.

Retomando a situação de Célia, ela percebe que a tendência será sua piora em termos psicológicos, se ali continuar. Por isso, resiste e se rebela, enquanto tem forças. O depoimento revela o seu sofrimento:

[...] Muito agoniada, nada me serve! Todo dia o mesmo! É solidão, tristeza. Vou olhar pras paredes! Eu não aceito! O meu coração não está aceitando. Desiludi [...] fico nervosa [...] Depois piora! Eu não vou ter alta logo. Mas o que eu vou fazer, meu Deus? É um sentimento [...] vem de dentro! [...] Minha vinda? Ah, foi combinada por eles, alguém decerto incentivou que aqui teria meu tratamento, porque disse que, se eu fosse ficar lá, eu ia ter um derrame, porque teria que fazer as coisas, trabalhar e eu não podia ficar sozinha. E aí, quando eu vi, eu estava aqui. Nada tem sentido. Tudo mexe comigo, tudo. Eu deito na cama [...] é pensamento! Aquilo estremece, e parece uma coisa que não tem saída. Foi um choque isso aqui pra mim. Sinto uma solidão, uma revolta! Uma dor muito grande! (CÉLIA, 68 anos, 2 filhos, alcoolista, ex-funcionária de bar, reside há um ano e cinco meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

A entrada na instituição pelo engodo deprecia o sujeito, que se sente sem importância para a família, traído por ela e transformado em objeto descartável.

A coordenadora do Recanto não se detém nos procedimentos para o ingresso, parece preferir se manifestar sobre a estada do idoso na instituição e no desligamento daquele que foi admitido e não se ajustou ao sistema. Esse deslocamento no raciocínio permite supor ser o processo de triagem revestido de caráter puramente protocolar e ser o acompanhamento ao idoso já institucionalizado considerado mais importante para evitar dissabores com os familiares:

É primordial que o idoso queira ficar, porque, se ele não quiser ficar, não tem como admitir [...] Sair do seio da família, ir para um asilo, ele se sente excluído, todo aquele processo [...] Se a gente vê que ele não adaptou, que está evoluindo mal, a gente desliga com medo dele piorar. A gente entra em contato com a família, porque [...] e, depois, se a família queixar? ‘Ah, por que não avisou antes? Já que estava assim [...]’. Então, tem caso de idoso que não tem como ficar aqui. É o caso da Célia, que evoluiu para toda aquela depressão. ‘Ah, não quero’ [...] chorando o tempo todo. A gente tentou bastante tempo. Aí, chamamos o filho, a equipe expôs como estava, ele ficou ciente (COORDENADORA DO RECANTO, entrevista realizada em 2008).

Sobre a procedência do desligamento de Célia, a coordenadora do Recanto, ciente da falta de compromisso da família com a idosa, esclarece seu ponto de vista:

Então [...] pra gente tirar ela daqui, a gente sabe que ela vai pra outro asilo, a gente não sabe se ela estará bem cuidada. Foi isso que a gente questionou. [...] A família já expressou que não quer ter a responsabilidade, porque ela é difícil (COORDENADORA DO RECANTO, entrevista realizada em 2008).

Na segunda entrevista com o administrador da FOSPBV, novas informações sobre a admissão vêm ajudar a compreender as dificuldades com os procedimentos adotados. Ao se perguntar sobre a ambientação do idoso na triagem, sobre o acolhimento realizado e sobre a posição do idoso ao participar das negociações que se estabelecem, se é ativo ou se alguém fala por ele, o administrador esclarece:

Bom, a nossa preocupação é que a triagem seja feita sempre com o idoso porque o seu familiar sempre vai insistir em falar e ponderar mais que o próprio idoso. [...] Se o idoso, em qualquer momento, manifestar desejo de não estar lá, ele nem é recebido pela triagem. Essa é uma situação que não está aberta à negociação. A vontade dele é respeitada. Esse novo perfil do idoso no Recanto [...] nós não vamos ter idosos com demência em grau avançado. Então, nós deixamos isso claro para o familiar: ‘Olha, a triagem está marcada com o idoso, vai ser informado a ele que aqui era um antigo asilo, é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, ele vai morar aqui, ele não vai ficar aqui um tempo e você vai tirá-lo. Ele vai ter toda ciência de onde ele está, de como funciona. Se ele se manifestar contra, é preferível você nem trazer.’ A família prefere dizer: ‘Ah, mas vamos falar para ele que é só um tempo.’ Respondemos: ‘Não. Então nem traga’ (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 2ª entrevista realizada em 2008).

As entrevistas com a coordenação do Recanto e com o administrador da FOSPBV parecem indicar que nem tudo está sob o controle dos dirigentes e que a equipe não se encontra alinhada com o ponto de vista dos gestores sobre o ideal para a instituição.

Parte da equipe do Recanto foi novamente modificada, a partir de setembro de 2008, tendo a coordenadora deixado o Recanto, a psicóloga sido substituída e contratada uma assistente social. A assistente social e a nova psicóloga deram mostras, em entrevistas individuais, de ter como objeto de sua preocupação a mudança no processo de triagem, considerado “muito técnico”. Revendo os procedimentos usados, desejam privilegiar uma acolhida mais calorosa e amigável, criar um clima receptivo às situações de admissão, tendo em vista a vulnerabilidade do idoso que ali chega.

Compete à assistente social conversar com os familiares antes da triagem e do ingresso do idoso, visando à reflexão sobre o significado de um internamento. Em entrevista, ela relata sobre a insistência de algumas famílias em internações consideradas indevidas pela equipe,

com o objetivo de se liberarem “do que consideram um peso”, e, nesse caso, a assistente social oferece a alternativa, para orientações, do Disk Idoso, telefone 31-3277-4646. Procurando informações, foi possível constatar que se trata de serviço da rede pública municipal vinculado à Coordenadoria de Direitos de Pessoa Idosa (CDPI) telefone 3277-4460, por sua vez componente da Secretaria Adjunta de Direitos e Cidadania, subordinada à Secretaria Municipal de Políticas Sociais, ambas sediadas na Rua Espírito Santo, 505, em Belo Horizonte.

O administrador, ao ser questionado sobre a assinatura do termo de concordância pelo próprio idoso, formalizando um contrato com a *Fundação*, explica: “O familiar [que assina]. O idoso assina o relatório técnico, a triagem, não esse documento. O responsável tem a ciência do que foi dito, do que foi falado, mas lá [a triagem], o idoso assina” (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 2008).

Aqui se pode observar como o processo de avaliação, sobretudo com uma orientação objetivante, perde o significado inicialmente proposto, conformando uma situação paradoxal, em que a instituição indica o seu movimento em busca da promoção da autonomia do idoso, porém não lhe oferece a possibilidade de exercê-la no exato momento de sua integração ao quadro institucional, já que é o familiar quem sela o contrato.

O administrador prossegue:

Essa é uma preocupação [a do idoso assinar o formulário de admissão] para não chegar ao ponto que chegou o caso da Célia, que, com certeza, foi por isso que passou, ela foi convencida de falar que queria ficar. Ela estava dentro do nosso perfil e nós no dela, então admitimos. Ou seja, eu costumo falar que às vezes nós somos enganados, porque se faz um trabalho com o idoso antes da triagem, [a família] dá todo um roteiro para o idoso (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, entrevista realizada em 2008).

É difícil conceber que uma equipe técnica multidisciplinar possa ser enganada numa circunstância de seleção que ela mesma propôs. Localizar a responsabilidade do engodo apenas na família ou da ilusão na pessoa idosa parece um recurso simplificador. O processo escolhido para efetuar a triagem pode levar a situações paradoxais como a acima exposta, pois, ainda que o profissional avaliador seja capaz de compreender os jogos de poder/saber ali envolvidos, os critérios estabelecidos para admissão podem silenciar aspectos menos palpáveis, porém essenciais. Entre eles, de um lado, o desejo da família de se liberar dos cuidados com o idoso, muitas vezes percebido como problemático – ainda que venha a enfrentar a opinião pública –, ou a constatação da impossibilidade de assumir esses cuidados

em face de suas condições psicossociais e econômicas. Do outro lado, a vulnerabilidade da pessoa idosa, sua falta de opção – está prestes a ser excluída do cotidiano doméstico, a perder o contato com a vizinhança e sabe que se distanciará do espaço geográfico da cidade, onde construiu a sua história, o que a deixa debilitada, levando-a a não reagir às imposições experimentadas. O administrador admite essas ocorrências e retorna ao seu relato: “Não, não a gente [é enganado]! Penso que o idoso [...] ele é enganado! (ADMINISTRADOR DA FOSP BV, entrevista realizada em 2008).

Um indício de que a equipe não se deixa enganar facilmente pode ser pautado no relato de uma de suas participantes sobre o uso de artifícios pelas famílias para manejar situações de seu interesse referentes ao idoso. Essa profissional afirmou ser comum o convite ao idoso para ir “dar um passeio ali” – e, sem explicações, sem preparo anterior, “o empurravam” para a instituição.

Merece observação o fato de que pode haver, por parte do idoso, refletida adesão à instituição, e entre os entrevistados há exemplos como os de Leila, Rúbia, Dirce, Ilca e Magda. As duas primeiras residem no Recanto, as outras três são pensionistas da Casa Santa Zita. Também as integrantes da *Associação de Santa Zita*, antigas empregadas domésticas, tendo perdido os vínculos com as cidades onde nasceram, formam um grupo “com direito” à moradia na Casa Santa Zita, construída em função delas. Prepararam-se para ali viver participando semanalmente de reuniões na própria Casa Santa Zita, onde vários temas eram discutidos e onde se ambientavam. São em número de cinco as entrevistadas zitas (antigas empregadas domésticas), todas sem dificuldade em sua inserção, à exceção de Míriam, que resistiu inicialmente por se encontrar bem adaptada à vida na *Escola das Domésticas*, onde trabalhou como cozinheira por muitos anos e onde residiu após se aposentar, até ser excluída da instituição, repentinamente, como todas as outras idosas, ruptura que lhe provocou grave estado de angústia.

Pode haver conformidade à determinação da internação pelas pessoas próximas, embora com incômodo inicial, como nos casos de Estêvão e Maura, ou ainda haver internação à revelia, com insatisfação abertamente exposta, como no caso de Célia, sempre em risco de exclusão objetiva ou, pelo menos, social, por parte das residentes incomodadas com suas queixas, nem sempre consideradas pela equipe, pois muitas vezes suas afirmações são tidas como “simples sintoma”, o que é corroborado por outros estudos (GOFFMAN, 2005, p. 47).

Já Gilson demonstra sua insatisfação quando quer, mas montou estratégias para sua sobrevivência de modo a não perturbar o ambiente.

Paulo e Wagner tiveram a internação proposta pela família e aparentam conformidade, havendo no primeiro caso um ajustamento por meio de transgressões possivelmente para certa preservação da autonomia do eu, enquanto, no segundo caso, a tristeza, a frustração e o sentimento de aprisionamento são realçados pela tetraplegia e pela consciência de ter-se tornado um estorvo para a família. Os casos de Lúcia e de Lourenço revelam maior complexidade, sentimentos ambivalentes, nebulosidade, com intranquilidade e mesmo angústia, provocando tensão interior.

Importante observar que a insuficiência das políticas públicas do Estado relativas ao cuidado com o idoso, associada ao afastamento das famílias, deixa a cargo das instituições uma grande responsabilidade social, para a qual não estão preparadas. A relevância de uma ampliação e mesmo de uma revisão nas políticas públicas se evidencia com a percepção de que as instituições asilares não conseguem romper com a lógica da exclusão social. Ao contrário, surge um paradoxo que parece ser induzido pelas próprias diretrizes estatais: uma instituição que teria sido criada para acolher também precisa excluir e, no caso do Recanto e da Casa Santa Zita, são recusados justamente aqueles que mais necessitam de assistência, devido à ausência da infraestrutura e ao custo elevado dos procedimentos<sup>54</sup>. Esses idosos doentes serão internados em hospitais gerais e, se houver problemas crônicos – comuns na idade avançada, que exigem tratamento contínuo para prevenir o agravamento do quadro e a recorrência de crises –, se encontrarão em estado de risco. Isso se constitui em sério problema para os órgãos públicos e para a população, especialmente a carente de recursos, que não pode pagar por assistência domiciliária.

A definição dos perfis das instituições, prevista pelas resoluções estatais, facilitou às instituições a possibilidade de mudanças e adequações como resposta à complexidade do cenário social. Não tendo condições para atender às demandas variadas, as instituições empregam mecanismos de seleção para não comprometer sua sobrevivência, o que implica a exclusão de alguns.

Os procedimentos para admissão na Casa Santa Zita diferem dos adotados pelo Recanto. Uma lista de espera é organizada pelo escritório da Fundação, que administra a

---

<sup>54</sup> Como já foi informado anteriormente, o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, definido na Lei 9.782, de 26 de janeiro de 1999, exige o estabelecimento de um perfil institucional para o encaminhamento de idosos conforme as necessidades constatadas, levando à diferenciação entre as instituições prestadoras de serviços aos idosos.

demanda. A atual coordenadora da Casa Santa Zita procura interferir quando há vagas, levando em conta os interesses das zitas. Esse processo de admissão comporta ainda uma entrevista com o geriatra que atende à instituição uma vez por semana e avalia o grau de autonomia da pretendente à internação. Aceitam idosas independentes ou semi-independentes. As que se tornam dependentes já residindo na Casa devem contar com o suporte de uma acompanhante contratada por ela ou por seus familiares/responsáveis.

No Recanto, também se exige um responsável pelo idoso, que autorizará ou não suas saídas e estabelecerá condições em conjunto com a instituição. A exigência é compreensível sob a perspectiva de proteção ao idoso, porque muitos eventos inesperados podem ocorrer. Entretanto, a obrigatoriedade de o responsável permitir sua saída não se justifica apenas conforme esse ponto de vista, mas também pela expectativa dos familiares em se desobrigarem do cuidado e do envolvimento com os problemas que lhes são infligidos, principalmente quando há quadro de alcoolismo e alguma suposição ou constatação de instabilidade psíquica ou déficit cognitivo do idoso ali internado.

O contrato é periodicamente submetido a revisões, visando ao acompanhamento das condições de saúde, grau de autonomia ou de dependência em que se encontra o idoso. Foi evidenciado no Recanto que o mal-estar pode se instalar entre os idosos mesmo no caso daqueles que aderem à institucionalização, pois o idoso sabe que, qualquer que seja a forma de se conduzir, considerada ou não em conformidade com as expectativas dos especialistas e com as regras institucionais, a revisão no contrato poderá trazer consequências sobre sua relação com o ambiente e efeitos sobre si mesmo. Poderá perder a autonomia em ir e vir, passando a necessitar da autorização do responsável para sua movimentação, poderá ser excluído por ter vivenciado algum problema de relacionamento que comprometa seu ajustamento aos olhos da equipe dirigente, ou, ainda, por seu quadro de debilidade ter aumentado e não estar mais compatível com as possibilidades de atendimento institucional. Pode haver desligamento, havendo desadaptação, por receio da equipe em ser responsabilizada por problemas mais graves que possam ocorrer. O Sr. Lourenço mostra-se preocupado:

E agora eu já sei como que é aqui, né? Porque aqui também [...] pode ter que sair também. Não é porque estou aqui que têm que me aguentar, não! Eles até chamam a família aqui e entregam. 'Oh, ele está inconveniente, não pode ficar por aqui.' Entregam pra família! (LOURENÇO, 84 anos, casado, 3 filhas, empresário da construção civil, reside no Recanto há 1 ano e 8 meses; entrevista realizada em 2008).

Lourenço revela o seu desamparo no temor de cometer “alguma transgressão” às normas e ser excluído da instituição, único lugar com que pode contar, conforme seu relato. Acredita que “ser entregue” à família ainda não é o seu caso, mas ressalta:

Isso, por enquanto! Aqui, como eles falam, eu sou um pensionista. Um pensionista entra e sai quando quiser, né? Eu quando eu vim aqui eu fiz um contrato de trinta dias de experiência, se eu não quisesse ou qualquer coisa eu podia [...] e estava encerrado. Como passou, agora teve um contrato de um ano. Eu continuo aqui do jeito que está. Vou continuando [...] (LOURENÇO, 84 anos, casado, 3 filhas, empresário da construção civil, residente no Recanto há 1 ano e 8 meses; 2ª entrevista realizada em 2008).

A ambivalência de Lourenço quanto à sua permanência na instituição o coloca em sério impasse. Esperava que sua esposa aceitasse ir viver ali com ele, e ela decidiu não ir. Lourenço relata ter sofrido quedas no Recanto, estar fazendo uso de bengala e perceber não ter ali o de que necessita para melhorar. Ao contrário, sua “doença” evolui perceptivelmente, o que foi observado também pela médica. Após a consulta, tentou um retorno à família, a qual não se mostrou receptiva, o que lhe trouxe sério abatimento.

O administrador da Fundação opina sobre o caso de Lourenço, informando que, por duas vezes, ele havia tentado se institucionalizar:

Todas as duas vezes eu não deixei. [...] A esposa também está atravessando uma fase complicada, foi contra a ida dele para a instituição, mas hoje ele está lá porque quer estar, no nosso entendimento [...] Acredito que o Sr. Lourenço precisaria de mais carinho, um acompanhamento mais de família, não de técnicos, como é o nosso caso. Então, tem esse dificultador, ele quer estar lá, mas nós não somos a solução do problema dele mais. Ele não é nosso perfil e nós não somos o perfil dele. O que ele precisa, ele não vai encontrar na instituição, ele vai encontrar em casa, ele tem que encontrar em casa. É [...] Mas a família dele [...] Acompanhamos o Sr. Lourenço esse tempo, e a gente vê, nitidamente, que até fisicamente, ele foi influenciado, já perdeu muito. Mas, como se diz, é um fato que não está em nossas mãos (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 2ª entrevista realizada em 2008).

Nas mãos de quem estarão casos como o de Lourenço e o de Célia, cuja complexidade expõe a delicadeza da internação numa Instituição de Longa Permanência para Idosos? Igualmente, o caso de Marcelo poderá ajudar a caracterizar situações equivalentes para análise posterior, pois os três casos denotam o profundo desejo de romper o contrato e deixar a instituição.

Marcelo ingressou no estabelecimento após um AVC de alto risco, em outra cidade, que o deixou em coma e hospitalizado por muitos meses para recuperação. Os filhos o trouxeram para Belo Horizonte. Aceitou prontamente a sugestão de uma de suas irmãs – uma

religiosa que conhecia o Recanto por ter participado de retiros espirituais em sua sede – de que aquele poderia ser um local conveniente para sua recuperação. Marcelo tinha expectativas quanto ao bom funcionamento dos serviços do Recanto para que esse objetivo fosse alcançado, como imaginou ao ler o “Estatuto da Casa”. Os serviços foram, no entanto, considerados incipientes, e ele comenta:

Eu não entendi até hoje, vim pra cá para recuperar e porque aqui tem muito espaço interno e externo, é muito bom [...] os funcionários em geral. Mas deixa muito a desejar, porque no Estatuto da Casa reza que tem terapeuta ocupacional, recuperação física, fonoaudióloga, psicóloga [...] mas tem só no papel e na teoria, mas na prática não tem, não. E tudo você paga, compreendeu? (MARCELO, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residente do Recanto há dois anos e dois meses; 2ª entrevista realizada em 2008).

Apesar da dissonância entre o que o “Estatuto da Casa”<sup>55</sup> dispõe e o que foi vivenciado na prática, Marcelo teve na instituição o apoio de que necessitava para o recolhimento pessoal e atendimentos básicos à saúde, que valorizou pelo seu constrangimento diante das pessoas “normais”, as quais, estando ao seu lado, faziam realçadas as sequelas de sua doença. Isso remete às pesquisas mencionadas por Goffman (1975) e por Telford & Sawrey (1988). Eles evidenciaram que pessoas desviantes em aspectos negativamente valorizados preferem aproximar-se de outros desviantes, minimizar seus contatos sociais com os não desviantes, evitar fazer-se notar em situações em que seus desvios se tornem óbvios, assim como se relacionam melhor com outros desviantes, além de procurarem dissimular seu desvio, buscando acentuar a normalidade. A isso Goffman (1975) chama “encobrimento”.

Com o tempo, Marcelo tornou-se mais exigente, tinha pressa em se recuperar, não se sentia bem na ala 3 onde o seu quarto estava localizado, pois considerava as pessoas de lá mentalmente confusas e não tinha paz. Tentou mudar, não havia vaga em outras alas onde pretendia ficar. Começou a planejar sua saída, também por desejar viver mais intimamente com alguém que pudesse vir a conhecer. Fazia muitos exercícios para se fortalecer, caminhava e sempre que possível fazia fisioterapia.

Até lá [quando sair] eu tenho certeza que eu vou melhorar mais, eu vou embora porque, sinceramente, o meu desejo sexual até agora não foi afetado em nada, entendeu? Tenho muita amizade aos moradores e funcionários, tenho muita mesmo. Mas espero que, eu indo embora, arrume uma pessoa, a vida vai continuar, a vida

---

<sup>55</sup> Os regimentos das duas instituições estavam sendo reformulados e tive acesso ao da Casa Santa Zita, rascunhado pela coordenadora da Casa, que realizou uma leitura do Regimento do Recanto, usado como referência, em atendimento às exigências do *Estatuto do Idoso* e da Vigilância Sanitária.

pra mim não parou, não! (MARCELO, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residente do Recanto há dois anos e dois meses; 2ª entrevista realizada em 2008).

Nas entrevistas, Marcelo mostrou esperanças de ter vida, ou seja, uma vida melhor no ambiente social da cidade. Os filhos insistiam em que voltasse à vida familiar, mas ele não achava conveniente retornar ao casamento com a ex-esposa, que se prontificava a recebê-lo, por Marcelo entender a receptividade como fruto de sua submissão ao pastor da Igreja Evangélica, frequentada pela maioria de seus familiares, contrária ao divórcio.

Até que um dia saiu, foi morar com um filho casado, estranhou a mudança nos arranjos em sua família e resolveu morar com uma irmã. Insatisfeito com o relacionamento estabelecido com ela, Marcelo encontrava-se deprimido em nosso último encontro e desejoso de retornar à instituição. Também no último contato telefônico, mostrou-se inicialmente arredio, depois ponderou sobre sua necessidade de controle e regras; necessitava de amparo, percebera que tudo mudara e, apesar das visitas frequentes aos familiares, não trazia a dimensão dos efeitos do dinamismo da vida de hoje, à qual não estava se adaptando. Sentia-se sem lugar no mundo e precisava reencontrar um espaço de intimidade e segurança.

A situação de Marcelo ratifica o que Goffman (2005) encontrou em seus estudos: caso seja longa a estada do interno na instituição e ele volte ao mundo exterior com o qual não manteve contato, poderá se processar o desculturamento, que o tornará temporariamente incapaz de enfrentar alguns aspectos de sua vida diária, com resultante fracasso em acompanhar mudanças sociais recentes no mundo externo, caracterizando-se, ainda, pela “impossibilidade de adquirir os hábitos atualmente exigidos na sociedade mais ampla” (GOFFMAN, 2005, p.68-69). “Embora alguns dos papéis possam ser restabelecidos pelo internado se e quando ele voltar para o mundo, é claro que outras perdas são irrecuperáveis e podem ser dolorosamente sentidas como tais” (GOFFMAN, 2005, p. 25). O período, nem tão longo, em que Marcelo esteve institucionalizado foi suficiente para estampar sua marca. Ainda seguindo as trilhas de Goffman, sua observação de que “o ex-internado pode passar do topo de um pequeno mundo para o ponto mais baixo de um grande mundo” (GOFFMAN, 2005, p. 69) parece relacionada ao que sucedeu com Marcelo, o qual, segundo diversos relatos, mostrava-se exigente com todos no Recanto, onde era servido por Maura, que lhe levava a melhor água e o melhor café, diariamente.

Outro ponto digno de menção se refere às rotinas da instituição. Estudos realizados evidenciam que “certa margem de comportamento expressivo escolhido pela pessoa – seja de

antagonismo, afeição ou indiferença – é um símbolo de escolha pessoal. Esta prova da autonomia da pessoa é enfraquecida por algumas obrigações específicas [...]” (GOFFMAN, 2005, p. 46), como exemplificado por Célia:

Aí chega de manhã. Tem aquela hora do banho, e você já toma aquele banho agitada. Oh! Tem que tomar banho, depois toca pro café, vou ter que tomar café. Depois tem a hora do almoço. Aquilo tudo me agita, me agitando (CÉLIA, 68 anos, ex-funcionária de bar, alcoolista, 2 filhos, encontra-se há quase um ano e meio no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

O caso de Célia demonstra que o conceito do idoso sobre o que é importante pode destoar daquele construído pelo corpo dirigente, que privilegia a funcionalidade geral do lugar. Cada um lida com as situações e atividades cotidianas de modo singular, enquanto a instituição constrói sua rotina, regulamenta as práticas minuciosamente, de modo a serem seguidas por todos, privilegiando a homogeneização. Por isso, para quem ingressa na instituição, as rotinas podem trazer embaraço por não permitirem o comportamento expressivo escolhido, que, no caso de Célia, é o antagonismo. Incômodo e insatisfação imensuráveis são gerados, uma vez que as rotinas lhe requerem grande esforço de adaptação.

Não obstante, a rotina que tanto perturba Célia é a mesma que oferecia apoio a Marcelo, ajudava-o a se localizar e estruturar sua identidade. A ordenação do tempo para fazer uma ou outra coisa, como se levantar, ajeitar o quarto, caminhar, oferecia-lhe um ritmo e um controle não considerados invasivos, exatamente por não serem personalizados. Marcelo lamenta ter deixado o Recanto, relata ser excessiva a proteção da irmã com quem reside, algo que considera inadequado, por infantilizá-lo. Marcelo reage contrafeito:

Não sou incapaz, não! [Quando tinha] o meu quarto aqui no Recanto, eu o encerava, lavava banheiro, estendia a cama. Eu fazia tudo. Todo dia levantava 4 horas, 4h e meia, era meu costume. Tomava um banho, fazia um monte de exercício na água quente. Quando era seis horas tinha que tomar banho. Aí, quando abria a portaria, tipo às seis horas e quinze estava arrumado o apartamento. Estava pronto para sair e eu saía andando por este espaço imenso. E às oito horas da noite tomava um banho para dormir (MARCELO, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residente do Recanto há dois anos e dois meses; 2ª entrevista realizada em 2008).

A falta de comunicação é marcante – dificulta a interação, por inibir a formação de laços de amizade; suscita a impressão de descontinuidade e mesmo de ruptura nas relações, que se dão de forma intermitente; há um prejuízo na sequência dos acontecimentos, e mesmo quem aprecia o silêncio manifesta embaraço com a falta de diálogo. A insuficiência de informações sobre

horários e locais de eventos restringe a participação daqueles aos quais se destinam. Três idosos trazem seus testemunhos sobre a situação no Recanto:

Gosto muito do silêncio, do espaço que a gente tem. Tem problemas, como toda comunidade tem, por causa dos idosos, cada um pensa de um jeito, falta comunicação entre a gente mesmo nas próprias alas (LEILA, 73 anos, divorciada, é cega em consequência de um tumor no nervo ótico, reside no Recanto há 8 anos e quase 6 meses; 1ª entrevista realizada em 2008).

Eu quero viver bem com os outros e comigo e no ambiente em que eu estou. Mas a convivência aqui é muito [...] Ninguém fica assim, para conversar, sabe? Falta uma convivência. (LÚCIA, 85 anos, solteira, sem filhos, foi professora universitária e chefe de departamento de um órgão estatal. Reside há 1 ano e quase 9 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008)

Aqui é cada um no seu cantinho, não tem intercâmbio. Não sou só eu que reclamo não, muita gente! Eu fico observando tudo. [...] A comunicação aqui é muito falha. Fazem as coisas estanques, vai para um lado, vai pro outro. Até essas reuniões [...] não falam a hora, não fica bem esclarecido, bem marcado, tem gente que fica meio perdido aqui (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, institucionalizado há um ano e oito meses; 2ª entrevista realizada em 2008).

Não apenas Leila, Lúcia e Lourenço, como também Gilson e Estêvão ressaltaram a baixa interação entre os idosos e, no decorrer do estudo, foi possível constatar a pertinência dessa informação. A maioria dos idosos vive de modo centrado no seu mundo interior, em seu ambiente particular na instituição. Parece admissível supor motivos diversos para esse recolhimento e ainda ser plausível que se conjuguem: um estreitamento do “espaço vital” maior do que o comum na velhice por se associar a um alheamento do que se passa, decorrente de uma indisposição profunda com a vida na instituição; um sentimento inexorável de perda do que foi construído nos antigos ambientes afetivos e que convoca às lembranças; um enfraquecimento das pulsões de vida; um mal-estar na convivência com os outros idosos pela imagem que refletem – na qual prefeririam não se ver; um imperativo de quietação, de sossego, acarretado por um excesso de estímulos, por vezes dolorosos, acumulados durante a vida.

Na opinião de alguns residentes, a instituição não estava facilitando a interação entre os idosos e tampouco integrando às reuniões aqueles mais necessitados, que, exatamente por terem dificuldades mais acentuadas, não conseguiam acesso às informações. É possível que o fato de pouco se interagirem dificulte a tomada de atitudes no sentido de solicitarem melhorias na comunicação em nível institucional, ao perceberem suas insuficiências.

Ainda em relação às rotinas, a coordenadora do Recanto avalia ser necessário programar na instituição, para que os idosos tenham uma vida melhor, “[...] mais oficinas para

os idosos, trabalhos direcionados para melhorar o desempenho nas atividades diárias de vida, a fim de obterem mais independência. Eu acho que o trabalho seria excelente, se a gente conseguisse montar” (COORDENADORA DO RECANTO, 2ª entrevista realizada em 2008).

A coordenadora do Recanto havia mencionado a marcenaria, vislumbrada pela entrevistadora como espaço de interação, *hobbies*, exercício físico e mental, ambiente artístico. No entanto, constatou-se que os idosos não têm acesso a ela, nem mesmo o residente Estevão, que, após a aposentadoria, passou a trabalhar com madeira, a fazer gaiolas:

Nós temos um marceneiro, ele conserta coisas e faz o conserto da casa. Se a gente precisa de uma mesa ele faz, entendeu? Ele tem 83 anos e trabalha até hoje! Ele vem e vai embora. Nenhum idoso nunca se envolveu com o marceneiro em seus serviços (COORDENADORA DO RECANTO, 2ª entrevista realizada em 2008).

Sobre outras atividades realizadas no cotidiano pelos idosos, a coordenadora realça que a horta poderia ser aproveitada como ambiente de trabalho e acrescenta um comentário sobre dois idosos residentes que participam de modo ativo de atividades por eles escolhidas:

O ideal seria que a horta daqui fosse trabalhada pelo idoso capaz. Apenas dois idosos participam de atividades relacionadas com os serviços cotidianos ou com sua conservação. Nós temos uma idosa que mora aqui e ajuda na cozinha, a servir no refeitório e na capela, voluntariamente. E há um senhor que ajuda a cuidar do jardim, temos poucos funcionários da jardinagem e ele trabalha muito, até demais, a família não quer, mas ele insiste. Então eu acho que o trabalho [...] a gente tinha que montar esse trabalho para aumentar a independência do idoso (COORDENADORA DO RECANTO, entrevista realizada em 2008).

A coordenadora do Recanto informa que os outros residentes não ajudam, pois “eles gostam de ser servidos”, e ela insiste: “a gente está com o objetivo de mudar esse perfil”. A maneira de agir desses residentes se equipara à das pensionistas hospedadas de modo permanente na Casa Santa Zita, mas difere do dia a dia das associadas zitas, prontas a ajudar e muito participativas, como já visto, pelo desejo de se sentir útil e, em parte, possivelmente pelo próprio hábito de servir. Ela relata:

Quando eu cheguei, eu mudei a sala [refere-se à disposição dos móveis]. Os idosos que estavam aqui no *hall* vieram ajudar, mas, se outras pessoas chamassem, eles não iriam, é aquela referência. Sou aquela que está na porta central, eu que mando, né? (COORDENADORA DO RECANTO, 3ª entrevista realizada em 2008).

O espírito de colaboração e a prontidão para atividades que conservem o ambiente bonito e aconchegante poderiam ser ali exercitados. Algo acontece que bloqueia a manifestação de desejo de cooperar, talvez residindo numa profunda falta de motivação.

Goffman (2005) observou em instituições que, onde se espera entusiasmo, haverá apatia; onde se espera afeição, há indiferença; onde se espera frequência, haverá faltas, onde as tarefas devem ser realizadas, há diferentes formas de inatividade, expressando uma profunda reação do ser, que pode perceber a instituição, no caso asilar, como um lugar de se estar, sem uma finalidade definida a não ser esperar a morte.

No Recanto, de modo especial, as entrevistas permitiram que fossem desvelados os receios do abandono, da irreversibilidade da institucionalização, algo que no cotidiano parece ser silenciado entre os residentes e entre estes e os funcionários, possivelmente por motivar constrangimento, no primeiro caso, e receio de incomodar e ser considerado um indivíduo desajustado, no segundo. Observem-se os relatos:

Se a família já deixa aqui [...] é como se diz: entrou aqui, está condenado à morte. A família não tira, só vai tirar no dia que morrer pra levar pro cemitério, está entendendo? É igual a esse V. que tem aqui. Ele também está condenado à morte. O dia que ele sair daqui ele vai pra Medicina Legal se não morrer no hospital. Porque a família dele [...] ontem que eu vi duas mulheres conversando com ele. Achei que podia ser a esposa dele com a filha. Eu acho que são da família, né? Desde que estou aqui, foi a primeira vez que eu vi. (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, tornou-se alcoolista. Reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Aqui tem gente que não vê [...] mais de dois anos que não vê nenhum parente. Solta aí e vai embora e não volta aqui mais. Isso é um abandono muito triste. A pessoa tem que ter uma pessoa da família que ajuda muito a gente também, não é? (PAULO, 82 anos, viúvo, seis filhos, viveu na roça por muitos anos e foi funcionário de empresa ferroviária. Reside há quase 6 anos no Recanto; 3ª entrevista em 2008).

A internação sem adesão, em casos como os acima expostos, pode ser entendida como uma sentença de morte, o que não advém essencialmente da observação da própria condição. A imagem dos semelhantes pode indicar o colapso pelo abandono, o que suscita cogitações sobre as motivos do ingresso dos colegas. Marcelo expõe seu desconforto com a situação de um companheiro, que vem perdendo gradativamente a lucidez e a quem percebe abandonado pela família:

O Sr. Lourenço, se eu dissesse que não é uma pessoa lúcida, é lúcido, mas agora ultimamente ele [...] tem hora que ele não interessa por nada não, entendeu? Não é fofoca que eu estou fazendo, não. Tô contando [...] Ele é bem de vida e tal [...] por que ele está aqui? Eles não aceitaram, coisa e tal [...] aí pôs ele aqui. Ele tem momentos de lucidez, ele conversa com a gente tudo. Depois atrapalha a mente. Tem muita gente aqui que [...] simplesmente sem necessidade de estar aqui e está aqui [...] Ele foi empurrado, entendeu? (MARCELO, 64 anos, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residiu por 2 anos e 2 meses no Recanto após ter tido um AVC; 3ª entrevista realizada em 2008).

A percepção de Marcelo sobre o amigo, impelido pela família a “escolher” a institucionalização, é consoante com estudos feitos em outras instituições, indicativos de que “entre os que são internados apenas por pressão muito forte da família, alguns podem apresentar-se como pacientes voluntários” (GOFFMAN, 2005, p. 116, em nota de rodapé).

A institucionalização parece conter elementos capazes de suscitar no sujeito uma conformação negativa da identidade, apoiada em suspeitas sobre si mesmo, seu passado, seu valor e em indagações infundáveis e sem respostas, em razão do abandono dificilmente aceito, dificilmente reconhecido diante dos outros, pela dor desencadeada.

À vida distante da família se sobrepõe a recordação de ter estado abrigado no aconchego do lar, espaço de intimidade, de imaginação, de detalhes. Na casa onde se habitou os objetos ganham vida pelo significado afetivo adquirido, e esses aspectos emergem nas entrevistas, como a seguir: “Solidão! Pra mim é lugar de solidão. Tenho meus amigos, mas nada meu está aqui. Nada é melhor do que nossa casa” (WAGNER, 60 anos).

A imagem do asilo como prisão foi evocada por Gilson, sendo a seguinte a sua percepção a respeito:

Não gosto daqui não, porque a gente fica preso. Sai, mas tem que ter autorização. Se eu precisar ir lá no centro comprar uma coisa, eu não posso ir. Posso, se ela autorizar. A coordenadora, sem licença de minha irmã, não autoriza (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, tornou-se alcoolista, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; entrevista realizada em 2008).

A perda da autonomia mostra-se patente, a ambivalência se coloca no âmago do ser do idoso, sugerindo conflitos interiores extensos e profundos, permeados pelo desamparo.

A Casa Santa Zita, como já mencionado, tem suas peculiaridades quanto à admissão, realizada diretamente pelo escritório da FOSP BV, com alguma influência da coordenadora da Casa, que leva em conta ter sido a instituição idealizada para as zitas. Um exame pelo geriatra que frequenta semanalmente a instituição conclui o processo, condicionado ao grau de autonomia, cuja exigência é maior que a do Recanto, já que a Casa Santa Zita não conta com equipe técnica, tampouco contava com cuidadores de idosos até o primeiro semestre de 2009, nem mesmo com pessoal de enfermagem por 24 horas diretas.

Como visto, a problemática da velhice, em especial da vida do idoso em uma instituição asilar, comporta uma série de ambiguidades e mesmo paradoxos, demandando análise cuidadosa das entidades, dos órgãos públicas e dos profissionais da área.

## **4.2 Trajetórias de vida, situações sociais que levaram à institucionalização no Recanto e na Casa Santa Zita e experiências na nova condição**

Na pesquisa feita por Yazaki, Melo e Ramos (1991), comentada por Pavarini (1996), os autores depararam com três significados dados ao asilo pelos idosos entrevistados por eles: o asilo-isolamento, resultante da concepção do asilo como depósito de velhos; o asilo-saúde, para idosos geralmente de baixa renda que o associam a uma unidade hospitalar; e o asilo-refúgio, tido como um local onde o idoso tem um espaço próprio, onde resguarda seu poder de decisão.

No estudo ora apresentado, também foram encontradas essas significações, implícitas na categorização apresentada no QUADRO 1, à frente, articulada às situações relacionais encontradas na trajetória de cada idoso com a família ou com patrões e à forma de condução do processo de ingresso na instituição: se houve enfrentamento de modo aberto e negociado; se o caso se transformou num tabu, sendo silenciado; se houve preservação dos vínculos. Foi também observada a forma peculiar de cada um construir seus relacionamentos na ILPI. Os seis tipos desta categorização não são rigorosamente definidos, se mesclam, podem ser reduzidos em seu número se a opção for por menor detalhamento.

Nesta pesquisa, onze foram os idosos entrevistados no Recanto, de ambos os sexos, e sete as idosas na Casa Santa Zita, que aceita apenas mulheres: destas, quatro são zitas e outras três são residentes como pensionistas, de diversas profissões e estratos sociais. Como já mencionado, o interesse em participar foi fator decisivo na seleção da amostra, assim como a avaliação, por meio dos trabalhos grupais, da possibilidade de o idoso manter diálogos e interação, além de terem os seus direitos civis preservados.

Cada caso é apresentado e comentado, sob o ponto de vista do idoso e, em alguns, da equipe técnico-administrativa, visando complementar as informações e evidenciar as diferentes lógicas no universo institucional. A construção do quadro adiante permite visualizar os tipos observados, descritos a seguir:

**QUADRO 2 - Tipos de inserção nas instituições: Recanto e Casa Santa Zita, Belo Horizonte, 2008**

Situações	Casos e instituições			
<b>1ª situação:</b> <b>Internação por imposição, à revelia do idoso</b>	Célia (Recanto) Insatisfação, exposição pessoal (ajustamento secundário)	Gilson (Recanto) Insatisfação, com uso de estratégias adaptativas		
<b>2ª situação:</b> <b>Internação por determinação dos familiares ou patrões, com aviso anterior</b>	Maura (Recanto) Incômodo inicial, com uso de estratégias ativas de ajustamento	Estêvão (Recanto) Incômodo inicial, com conformidade		
<b>3ª situação:</b> <b>Internação combinada com a família</b>	Paulo (Recanto) Adesão com ajustamento secundário – transgressões	Wagner (Recanto) Adesão, com resignação, tristeza, frustração. Sente-se duplamente prisioneiro pela tetraplegia. Conformidade na maioria do tempo	Lourenço (Recanto) Adesão parcial por sentir que se tornou um peso, indicação de que a esposa iria em seguida, o que não se cumpriu. Tensão e desejo de retorno, não aceito pelos familiares	Lúcia (Recanto) Adesão parcial por pouca reflexão, nebulosidade. Incômodo posterior
<b>4ª situação:</b> <b>Escolha pessoal, embora pudesse viver com os familiares. Busca de situação onde se sentisse mais confortável</b>	Marcelo (Recanto) Adesão, com tensão posterior e desejo de sair, culminando no retorno à vida na cidade e desadaptação com sofrimento expressivo	Ilca (Casa Zita) Adesão planejada	Rúbia (Recanto) Adesão planejada	Leila (Recanto) Adesão planejada
<b>5ª situação:</b> <b>Escolha da internação por estar só no mundo</b>	Dirce (Casa Zita) Adesão planejada	Magda (Casa Zita) Adesão planejada		
<b>6ª situação:</b> <b>Processo de inserção construído ao longo dos anos; situação das zitas</b>	Ricardina (Casa Zita) Adesão	Maria (Casa Zita) Adesão	Marta (Casa Zita) Adesão	Míriam (Casa Zita) Adesão parcial inicialmente

#### 4.2.1 1ª situação: Internação por imposição, à revelia do idoso

Aqui é tratada a internação à revelia do idoso, sem que ele tenha condições de elaborar o que sucede. Os familiares determinam a institucionalização por não estarem disponíveis para os cuidados cotidianos, sem condições financeiras ou emocionais para assumir diretamente a responsabilidade ou simplesmente por preferirem manter a pessoa distante de sua companhia, com contatos esporádicos.

A internação à revelia do idoso pode provocar a sua infantilização, revelar-lhe ser um “desacreditado” (GOFFMAN, 1975), mobilizar representações de si construídas ao longo de anos na quais não pode mais confiar. Pode tornar o idoso incapaz de desenvolver um relato biográfico consistente. Os dois casos apresentados nessa primeira situação são de alcoolistas, embora, há algum tempo, não bebam. Pode ser observada a evidente desorganização pessoal de Célia, principalmente na primeira entrevista, quando foi necessário criar um modo de atuar estruturado e firme, com um roteiro diretivo, a fim de ajudá-la a manter a linha de raciocínio e a dar um rumo menos confuso à narrativa. No caso de Gilson, que parece conformado no cotidiano, afloram a irritação e o ressentimento quando percebe poder falar mais à vontade. Sua representação do Recanto é de uma prisão, tendo sido desautorizado a sair pela família. Suas três entrevistas ofereceram informações incoerentes quando se referiu aos seus casamentos; revelou-se ainda bastante dependente tanto financeira quanto afetivamente de seu pai, que se encontra lúcido aos 96 anos, e pelo qual sente grande afeto.

Célia expõe sua insatisfação de modo indiscriminado e ansioso, deixando entrever o pânico. Não conta com o suporte da maioria dos familiares, residentes no sul, e sua convivência em Belo Horizonte restringe-se a um filho. Gilson mantém convivência com os irmãos e com o pai e, na instituição, demonstra tédio acentuado, confundido pelos funcionários, segundo ele, com conformismo ou bem-estar.

#### *Célia*

Célia tem familiares em dois Estados no sul do País. De seus dois filhos, um vive com sua família em Belo Horizonte. A outra filha, adotada informalmente, mora no Rio Grande do

Sul com o marido e têm uma criança. Como mencionado no item 4.1, Célia sofreu um AVC leve. Relata ter ficado com a mão quase inútil e a vista meio embaralhada; além disso teve problemas dentários, razões pelas quais o filho a trouxe para Belo Horizonte. Ficou pouco tempo em sua residência por não ter afinidade com a nora. Foi internada a contragosto, caracterizando o ingresso como imposto pelos familiares, havendo “tapeação”. Conforme relato anterior, no item já citado, Célia foi encaminhada por um médico à instituição asilar, a qual exerceu sua função como espaço de reclusão dos indesejados ou daqueles que não contam com quem lhes preste cuidados. A nora parece ter cumprido a função de “denunciante”, a pessoa que pratica a ação que finalmente levará à internação, como na situação similar à discutida por Goffman sobre internamentos em hospitais psiquiátricos: “esse denunciante pode não ser a pessoa que toma a primeira providência, mas aquela que realiza o primeiro movimento eficiente” (GOFFMAN, 2005, p. 116), enquanto o médico cumpriu o papel de mediador entre a família e a instituição, “aquele agente a que o pré-paciente é levado e através do qual é enviado aos que o internam” (GOFFMAN, 2005, p.119), os quais, no caso, não realizaram a triagem e o acolhimento necessários.

Célia conhecia pouco Belo Horizonte, e um dia se perdeu na cidade. Isso parece ter sido o fator derradeiro para decidirem pela sua internação. Ela não compreendeu bem o que lhe aconteceu.

Eu saí sozinha para fazer compra [...], ciente de tudo o que eu estava fazendo. Entrei na porta errada, deu um temporal, me perdi, voltei no mercado [...] Eu estava procurando jeito de ir para casa, mas tava um temporal. Eu parei em um posto de gasolina, pedi para entrar, me deram um café quente porque eu estava toda molhada. Depois eu entrei em uma igreja, pedi ajuda pro padre pra eu voltar pra casa [...] Meu filho ficou desesperado porque não me achava e eu tava na Igreja [...] O tio da minha nora [...] falou pra me procurarem no hospital [...] de medo (CÉLIA, 68 anos, solteira, dois filhos, trabalhou como funcionária de bar, alcoolista, há 1ano e 5 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Em sua percepção, algo como uma “coalizão alienadora” parece ter se formado contra ela (GOFFMAN, 2005, p.119-120) a partir desse acontecimento. Célia expressava com insistência sua insatisfação com a vida na instituição, onde residia há um ano e cinco meses. A ofensa sentida tornou-se um “fato social público”, e a traição “testemunhada” ensejou “cerimônias de degradação”, nos dizeres de Goffman, sendo, no caso, encetadas por colegas residentes. Isso porque, ao debater-se em agonia, Célia efetuava questionamentos por meio de queixas que possivelmente incomodavam os outros residentes e ameaçavam o precário sentimento de segurança individual com que contavam. Estariam evitando, nesse caso,

perceber que a instituição que acolhe, dá um lugar e ampara contém também um lado negativo porque marcado pelo poder excessivo, embora pareça como racional aos menos avisados. O receio de serem forçados a enxergar o que lhes traria grande desconforto psíquico importunava a muitas residentes, pelas reações que Célia veio a narrar:

Agora mesmo eu estava lá e tinham umas pessoas de idade, duas, conversando. Uma está há 20 anos aqui e outra está há não sei quanto. Elas conversando sobre os problemas delas; às vezes problemas daqui. Eu vejo elas falarem baixo sobre outras daqui, né?! Até eu estava observando isso. Acham que eu tenho que aceitar. Então, por que eu estou aqui? Se eu não gosto daqui, que eu saia. Tem uma tal de Lindamar<sup>56</sup>, ela é muito imponente, entendeu? Pensar que eu vou ter que ficar aqui que nem essas outras [...] Ficar aqui, aceitar? É uma coisa que eu não aceito. Eu não! (CÉLIA, 68 anos, solteira, dois filhos, trabalhou em bar; há 1 ano e 5 meses no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

O fato de não aceitar a vida na instituição a diferenciava do grupo, levava-a a estipular distâncias e “barreiras entre o indivíduo e a unidade social” para a preservação do seu eu, do senso de individualidade e autonomia pessoal, a fim de escapar “às garras da organização” (GOFFMAN, 2005, p. 254), num movimento de resistência. Durante esse período, Célia evitou participar das atividades oferecidas, negou-se a praticar exercícios, criticou a submissão das mulheres residentes, contrapôs-se aos horários estipulados, ficou o máximo possível no próprio quarto.

Ela demonstrava seu incômodo com a condição de internada, com os procedimentos ali adotados, desnudava lados sombrios da institucionalização com suas queixas e também por escrito, como quando aproveitou um questionário que lhe foi repassado pela equipe profissional do Recanto para se posicionar. Indignou-se depois por suas colocações terem sido amenizadas pela equipe ao trabalhar os dados e tornar públicas na instituição informações decorrentes do levantamento feito. Mesmo assim, o que permaneceu nos resultados irritou sua nora, relata Célia:

As meninas [equipe técnica] fizeram o relatório, que eu estava só chorando e não me alimentava, que me queixava pra elas. Aí ela disse assim, ‘você trata de se cuidar, de se curar e tudo, se alimentar e não incomodar’. Ela disse que eu estava incomodando por eu comentar com elas aqui sobre isso (CÉLIA, 68 anos, solteira, dois filhos, trabalhou em bar, há 1 ano e quase 5 meses no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

Existe um limiar de convívio com a frustração acima do qual a organização psíquica do indivíduo começa a se esfacelar. Isso é observado quando não se consegue enxergar

---

<sup>56</sup> Nome fictício

perspectivas de continuar a própria vida como a vinha tecendo, ou mesmo de retornar ao ambiente onde sua história foi construída ou possa vir a ser. E Célia deseja viver sua história, fazer suas escolhas sobre os rumos e o modo de percorrê-los, desde o horário das refeições, o horário do banho, de conversar, de dormir. Recebe então a mensagem, nem sempre dita, mas apresentada nas entrelinhas, nos lapsos, nas ironias – seja vinda dos outros institucionalizados ou de funcionários – da necessidade de se adaptar, de que se encontra ali porque “aprontou muito” e merece estar na instituição já que não se empenhou em viver bem com as pessoas do seu ambiente natural. Isso acentuava sua recusa de se inserir num grupo pelo qual não se sentia compreendida e que veio a conhecer em um lugar para onde foi levada a contragosto. Assim, Célia expressava, conforme observado em outras instituições, a “rejeição de quem nos rejeita” (GOFFMAN, 2005, p. 254) e protestava.

As entrevistas deste estudo a auxiliaram a alcançar alguma organização interna e a iniciar a elaboração das questões fundamentais do momento, além de compor estratégias para operacionalizar seu projeto de deixar o Recanto, em futuro próximo. Restabelecer-se do AVC, aprender a lidar com a questão do alcoolismo e fortalecer-se psiquicamente seriam passos imprescindíveis em sua caminhada.

No último encontro em fase de pesquisa, ela se apresentou enfeitada com colares e brincos. Relatou ter ganhado brindes de amigos em uma festa e se tornou objeto do ciúme e de censuras por parte de outras senhoras. Recuperara um ar de mulher que ainda pode encantar. Engordou e ficou mais bonita, deixou de se lastimar tanto, seus passos ligeiros demonstravam que estava melhor, se reestruturava para o que pudesse vir depois. Essa situação é similar à de algumas comunidades hospitalares estudadas, nas quais, com o tempo, torna-se “comum a desistência deste esforço de ausência e anonimato” e a pessoa “começa a apresentar-se para a interação convencional” (GOFFMAN, 2005, p.126). Soube que Célia recebeu a visita de uma irmã que dormiu na instituição, em sua companhia. Posteriormente, foi levada a um passeio por ocasião do Natal e passagem do ano, quando esteve com seus outros familiares. Tudo isso contrariou o movimento de colegas internas no sentido de miná-la em suas reivindicações de presença da família e de fazê-la resignar-se à sua nova condição.

Célia deseja viver no sul, mesmo se a condição for ficar em uma ILPI de lá. A família manifestou-se no sentido de que seria aceita em seu meio estando bem de saúde e com o alcoolismo controlado.

Sobre a relação com o filho e seus problemas em geral, Célia comenta que é tratada com carinho por ele, que lhe diz: “mãe, começa a tua vida agora! Tem teus netos! Isso não é pra sempre, mãe”!

Nós éramos bem relacionados, mas às vezes, por causa da menina que peguei para criar e andava com companhias que eu não queria, eu brigava com ela [e ele sentia]. Eu errei de brigar [tanto] com minha menina. [...] Eu fumava e às vezes tomava um aperitivo. E me revoltava. Era tudo por sofrimento (CÉLIA, 68 anos, solteira, dois filhos, trabalhou em bar, há 1 ano e quase 5 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Pôde ser observado que Célia já há anos tem tido problemas relacionais que interferem em sua convivência, muitos deles podendo estar associados ao alcoolismo. Após ser institucionalizada, além dos problemas gerados pela exclusão e “exílio”, a abstinência do álcool pode lhe causar mal-estar e irritabilidade.

### *Gilson*

Outro caso de internação à revelia é o de Gilson, com setenta e um anos. Foi casado por quatro vezes, teve três filhos, com os quais não conviveu, e um deles faleceu. Seu casal de filhos foi descoberto há pouco tempo por uma sobrinha pela internet, já com seus trinta e três e trinta e quatro anos. Gilson foi visitado pela filha e netos. Corresponderam-se, mas, como uma irmã dele estivesse lendo suas cartas, ele parou de escrever. Também perdeu o contato por telefone e supõe que o número possa ter sido mudado, pois não atendem mais. Sempre se relacionou bem com o pai, com quem ainda convive, e com os irmãos, mas considera a irmã mais velha “muito intrometida”.

Certa vez, bebeu em excesso por ter ficado contrariado com a derrota de seu time e “mexeu” com uma mulher no ônibus, tendo ela chamado a polícia. O fato foi noticiado nos jornais e, por isso, ele perdeu o emprego numa multinacional. Essa é a única coisa que diz lamentar em sua vida.

Estudou flauta no conservatório de música, mas parou por excesso de trabalho. Queria mesmo, desde novo, ser advogado. Fuma dois maços de cigarro por dia. Alcoolista, diz: “sempre bebi, bebia tudo que aparecia. Todos os dias, sem parar, até desmaiar. Aqui parei de

beber. Quando eu saio, eu bebo. O que aparecer, eu bebo. Penso sempre em sair daqui e tomar uma” (GILSON, 71 anos).

Gilson foi inserido anteriormente numa outra instituição vinculada à rede municipal, acreditando que estava indo estudar:

Eu fui estudar na Sagrada Família, voltar a estudar, pois uma coisa que eu não aprendi até hoje, a matemática. Fazer contas de frações. Eu assisti a umas aulas lá, a professora pediu um dia para eu ficar com ela, ia ter uma festa lá na escola e essa escola era a casa de adultos, sabe, de velhos, uma casa de tratamento de idosos. Aí pediu pra que eu ficasse com ela. Eu fiquei com ela à noite. Na outra noite, outra professora pediu pra eu ficar com ela também, aí eu gostei do lugar e fiquei dormindo lá. Mas pagando a escola (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Seu relato demonstra que falta de clareza e transparência não são as melhores opções para provocar mudanças desejáveis. Gilson não podia sair da instituição, a não ser com o dono ou o empregado. Fazia uso de estratégias para beber escondido, mesmo com o dono da instituição estando por perto. Ele expõe a respeito e também explica o motivo de sua transferência para o Recanto:

Uma vez eu saí sozinho, bebi e cheguei lá tonto, de madrugada, passei mal três dias, eles ligaram para minha família, me levaram para o hospital, eu fiquei trinta dias no hospital. Do hospital, eu voltei para lá outra vez, fiquei lá mais dois anos. Nessa casa a Prefeitura interveio e não pude ficar lá por causa da idade. Porque lá é de 60 a 65 anos e eu já tinha 68. Aí eu não pude ficar e minha irmã arrumou pra eu vir pra cá (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Ao ser transferido para o Recanto, Gilson narra que também não foi por sua escolha. Ao ingressar, nem sequer sabia que estabelecimento era aquele, o que revela a obscuridade das circunstâncias para ele e a precariedade do acolhimento realizado na instituição:

Eu vim pra cá e pensava até que era Sanatório ainda. E aí falaram que não era mais, que era uma ‘Casa de Repouso’. Aqui eu parei de beber. Vim por excesso de bebida. Minha irmã caçula arrumou aqui pra mim. Ela veio aqui, olhou. Eu estou aqui porque eu mesmo provoquei. Ela me trouxe, eu fiz a triagem e fiquei (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Gilson se sente querido por essa irmã, aceita suas decisões e avalia que, se não fossem suas intervenções, ele já teria morrido. Percebe a impossibilidade de viver na cidade, como

gostaria, porque não consegue ficar sem a bebida. Aprendeu os valores da obediência, porém nem sempre atende às ponderações do pai, sendo este o único problema que têm. Como sua aposentadoria não cobre suas despesas, é auxiliado pelo pai.

Sobre sua rotina no Recanto ele informa, em tom de ironia: “Eu levanto, tomo banho, tomo café e venho e sento ali [no hall], até a hora do almoço”. E prossegue:

Eu vejo o movimento, converso com alguém que chega, né? Converso com o menino da recepção. Com quem conversar comigo eu converso. Saio dali, depois eu vou almoçar, do almoço eu vou pra ‘casa’, durmo lá um pouco, descanso um pouco, fico até sete horas da noite. Sete horas todos vão embora pros quartos, fico no meu até duas, três horas da manhã vendo televisão. Minha dieta é essa! (risos) (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Pode ser notado o fastio no tom de Gilson ao falar sobre seu cotidiano. Deve-se considerar, no entanto, que não havia oficinas e outras atividades na ocasião, mas ele ficava aguardando sua vez para as entrevistas deste estudo, e participou, com boa vontade, dos grupos que foram desenvolvidos na fase de pesquisa com os idosos do Recanto. Pareceu bem relacionado com os funcionários, embora entediado com os outros idosos:

Todo mundo aqui é meu amigo. Ah, converso. Eu vou te falar a verdade: com pouca gente aqui a gente pode conversar certas coisas, com poucas pessoas a gente tira proveito. Não discute futebol, não discute política, não discute nada. Converso mais com funcionário, mas de velhice, não tem com quem. De morador não tem, não tem com quem! (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, vendedor, bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Talvez a depreciação demonstrada seja um modo de não se identificar com o outro que reflete a sua velhice. Por fim, Gilson desabafa sobre seu incômodo com o lugar, fala de suas expectativas e de suas estratégias para sobreviver na instituição:

Eu não gosto daqui não. Gosto e desgosto ao mesmo tempo. Não gosto de ninguém aqui, não converso com quase ninguém, a gente não aproveita nada das conversas daqui e eu não gosto mesmo daqui. Tinha vontade de morar sozinho, continuar a minha vida, sozinho. Muita gente acha que eu gosto daqui. Ah [...] eu não gosto não. Eu detesto. Outro dia a coordenadora falou: ‘ah seu Gilson, o senhor falou que aqui é uma cadeia, que nós somos as carcereiras?’ Eu falei: é isso mesmo. É verdade! Aí já mixou o assunto, aí encerrou o assunto, está entendendo? Eu fico aí, não mexo com ninguém e ninguém mexe comigo. Então eu fico lá, e eles acham que eu estou bem demais (GILSON, 71 anos, 4 casamentos, três filhos, foi músico, atuou com vendas, foi bancário, policial, proprietário de restaurante e de bar, reside há 1 ano e 9 meses no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Dessa forma, Gilson consegue “se ajustar”, reagindo com a ironia que lhe é peculiar.

#### 4.2.2 2ª situação: Internação com aviso anterior

O ingresso na instituição ocorre por determinação da família nuclear ou de sobrinhos, irmãos ou ainda de ex-patrões que, como no primeiro caso, não têm disponibilidade para cuidar do idoso, não assumem diretamente a responsabilidade e por isso preferem manter a pessoa distante de sua companhia no cotidiano. Porém aqui há um aviso anterior à pessoa idosa, permitindo-lhe entender a lógica da internação, mesmo que haja resistência. Habitualmente não há abandono posterior.

#### *Maura*

A partir do momento em que se cogitou a internação e a decisão foi transmitida a Maura, a tensão gerada diante da possibilidade do afastamento do ambiente e das pessoas conhecidas foi imensurável, traduzindo o desamparo diante do desconhecido.

Maura, ainda nova, experimentou uma separação similar. Nasceu na roça no norte de Minas e aos 15 anos foi levada a cavalo, à noite, pelo cunhado, para uma fazenda onde ele havia trabalhado, bem distante, sem o conhecimento dos pais dela, para trabalhar como cozinheira. Sua irmã, casada com o rapaz que a levou, sabia de sua intenção, mas “gente da roça é inocente, né?” (MAURA, 78 anos).

O pai ficou zangado porque a filha lhe foi roubada, sequestrada pelo genro. Com o passar do tempo, Maura se acostumou e passou a “gostar de ganhar um dinheirinho”. O cunhado a buscava para passeios na casa dos pais e dos tios e também num arraial próximo. Depois, levada pela prima da fazendeira, empregou-se numa cidade próxima, até que veio para Belo Horizonte, onde trabalhou numa mesma residência por muitos anos. Sua construção sobre o processo de internação é apresentada a seguir:

A patroa [...] era a mesma coisa de mãe minha. Quando ela morreu, eu chorei. Mais de vinte anos com ela. Depois eu fiquei trabalhando com a filha. Um ano mais ou menos, nós ficamos juntas, ela morando na casa. Aí eu tava estudando, eu tive que parar com o estudo lá no Colégio [...] a gente tava quase pra fazer prova. Ela falou com a diretora na igreja: ‘Ô Irmã, eu mais a Maura, nós vamos separar’. ‘Por quê?’ ‘Porque a mamãe morreu e nós não podemos ficar junto mais, porque a Maura tá com a pressão alta, ela tem que ficar no lugar onde o médico falou, ela não pode

apanhar nem uma roupa no varal, com prazo de um mês ela morre' (MAURA, 78 anos, solteira, sem filhos, foi empregada doméstica. Reside no Recanto há 5 anos e 5 meses; 1ª entrevista realizada em 2008).

Maura, consternada, conversou com um padre amigo, que procurou mediar as relações. A nova patroa desejava deixar a casa de sua mãe e alugar um apartamento com o marido, e Maura não poderia acompanhá-los, por estar com a pressão muito alta e ter o médico alertado que logo morreria. Mesmo com as ponderações do padre, a nova patroa persistiu em sua resolução e buscou um local para Maura residir. Ao encontrar o Recanto, fez uso do argumento de que o asilo ofereceria assistência médica e um espaço amplo.

Irmãs de Caridade ainda administravam o estabelecimento e se prontificaram a acolhê-la, oferecendo orientações sobre os objetos pessoais que poderia trazer. Foi inundada pelo contentamento ao se sentir aceita e relata: “a Irmã gostou muito de mim, me abraçou. Tadinha, já morreu. Aí a filha da patroa comprou o enxoval e me trouxe; chegou aqui minha pressão controlou” (MAURA, 78 anos).

Questionada sobre seus sentimentos ao ingressar na instituição, Maura declara:

No princípio eu peguei a achar ruim. Não conhecia as idosas. Eu era mais nova do que as idosas. Quando eu vim pra aqui, eu tinha [...] 73! Eu fiquei em um quarto com uma idosa que ligava televisão alto à noite. Aí falei com ela ‘eu tenho que dormir’. Tenho que descansar. Quem trabalha lá fora [do quarto] cansa. E eu tava estudando também à noite. Eu contava às enfermeiras, as enfermeiras chamavam a atenção dela: ‘Ah, fica só reclamando’. Aí, eu reclamei com a ex-patroa, responsável minha aqui, e ela me trocou de quarto. Paga um pouquinho mais (MAURA, 78 anos, solteira, sem filhos, foi empregada doméstica. Reside no Recanto há 5 anos e 5 meses; 1ª entrevista realizada em 2008).

Maura conseguiu superar a dificuldade inicial, quando do ingresso no Recanto, pela sua assertividade, solicitando o apoio das enfermeiras e o suporte da ex-patroa, que passou a lhe pagar um quarto em que ficasse sozinha. Também sua disposição em se integrar na instituição era evidente, conforme relata:

[...] eu não fiquei muito tempo pra acostumar, não. Eu cheguei e aqui tinha as Irmãs. Eu peguei a andar com elas. Eu andava com a Irmã Olegária, porque ela rezava em cada ala. Nós rezava todo dia, eu com a Irmã. E aí ela falava, ‘Maura, hoje nós vamos rezar na ala 2’. Nós acabava de rezar na ala 2, íamos na ala 3. Acabava de rezar na ala 3, na ala 4. Eu fui conhecendo todo mundo. Com as rezas eu fui conhecendo todo mundo. Aí com pouco também, ela (a Irmã Olegária) estava dando aula para os funcionários da cozinha. Aí eu pedi se eu podia entrar também. Ela falou: ‘Pode’. (MAURA, 78 anos, solteira, sem filhos, foi empregada doméstica. Reside no Recanto há 5 anos e 5 meses; 1ª entrevista realizada em 2008).

A religiosidade de Maura e o apoio das Irmãs de Caridade a beneficiaram nos relacionamentos sociais. O fato de estudar foi decisivo na integração com outras alunas, tendo adquirido novo ânimo e alegria por voltar a aprender a ler. Seu trabalho intenso na cozinha, no refeitório, na capela – indicados por ela como o que fazia “lá fora” em relação ao quarto de dormir –, a mantinha numa atividade incessante, que talvez a impedisse de pensar no fato de ter sido excluída daquele que considerava seu lar. Este pode ter sido um recurso para sua adaptação, uma forma de preservar sua identidade, ou mesmo reconstruí-la, no exercício dos papéis que veio a assumir, reproduzindo com as Irmãs a relação vivida com a antiga patroa, de servilismo permeado de afeto.

Uma hipótese para o ajustamento de Maura seria a indicada por Goffman (2005) no sentido de que o indivíduo contribui para a estabilidade da instituição, ao aceitá-la e ao mostrar uma dedicação exagerada, deixando evidente a entrega de si. Trata-se, para o autor, do chamado *ajustamento primário* – aquele em que

[...] o indivíduo contribui, cooperativamente, com a atividade exigida por uma organização [...] se transforma num colaborador; torna-se o participante [...] ‘programado’ ou ‘interiorizado’. Ele dá e recebe, com espírito adequado, o que foi sistematicamente planejado, independente do fato de isso exigir muito ou pouco de si mesmo (GOFFMAN, 2005, p.159-160).

Foucault (1977, 1979b, 2002) diria que seu corpo já era dócil, disciplinado por anos de trabalho doméstico.

Com o administrador da FOSPBV foram discutidos, em entrevista, os casos de Maura e de outro morador que na época trabalhava no jardim de modo compulsivo, vindo ambos a assumir a função de forma excessivamente aplicada, esforçando-se de modo impróprio à condição de residentes. Assim se conduziam talvez para se sentirem úteis, prestativos, valorosos, numa sociedade que tem como máxima a produtividade do indivíduo. O administrador comenta algumas dificuldades a propósito do trabalho na instituição:

É! São pontos que não acho que são fáceis, não! Ao contrário, eu acho que eles são muito mais difíceis que outras coisas. Eu tenho um exemplo muito cruel disso. O Sr. Olindo!<sup>57</sup> O que é uma atitude impensada, mal planejada e incorretamente implantada! Ele hoje, nesses quatro anos que eu vou fazer à frente da instituição, ele me cobra cinquenta mil reais e quer tirar férias todo mês. O que vai acontecer? [...]. Aí você pega a questão da família: ‘não quero meu pai fazendo isto, não quero isso’. Então eu penso que primeiramente um trabalho com o familiar, com o responsável, isso é fundamental porque eles tornam seus idosos mais dependentes do que poderiam ser, você me entendeu? Mas como foi colocado isso pra ele? (inicialmente,

<sup>57</sup> Nome fictício

ele se pergunta). A Maura, por exemplo, ela não tem familiar. Ela tem as pessoas com que trabalhou e que cuidam dela (ADMINISTRADOR DA FOSPBV, 2ª entrevista realizada em 2008).

Embora o trabalho possa ajudar o idoso em sua inserção social e na preservação do eu, se desenvolvido sem limites, por necessidade do indivíduo, pode induzir ao adoecimento, assim como trazer consequências para a instituição.

O trabalho na cozinha, em hortas, jardins, marcenaria é salutar, mas comporta riscos: o idoso pode se machucar, pode se exaurir, dando motivo à fúria das famílias com a instituição a que pagam.

Maura, na primeira entrevista, muito alegre, contou de suas caminhadas pela redondeza do prédio, quase todos os dias, e falou: “sempre sou feliz, graças a Deus!”. Era conhecida nas festas como a dançarina do lugar. Na segunda entrevista queixa-se de dor no pé, tomava remédios e disse que já estava melhorando. Mas, no terceiro encontro, ela manifestou dificuldades para caminhar, estava com problemas nos joelhos. Por não haver elevador no prédio, foi afastada de sua atividade ao se iniciar a reforma do refeitório e da cozinha do Recanto, deslocados provisoriamente para o segundo andar.

### *Estêvão*

Ainda nos casos em que o internamento é determinado pelas pessoas próximas ao idoso, mas que lhe informam a respeito, situa-se Estêvão, que já havia passado por internação anterior em outra instituição.

Estêvão, de 77 anos, filho de fazendeiros, acredita que, se tivesse ficado perto do pai no interior, estaria melhor, porque teria tido o suporte dele, como o irmão teve. Entrou para o exército, passou por formação na escola de paraquedismo, voltou para a cidade de origem, tirou carteira profissional e tem orgulho de ter participado da construção da BR-3, quando trabalhava com transportes. Mudou de empresa algumas vezes, trabalhou também com carro-forte e depois de aposentar-se ainda atuou como caminhoneiro por quinze anos.

Viúvo, não quis se casar de novo “para não arrumar outra encrenca” (ESTÊVÃO, 77 anos). Após o falecimento da esposa, seus filhos moraram em sua casa até que cada um se casou e comprou o seu apartamento. Tem cinco netos. Seu *hobby* era fazer gaiolas de madeira

para passarinhos. Está na instituição há dois anos, mas não sabia da existência de uma marcenaria no Recanto.

Indagado sobre a razão de sua internação, relatou que, após ficar viúvo, o filho mais velho informou-lhe que arrumaria um lugar, onde ele poderia ficar sozinho e independente. Estêvão prossegue:

Me vigiavam muito, porque eu gostava de tomar uns goles. Tinha gota. Quando bebia, o joelho inchava. Eu tava num outro lugar em Santa Luzia. Fiquei lá uns seis meses. Eu não sei o nome do lugar, ‘tava num lugar de velho. Mas eu não quis ficar lá não, porque tinha muito doido lá. Eu achei ruim, tinha muito doido lá. Aí, meu filho me tirou de lá e me pôs aqui. Os doidos? Ah, perturbavam o dia inteiro. Esses doidos que andam por qualquer lugar. Do tipo desse Olindo, que tem aqui (ESTÊVÃO, 77 anos, viúvo, dois filhos, trabalhou com transporte e carro-forte, gosta de atividades de marcenaria, reside há 2 anos no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

Não estive no Recanto antes do ingresso, a fim de conhecer e ver se gostava. Ele fala: “Aqui eu não estou achando ruim, não. Por enquanto, né? O problema é esses doidos gritando a noite inteira aí, grita a noite inteira!” (ESTÊVÃO, 77 anos).

Mudou de instituição, mas não conseguiu se livrar dos “doidos” e parece desconfiado em relação aos idosos que residem no Recanto. Prefere conversar com um dos enfermeiros e com o porteiro a conversar com outros idosos, à exceção de Fred<sup>58</sup>, com quem estabeleceu uma relação de confiança, considerando-o seu melhor amigo. Ficavam conversando no quarto, até que ele foi hospitalizado e não teve mais notícias. Demonstra sentir sua falta. Quanto aos outros residentes, diz que “são muito esquisitos”, embora sinta “falta de companheirismo, esses trens eu sinto muita falta” (ESTÊVÃO, 77 anos).

Acha que não pode confiar em ninguém e cita que havia um ladrão lá dentro, “um tal Pelé”, que lhe roubou um relógio novinho, mas foi excluído da instituição, pois havia muitas denúncias contra ele. Não compreendeu a razão de sua presença no Recanto e comenta: “pra mim ele não estava sentindo nada, não. Ele não tinha nada. Eu não sei o que ele estava fazendo aqui dentro” (ESTÊVÃO, 77 anos). Estêvão considera que as pessoas são internadas no Recanto quando algo não vai bem com a saúde.

Estêvão assiste aos jornais pela televisão, sente-se incomodado com as notícias sobre o governo Lula e com o valor recebido da Previdência como aposentado. No cotidiano, a televisão impede a ruptura com as questões sociais mais amplas, sendo ainda um meio de se

---

<sup>58</sup> Nome fictício.

situar no mundo, apesar da sobrecarga de informações irrelevantes e da manipulação dos acontecimentos.

Gosta da natureza e dos animais que observa no bosque e alimenta pássaros e micos na janela de seu quarto. Foi criado na roça e por isso é “amante a bicho”. Tem o hábito de frequentar o pomar e diz ter recentemente começado a fazer uma ginástica individual.

Relata que os filhos costumam buscá-lo para o fim de semana com a família e, às vezes, passeia no mercado, tendo contato com os netos.

#### **4.2.3 3ª situação: Internação combinada com a família**

A terceira situação comporta experiências em que o idoso observa que perturba a dinâmica familiar, que se tornou ou está para se tornar um estorvo e, por isso, renuncia à existência em família em favor daqueles a quem ama, como explícito no caso de Wagner, que se resigna diante dos fatos que provocaram uma ruptura em sua vida.

Pode também comportar alcoolismo, como no caso de Paulo, que, embora aceite a internação e saiba de sua necessidade, recorre a estratégias como encontrar buracos na cerca para fugir e beber ou alcoolizar-se no ambiente mesmo da instituição, contrariando as normas, a fim de obter o bem-estar, de se saber ainda capaz de assegurar algum espaço de autonomia.

Os idosos incluídos nessa terceira situação podem sofrer intensas dúvidas quanto à pertinência da decisão tomada, demonstrar extrema sensibilidade e angústia, expressar literalmente “estar sufocada”, conforme Lúcia o fez, ou demonstrar pouco apego à vida, como manifestou Lourenço, ao dizer: “dois ou três anos a mais, está de bom tamanho”. Nesses casos, a insegurança e a fragilidade percebidas em si mesmos e um estado de consciência um pouco diminuída, em momentos de estresse, os levaram a optar, ao lado dos seus familiares, pela internação.

## *Paulo*

Paulo viveu na roça por muito tempo e depois veio a trabalhar durante vinte anos numa empresa ferroviária. Pela convivência passada junto à natureza, não estranha o ambiente do Recanto. Gosta de caminhar e o faz diariamente, “antes do sol sair”. Gosta de ir ver a horta e o pomar porque “a plantação diverte muito a gente. Uma plantação bem tratadinha [...]” (PAULO, 82 anos).

Nas entrevistas ele relata sobre os filhos residentes no Brasil, que o visitam levando os netos consigo, quando o quarto enche e Paulo se sente satisfeito. Os que se encontram fora telefonam, e Paulo fica encantado por falarem duas línguas. Ele prossegue:

Graças a Deus, dos meus filhos eu não tenho que queixar! Eu tenho quatro lá nos Estados Unidos. Eles moram em Nova York, a capital dos Estados Unidos. De quinze em quinze dias ligam aqui perguntando por mim: ‘Como é que tá, pai, tá bom de saúde? Tá precisando de alguma coisa?’ Graças a Deus todos eles são muito bons para mim, o que eles podem fazer, fazem. Volta e meia eles mandam dinheiro pra comprar uma roupa, um calçado, um remédio. Eles me dão de vontade livre. É desse jeito, mas pedir eu não peço nada. Meus netos todos, meus filhos, eu não tenho que queixar de nenhum. Tudo tem boa intenção comigo, carinho e tudo. Eles lá me chamam ‘Oh vovô, oh vovô’ [...] Tudo agarradinho comigo. Eu, graças a Deus, sobre isso eu fui feliz com minha família. É uma coisa muito boa ter uma família que não prejudique a gente, que não despreza a gente, está sempre com a gente (PAULO, 82 anos, viúvo, seis filhos, viveu na roça por muitos anos e foi funcionário de empresa ferroviária. Reside há quase 6 anos no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

A distância geográfica não representa necessariamente a distância relacional. Assim, conforme a narrativa de Paulo, embora alguns dos filhos estejam no exterior, fazem-se presentes.

Para Paulo, a instituição é um lugar de tratamento de saúde, é alcoolista. “Eu estou me sentindo bem com o tratamento aqui, isso é que é importante!” (PAULO, 82 anos). No entanto, consegue formas de beber escondido. Essa maneira de agir, segundo Goffman (2005, p. 251-254) constitui um “ajustamento secundário”, um modo de evasão encontrado pelo indivíduo para não cumprir o papel e a identidade cunhados para ele pela instituição, sendo definido como:

[...] qualquer disposição habitual pela qual o participante de uma organização emprega meios ilícitos, ou consegue fins não autorizados, ou ambas as coisas, de forma a escapar daquilo que a organização supõe que deve fazer e obter e, portanto, daquilo que deve ser. Os ajustamentos secundários representam formas pelas quais o indivíduo se isola do papel e do eu que a instituição admite para ele [...] (GOFFMAN, 2005, p. 160)<sup>59</sup>.

Ao impedimento que a instituição coloca à satisfação da necessidade de beber, Paulo responde com meios indiretos, atingindo sua intenção. Tal forma de adaptação não consiste apenas num mecanismo defensivo, como também ajuda o indivíduo na constituição do seu eu, ao empregar métodos como esse para manter certa distância do sistema institucional. O eu, ao tomar posição, surge “contra alguma coisa”, como indica Goffman (2005), sendo uma forma de resistência à atração exercida por uma unidade social sólida a que pertence e que, se por um lado apoia nosso *status*, é frequentemente em suas fendas que reside o sentimento de identidade pessoal, pondera Goffman (2005). O autor ainda observa que as restrições criam as possibilidades, não apenas para superá-las, mas também para instruir os amigos a superá-las, por meio de ajuda mútua, assegurando a sobrevivência psicológica, principalmente quando não se têm informações quanto à maneira de sair de uma situação (GOFFMAN, 2005, p. 232).

A coordenação da instituição se vê em uma posição insustentável pelas saídas clandestinas de Paulo através de buracos na cerca, para beber no meio do mato ou em um dos muitos botecos de um bairro próximo, comportamento que se mantém há algum tempo e traz o risco de um atropelamento ou de um sumiço, o que comprometeria a idoneidade institucional. Isso exige dos funcionários do Recanto a busca pelos pontos mais fracos da cerca para cercear suas escapulidas. Paulo muitas vezes se perde no caminho, depois de beber, já tendo sido encontrado sem roupa. Afirmam que ele gosta muito do Recanto, que é tranquilo em termos de relacionamento com os funcionários, não perturba quando ali dentro, mas suas estratégias alcoolistas geram intensa preocupação para seus cuidadores. Outras questões surgem numa entrevista com parte da equipe:

**Psicóloga:** E ele estava pedindo dinheiro emprestado para as pessoas, até para a própria família, falando que era para ajudar aqui na instituição, nas festas, eventos.

**Coordenadora:** E nunca ajudou.

**Psicóloga:** Nunca. Esse dinheiro era para pagar as dívidas de bebida.

**Entrevistadora:** Vocês fizeram uma reunião com a família dele?

<sup>59</sup> Entre os que fazem uso de ajustamentos secundários há dois tipos: os *perturbadores*, que desejam sair da instituição ou alterar radicalmente sua estrutura, e os de ajustamento *contidos* ou informais, que compartilham com os ajustamentos primários a característica de “encaixar-se” nas estruturas institucionais existentes, sem introduzir pressões para mudança radical, e que, na realidade, podem ter a função evidente de desviar esforços que poderiam ser perturbadores. As partes fixas e estabelecidas de uma organização tendem, portanto, a ser compostas, fundamentalmente, de ajustamentos contidos, e não de ajustamentos perturbadores (GOFFMAN, 2005, p. 167, 168).

**Coordenadora:** Eu e outra técnica fizemos com a filha dele. Essa que agora passou a bola para o irmão. Ela disse que cansou de mexer.

**Psicóloga:** Cada um vai empurrando para o outro [...] Para ganhar tempo também, em relação a isso. E eu já conversei com ele, já conversei com a enfermeira, para saber se ele assume que realmente fez isso. Pede desculpas, mas só que a gente percebe que ele não modificou o comportamento; a bebida está nele.

**Coordenadora:** Nós estamos querendo fazer uma reunião. E o problema é que ele falou com os filhos que, se ele sair daqui, ele suicida. Mas fica difícil para a gente! (ENTREVISTA CONJUNTA com parte da equipe, realizada em 2008).

A família internou Paulo e, ao ser convocada pela instituição, cada componente “empurra” para o outro a responsabilidade. Já Paulo concebe, evitando maior exposição, sua estada no Recanto como decorrente das dificuldades da vida moderna e também de sua dependência por ter um braço amputado:

Minha filha, ela tem as obrigações, né? Por exemplo, não pode parar em casa para me dar um remédio na hora, me dar um banho, me dar tudo, ela não tem tempo, coitada. E o outro filho, foi da mesma forma. Foi a razão que eles me puseram aqui, porque aqui a gente paga uma mensalidadezinha, mas paga a pena porque a gente é bem tratado (PAULO, 82 anos, viúvo, seis filhos, viveu na roça por muitos anos e foi funcionário de empresa ferroviária. Reside há quase 6 anos no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

Paulo, nos seis anos que ali reside, tem observado situações dramáticas de abandono, sabe que o velho pode vivenciar o desprezo, porque “incomoda e desacomoda” (MUCIDA, 2006), ao evocar a reflexão indesejada, quando mobiliza sentimentos medonhos. Trazendo seu relato contido no item 4.1, ele procura situar-se entre aqueles que não foram abandonados.

Aqui tem gente que não vê [...] mais de dois anos que não vê nenhum parente. Solta aí e vai embora e não volta aqui mais. Isso é um abandono muito triste. A pessoa tem que ter uma pessoa da família que ajuda muito a gente também, não é? (PAULO, 82 anos, viúvo, seis filhos, viveu na roça por muitos anos e foi funcionário de empresa ferroviária. Reside há quase 6 anos no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Paulo conserva suas amizades nos dois bairros aonde vai de vez em quando para a “paquera”. No Recanto diz que gosta de todos:

Amigo a gente tem aí. Todo mundo pra mim é amigo. Bato um papinho com um aqui, outro ali e outro acolá. Graças a Deus eu não tenho malquerença com ninguém. Graças a Deus. Todo mundo pra mim é bom. Tô satisfeito, aqui dentro, né? Não posso queixar de ninguém. Tô convivendo bem, tô convivendo com a minha família e com quem eu estou junto (PAULO, 82 anos, viúvo, seis filhos, viveu na roça por muitos anos e foi funcionário de empresa ferroviária. Reside há quase 6 anos no Recanto; 3ª entrevista realizada em 2008).

Paulo não participa de muitas atividades, mas esteve nos grupos desenvolvidos para fins deste estudo e participou das entrevistas sem colocar objeções, embora se tenha mantido reservado quanto ao alcoolismo e situações decorrentes.

### *Wagner*

Outro caso de institucionalização negociada com a família é o de Wagner, porque aderiu à internação a partir de uma sugestão de sua mãe, com resignação. A família se mantém presente ao seu lado, visitando-o com frequência.

Wagner tem 60 anos, seu pai era do exército e sua mãe, enfermeira. A família viveu uma temporada no interior e depois veio para a região metropolitana. Logo os pais se aposentaram e se tornaram granjeiros. Morou na casa paterna até os vinte e sete anos, quando se casou. Com a esposa, teve seis filhos, um deles morreu com menos de um ano, os outros vivem em Belo Horizonte e lhes deram três netos.

Como cozinheiro trabalhou em eventos, durante muitos anos, além de auxiliar no Mercado Central. Para ele, “a combinação do atrevimento de um filho com a severidade de uma mãe é capaz de desencadear situações impensáveis”. Ele estava com passagem comprada para ir sozinho trabalhar nos Estados Unidos, onde um irmão residia, a fim de aumentar seus rendimentos para oferecer aos filhos uma educação melhor, quando, ignorando os avisos da família, saiu para beber com um conhecido no dia do pagamento e se deixou abordar por duas mulheres que lhe prepararam uma cilada, sendo assaltado pelos companheiros delas. Reagiu, foi esfaqueado e espancado. Ele relata:

Roubaram e levaram tudo, me deixaram nu, nuzinho. Levaram tudo. Deixaram eu secado e nu. Eu trabalhava na feira, achava que tinha amizade o suficiente pra ir e voltar [...]. Saindo do serviço, oh, me jogaram na cadeira de rodas! [...] Fui pretensioso, super-homem [...] Você sabe como é, toma uma cerveja, uma pinguinha, né? Nesse ponto de mulher o homem não resiste, aí um terceiro chega e zás! Eu estava um pouco bêbado. Briguei uns dez ou quinze minutos. Foi na hora que eu senti a pancada nas pernas, tremeu [...] tremeu e [...] E aí eu recebi outra pancada, bum! (WAGNER, 60 anos, viúvo, quatro filhos, foi cozinheiro profissional, tetraplégico em decorrência de assalto com violência, reside há 7 anos e 2 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Ele realça que o deixaram “secado” e “nu”. Ao pedir que explicasse melhor a respeito, emocionou-se e chorou. Foram selecionadas três acepções da palavra “secado” da versão

Eletrônica do *Novo Dicionário Aurélio*: secar como interromper, deixar de correr (o rio secou), secar como murchar (as frutas secaram), secar como fazer cessar (é impossível secar uma vontade firme). Wagner foi transformado num cadeirante, ficou tetraplégico e com dificuldade de dicção. As facadas atingiram algumas inervações, tornando suas pernas, pés, braços e mãos encurvados. Seu plano de ir para os Estados Unidos reunir-se com seu irmão atuando como cozinheiro foi abortado, interrompido, apesar da passagem já comprada. Seus sonhos não se concretizaram.

Ao falar que o deixaram “nu”, evidencia-se a que ponto o homem fica desamparado diante da violência instalada pela frouxidão das normas, pelas falhas no sistema de regulação social, pela fragilidade dos elos entre as pessoas. Culpa-se pelo que considera descuido:

Não é, como se fala, castigo de Deus, por estar aqui, não é porque é sina. Não. Coisa casual. Foi uma fatalidade casual, como muitos são assaltados, muitos são pegos, muitos são mutilados, outros são mortos. Foi uma pretensão minha, fui pretensioso, mais pretensioso que atencioso. O pretensioso se machuca [...] (WAGNER, 60 anos, viúvo, quatro filhos, foi cozinheiro profissional, tetraplégico em decorrência de assalto com violência, reside há 7 anos e 2 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Passou vários meses em hospitais e, quando retornou, sua esposa havia falecido de anemia profunda, embora se cuidasse muito, conforme salienta Wagner.

Aceitou a internação proposta pela mãe, por perceber que, estando com a família, tornava-se um empecilho, pelas muitas atividades assumidas por todos, em face de sua dependência acentuada. Ele sente falta de sua casa, de seus familiares e comenta: “Esse prédio é uma prisão. Mas você pode ir e voltar. Só que a liberdade acabou, né? Acabou, porque a cadeira [...] Pulava, corria, trabalhava [...]” (WAGNER, 60 anos).

Manifesta seu ponto de vista de ser a instituição análoga ao aprisionamento corporal pela tetraplegia. Viu-se transformado num ser duplamente cativo. Apesar de poder sair durante o dia, reclama que “ali tem grade”, percebida não como instrumento de proteção, mas de encarceramento.

É querido pelos familiares que o visitam sempre aos domingos e com ele ficam por muitas horas, um tempo divertido, usado para muitas brincadeiras. Fala que a mãe é alegre e “continua a mesma coisa”.

Nos encontros grupais e em outras situações, foi possível observar que é pessoa aceita por todos, é sensível, ouvido quando fala apesar da dificuldade de dicção (possivelmente

proveniente das pancadas no assalto e ainda da ausência de dentes). Conseguiu manter o olhar vivo, reflexivo, e procura viver com alegria.

### *Lourenço*

Lourenço se encaixa na terceira situação porque teve sua internação combinada com a família. Ficou acertado que ele aguardaria sua esposa para acompanhá-lo posteriormente ao Recanto, onde teriam conversado sobre a possibilidade de anexar um quarto ao seu. No entanto, ela tomou a decisão de não ir.

Casado, é pai de três profissionais de nível superior, duas delas morando em Belo Horizonte. Durante a entrevista, ele vai revelando como algumas situações de maior tensão, não bem equacionadas, lhe trouxeram insegurança e rebaixamento da consideração por si mesmo, sendo associadas ao envelhecimento e à perda da competência no exercício de papéis sociais que tivera no passado.

Empresário de renome, pioneiro na construção de Brasília ao lado de grandes nomes, percebido pela esposa como “trabalhador até demais”, Lourenço considerava-se uma referência para a família, um homem de decisão. Mesmo após a aposentadoria, montou uma firma de prestação de serviços a outras empresas. Hoje tem seu nome como sócio de um parente, embora sem participação efetiva nos negócios.

Ele relata que conheceu o Recanto há vinte e cinco anos, quando sua sogra veio morar com sua família, mas não se sentiu satisfeita. Estavam à procura de um lugar para ela quando encontraram a instituição. O lugar lhe pareceu calmo; as Irmãs de Caridade, muito zelosas. “Mas, antes dela vir, a irmã fez uma carta muito bonita sugerindo que não se internasse e fosse residir com ela”, ele relata.

Sobre sua ida para o Recanto, informa: “Eu vim ver e perguntei sobre vir para cá. E eu vim e a minha mulher ainda ficou lá no apartamento que nós temos em Belo Horizonte e ela [...] perdi o fio da meada [...]” (LOURENÇO, 84 anos).

A resolução de ir para o mesmo lugar, sem procurar conhecer outros, pode ter sido influenciada pelo fato de já conhecê-lo. Por outro lado, pode ter representado algo mais, o

desejo de ser retido pela família, como a sogra o fora, numa manifestação de carinho e disponibilidade.

Os relatos de Lourenço evidenciam as dificuldades de se cuidar de um idoso. Sua iniciativa de se afastar da família para não representar um peso pode ter sido construída como um somatório de todas as suas lembranças. Ele narra:

Tomei essa decisão [...] por ver os outros, né? *Só de ver os outros*, os outros que dão [trabalho] [...] um velho numa casa! Meu pai e minha mãe dormiam um num quarto e outro no outro e tinha uma irmã que [...] tomava conta dos dois. E a parte econômica e financeira éramos eu e meus irmãos e o restante, meu pai tinha [...] Ele morreu e ainda nos deixou bens. Eu já tinha tido o estresse. Eu estava reformando uma casa que eu tenho lá em xxxxx e foi o que desencadeou o processo. *Deu cansaço e eu tive um aborrecimento, eu fiz uma bobagem muito grande*. O mau inquilino [...] pediu prazo [...] e o cheque [...] não tinha fundo. Aí eu procurei pelos inquilinos [...] você sabe que é uma zona de droga, né? E eu [...] estava lá com a minha mulher [...] fomos olhar onde morava o homem, eu voltei e *entrei em parafuso, porque estava aborrecido já com a reforma e tinha aparecido uma hérnia em mim, foi quando eu falei em vir*. Eu tinha um cunhado que deu um trabalhão danado para a minha sogra e para a irmã dele, coitado, ele era tetraplégico, estava na cadeira ou cama (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na Instituição; 1ª entrevista realizada em 2008).

Lourenço, após o estresse sofrido com o inquilino, efetuou uma “avaliação desintegradora” de si mesmo, nos dizeres de Goffman (2005), e a angústia resultante foi fundamental para sua entrada no Recanto. A sua condição parece análoga à estudada pelo autor referente ao ingresso em hospitais, onde encontrou situações de alívio, “talvez em parte por causa da súbita transformação na estrutura de sua situação básica: em vez de ser, diante de si mesma, uma pessoa discutível que tenta manter um papel integral, pode tornar-se oficialmente discutível, e que sabe que não é tão discutível” (GOFFMAN, 2005, p.115). É considerado pelos colegas da instituição como alguém com quem se pode conversar.

Entre os fatores determinantes na escolha de Lourenço pela internação, contribuindo para essa “avaliação desintegradora,” possivelmente está o receio de depender dos familiares, expandido drasticamente pelas recordações da dependência de seus pais e do cunhado tetraplégico, conjugado com a presença de uma hérnia que podia estar lhe provocando dor.

Ao ser confrontado com algumas considerações sobre o carinho que se pode ter ao cuidar de alguém a quem se quer muito ou sobre o fato de “o trabalho” não impedir o prazer de estar junto, Lourenço responde:

*Dá prazer quando não atrapalha [...] Vocês, mulheres, que conseguiram sua independência de dinheiro, econômica e profissional, não conseguiram ainda se desligar de uma coisa [...] Esse que é o problema sério, eu vejo a luta das minhas filhas, elas para vir aqui aos domingos, elas não têm mais dia nenhum de folga!* (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na Instituição; 1ª entrevista realizada em 2008).

As ponderações de Lourenço sobre sua expectativa de um ambiente profissionalizado para os cuidados de que necessita evidenciam seu desejo de não ocupar ou trazer impedimentos de qualquer ordem aos familiares, embora sinta falta do amor, como parte de sua narrativa permite inferir: “[...] Agora aqui, eu sei que é uma instituição que aceita isso [cuidar de idosos], mas faz isso profissionalmente. A outra faz por amor, dedicação, né? Pode não concordar comigo, mas que tem um fundo de verdade, tem” (LOURENÇO, 84 anos).

Quando diz “perdi o fio da meada”, não parece ser, pelo apenas suspeito Mal de Alzheimer, mas pela perda do fio do sentido que oferece direção à vida – supôs que sua mulher fosse residir no Recanto depois de algum tempo em que estivesse lá e suas filhas concordaram com sua retirada do cotidiano familiar. Mas a esposa preferiu continuar na cidade, longe dele. As filhas precisam viver a própria vida e lidar com os desafios contemporâneos, que convocam ao trabalho incessante. Se visitarem o pai, que dia terão para o descanso? O fato de a esposa não dirigir constitui, segundo ele, sério impedimento para visitá-lo: “eu lhe comprei carro, foi posto na garagem, coloquei no nome dela, tirou carteira, mas ela não quis mesmo mexer com [...] estou dizendo: hoje uma mulher, hoje não pode [...] [ficar sem dirigir]” (LOURENÇO, 84 anos).

Em outro encontro, Lourenço retoma a mesma preocupação já indicada, após ter passado alguns dias em casa:

Porque [...] velho dá muito trabalho. Trabalho. As minhas duas filhas que moram em Belo Horizonte estão empenhadas em criar as famílias delas. *Ter tempo com velho é dureza. Se tiver um jeito de não fazê-las [...] vim para não dar trabalho.* Não é me retirar da família, continuo ligado à família, mas *não tem aquele negócio todo dia.* E a hora que precisar de enfermagem? Eu já estive melhor. Elas [a esposa e as filhas] respeitaram minha decisão. Eu vim aqui querendo vir, pela própria vontade e andando, cheguei andando aqui, eu não tinha nem bengala. Estava andando muito bem (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na instituição, 2ª entrevista realizada em 2008).

A renúncia envolve perdas que trazem consequências para o sujeito, podendo abalá-lo, não sendo sempre resolutiva. Ele expõe que têm refletido sobre sua permanência na instituição, pensou em voltar para casa ao constatar o próprio declínio, enfraquecimento, tomando como referência a época do seu ingresso na entidade, e conta que lhe perguntam:

‘Então, o que o senhor está fazendo aqui?’ *Tem hora que eu me pergunto isso: por que eu estou aqui? Porque agora está mais difícil para eu voltar lá em casa, porque eu estou dando trabalho pra minha mulher por causa disso, oh! (mostra a bengala). Quando eu decidia as coisas, ia ao banco, eu fazia tudo [...] mas agora já passei pra filha mais velha, que cuida. Eu estou contando com as filhas, não dispense as duas, e a outra me dá apoio [reside fora] (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na Instituição; 2ª entrevista realizada em 2008).*

Teve oportunidade de analisar em conjunto com a médica a sua condição, e ela lhe sugeriu tomar alguma providência, porque já vem fazendo o seu acompanhamento, conhece-o bem e observa seu declínio. No entanto, a família faz objeções ao seu retorno:

Eu vim querendo e elas apoiaram a ideia. Agora eu acho que elas já estão mais [...] duas aqui [...] *acham mais favorável que eu fique aqui do que lá com a mãe, porque a mãe fica sobrecarregada, tomando conta de mim. Até falam que ela fica me pajeando! [...] Agora, o conforto que eu tenho aqui é aquele quatinho minúsculo. Eu tinha vontade de a minha mulher vir pra cá, trazer minha mulher. Eu falei que teria um jeito, mais um quarto ao lado e ela vir, mas ela não mostrou vontade, ela já definiu que não vem. Agora se ela não puder vir e arrumar outro lugar [...] ela não tem vontade de vir para cá, entendeu? (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na Instituição; 2ª entrevista realizada em 2008).*

A dúvida e os momentos de angústia lhe trazem desconforto psíquico. O caminho de volta nem sempre é possível. A própria família parece se acomodar.

Lourenço, na terceira e última entrevista de 2008, afirma que continuar na instituição ainda é a melhor solução, pois teria que montar toda uma estrutura em casa, reorganizar a disposição de quartos para comportar mais uma empregada que pudesse dormir. Pensar a respeito disso o remete à lembrança da comida caseira, à tristeza que lhe traz morar no Recanto, à piora de sua saúde e ao sentimento de exclusão pela família:

A faxineira, quando vai, faz uma comidinha, né? Para ela e para a enfermeira e geralmente sobra mais para o outro dia. Fora disso, ela [a esposa] almoça fora. Porque antes de eu vir pra cá, eu e ela almoçávamos fora. Agora o dia que ia a faxineira lá, nós dois fazíamos almoço. É, *tem horas que a gente sente falta e aqui também é muito triste, viu? Para arranjar um termo mais suave, né? Aqui é mais do que triste. E eu acho também [...] Tem gente que acha se eu ficar aqui, eu vou piorando. A minha mulher está achando que é muita responsabilidade ficar comigo sozinha lá, por causa da estafa que eu contei, né? Então naquela estafa [...] eu estive péssimo (LOURENÇO, 84 anos, casado, 3 filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na instituição; 3ª entrevista realizada em 2008).*

Indagado se a família sabe como se sente no Recanto, afirma que sim, que estão acompanhando e “estão vendo, de forma comum, o que seja bom para ela [a esposa] e seja

bom para mim. Isso é que elas querem: que nós sejamos felizes. Graças a Deus, tenho o apoio total das três, sendo que duas moram aqui” (LOURENÇO, 84 anos). Parece trazer-lhe consolo pensar na união da família em busca de um ajuste que atenda a todos, reconhecendo algumas limitações de saúde da esposa e o quanto ficaria dispendioso reformular o modo de viver.

O idoso percebe que causaria transtorno, mas expressa o clamor de sua alma pelo retorno ao lar, sente-se no exílio. A desesperança, a baixa consideração por si, o sentimento de fracasso individual podem reduzir seu investimento na própria vida, e o indivíduo perde radicalmente o interesse por si mesmo e pelo próprio bem-estar. O organismo constricto com tal sofrimento responde adoecendo.

Pais e avós todos com 70 e poucos já tinham falecido [...] Quer dizer que aqui eu já estou pra semente. Se Deus quiser eu [...] mais 2 anos pra mim tá ótimo. No mundo, eu acho que eu cumpri minha parte e agora estou pronto para ir, acho que não devo estar prorrogando muito mais, não. Agora, se perguntar se eu sou favorável à eutanásia, sou. Isso é o extremo, né? A memória, ela já não funciona mais. *Eu sou Alzheimer*, por isso. Memória minha está indo a passos largos. Tomo *n* remédios (LOURENÇO, 84 anos, casado, três filhas, empresário da construção civil, residente há um ano e oito meses na Instituição, 3ª entrevista realizada em 2008).

Da identificação com o suposto Mal de Alzheimer a ponto de dizer: “eu sou Alzheimer”, é possível perceber, nas entrevistas, o trânsito para uma tentativa de afirmação da identidade, a partir dos questionamentos que ele próprio se fazia nas entrevistas, e que o ajudaram a tomar atitudes – buscou pela médica, trocou ideias, propôs à família sua volta ao lar, embora a tentativa tenha resultado em fracasso e frustração.

A coordenadora do Recanto e uma de suas profissionais trouxeram informações relevantes para a compreensão da situação de Lourenço sob outra perspectiva, o que permite observar que o sujeito enuncia aquilo que emocionalmente lhe é possível:

**Entrevistadora:** O Sr. Lourenço estava me dizendo do desejo de voltar pra casa, mas ele sabe ser necessário o suporte de uma empregada, proceder à adaptação de espaços [...].

**Técnica:** Eu acho que, na verdade, a família não está querendo. Quando ele veio pra cá, era uma coisa provisória, falaram que iam trazer ele e depois a mãe. Só que com o tempo, a gente viu que eles queriam trazer só ele. Apesar dele ser mais fechado, eu percebo isso, que as filhas não dão mais esse espaço, que anteriormente ele achava que tinha. E ele tem tido uma recaída significativa. Ele percebe. Ele está diminuindo as participações nas atividades. Ele está tentando se isolar, porque eu acho que isso aí é uma coisa que tá [...].

**Coordenadora:** Deprimindo ele.

**Técnica:** Deprimindo muito. Ao mesmo tempo em que ele quer, arruma uma desculpa também, fala que precisa de faxineiras, precisa disso [...].

**Coordenadora:** Ele mesmo dá um jeitinho para não se envergonhar. A verdade é essa! Para não assumir a realidade.

**Entrevistadora:** Ele me falou que teve um estresse muito forte e aqui tem tido mal-estar, às vezes.

**Técnica:** Passou mal três vezes. Ele estava no grupo de Terapia Ocupacional e Psicologia. A outra vez, ele estava numa atividade [...] Grupo de Memória. Outra vez foi no parque. Parece que a pressão abaixa muito. Dessas vezes, ele não chegou a cair, não. Ele falou que estava passando mal [...] Mas aí, depois ele falou que sentiu um mal-estar súbito, parecia que era uma falta de ar, ele chegou a molhar a camisa toda de suor.

**Coordenadora:** Um desfalecimento.

**Entrevistadora:** A esposa vem visitá-lo?

**Coordenadora:** Eu a vi aqui uma vez.

**Entrevistadora:** Ele me disse que a família vem trazer fruta, abastecer.

**Coordenadora:** Se eles vêm é em fim de semana. Durante a semana não vêm, não.

**Técnica:** Mas eu acho que nem toda semana. Pode ser que venha uma vez por mês. (ENTREVISTA CONJUNTA com parte da equipe, realizada em 2008).

As diferentes versões apresentadas foram objeto de atenção na segunda entrevista com o administrador da *Fundação*, que explicita a respeito de Lourenço: “Pelo que a gente vem notando nas festas e eventos, a família é participativa. Bom, eu, pelo menos, vi, em todos os momentos, os filhos com ele; menos a esposa, às vezes pela sua doença<sup>60</sup>, mas é muito participativa” (ADMINISTRADOR DA FOSPBV).

Como se pode observar, as opiniões sobre a presença da família divergem, no caso de Lourenço, querido no Recanto pelos residentes, que encontram nele alguém amigo e com quem podem trocar uma idéia, o que, na opinião dos idosos, é raro por lá. Isso corrobora o que Goffman (2005) constatou: o ambiente da instituição contribui para que o indivíduo internado saiba reconhecer seu valor, que não é assim tão discutível, tão passível de ser negado, rejeitado, como pensava enquanto estava lá fora.

## *Lúcia*

O caso de Lúcia é o quarto, entre os apresentados, referente à terceira situação – a da internação combinada com a família. No entanto, há aqui uma peculiaridade: nas entrevistas, Lúcia verbalizou só agora estar se dando conta de que se encontra num asilo, após um ano e quase nove meses no Recanto. Lúcia “aceitou” ingressar na instituição por se sentir insegura e fragilizada, enxergar pouco, e saber que esteve abrindo a porta de seu prédio sem conferir quem chamava. Porém deixou sua residência sem refletir o bastante sobre o que representaria

<sup>60</sup> A doença da esposa de Lourenço não foi esclarecida.

ir ao encontro de uma nova forma de viver, e a internação foi marcada pela nebulosidade, permanecendo uma sensação de anestesiamento que a atordoa.

Lúcia tem 85 anos, morou com os pais em Belo Horizonte, enquanto eles viveram, e passou a residir em um apartamento até 2007. Tem oito irmãos vivos. Foi chefe de seção de um órgão estadual e professora de universidades. Aposentou-se em duas instituições e amava dar aulas. “Numa sala de aula, esqueço de mim, entrego a minha vida. Eu só vivo a matéria e os alunos que estão me olhando [...] [vivo] em função deles” (LÚCIA, 85 anos).

Não se interessou em se casar, por observar as experiências conjugais das irmãs. Ocupava seu tempo livre fazendo tricô circular, frequentava cinemas, teatros, fazia visitas aos familiares. Foi síndica do prédio onde morava. Sua casa de campo em uma cidade do interior onde recebia familiares e amigos foi cedida à ex-esposa de seu sobrinho.

A narrativa de Lúcia evidencia a complexidade que pode envolver a internação em ILPIs e confirma o quanto a pessoa pode ficar atônita pela sensação de desarraigamento, pela falta de um terreno conhecido em que possa se alicerçar, a fim de significar sua existência e saber de si, como tarefas próprias do cotidiano:

Uns sobrinhos moravam comigo até formar, sabe? As minhas duas sobrinhas arrumaram aqui para mim, eu não estou enxergando [bem] [...] Eu fiquei sabendo quando elas falaram: ‘tia, vamos lá pra senhora conhecer onde é que a senhora vai ficar, porque nós não temos condições de viver com a senhora, sozinhas, aqui’. Não comuniquei a ninguém que vinha. Eu sumi, e aí eles começaram a telefonar. Eles estão descobrindo e estão vindo me ver. Não tive tempo e não me passou pela cabeça. Agora que eu estou começando a pensar, sabe? Eu vim de supetão. Eu acho que elas visitaram muitos lugares e vieram aqui, chegaram lá em casa e falaram: ‘oh tia, nós arranjamos um lugar ótimo para a senhora’. Eu falei: ‘ótimo!’ Eu achei que eu estava precisando mesmo. Acho que nós um dia conversamos sobre isso. Eu falei com elas que eu estava com medo (LÚCIA, 85 anos, solteira, sem filhos, foi professora universitária e chefe de departamento de um órgão estatal. Reside há 1 ano e quase 9 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Lúcia não teve tempo de se preparar para a mudança. Na entrevista anterior havia dito que se sentia “como uma sonâmbula”, mas que estava se sentindo melhor. “Eu acordei. Está sendo bom, porque [...] agora eu estou caindo na realidade. Bom, eu tive muito pouco tempo de ver a realidade” (LÚCIA, 85 anos).

O relato dessa residente nos remete a Goffman (2005), ao dizer dessas instituições como híbridos sociais, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal, estufas onde o internado vive todos os aspectos de sua vida num edifício, em íntima companhia com outras pessoas igualmente separadas do mundo mais amplo e com as quais

não teve a oportunidade de construir uma história antes da admissão. Um território pessoal, normalmente um quarto particular, é tido como refúgio onde o indivíduo se aninha e se sente protegido por manter certa margem de controle, de conforto e diferenciação, podendo ter consigo retratos, rádio, objetos pessoais, compartilhados apenas com pessoas escolhidas. No caso de Lúcia, seu estranhamento com essa necessidade de isolar-se é avassalador, pois sente falta da vida comunitária.

Não convivi ainda. Eu fico mais assim, na minha ala. Todo mundo fica trancado no quarto, então, não tem conversa. [...] Às vezes fico sufocada. [...] Espero ter coragem e força para acabar com a ociosidade e o marasmo deste lugar. Não suporto isso e então penso em fazer entrevistas para saber o que as pessoas gostam para formar blocos para leitura, descobrir atividades para os moradores, quero acabar com essa masmorra, esse silêncio, esse ficar nos quartos o dia inteiro! Ainda não saí daqui desde o dia em que cheguei. Eu só saio depois que eu sentir que, quando sair e voltar, eu esteja voltando para minha casa! (LÚCIA, 85 anos, solteira, sem filhos, foi professora universitária e chefe de departamento de um órgão estatal. Reside há 1 ano e quase 9 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Lúcia parece sentir-se destituída da vida que construiu e sente a descontinuidade entre o antes e o depois do ingresso, como se um importante ritual de passagem tivesse deixado de ser cumprido, uma das razões por que o tempo na instituição parece vazio de significado para ela. Bosi (2003, p. 24) sinaliza que “desse tempo vazio a atenção foge como ave assustada”. O esgarçamento dos vínculos promove uma ofuscação subjetiva que afeta a percepção do sujeito, o que traz prejuízo à identidade, porque os fios da memória se entrecruzam no que tange às esferas da família, do trabalho, do lazer e da participação cidadã. A memória propicia o sentimento de identidade, de ser alguém em relação aos outros significativos. O processo de identificação com os novos grupos da instituição transcorre com dificuldade já que a memória se vai esfacelando.

Py (1999) defende a importância de estar junto aos seus, porque o sujeito é um indivíduo histórico, construído ao longo do tempo, que articula passado e presente e faz projeção para o futuro. Py apresenta essa temporalidade articulada ao processo de envelhecer:

O sujeito que envelhece pode compartilhar o reconhecimento de si mesmo, sendo reconhecido pelas pessoas da história de seu convívio. Pode então, re-produzir essa sua história, na medida em que responde a uma situação presente, com vistas à criação de projetos futuros, no incessante vir-a-ser da existência, inserido à vida do sujeito (PY, 1999).

No caso de Lúcia, os vínculos afetivos em que ancorava sua existência eram tecidos no ambiente de seu lar em Belo Horizonte, no ambiente da casa de campo junto aos seus

amigos e familiares, e também junto aos seus alunos, razão de sua realização profissional. Nesses lugares habitava sua alma. A institucionalização desata os laços com as pessoas significativas, com o passar do tempo. Ela diz: “Sabe, eu agora estou me sentindo fora do baú. Eu não sei se é porque falta convivência, entrosamento, conversa [...]” (LÚCIA, 85 anos).

Possivelmente se percebe “fora do baú” por se sentir à parte, pouco resguardada, desejosa de ser merecedora de atenção e zelo. A internação, como se deu, não foi adequada para ela, que não se sente em casa, nem em contato com os amigos e conhecidos.

Lúcia ainda se mantém um ser de desejos, gostaria de lutar por uma realidade melhor, em que a linguagem traduzisse os sentimentos de todos os presentes, em que o silêncio e as paredes, que isolam, fossem atravessados, a fim de não se perceber na “masmorra” onde julga estar. Para isso, precisaria realizar um movimento instituinte de uma nova forma de viver no local, o que estaria dependendo da instituição se abrir às sugestões dos idosos. Se pudesse trabalhar sobre o lugar, poderia, quem sabe, trabalhar a si mesma.

#### **4.2.4 4ª situação: Escolha pessoal, embora pudesse viver com os familiares**

##### *Marcelo*

O caso de Marcelo ilustra uma adesão satisfatória à instituição, mas não foi planejada como uma escolha definitiva, como nos outros três casos que serão apresentados no interior desta quarta situação, os de Ilca, Rúbia e Leila. A opção de Marcelo pela instituição foi resultante de sua perda de autonomia decorrente de um acidente vascular cerebral (AVC), de suas sequelas e de seu desconforto psicológico.

Marcelo considera que teve uma infância e adolescência invejáveis. Era o tempo da “juventude transviada”, dançava *rock*, *twist*, namorou muito. Estudou até o ginásio, quando começou a trabalhar como caminhoneiro com o pai e, a contragosto deste, que desejava que estudasse, se entusiasmou com a profissão. Não deixou mais a estrada, embora hoje lamente não ter estudado; poderia ser um engenheiro ou médico, comenta. Casou-se já caminhoneiro.

Nesta profissão, fazia viagens muito longas, para diversos lugares da América do Sul, e ficava, às vezes, até cinco meses fora de casa. Fazia uso constante de “arrebite” para não

dormir, os mais fortes da época. Tomava cachaça e conhaque a fim de apressar o efeito e chegava a ficar mais de uma semana acordado, “arrebitando” seguidas vezes para não apagar de vez e correr o risco de acidente. Em outros países da América do Sul, tinha a “permissão” por três dias, para descarregar/carregar e, se não desse tempo, teria que procurar pelo consulado, o que trazia dificuldades. Vivia em estado de tensão. Apesar disso, se divertia: “eu nunca parei, [...] gostava de ficar sempre movimentando e foi uma vida que foi boa também” (MARCELO, 64 anos).

Sua vida afetiva foi tumultuada, pois, com menos de três anos de casado, procurava por outras mulheres e teve um longo caso com uma amiga e vizinha de sua esposa, com quem teve um filho, no mesmo dia em que a esposa dava à luz uma menina. A amante foi abandonada pelo marido, não foi aceita de volta pela família de origem e então sumiu, abandonando no hospital a criança, que veio a ser criada pela esposa de Marcelo, com dedicação, como se fosse gêmeo de sua menina. Esse filho correspondeu ao seu afeto, apegou-se à mãe adotiva e aos irmãos e, posteriormente, lhe deu netos.

As muitas ligações de Marcelo com outras mulheres levaram a esposa a pedir o divórcio. Ele, então, se sentiu muito só, não teve o apoio dos filhos e viveu um período de profunda depressão, tendo feito psicoterapia por quase um ano, além de usar remédios contra insônia.

Em um passeio, em outra cidade, com um amigo, conheceu “uma mulher linda e culta, tetraplégica”, após um assalto ocorrido em um banco onde estava. Ela “resignou-se com a situação”, tinha toda uma estrutura de apoio para as necessidades cotidianas e manteve-se participante da vida comunitária, segundo Marcelo. Com ela viveu por nove anos, em sua cidade.

Para quem está perdido, qualquer caminho serve, né? Em todo apagado, tem uma luz no fundo do poço para te salvar. Eu mesmo não estava me conhecendo, não estava conhecendo a minha identidade [...] estava largado. Era depressão. [...] A mulher tetraplégica não tem sensibilidade, quem não tem sensibilidade, não tem desejo. Eu não sei se porque comigo ela tinha, eu me sentia até realizado com ela (MARCELO, 64 anos, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residente do Recanto há 2 anos e 1 mês após ter tido um AVC; 2ª entrevista realizada em 2008).

Marcelo menciona os fatos que, segundo ele, desencadearam o AVC e os acontecimentos posteriores:

Eu aposentei e trabalhei mais três anos. O fato de ter ‘arbitado’ por 33 anos foi atacando o sistema neurológico, ficava meio nervoso e subiu a pressão, eu tive o AVC, que acabou comigo. Eu estava morando em xxx com essa mulher tetraplégica. Eu era forte, praticava muita ginástica, natação, toda vida. E o dia que tive o AVC, entrei em coma. Meus filhos e minha ex-mulher foram chamados. Me trouxeram de táxi aéreo e já internei. Fiquei três meses e fui transferido para um hospital fisioterápico, uns cinco meses. Eu estava muito dependente ainda e agora, em vista do que fiquei, posso ser considerado curado do mal (MARCELO, 64 anos, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residente do Recanto há 2 anos e 1 mês após ter tido um AVC; 2ª entrevista realizada em 2008).

A primeira família assumiu os cuidados de que necessitava e o aceitou em seu meio, por questões religiosas e por solidariedade, relevando os problemas anteriores de relacionamento. Passada a fase mais aguda, os filhos tentaram retê-lo, mas sentia-se desconfortável pelos fatos que levaram ao seu divórcio e por se sentir envergonhado diante das pessoas saudáveis, em razão das sequelas do AVC. Optou por internar-se na ILPI.

Para Marcelo a internação no Recanto o protegia do olhar do *outro* saudável. Sua identidade, conformada em grande parte como muito trabalhador, e também farrista, boêmio, desejado pelas mulheres, fazia-o orgulhoso de si como homem. Cultivava a beleza do corpo com exercícios, e o AVC trouxe-lhe uma ferida narcísica difícil de superar. “Eu ainda não aceitei a deficiência. Então aqui me sinto bem porque estou no mesmo barco que todos” (MARCELO, 64 anos, 1ª entrevista em 2008).

Conforme Goffman (1975), a pessoa estigmatizada, ao observar “ser recebido como alguém que não é mais o que era”, passa por fases de aprendizagem: a aprendizagem do ponto de vista dos normais, a aprendizagem de que, segundo esse ponto de vista, está desqualificado como pessoa; aprende a lidar com o tratamento que os outros dão ao tipo de pessoa que ele demonstra ser e aprenderá o encobrimento – se esforçará por passar despercebido, e em certo momento, “[...] organiza seu próprio rito de passagem, indo para outra cidade, escondendo-se”, buscando por uma comunidade onde não exista uma biografia sua.

Parece que a imagem pública de um indivíduo, ou seja, a sua imagem disponível para aqueles que não o conhecem pessoalmente, será, necessariamente, um tanto diversa da imagem que ele projeta através do trato direto com aqueles que o conhecem pessoalmente. [...] Há lugares retirados onde pessoas desse tipo podem se expor e perceber que não precisam esconder o seu estigma e nem se preocupar com tentativas feitas cooperativamente para não prestar atenção a ele. Em alguns casos, essa liberdade de ação é consequência da escolha da companhia de pessoas que têm estigmas iguais ou semelhantes [...] é provável que ali se lhe ofereça uma atmosfera de sabor especial. O indivíduo estará à vontade entre seus companheiros [...] (GOFFMAN, 1975, p. 82, 91 -93).

Marcelo se inseriu na instituição, após o AVC, para refugiar-se e, com muita vontade de melhorar, participava das atividades, fazia longas caminhadas. Procurava também exercer a independência cuidando de seu quarto e fazendo fisioterapia sempre que havia possibilidade. Relatou que também conversava com as pessoas, principalmente aquelas mais isoladas, com quem ninguém falava, pelas dificuldades de elas estabelecerem comunicação. Considerava necessária essa atenção. No entanto, algumas mulheres lúcidas, como Leila, que vieram a conhecer o seu “currículo”, preferiam se resguardar e não estabelecer relacionamento muito próximo.

Ao ir morar numa região isolada de outra que frequenta com regularidade, o indivíduo pode produzir uma desconexão com sua biografia, sinaliza Goffman (1975), o que o ajuda a tolerar o desconforto de se sentir menos do que já foi, conforme Marcelo explicita a seguir:

Eu [...] quando saio com meus meninos, com minhas filhas [...] Por exemplo, me pegam de carro, e depois, na hora que eu ultrapasso os limites da instituição, eu já sinto vergonha de mim mesmo. Eu não sei, não sei se é psicológico ou o que é. Eu tenho tanta vergonha, essa perna fica mais sem jogo, endurece, é muito esquisito! (MARCELO, 64 anos, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residente do Recanto há 2 anos e 1 mês após ter tido um AVC; 2ª entrevista realizada em 2008).

A vergonha, segundo Giddens (2002), “afeta diretamente a auto-identidade porque é essencialmente a ansiedade sobre a adequação da narrativa por meio da qual o indivíduo sustenta uma biografia coerente”. Nesse caso, essa coerência teria sido quebrada com as sequelas da doença, impressas no corpo. A ruptura da imagem corporal construída e que tinha em alta conta abalou a confiança em si mesmo e fez emergir o desamparo. Seu lugar no mundo foi dissolvido, sua identidade atacada. Um homem vaidoso, que vivia a sexualidade sem restrições, provava o sabor amargo da perda da independência e da sensualidade, como as concebia.

Marcelo relatou que a antiga namorada, com quem viveu fora de Belo Horizonte, manifesta sempre o desejo de que ele volte para ela, mas é insuportável saber que, mulher, cadeirante, consiga manter sua vida social. A sua força parecia ampliar a fragilidade de Marcelo, e por isso rejeitava o convite.

No entanto, com a progressiva melhora, houve a manifestação crescente da vontade de sair, o que era reforçado pelos apelos dos filhos, como exposto no item 4.1. Isso veio a culminar em seu afastamento do Recanto, onde residiu por mais de dois anos e onde gostou

de estar, naquele período considerado tão difícil. Sentia, por ocasião da desinstitucionalização, que “ali não era mais a sua praia”.

Tem experimentado dificuldades em se adaptar ao dinamismo da cidade, que considera mudada, assim como em se ajustar à vida familiar. Atualmente, sente-se controlado pela irmã com quem mora. No entanto, o controle lhe parece necessário, embora não do modo personalizado da experiência na família, mas generalizado como no caso de uma instituição. Por isso, gostaria de voltar a residir no Recanto, onde se sentia cuidado e com os limites de que necessita. Ele prossegue, explicando a respeito:

Vou receber uns quarenta mil de um imóvel de minha irmã que é Irmã de Caridade. Sozinho lá fora, eu ia me entregar e me esbaldar. Eu sou uma pessoa com sessenta e quatro anos, mas tenho uma mentalidade de jovem. Eu gosto de balada, não tenho condições de dançar, mas vou participando só no embalo. Estando aqui [...] estou pensando nos imprevistos, pois agora eu tenho mais é que viver bem, preocupar com alimentação, boa, um cuidado especial, e eu conheço, aqui tem tudo isso. E, se tiver disponível um apartamento em cima, aí eu volto (MARCELO, 64 anos, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residiu por 2 anos e 1 mês no Recanto após ter tido um AVC; 3ª entrevista realizada em 2008).

Nessa terceira e última entrevista, quando estive no Recanto em razão do convite da pesquisadora, sentia-se bem e comentou:

Quando eu entrei da porta pra cá, o meu coração deu uma animada e os olhos se encheram d'água. Eu acho que aqui é o meu lugar. Aqui no Recanto, está todo mundo no mesmo barco, eu me sinto à vontade, me sinto leve e solto. Não tenho vergonha da minha deficiência (MARCELO, 64 anos, divorciado, cinco filhos, foi caminhoneiro, residiu por 2 anos e 1 mês no Recanto após ter tido um AVC; 3ª entrevista em 2008).

No entanto, continuava sem vagas nas alas onde gostaria de se alojar e possivelmente algumas restrições poderiam dificultar seu regresso, como a sinalizada pela equipe, relativa ao seu conhecido alto grau de exigência na vida cotidiana.

### *Leila*

Leila se encaixa na quarta situação por ter ido para o Recanto por escolha pessoal e planejada. Nasceu no interior de Minas, e seus pais se separaram quando tinha dois anos. Passou a viver com os avós paternos, mas perdeu a avó aos doze anos de idade.

Com vinte e um anos foi para São Paulo, trabalhou na portaria de um colégio de freiras e depois na área administrativa do centro de oftalmologia de um grande hospital, também administrado por freiras, período em que ficou cega em decorrência de tumor no nervo ótico, apesar de toda a assistência, obtida dos médicos com quem trabalhava.

Leila, como Marcelo, não foi socializada como tendo um problema físico desde o início da vida, pois sua cegueira não é congênita, embora permanente, e precisou efetivar uma reorganização radical de sua vida e “aprender uma segunda maneira de ser” (GOFFMAN, 1975, p. 45). Fez curso de “Reabilitação” e “Preparo para Atividades da Vida Diária” para aprender a lidar com sua deficiência, na *Fundação para o Livro do Cego no Brasil*.

Aposentou-se por invalidez, casou-se e divorciou-se após vinte e dois anos, por decisão do marido, também cego. Continuou morando no mesmo apartamento ainda por treze anos, tendo ajuda de vizinhos e amigos quando necessitava. Doou as córneas, porque deseja que quem as receba possa enxergar.

Por necessidade de o ex-marido vender o apartamento, veio para Belo Horizonte, onde tem irmãos, tias, primas. A aprendizagem da convivência com pessoas que, no passado, a conheceram antes de ficar cega foi necessária, mas aqui também refugiar-se pode ter sido uma saída, pois “as amizades anteriores, à medida que estão ligadas a uma concepção do que ele [o indivíduo] foi, podem não conseguir tratá-lo, nem com um tato formal nem com uma aceitação familiar total”, enquanto as pessoas com as quais passou a se relacionar podem vê-la “simplesmente, como uma pessoa que tem um defeito” (GOFFMAN, 1975, p. 45).

O caso de Leila demonstra que, para além das dificuldades adaptativas por ter se tornado alguém diferente do que era, tornou-se também uma pessoa idosa, que, depois de longo percurso de vida residindo em outra localidade, depara, em certo momento, com a possibilidade de ir morar com os familiares. Ficou apenas um mês na casa de uma irmã, ela explica:

Aí comecei a visitar as casas de saúde e repouso. Eu não queria morar com ninguém, não. Foi opção minha. Porque você vê, a família quer viajar e nem sempre pode levar a gente. Eu não fico sozinha em uma casa. Sem querer você acaba entrando no problema deles, estando lá, vendo as coisas, não é mesmo? Então eu optei. Eu visitei vários lugares e onde gostei mais foi aqui. Então eu vim, fiz a triagem, fiz os exames e foi em junho de 2000 (LEILA, 73 anos, viúva após divórcio, sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um colégio e de um hospital. Ficou cega já moça. Reside há 8 anos e quase 6 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Leila entende que seu estado de dependência deixaria os familiares menos à vontade, privados de liberdade, e que, ainda, teve receio de interferir nas questões que se apresentam aos parentes. Além disso, a necessidade de conseguir uma acompanhante poderia se constituir em problema, como discorre, a seguir:

Queriam que eu montasse um barracão, colocasse uma sobrinha para ficar comigo, para me dar dor de cabeça, ou, então, arrumasse uma companhia. Hoje as pessoas querem ser livres para fazer os passeios delas. Eu optei por ficar em uma casa de repouso e vim pra cá, [seria] aqui ou em qualquer outra casa. À noite, eu tenho companhia, não atrapalho ninguém a sair, têm as atendentes a noite pra hora que a gente precisa e sei que em cada quarto tem gente. Eu acho que estou segura aqui. Tem a parte religiosa também, e tem um pouco de qualidade de vida, de acordo com minhas limitações. E estou feliz porque eu posso ajudar os outros. Ainda pego uma vasilha e vou à copa, sabendo onde estou indo e sabendo voltar, entregando para a pessoa que não pode fazer isso (LEILA, 73 anos, viúva após divórcio, sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um colégio e de um hospital. Ficou cega já moça. Reside há 8 anos e quase 6 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Leila planejou sua ida após refletir a respeito de como poderia viver melhor. Preferiu não depender da família no cotidiano. No Recanto, ela se sabe acompanhada e sem preocupações, tendo a oportunidade de ajudar, apesar de cega, porque há outros em situações piores. Consegue movimentar-se pelos espaços da instituição, pois teve o treinamento que a favoreceu e já se encontra adaptada.

No Recanto, cuida de um banheiro que também frequenta. Então, “fico o dia inteiro dando descarga, porque há aquelas idosas já esquecidas das coisas. São esses problemas que você tem que conviver aqui” (LEILA, 73 anos).

Outros problemas existem e a magoam. Sente dificuldades em relação à convivência com duas residentes. Uma delas nunca se dispôs a ajudar Leila nos momentos em que precisou, logo ao chegar à instituição, quando ainda não se locomovia bem e precisava de alguém que colocasse sua mão no corrimão para subir as escadas, por exemplo. Também essas duas idosas não cumprimentam Leila, embora tenham participado juntas do terço, nem sequer lhe perguntaram como passou quando fez uma cirurgia e retornou do hospital. Tudo isso lhe trouxe mal-estar e resolveu sair do terço, sentindo-se vítima de preconceito.

Eu noto, quando vou com alguma amiga em algum lugar, que, se eu faço algum comentário, todo mundo fica olhando pra mim, ‘por que é que ela está comentando, se não enxerga?’ Não acreditam no que falo, porque eu não vejo, não sabem que eu estou mais por dentro do que elas (LEILA, 73 anos, viúva após divórcio, sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um colégio e de um hospital. Ficou cega já moça. Reside há 8 anos e quase 6 meses no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

Goffman (1975) constatou a angústia presente nas interações mistas, quando cada indivíduo percebe fontes potenciais de mal-estar em decorrência de a consciência do “eu” e a “consciência do outro” se tornarem aguçadas, expressas como inquietação na patologia da interação:

[...] ao surgir evidências de que o estranho à nossa frente tem um atributo que o torna diferente dos outros, sendo até de uma espécie menos desejável [...] deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...] um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.[...] reduzimos suas chances de vida [...] tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original [...] o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão (GOFFMAN, 1975, p. 12-15, 23).

O autor indica que, apesar da insegurança, como “[...] a pessoa estigmatizada tem mais probabilidades do que nós de se defrontar com tais situações, é provável que ela tenha mais habilidade para lidar com elas” (GOFFMAN, 1975, p. 28). Leila assim se manifesta:

Eu gosto de tudo aqui. Gosto muito do silêncio, do espaço que a gente tem. Há oito anos entrei aqui e foi opção minha. Só que têm problemas, mas eu tiro numa boa, na esportiva. Pra isso eu tenho um astral muito bom, porque não adianta brigar e nem falar. Um dia um padre falou que a única comunidade que não tem problemas é o cemitério. Cada um pensa de um jeito, falta comunicação entre a gente, mesmo nas próprias alas. Porque umas idosas não têm jeito mesmo de a gente conversar, por causa do problema de cabeça delas. Então, a gente ajuda do jeito que pode, quando elas se perdem do quarto, orienta no que pode. Agora outras já têm os grupinhos separados, cada uma tem o seu. Então fica assim. Eu converso muito é com as funcionárias e com as pessoas de fora, porque sempre tem gente de fora aqui. No mais, eu fico com o rádio e com a televisão (LEILA, 73 anos, viúva após divórcio, sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um colégio e de um hospital. Ficou cega já moça. Reside há 8 anos e quase 6 meses no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

Leila prefere conversar com as pessoas de fora, a elas mostra seu quarto, conta sua história pessoal e exhibe alguns enfeites e os retratos enfileirados na cômoda – preocupa-se em confirmar com a visitante a ordem das fotografias no momento.

Os objetos são guardados pelo seu valor sentimental e por integrem a biografia do proprietário, por terem às vezes aspectos mais significativos do que sua própria utilidade. Vinculam-se à história do indivíduo, proporcionam-lhe a preservação de elementos de sua

identidade. Bachelard (2005) chama a esses objetos valorizados de objetos-sujeitos, pois têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade. Sobre isso, ele registra:

Os objetos, os antigos objetos interrogam-no: “Que pensará de ti, durante as noites de inverno e abandono, a velha lâmpada amiga? Que pensarão de ti os objetos que te foram ternos, tão fraternalmente ternos? Seu destino obscuro não estava tão estritamente unido ao teu?...As coisas imóveis e mudas jamais esquecem: melancólicas e desprezadas, elas recebem a confiança daquilo que trazemos de mais humilde, mais ignorado no fundo de nós mesmos. (MILOSZ, 1910, p.244 *apud* BACHELARD, 2005, p. 151).

Ela faz parte de um grupinho de tricô e recebe ajuda de amigas para o término das peças, que vende tanto às pessoas que frequentam o lugar, como às alunas de faculdades. Já expôs seus trabalhos manuais na feira de artesanato de um colégio, o que a ajudou no pagamento da taxa anual do plano de saúde.

Sendo cega, tem a mobilidade restringida em novos ambientes, sua percepção direta de ambientes distantes fica limitada, sofre privações referentes a expressões faciais, gestos e movimentos de outras pessoas. A família, muito pouco presente, lhe faz falta. Lamenta não poder viajar e participar de experiências que ainda gostaria de vivenciar, mas lhe falta suporte. As apresentações de teatro, de coral a atraem e, como já enxergou um dia, “sabe como é e hoje não pode mais ver as coisas que são belas, ficam na imaginação apenas”. Precisaria de companhia com disponibilidade para comentar com ela o cenário, as roupas, as cores.

Porém, Leila conseguiu se esquivar do estereótipo de pessoa desamparada, dependente, sem recursos e busca preservar a autonomia, tendo construído mecanismos adaptativos. Valoriza o que existe de bom:

Aqui me agradou o espaço, tanto no quarto como fora, tem a igreja, que mesmo chovendo a gente pode ir aqui por dentro. Eu fui acostumada a ir à Igreja, fazer orações [...] porque trabalhei a vida toda com freiras e fui *Filha de Maria* no interior, antes de ir para São Paulo. Aqui eu tenho qualidade de vida, tem ginástica, a gente não fica só comendo e numa cama. Têm os passeios, [...] de dois em dois meses, comemora os aniversários do mês (LEILA, 73 anos, viúva após divórcio, sem filhos, trabalhou na parte administrativa de um colégio e de um hospital. Ficou cega já moça. Reside há 8 anos e quase 6 meses no Recanto; 2ª entrevista realizada em 2008).

Recebe suporte familiar para a compra de remédios (toma 13 comprimidos por dia) e para algo mais de que precisar, mas comenta que “a família já não está aguentando”, e isso a deixa preocupada. A aposentadoria dá para pagar o Recanto, e “não fico com nenhum tostão. Então eu preciso vender as botinhas de tricô” (LEILA, 73 anos).

## *Ilca*

Ilca também está inserida na quarta situação, a de institucionalização por escolha pessoal, embora pudesse residir com os familiares. Vive na Casa Santa Zita e planejou seu ingresso na instituição, aproveitando que conhecidas viviam situações similares. Sabia que chegaria o seu momento. Olhou vários lugares, considerou o melhor ponto na cidade, para evitar o isolamento, e observou preços a pagar em cada um deles. Foi aos poucos se desapegando emocionalmente do apartamento, e não lhe trouxe problemas reduzir a bagagem material no momento da transferência; acha até que ainda mantém coisas em excesso em seu quarto. Tendo autonomia, quis decidir a respeito de seus pertences e instruiu, por escrito, a sobrinha sobre como lidar com o que lhe resta, quando falecer.

Escolhi a Casa Santa Zita para morar, primeiro porque meu cunhado e minha irmã queriam trazer a tia do meu cunhado e a irmã dessa, minha grande amiga. Então, para incentivá-las, eu fui com uma delas à Boa Viagem para me inscrever para vir. [...] Eu vinha visitá-las e, então, considerando que o ponto é muito bom, facilita o acesso às casas de meus irmãos, eles também podem me visitar e está dentro das minhas condições [...] Eu trouxe os móveis e mandei fazer esse espaço para o computador (ILCA, 83 anos, solteira e sem filhos, foi professora, proprietária de colégio, secretária-executiva de empresas, atuou em ONG em outro Estado e presta atualmente serviço voluntário em ONG desta cidade. Reside há 4 anos e 6 meses na Casa Santa Zita; 1ª entrevista realizada em 2008).

Ilca revela como foi sendo processada sua inserção, o modo de reagir dos familiares a respeito de sua resolução:

Eu vim contrariando quase toda a minha família, porque eles achavam que eu não tinha necessidade de vir para uma casa desse tipo. O povo não chama, mas é um asilo ou casa de idosos [...] Mas isso foi uma determinação minha, não foi coisa resolvida de uma hora para outra, eu me inscrevi lá no escritório. Certa vez eles me procuraram, eu disse que estava cedo ainda, mas, quando eu ia fazer 80 anos, eu falei: bom, eu quero ir enquanto eu estou lúcida, enquanto eu posso arrumar a minha vida, decidir minha vida (ILCA, 83 anos, solteira e sem filhos, foi professora, proprietária de colégio, secretária-executiva de empresas, atuou em ONG em outro Estado e presta atualmente serviço voluntário em ONG desta cidade. Reside há 4 anos e 6 meses na Casa Santa Zita; 1ª entrevista realizada em 2008).

Com a família, que protestou contra a ideia, Ilca argumentou sobre a praticidade de se institucionalizar, pois teria companhia, refeições, segurança. Preocupava-se em conseguir um local adequado, enquanto ainda lúcida, para não deixar decisões para os familiares. Queria

manter as rédeas de sua vida nas próprias mãos. Escolheu a Casa Santa Zita, modesta, “não foi por simplicidade, não foi por desprendimento, foi simplesmente por comodidade, por querer ser prática. Na vida, eu acho que a gente deve evitar dar trabalho para os outros”, Ilca justifica. Então vendeu o apartamento para o cunhado e retirou apenas o que achava necessário para o quarto que ocuparia na instituição. Vendeu “fechado” e depositou o dinheiro numa poupança, após acertar uma dívida.

Observa-se também em Ilca o receio de sua presença incomodar alguém que viesse a assumir os cuidados que lhe seriam necessários. Ela informa que teve uma acompanhante em casa, mas nos finais de semana ficava sozinha. As pessoas de sua convivência ficavam preocupadas, e então tomou a decisão. Passou no escritório da FOSP BV e teve a informação de que havia uma vaga. “Eu vim, gostei, combinei com a Irmã que coordenava a Casa e me transferi” (ILCA, 83 anos).

Frequenta, nos finais de semana, o sítio de um irmão muito querido por ela, ocasião em que costumam jogar baralho. Sempre se encontra com os outros irmãos.

Processou três rupturas marcantes em sua vida, mudando tanto de cidades como de áreas de trabalho. Numa delas, afastou-se da administração do colégio que lhe pertencia, deixou de lecionar nele e em outras escolas e passou a trabalhar como secretária executiva, tendo atuado em duas empresas. A outra ruptura refere-se à sua transferência para São Paulo, onde trabalhou em uma entidade não governamental. Retornou a Minas e há 28 anos é voluntária numa ONG, sobre a qual escreveu pequeno livro em abril de 2007, aos 82 anos, contando a história da entidade e as de algumas pessoas ali atendidas. Auxilia na administração de situações de mães solteiras carentes com filhos até seis anos, em regime de internato, apoiando a mãe para que possa assumir o filho. Deixou recentemente a direção “porque já pode dar uma escapulida no meu raciocínio, né? Eu tenho que me policiar nesse sentido” (ILCA, 83 anos).

Teve infância comum de classe média, com pais cultos e estimuladores, em cidade do interior, rodeada por amigos e pelos muitos irmãos – quinze, dos quais doze vingaram.

Na adolescência foi rebelde, malcriada, mas a mãe “apertava” e encaminhava. No colégio, nunca tomou bomba e considera que sempre viveu bem. “Sempre fui muito festeira, gosto muito de carnaval, sempre gostei de viajar, de passear [...] Ainda sou vaidosa, não tanto quanto era!” (ILCA, 83 anos).

Mantém bom relacionamento na Casa Santa Zita, embora tenha certa dificuldade com uma das residentes. Parece preocupar-se com a integração entre as pessoas que ali vivem e com a estima pessoal de cada uma. Visita algumas das residentes quando adoecem, em seus quartos.

Sua família participa dos acontecimentos festivos que ali ocorrem e ajuda na animação da Casa, promovendo alguns eventos, porque, entre seus irmãos, há quem seja ligado à área cultural. Uma irmã doa flores semanalmente, e Ilca se prontifica a auxiliar em atividades de planejamento da Casa, já tendo dado aulas para algumas das zitas.

### *Rúbia*

Rúbia também se enquadra na quarta situação, da institucionalização por escolha pessoal, embora pudesse viver com os familiares. Relata que planejou cuidadosamente o ingresso na instituição a partir do momento em que perdeu a irmã de noventa e seis anos com quem residia. Sentiu necessidade de dar novo rumo à sua vida e sair do apartamento.

Eu não quis ficar lá, morando sozinha e eu também não quis morar com família, eles queriam que eu fosse, mas eu não quis. Eu queria uma coisa [...] mais pessoal [...]. Eu quero bem a eles todos e eles também me querem muito bem. Eu não vim aqui por ter brigado com minha família, eu adoro minha família, meus sobrinhos são como se fossem meus filhos (RÚBIA, 83 anos, solteira e sem filhos, atuou em serviço médico de uma empresa, participou de grupos de Terceira Idade, faz atividades artesanais. Reside há 2 anos e 8 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Gosta de ler principalmente sobre filosofia e religião. Levanta cedo, faz yoga, caminhada e ginástica na área livre e, quando o tempo está chuvoso, caminha pelas alas. Faz bordados, tricô, crochê e presta auxílio com frequência a outras idosas nessas atividades. Às vezes precisa chamar-lhes a atenção por deixarem muito para ela, em vez de apenas a “terminação” das peças, conforme o combinado, porque lhe parece que as colegas vão ficando preguiçosas, sabendo de sua disposição em ajudar.

Sobre a decisão de morar no Recanto, relata:

Andei procurando, eu já conhecia este lugar, vim passar uns dias com minha irmã [...] num aniversário dela. Eu telefonei para a Irmã para saber se poderia passar uns dias aqui [...] Eu já fiz retiro também. Andei procurando pensionato em Belo

Horizonte, mas eu falei: ‘não [...] isso não tá bom para mim [...]’ eu estou ficando surda, tenho que andar no meio da rua, eu não quero morrer atropelada. Aí eu voltei, passei uns dias aqui, e falei: é aqui que eu vou morar! [...] Eu assumo a minha idade, a minha falta de opção, mas eu não estou impedida por estar morando aqui, não! (RÚBIA, 83 anos, solteira e sem filhos, atuou em serviço médico de uma empresa, participou de grupos de Terceira Idade, faz atividades artesanais. Reside há 2 anos e 8 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Para Rúbia, o fato de o Recanto ser afastado da cidade foi fator privilegiado em sua escolha, por julgar não ser conveniente ficar exposta ao tumulto da cidade. Gosta de ficar junto da natureza, observa as árvores, as flores, as cores conforme a hora do dia e as estações. Foi criada num sítio e se sente bem com o bosque do Recanto.

Quanto a morar com familiares, Rúbia entende que, embora mantenham bom relacionamento, os estilos de vida diferem e ela tanto poderia sentir-se incomodada, como vir a incomodar:

Morar com família é diferente. Vê se você não acha, por exemplo, a minha irmã, tem uma casa de avó, chegam netos, namorados. Fazem aquele barulho, ficam até tarde. Minha irmã gosta dessa fuzarca. Eu não gosto. Então não dá certo. No outro irmão já é um método diferente de vida. Eu falei assim: ‘Vou escolher um canto aonde eu vou me sentir livre’. Porque, às vezes, se eu ficasse lá, eu ia pensar: ‘Meu Deus, eu sou um empecilho aqui, eu estou incomodando!’ (RÚBIA, 83 anos, solteira e sem filhos, atuou em serviço médico de uma empresa, participou de grupos de Terceira Idade, faz atividades artesanais. Reside há 2 anos e 8 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Encontrou resistência da família ao ir para o Recanto, como expõe a seguir:

A família [...] não queriam, não. Mas não adiantou, porque eu quis. Eu é que tenho que resolver a minha vida, não é mesmo? Eu quis morar aqui, posso fazer alguma coisa, ser útil, me distrair. Eu escolhi morar aqui, não estou arrependida. Aqui tenho liberdade. Eu posso sair quando eu quero, eu posso ir ao centro fazer uma compra e ir ao banco. Eu tenho liberdade, por enquanto eu tô podendo andar. Não sei o que vai acontecer daqui por diante. Ninguém sabe! (RÚBIA, 83 anos, solteira e sem filhos, atuou em serviço médico de uma empresa, participou de grupos de Terceira Idade, faz atividades artesanais. Reside há 2 anos e 8 meses no Recanto; 1ª entrevista realizada em 2008).

Rúbia queria viver à sua maneira, mantendo-se independente. Tem facilidade para adaptar-se, não estranha os novos ambientes. Queria ter seu grupo de amigas, porque estava acostumada com isso. Frequentava o Grupo de Terceira Idade do Serviço Social do Comércio (SESC) e, além disso, trabalhava com as “damas de caridade, um serviço social”. Rúbia ainda contribui: “eu vou lá e levo um dinheirinho” (RÚBIA, 83 anos).

Quando se aposentou, morava em outro bairro onde, aos sábados, participava do Clube das Mães, organizado por Irmãs de Caridade; uma delas, alemã, conseguia captar muitos recursos. “Eu ia lá e ensinava tricô e crochê. Tinha bordado, costura e pintura” (RÚBIA, 83 anos).

Essas atividades a ajudavam em sua sociabilidade e sentia-se útil, como agora se sente no Recanto, onde, além de colaborar nos trabalhos manuais de outras senhoras, foi convidada a trabalhar junto ao padre. Em face desse convite, precisou participar de um curso, o que lhe trouxe alegria pela nova experiência.

#### **4.2.5 5ª situação: Escolha da internação por não ter com quem morar**

Na quinta situação, são tratados os casos de duas mulheres que se perceberam sozinhas e buscaram a Casa Santa Zita para se sentirem acompanhadas e contarem com a estrutura da instituição. Uma delas, Dirce, viveu na região da Catedral da Boa Viagem, com sua família de origem, e são boas as recordações do ambiente. A outra, Magda, residia anteriormente em outra entidade, também administrada por Irmãs de Caridade, a dois quarteirões de onde hoje reside.

#### *Dirce*

Dirce provém de uma família de quinze filhos. Destes, oito foram criados e sete faleceram, a maioria ainda criancinhas. Os pais eram primos em primeiro grau. Considera que a mãe era bonita e bondosa e que tudo o que fazia era bom. O pai era bravo, nervoso, muito correto, e carinhoso com Dirce, contava-lhe histórias, lia poesias. Dele herdou a vocação para a leitura, entretanto só cursou o primário, porque o pai não conseguia pagar estudos para toda a família, ganhava pouco e definiu que as filhas ficariam em casa, costurando e fazendo serviço doméstico. Lamenta não ter estudado mais, gostaria de ter sido jornalista.

Da mãe, herdou a virtude da humildade. Gosta muito de música e, como na instituição há antena parabólica, pode assistir, em diversos canais, a alguns programas que considera ótimos, por apresentarem orquestras, músicas clássicas.

Revela ter sido muito ligada à família, especialmente às irmãs, presentes em sua vida até que faleceram, uma a uma. Perder a última delas provocou ruptura com o modo de ser que havia construído, exigiu-lhe tentar nova forma de escrever sua vida, convivendo, agora, com profunda sensação de desamparo. Pelo receio de permanecer sozinha, decidiu residir na Casa Santa Zita.

Quando a minha irmã morreu eu fiquei sozinha [...] E o medo? Eu sou muito medrosa! [...] Éramos inquilinas. [...] A casa era de fundos, tinha um corredor comprido para chegar e uma porta de venda fechada, que o dono não alugou (Dirce, 81 anos, solteira e sem filhos, trabalhou como atendente em laboratório, residente da Casa Santa Zita, 1ª entrevista realizada em 2008).

A escolha pela Casa Santa Zita, segundo a entrevistada, decorreu do fato de ter morado nas redondezas, quando os pais e irmãos eram vivos e onde foram felizes. Lembranças lhe povoam a mente, ela se alegra e chora. Certo dia viu a casa onde residiram sendo derrubada e sentiu a angústia de quem, repentinamente, depara com a finitude e a transitoriedade. Além disso, para a preservação da identidade, a casa e sua atmosfera são referenciais subjetivos importantes. “Antes de ser jogado no ‘mundo’, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa” (BACHELARD, 2005, p. 26). A casa é associada ao acolhimento da família, espaço onde se experimenta o conforto da intimidade protegida, sendo depositária das reminiscências, como testemunhas do passado, integrando-se ao ser de quem a habita.

Dirce narra que alguns dos familiares a convidavam para visitá-los, mas nunca para residir. Dirce não os frequentava, “porque eu não fui acostumada assim. Ah [...] Eu fui acostumada num regime de austeridade, de muita cerimônia [...] nós que ajudávamos os sobrinhos. Até posso precisar, a gente não sabe o dia de amanhã!” (DIRCE, 81 anos).

Para ingressar na Casa Santa Zita precisou esperar um mês “porque tinha um operário fazendo reforma no quarto, pequeno, ficou lindinho, limpinho, arrumadinho. Então eu esperei, tive que ficar sozinha, chovendo bênçãos de Deus em cima de mim” (DIRCE, 81 anos).

Embora tenha encontrado um lugar para morar e se sinta mais resguardada, considera-se nervosa e vivencia períodos de depressão. A perda do amor das irmãs ao falecerem marcou-a intensamente. Observa, também, não ser querida pelas zitas, pois não gosta de

participar de suas brincadeiras e tampouco se sente benquista por algumas pensionistas, que parecem subestimá-la. A essa percepção de não ser amada combinada com as múltiplas perdas e com um estado de frustração persistente, podem ser atribuídas sua depressão e acentuada irritabilidade.

Teve namorados, experimentou muitas renúncias, e a vida afetiva lhe trouxe sentimentos ambíguos. Gostava de ir à praia. Trabalhou por trinta anos numa empresa bem estruturada e estável, como atendente em serviços de laboratório de patologia clínica. Reside na instituição há mais de quatro anos.

Em todos os encontros, Dirce estava trêmula e com problema nos pés, por isso pediu que as entrevistas fossem realizadas em seu quarto. Recebeu, nessas ocasiões, a visita de uma colega muito alegre e amigável, da própria instituição,

### *Magda*

Magda escreveu livros e artigos para o programa do Banco Real “Talentos da Maturidade”, entre outros. Comenta que escreve rápido, não se debruça em nada, nunca fez rascunho e tudo o que escreveu foi à primeira mão e, assim como não relê nada, não gosta de ver retratos; enfim, Magda diz: “não gosto de nada do que passou, gosto do que está passando”.

Seus pais imigraram da Europa e ainda juvenzinha perdeu o pai. Viveu com a mãe e um irmão casado, mas tiveram problemas de relacionamento. Então resolveu construir uma residência para que a mãe fosse dona de casa e moraram juntas as duas, enquanto a mãe viveu. Magda teve um noivo, porém não se casou.

Andei distribuindo meu enxoval [...]. Eu gosto muito de distribuir as coisas, e fico muito feliz quando eu arranjo alguém que leve alguma coisa, *me deixa mais à vontade sem nada, eu tenho a vida um pouco franciscana*. [...] Graças a Deus *eu não sinto falta de nada, sabe, porque olha aqui, se uma coisa vai, fica outra*. Porque a gente não vai ficar parada porque aquilo se foi (MAGDA, 91 anos, solteira e sem filhos, foi professora, diretora de Grupo Escolar, escritora, reside como pensionista há 20 anos na Casa Santa Zita).

Seus três irmãos já faleceram. Optou por não viver sozinha ou com empregada.

Embora eu seja uma pessoa de coragem, eu não tenho coragem de morar sozinha e também eu sou uma pessoa muito preguiçosa, então eu gosto de receber tudo pronto. Talvez se eu morasse sozinha [...] Eu até tinha empregada no tempo que tinha mãe, e ah [...] mas eu não, nunca tive vontade de morar sozinha. Se eu tiver que fazer comida, eu prefiro até não comer! (MAGDA, 91 anos, solteira e sem filhos, foi professora, diretora de Grupo Escolar, escritora, reside como pensionista há 20 anos na Casa Santa Zita).

Ela relata que doou casas para a Arquidiocese. Após a doação, morou por vinte e cinco anos no *Pensionato Maria Imaculada*<sup>61</sup>. Depois as Irmãs fizeram uma reunião e mandaram todo o pessoal idoso embora. Pleiteou, então, a Casa Santa Zita, para morar. Ela paga para residir e sublinha que não foi porque doou as casas que sua moradia fica gratuita. Magda, há mais de 45 anos, vive em instituições, às quais preferiu delegar a administração da vida cotidiana.

Explica que guarda as coisas na cabeça, não no coração. Considera-se meio fria. Sente dificuldade em apaixonar-se, em entusiasmar-se por qualquer coisa que seja. Gosta de dançar em seu quarto, sozinha. Viajou para a China, Japão, Coréia, Estados Unidos, Terra Santa e conhece todos os países da Europa.

#### **4.2.6 6ª situação: Filiadas à associação cofundadora da Casa Santa Zita**

Apresenta-se aqui o modo de ingresso das zitas, antigas empregadas domésticas pertencentes à *Associação de Santa Zita*, cofundadora da Casa Santa Zita, na instituição asilar, e também suas trajetórias pessoais rumo à institucionalização planejada e construída ao longo dos anos.

#### *Ricardina*

Ricardina viveu a infância na roça, no nordeste de Minas, e, como a mãe não tivesse condições para criar os filhos (ela, a irmã e um irmão), entregou-os a diferentes pessoas, que viviam em ambientes diversos. Manteve algum contato com a mãe, mais do que com a irmã. Perdeu a mãe antes dos onze anos. Não pôde estudar, mas é agradecida à senhora que a criou

<sup>61</sup> Escola de Domésticas e Pensionato Maria Imaculada, da *Congregação Religiosas de Maria Imaculada*.

porque “no ponto de pobre me criou muito bem criado, ensinou tudo o que pôde, a trabalhar, a saber obedecer aos outros e o que ela sabia de bom ela passou para mim” (RICARDINA, 77 anos).

Chegou do interior há 51 anos com uma recomendação do padre de sua terra, em forma de carta, a ser entregue à Irmã dirigente da *Escola das Domésticas e Pensionato Maria Imaculada*, onde residiu por pouco tempo, pois logo conseguiu empregar-se como doméstica. Mudou de emprego e permaneceu no último, também como doméstica, por 42 anos. Na *Escola das Domésticas* aprendeu a assinar o nome e sempre que podia reunia um dinheirinho para viajar com as Irmãs de lá.

Aqui no Brasil tem muito poucos lugares que a gente não conhece, principalmente para o lado do sul. Conheço Angra dos Reis, fui duas vezes a Goiás, fui a São Paulo, Santos, Niterói, Brasília, Porto Alegre, Santa Catarina, Argentina, duas vezes no Paraguai e Uruguai. Já pela *Associação* passei em Congonhas, Lafayette, no Jardim Zoológico, no Presépio do Pípiripau do Horto Florestal de Belo Horizonte (RICARDINA, 77 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

Ela explica os motivos de seu ingresso na Casa Santa Zita:

Estou morando aqui [...] porque eu estava no emprego. Depois, coitada, a dona estava muito doente, naquela fase de doente que não obedece, sabe? E a filha em cima dela. E puseram na casa outra que faz faxina, porque eu tenho problema de coração e não posso fazer serviço pesado, né? Eu ficava mais por conta de fazer companhia pra ela. Mas depois eu vi que não estava adiantando muito, que ela não estava obedecendo, comendo escondido coisa que não podia comer, bebia coisa que não podia tomar, sucos, aí [...] achou melhor [...] (RICARDINA, 77 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

A depoente vinha narrando como se tivesse deixado a casa em que trabalhou quarenta e dois anos por vontade própria, ao observar não estar mais ajudando de modo eficaz. No entanto, em dado momento, fala “aí [...] achou melhor [...]”, indicando não ter sido sua a decisão de se retirar.

Fiquei lá [...] mas eles não pagavam não, não tinham condições de pagar e acharam melhor eu sair. Eu fiquei um ano sem receber. A coisa apertou e me levaram na Unimed para cancelar meu plano de saúde. Ela falou que assim que as coisas melhorassem, ela ia voltar a pagar. Mas até agora nada. Porque é caro, né? Quanto mais velha é a pessoa, mais caro é (RICARDINA, 77 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

Ricardina tentou voltar para a *Casa das Domésticas e Pensionato Maria Imaculada*, porém havia ocorrido um fato inusitado – a nova Irmã Superiora decidira que as aposentadas teriam que ceder seu lugar a pessoas mais jovens. Relata:

*A Casa das Domésticas não aceitou gente maior de idade, não. Então vim para cá, nem é por falta do meu irmão chamar [...] porque eu tenho problema de coração, aí o tratamento no interior é mais difícil. Porque, quando a coisa não presta, eles mandam é para cá mesmo. O médico falou que tenho um desvio na veia do coração. E tomo remédio. De vez em quando eu faço um *check up*, pelo INSS. Fiquei aqui e a Irmã Consuelo<sup>62</sup> vai lá, pega remédio do SUS pra todo mundo (RICARDINA, 77 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).*

Assim como vinha observando a insegurança em que se encontrava mesmo após tantos anos junto da família com quem trabalhava, captou rapidamente a mudança de visão e de procedimentos da *Casa das Domésticas* e tratou de buscar a *Associação de Santa Zita*, de que participava. Consciente das incertezas sobre o futuro, conseguiu se manter íntegra na busca pelos caminhos que podia percorrer e mostrou-se precavida e cuidadosa consigo mesma. Ela esclarece:

*Hoje, a gente nem na casa da gente não tá muito seguro, ainda mais na casa dos outros. Isso aí. [...] A menininha nasceu comigo lá, a netinha dela. Eu peguei a filha da minha ex-patroa com sete anos, agora ela já tá com cinquenta. [...] Na *Escola das Domésticas*, já não queriam mais gente de idade lá. Eu pensei: ‘As coisas tá modificando muito’. Eu falei: ‘O quê? Eu vou lá nas *Obras Sociais* e vou dar o nome’. Eu sou sócia das zitas e eu vou lá saber (RICARDINA, 77 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).*

E conclui que no final deu tudo certo, pois conseguiu lugar para ficar. Sente-se bem adaptada, é querida e recebe bom atendimento da coordenação da instituição no que se refere à saúde: “Graças a Deus, até hoje, minha vida, se não está boa de se gabar, também não está tão ruim de espantar assim, não, uai!” (RICARDINA, 77 anos).

É madrinha de uma sobrinha e há um sobrinho em Belo Horizonte com quem se encontra pouco, mas sentem-se bem juntos. Mantém contato com a irmã, que se casou três vezes, mas não tem filhos. Conserva a casa que construiu em parceria com o irmão no interior, onde vai passear em período de festas. Esse irmão vive com um dos filhos. Ela diz: “O rapaz que está lá é doido comigo! Quando eu chego, para ele, é [...] parece que o mundo

---

<sup>62</sup> Nome fictício

todo viu o céu abrindo, os anjos cantando, é muito amoroso comigo” (RICARDINA, 77 anos).

Relata que presta auxílio no dia a dia na Casa Santa Zita:

Aqui eu tomo conta da portaria na parte da manhã. Eu chego da missa das 7h e tomo café, passo a mão no meu crochê e vou pra porta. Menos domingo. Domingo vou assistir à missa das 8h30min, no Santo Antônio, onde sou paroquiana porque trabalhava perto e também sou do apostolado de lá. Volto rápido, que aí eu chego a tempo [...], porque, se alguém precisar sair, já tem gente pra ficar na portaria (RICARDINA, 77 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

Além de trabalhar na portaria da Casa, Ricardina ajuda a lavar a roupa para a Irmã no domingo e auxilia na cozinha, lavando a louça.

Elas já têm o trabalho de esquentar e de servir, né? E, durante a semana, se precisar, eu enxugo a louça para elas. Não gosto de ficar muito parada! Não sei acabar de comer, bater lá na cadeira e ficar parecendo uma plasta! Gosto de ajudar. Se precisar, no que der e vier, eu estou às ordens! E, se eu soubesse ler, mais eu podia ajudar. Mas não foi possível! (RICARDINA, 77 anos, solteira, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na instituição; entrevista realizada em 2008).

Lamenta não ter tido a oportunidade de aprender a ler direito e escrever. Comenta, com leve ironia:

O ano passado eu ainda brinquei: ‘Oh, Irmã, da próxima vez que vier o pessoal aqui fazer entrevista – porque veio muita moça, muito rapaz, fazendo pergunta e tudo –, eles ficam perguntando o que que faz, por que que está aqui, [...] quando nasceu, onde é que nasceu, aquela coisa [...] eles podiam ensinar a gente a ler, os que não sabem’. A irmã ficou foi rindo (RICARDINA, 77 anos, solteira, foi empregada doméstica, reside há 2 anos e 3 meses na instituição; entrevista realizada em 2008).

Namorou muito pouco, pois “naquele tempo a dona que me criava era muito sistemática. Eu namorei um rapaz que inclusive era até parente dela. Ela não aprovou, não. O rapaz não era ruim, não, mas sei lá o que ela viu nele que ela não aceitou, não quis, não” (RICARDINA, 77 anos). Ela explica que também as Irmãs de Caridade lá da *Casa das Domésticas* não gostavam que namorassem.

Sobre problemas na instituição, Ricardina comenta: “Sabe como é que são as pessoas hoje, né? Uns querem mandar, outros querem dar ordem, mas aí eu deixo de lado. Como dizem, temos que respeitar as ordens das chefes superiores e das Irmãs de Caridade, né?”.

Em resposta à pergunta sobre a razão de ter se tornado uma *associada zita*, ela diz: “O meu sentido era de ter onde morar, se não servisse pra mim, servia pra outra, tem gente precisando. A gente tá aí, né, eu precisei!” (RICARDINA, 77 anos).

## *Maria*

Solteira e sem filhos, nasceu no norte de Minas e só ia ao arraial próximo à roça onde morava para assistir à missa, de vez em quando. Acha que tem 94 anos, porque só foi registrada quando veio residir em Belo Horizonte e decidiu contribuir para o INPS. Na ocasião, pensaram que ela tivesse trinta e sete anos.

Não conheceu o pai. Com seis anos foi levada pela irmã mais velha para residir com ela e o marido, recém-casados, em outra roça distante, sem vizinhos por perto. Maria foi criada com eles. O cunhado chegava tarde e lhe batia com frequência, que era “para lhe fazer gente”. Ele dizia: “Você tem que dar jeito na vida, você tem que dar jeito na vida.” Ela retruca: “e dei mesmo! Graças a Deus!” (MARIA, 94 anos).

Aos dezoito anos, foi “liberada” pelo cunhado e pela irmã, mudando-se para a cidade, a fim de ficar perto da mãe e da tia, que viviam juntas.

Maria trabalhou como doméstica na casa de estrangeiros por dez anos e levou consigo uma das filhas da irmã, de quem cuidava, devido à violência do cunhado com a menina.

Amparava muito também a sua mãe. Maria saía à noite, em tempestades, para fazer-lhe companhia, se estivesse sozinha. Quando a mãe faleceu e a tia se mudou, Maria, acreditando em uma cigana que leu sua mão e lhe disse que poderia ser feliz longe, veio com duas sobrinhas para Belo Horizonte. Uma das sobrinhas se casou logo, e a outra ficou com Maria até se casar também. A irmã com quem morou na infância faleceu aos quarenta e dois anos.

Em Belo Horizonte trabalhou com uma família apenas, com a mãe e depois com a filha, até que decidiu residir na instituição, onde se encontra há vinte e seis anos, porque era membro da *Associação de Santa Zita*, tendo planejado seu ingresso muitos anos antes, por se saber sozinha. Apresenta-se ativa e lúcida.

Ah! Vim para cá também porque eu estava muito cansada de casa dos outros e eu tinha direito a essa Casa aqui, porque eu cheguei em Belo Horizonte e entrei na Associação. [...] Um padre estava falando em comprar uma casa para amparar as empregadas que não têm ninguém por elas. E eu falei: vou entrar nessa, porque eu não tenho ninguém. Então [...] agora eu estou aqui. Tinha direito de vir para cá, acampe aqui agora, graças a Deus! (MARIA, 94 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside na Casa Santa Zita há 26 anos; 1ª entrevista realizada em 2008).

Sente-se feliz, e relata: “Não tenho que queixar. É uma graça de Deus. Porque só tenho sobrinhos segundo, não podem tomar conta de mim, eles vêm aqui de vez em quando, me tratam muito bem. Mas, para morar com eles [...] gente velha não dá, não” (MARIA, 94 anos).

Maria pensa que é melhor os sobrinhos em segundo grau ficarem na casinha deles e ela continuar onde está bem, pagando um pouquinho, e satisfeita. Novamente observa-se a preocupação de a pessoa idosa ter seu espaço e não incomodar, porque morar com “gente velha não dá, não”.

Gosta de fazer ginástica com o pessoal da Prefeitura e diz que é uma “velha danada de animada”. Relata que já foi ao teatro uma vez porque a patroa obrigou a ir, e não gostou, “só gosto de coisa de igreja”.

Ajuda nas atividades da Casa Santa Zita, indo ao sacolão, mas percebe que precisa cuidar da vista, pois está enxergando pouco. Comenta sobre sua vida ativa:

Eu subo escada, desço escada, subo escada, desço escada! [risos]. Têm muitos aí que não são capazes de fazer o que eu faço! Das vistas eu não estou boa, mas de cabeça eu estou boa! Não converso melhor porque eu não sei ler. Mas, se eu soubesse ler, seria melhor! Eu não sei. Por causa da roça eu não sei ler! Mas a cabeça está boa. E lavo minha própria roupa de cama, não gosto que fique encardida. Lavo minha roupa de vestir, então, graças a Deus, não dependo [...] (MARIA, 94 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside na Casa Santa Zita há 26 anos; 1ª entrevista realizada em 2008).

Maria, a despeito da opressão experimentada, já descrita no item 3.2.1, enquanto residiu com o cunhado, apanhando de joelhos pela dificuldade em aprender as orações, aprendeu a orar quando foi liberada de sua companhia e passou a residir na cidade. Entretanto, ainda hoje se sente consternada por não ter aprendido a ler. Percebe que a leitura a promoveria a um patamar pessoal e social mais favorável.

Comenta sobre como se sente no ambiente e sobre os relacionamentos:

Graças a Deus não posso queixar, não posso queixar de que não estou amparada, porque assim, em comunidade às vezes tem um troca-boca, mas passa, depois passa, e acaba tudo na amizade [...] Eu sou calma, mas também quando me irritam, Nossa Senhora! Tanto que eu evito, eu evito discussão. Quando eu vejo os outros discutindo, eu vou embora, senão sobra pra mim [...] (MARIA, 94 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside na Casa Santa Zita há 26 anos; 2ª entrevista realizada em 2008).

Maria encontrou o seu modo de adaptar-se ao ambiente e estabeleceu claros limites na forma de interagir, a fim de evitar dissabores.

### *Marta*

A família de origem de Marta morava num arraial no interior de Minas, “lugar muito alegre, [...] meu pai gostava de mexer com plantações e minhas tias ajudavam a trabalhar, que toda vida minhas tias moraram com meu pai e minha mãe [...] toda vida nós temos muita união com a família” (MARTA, 86 anos).

A mãe cozinhava para os trabalhadores na roça. Também lavavam roupas, junto com as tias, no rio próximo a casa, e passavam a ferro, para algumas famílias. Marta não pôde frequentar escola, “nós era gente humilde, né, nós também ajudava na roça. Nós era da vida tranquila, a roça era fora do comércio, tinha que caminhar, mas eu gostava daquele tempo, tempo bom, tranquilo, né?” (MARTA, 86 anos).

Perdeu os pais e os cinco irmãos, restaram os sobrinhos, alguns em São Paulo. Só teve namoro “de criança”, quando vivia no interior, depois nunca mais teve tempo para isso, a vida tornou-se só trabalho.

Inicialmente trabalhou em uma cidade da região onde nasceu e, após o falecimento dos pais, veio para Belo Horizonte como empregada doméstica de uma única família, por mais de cinquenta anos. Marta tornou-se uma das associadas zitas nos tempos em que elas eram muitas. “Só sei que sou zita!”, diz, com orgulho.

Ficou cega de um olho por causa de tombo que lhe provocou um corte e afetou a “menina”. Vincula sua ida para a Casa Santa Zita ao gravíssimo problema na perna resultante de deslocamento ósseo ao descer de um ônibus, que não foi devidamente cuidado, tendo em vista os muitos afazeres na casa onde trabalhava e a falta de condições para dedicar a si mesma. Discorre: “[...] por causa da minha perna, eu não estava dando conta mais de mexer

no fogão, de mexer na cozinha, né? Então eu falei, ‘oh dona Miralda<sup>63</sup>, não vou poder continuar aqui, porque tem a [...] [instituição] e eu tenho direito de morar, né?’ Então ela concordou” (MARTA, 86 anos).

Marta saiu porque não estava mais conseguindo realizar os trabalhos domésticos, e essa era a sua máxima, espelhada em Santa Zita: trabalhar muito e ajudar enquanto pudesse. Ela continua:

Nós já pagava aqui, nós já era daqui, fiquei frequentando a reunião, a gente já conhecia a casa, o padre e as Irmãs também, que eram chefe daqui, né? Já tinha muita Irmã daqui que eu conhecia muito. Algumas foram morar no Sion, as que estão meio idosas, mas vêm muito aqui também. Eu já estava acostumada de ver as zitas lá na igreja e tudo. Num instantinho eu acostumei (MARTA, 86 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há quase 8 anos na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

O depoimento de Marta permite compreender como a inserção das zitas era facilitada pela peculiaridade da condição das associadas. Frequentavam o ambiente semanalmente, conheciam as Irmãs que administravam o lugar e as atividades, formavam laços de amizade e companheirismo mesmo antes de viver ali. No tempo de Padre Paulo Rególio havia ainda projetos a serem executados, o que as reunia em torno das tarefas para o alcance de seus propósitos, como já foi sublinhado.

Marta, como Maria e Ricardina, manifesta sua insatisfação por não ter continuado os estudos e, em sua percepção, não é competente para aconselhar os mais jovens, por não ter adquirido os conhecimentos proporcionados pelas escolas, com as leituras. Ela comenta:

Queria ter uma letra boa, assim bonita, mas não sou capaz, nós não tivemos diploma, escola da roça, sabe como que é, eu não tenho estudo nenhum, sei só assinar o meu nome. Rezar, a gente sabe rezar e tudo, né? [...] Não mexo com essas coisas não, eu não penso. Não, eu não tenho estudo! Eu não estudei não, minha filha! Mas para dar conselho assim, eu faço [...] assim, pra não fazer, né? (MARTA, 86 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica, reside há quase 8 anos na Casa Santa Zita; 2ª entrevista realizada em 2008).

A falta de estudos é percebida por Marta como incapacidade de pensar e aconselhar. Se tivesse estudado, estaria mais bem alojada no mundo, se sentiria mais acolhida e em condições de influenciar as novas gerações.

Marta é querida por todos da Casa Santa Zita, é dependente de ajuda pelo grave problema na perna e ficava mais em cadeira de rodas. Posteriormente a vi no andador, já

---

<sup>63</sup> Nome fictício

como resultado da fisioterapia. No entanto, ficou desolada por outra senhora, também zita, ter-se incomodado por ela não participar das tarefas da casa, conforme relato no item 3.2.1.

Bem humorada e resignada com seus problemas de saúde, acha que, em sua vida, tudo foi como deveria ter sido.

## Míriam

Míriam, de 81 anos, cresceu numa roça no nordeste de Minas Gerais. A mãe tecia peneiras para complementar a renda familiar, e eram nove os filhos. Estudaram desde os sete anos e iam para a escola mesmo se não tivessem comido, porque a mãe a incentivava carinhosamente: “Vai pra escola sim, filha amiga, quando você chegar, às vezes já fiz alguma coisa pra vocês”. Míriam e a irmã cantavam no coral, frequentavam as festas da Semana Santa, Páscoa, Natal, Festas do Divino, quando se apresentavam nas missas e cantavam em latim. Considera abençoado o tempo de criança.

Deixou os pais a fim de vir para a *Escola das Domésticas e Pensionato Maria Imaculada*, e esteve vinculada à entidade por 43 anos. Conseguiu se empregar em casa de família por 20 anos, após os quais, muito abatida pela morte da mãe e apresentando alguns problemas de saúde, foi convidada a prestar serviços como auxiliar na cozinha da *Escola das Domésticas*, onde atuou por 23 anos, permanecendo até depois da aposentadoria.

Considerando a busca pelo engajamento em instituições como decorrente do desejo de estabilidade e de significados, pode ser observada, no caso de Míriam, profunda identificação com a *Escola das Domésticas* e com o papel que ali desempenhava. O local tornou-se a sua referência, o seu lugar no mundo, sentia-se parte dele. Sentiu como uma condenação de morte em vida a sua exclusão da instituição devido à idade.

Quando eu aposentei, eu fiquei lá um pouco ainda, já fora da cozinha, mas a Superiora que entrou, falou que eu tinha que sair, porque já tinha aposentado, então foi nessa época que eu passei por uma fase muito difícil! Até nessa época tudo era ótimo, noh, uma maravilha, com as Irmãs, com toda a turma do colégio, tudo era maravilhoso, mas depois que eu me aposentei, eu passei por uma situação muito difícil! Que até hoje eu não esqueço, eu faço tudo pra esquecer, pedi à Nossa Senhora pra me ajudar para que eu esquecesse porque eu tinha medo de ficar até ó [...] lélé da cuca [...] porque fui muito pressionada pra ir embora, sabe? E, na época, a Irmã Superiora que ‘tava à frente, né, Nossa Senhora, não gosto nem de lembrar, que barbaridade, eu, pelo menos, achei, nós éramos tratadas como filhas, né, pelas

Irmãs, tinha todo respeito, beijava [...] ‘bênção madre! Louvado Senhor Jesus Cristo, Madre!’ Beijava o Cristo, era considerada como filha, mas nessa época foi tenebroso, não posso nem lembrar! Então na época ela ‘tava Superiora na casa, todos que necessitavam de cuidados ou igual eu, aposentada, teriam que sair [...] Aquilo foi formando uma gravação aqui na minha cabeça! Quando eu ia deitar eu não conseguia dormir. Ficava lembrando aquela coisa toda e assim passava a noite. E sabe que até hoje [...] eu faço tudo para não lembrar, mas, quando eu lembro, meu Deus, eu tenho pavor! Foi um tempo muito [...] o tempo pior que eu tive na minha vida. Eu estava muito apegada a casa e saber que tinha que sair [...] eu me senti muito abatida, muito sentida [...] Então isso é que me deu pavor, me deu medo e até hoje eu sinto. Graças a Deus, tudo passou (MÍRIAM, 81 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica e cozinheira de uma congregação religiosa, onde morava. Reside há 11 anos na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

Duramente pressionada, Míriam vivenciou um assédio ao qual não sabia nomear e do qual não sabia se defender, deixando-lhe dolorosas lembranças. As ideias dos Padres Álvaro Negromonte e Paulo Rególio, da Paróquia da Boa Viagem, de criar dispositivos para a proteção das domésticas, fundando a *Associação de Santa Zita* e posteriormente a Casa Santa Zita, vieram a funcionar como paliativo para seu problema, atenuando-lhe a dor. Fala sobre sua inserção na Casa Santa Zita, onde vive há onze anos:

Em 96, eu vim para esta Casa. Fui muito bem recebida, Graças a Deus! Sempre lembrando as coisas, mas fui muito bem recebida, dou graças a Deus, a cada momento da minha vida, porque superei muita tristeza que eu passei e até hoje eu supero. Às vezes eu penso: ‘eu tô é no paraíso’. Porque o que eu passei nos últimos dias lá, como tinha que sair, para mim foi tenebroso, viu? Não posso lembrar, não! (MÍRIAM, 81 anos, solteira e sem filhos, foi empregada doméstica e cozinheira de uma congregação religiosa, onde morava. Reside há 11 anos na Casa Santa Zita; entrevista realizada em 2008).

Míriam faz hidroginástica num centro de convivência de idosos, teve aulas de diversos tipos de bordados e faz um pouco de crochê. Ajuda na portaria, vai ao sacolão quando necessário e busca flores para enfeitar a capela, doadas pela irmã de uma residente.

Do exame de todos esses casos, observa-se que são diversos os fatores que condicionam a institucionalização, alguns parecem se entrelaçar, não sendo puros os tipos de situações de ingresso encontrados. Manifestamos igualmente interesse pela vida na instituição, gerenciada e regulamentada pela equipe técnico-administrativa, que, na atualidade, procura seguir diretrizes provenientes dos aparelhos do Estado.

A seguir, são delineadas considerações finais, buscando integrar e analisar dados e informações provenientes desta pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na consecução deste trabalho, foram visitados autores, territórios pessoais e espaços psíquicos diversos, além de lugares e ambientes comunitários. A pesquisa de campo ofereceu surpresas e a oportunidade de conhecer uma realidade local ainda não desvendada, a despeito do que fora estudado por Foucault e Goffman, os quais se detiveram a esmiuçar as formas encontradas pela sociedade para dar lugar a seres que não se adequavam ao ideário capitalista de produtividade, consumismo, beleza, vigor, adaptação e “normalidade”. Foram precursores, entenderam que se promovia a exclusão desses seres do cenário da cidade e sua reclusão em manicômios e prisões. Asilos, assim como conventos, seriam equivalentes aos manicômios por instituírem um mundo dentro de outro mundo. No caso dos asilos, objeto deste estudo, sua existência, segundo os autores mencionados, favorece a gradativa expulsão do indivíduo velho dos círculos de poder, embora esses estudiosos acenem para a possibilidade de sua inclusão – que se assenta bem no limite da exclusão. Não se pode desconhecer o movimento social, em curso, de busca de maior aproximação dos habitantes dessas instituições com as comunidades a fim de evitar a segregação.

A categorização por idade permitiu distribuir a população por lugares considerados convenientes, de acordo com as singularidades divisadas, e as famílias passaram a delegar suas funções a entidades (escolas, hospitais, creches, asilos) e a indivíduos (especialistas), propiciando o desdobramento contínuo das mais diversas disciplinas, conforme Foucault. A crescente urbanização proporcionada pelos avanços da industrialização desencadeou transformações sociais espetaculares, dentre elas a explosiva participação feminina no mercado de trabalho, a redução da família, a conformação de novos arranjos familiares e o surgimento de os novos valores sociais. Nessa reorganização se insere a categoria do idoso, com os problemas decorrentes do envelhecimento, principalmente no caso de este apresentar dependência física ou psíquica, conjugada com insuficiência de recursos econômicos e conflitos geracionais. Convocada para a luta pela sobrevivência num mercado altamente competitivo, que demanda contínua qualificação, a família se vê impossibilitada de cuidar do idoso. A assistência a ele torna-se um desafio.

A leitura dos estudos empreendidos por Foucault (1977, 1979a, 2002), por Debert (1997, 1998), Silva (2008), Groisman (1999a, 1999b, 2002) e por Simões (1999a) enseja a compreensão de que o dispositivo da organização dos seres humanos por faixa etária, em

categorias, se por um lado discrimina os indivíduos, por outro lhes permite reivindicar benefícios e obterem resultados políticos.

Na Europa, autores como Schirrmacher (2004, 2005) e Giddens (2005) entendem que, não obstante as opressões vivenciadas, os idosos “já se tornaram um poderoso grupo de pressão política”, conscientes do crescimento da população nessa categoria, da longevidade, do potencial de influenciar o cenário em que vivem e que ancorará o das próximas gerações.

Já as políticas públicas no Brasil, embora planejadas com brilho, evidenciam ambiguidades por se mostrarem em grande parte inexecutáveis, até então – possivelmente pela sua não adequação à realidade brasileira, marcada por desigualdades sociais crônicas.

É crescente o anseio de que o Estado brasileiro assuma o compromisso de concretizar novas formas de atendimento, em outros ambientes, de modo a evitar a pungente fratura dos laços originários, em face do envelhecimento acelerado da população, conforme atestam muitos estudos recentes.

A longevidade é uma conquista do homem, facilitada pela melhoria das condições sanitárias, da organização das cidades, da medicina, da biologia, das tecnologias computadorizadas, das práticas esportivas e terapêuticas que se associam, trazendo benefícios à saúde. O ritmo de crescimento do número de idosos é maior que o de outras faixas etárias, o que afeta as estruturas das famílias, que passam a ter várias gerações em convívio – coexistem pessoas de 60, 80, 90 anos ou mais, todas circunscritas na categoria dos que vivem a velhice, cujos limites flutuam. Isso implica situações de grande complexidade, como a da mulher que, em plena fase reprodutiva e profissional, se vê convocada a amparar os pais e os avós necessitados.

À busca dos profissionais em Gerontologia por identificar as condições de vida e as necessidades dos indivíduos com 60 anos ou mais, sucederam as Universidades de Terceira Idade e os Espaços ou Centros de Convivência, como crítica à concepção homogeneizadora produzida pelos saberes médicos, que se referiam ao envelhecimento como doença e deterioração, e como resposta à questão do isolamento social. A *Terceira Idade* passou a ser vista como fase propícia à descoberta de novos interesses e habilidades, à realização pessoal, ao aprendizado, ao lazer, aos *hobbies*, à criação de novas relações e vínculos afetivos, à produção de uma imagem positiva. A inauguração dessa categoria levou os idosos a saudarem o envelhecimento ativo e a abraçarem um repertório de comportamentos inéditos como

passaporte para a felicidade daqueles considerados como adultos envelhecidos, adeptos do projeto narcísico da sociedade capitalista.

Os programas criados para a *Terceira Idade* sinalizam uma nova forma de investimento do biopoder, ou seja, de um poder que pretende estabelecer valor e utilidade, salvaguardar a população idosa contra os riscos da degenerescência e da convivência com os desviantes. Para isso, ele estipula critérios de normalidade, produzidos pelos diversos saberes especializados e planeja ações em prol da melhoria do corpo social, agindo preventivamente. Configuram-se, no entanto, prerrogativas às quais tem acesso uma parcela privilegiada da população, o que encobre a heterogeneidade econômica e etária, não abrangendo a diversidade da população idosa, o que evidencia as políticas excludentes praticadas no País.

Alguns autores entendem que, embora o *Estatuto do Idoso* tenha indicado um avanço e seja fonte de inspiração de políticas públicas a favor do idoso, a perspectiva adotada pela Gerontologia trouxe a responsabilização do sujeito pelo seu bem-estar e boa aparência, mascarando as dificuldades próprias da idade e comprometendo o desenho de políticas efetivas, que já estivessem atendendo às necessidades do idoso pobre, do avançado, do adoentado, daquele com alto grau de dependência, incapazes de responder aos desafios diários de modo ativo, e que foram, até então, desconsiderados.

Reconhecendo o desafio de depararem com as forças destruidoras da autorregulação dos organismos dos muito idosos e moribundos, pois, como destacou Elias (2001), são inegáveis as barreiras biológicas e circunscrito o controle da natureza pela cultura, os profissionais em Gerontologia começam a voltar-se para a inclusão desse público em suas ações e se esforçam por uma nova interpretação do envelhecimento, na luta pela cidadania dos idosos.

Essa luta pode mudar substancialmente a situação que se apresenta: hoje é precária a rede de atendimento de média complexidade no Brasil, planejada para ser gerenciada, em conjunto, por diversos órgãos governamentais e de que fariam parte serviços geriátricos tidos como alternativas eficazes para atender à crescente população idosa, que podem contribuir para a preservação dos laços na comunidade de origem: Programa de Atenção Domiciliária, Centro de Tratamento-Dia, Casa-Lar, Residência Temporária, República, Família Acolhedora. A incipiência dessa rede tem determinado a institucionalização do idoso em ambientes de alta complexidade como os Hospitais, as ILPIs, os Centros de Referência do Idoso, como uma solução possível, embora nem sempre desejável.

Em face da crescente demanda das ILPIs como moradia para idosos, torna-se necessário repensar e implementar, de modo contínuo, formas de atenção e cuidado eficazes. Funcionários pouco qualificados, desmotivados para a busca de conhecimentos e habilidades, acomodados, comprometem o atendimento, podendo veicular, subjacentes ao modo de interação com os idosos, suas concepções de velhice como declínio, dependência e inutilidade, impregnadas de estereótipos e preconceitos. A isso se acrescenta o modo de a instituição se estruturar, favorecendo desempenhos dessa ordem, vindo a produzir uma atmosfera desagregadora. Como forma de dar outra direção ao atendimento nas ILPIs, alguns órgãos governamentais vêm atuando, referendados em leis, resoluções e portarias, e as inspeções realizadas têm buscado estimular o permanente aprimoramento dos serviços ofertados.

Apesar de o *Estatuto do Idoso* estabelecer que as Instituições de Longa Permanência devam cumprir a função de abrigo aos idosos sozinhos e sem recursos, a lacuna dos serviços da rede de média complexidade, faz com que a institucionalização nas ILPIs se estenda também àqueles que, contando com aposentadoria, desejam preservar a sociabilidade, criar novos vínculos e ao mesmo tempo se resguardar de constrangimentos junto às famílias, decorrentes das ameaças que o envelhecimento traz aos cidadãos idosos quanto à sua capacidade de continuar sendo “adulto válido”, como enfatiza Featherstone (1993).

Não é possível obrigar os familiares a manterem relações afetuosas com o idoso, seja porque os relacionamentos tenham sido desprovidos de amor, seja porque as pessoas perdem a possibilidade de se fazerem presentes, quando se veem convocadas por uma rotina de trabalho exigente na luta pela sobrevivência, seja porque não receberam treinamento para oferecer cuidados específicos, o que torna o ato de cuidar do idoso tarefa estressante, além de onerosa. Tampouco se pode exigir que os familiares observem as necessidades do idoso em detrimento das apresentadas pelas crianças e jovens que vivem no mesmo ambiente, porque os interesses são conflitantes, em muitos casos. Estabelecer como obrigação o cuidar pessoalmente de um idoso vem desconsiderar a vulnerabilidade emocional a que este fica sujeito frente a múltiplas situações desencadeadoras de mal-estar, às quais não pode enfrentar.

A “preferência” de alguns idosos por viver institucionalizados tem sido acatada nas duas instituições – mesmo no caso daqueles que têm esposo, filhos, irmãos, sobrinhos – em face da existência de vagas, da disponibilidade financeira do pretendente e também da avaliação de que estar abandonado é algo relativo, difícil de medir, de dimensionar.

As ILPIs, confrontadas com o aumento da demanda por serviços especializados, tendo em vista as questões sociais já mencionadas e o aumento de doenças crônicas, devem, conforme as prescrições dos regulamentos estatais, examinar os perfis dos que pretendem ingressar e cotejá-los com a infraestrutura disponível. Devem se compatibilizar com o que lhes é demandado, pois já não podem desenvolver apenas um programa de assistência social. Cabe-lhes assistir à saúde, promover e preservar a autonomia do idoso, contribuir para a formação e preservação de vínculos, criar ambiente seguro e apropriado para aqueles dependentes. Com isso, as ILPIs, constituídas para acolher, também podem excluir, ao não admitir o ingresso de alguns dos idosos. No Recanto, a decisão é de recusar os idosos que exijam cuidados especiais, recursos avançados de enfermagem, entre outras especificações traçadas, pois a estrutura não é hospitalar, embora conte em seu quadro com pessoal de enfermagem e atendentes. A complexidade dos cuidados indispensáveis a esses clientes idosos ocasionou a mudança do perfil da casa. Isso está coerente com as prescrições dos regulamentos estatais, pois, uma vez desenhado o perfil, há que se cumprir os postulados das instâncias legisladoras e fiscalizadoras, e as ILPIs ainda almejam subsídios para dar conta, pois, atualmente, o repasse de verbas do governo é irrisório e não cobre o custo do atendimento – as ILPIs precisam da contribuição dos idosos, de doações da sociedade, de parcerias. Assim, idosos mais dependentes e adoentados perdem a possibilidade de ali se internar, devem procurar por outros ambientes, que dificilmente serão encontrados, pelo alto custo da infraestrutura apropriada, até que novos estabelecimentos sejam arquitetados ou que novas modalidades de atendimento sejam efetivadas.

Ao mesmo tempo em que acontece a adequação de perfis, foi observada que a internação, conquanto seja uma alternativa para os idosos, ainda é, de forma privilegiada, uma opção para as famílias.

A decisão do internamento é complexa pela sua associação com a ideia de exclusão social e pode denotar a fragilidade dos laços mantidos. Mas nem sempre significa abandono afetivo, embora, segundo o administrador da FOSP BV, seja muito significativo o número dos responsáveis pelos idosos que os deixam ali e não mais aparecem. Diante disso, a instituição precisa reiteradamente convocá-los a assumir seus papéis, levando medicamentos, fraldas, roupas, agrado, presença.

Neste estudo foram encontrados viúvos e divorciados que têm seus filhos ocupados com os afazeres cotidianos e apenas um idoso casado, com três filhas. É predominante o

número de solteiros, em parte explicado pela ausência de alguém mais íntimo disponível para ministrar-lhes cuidados, sugerindo solidão. No caso das zitas, solteiras, que perderam os vínculos com os familiares, compõem uma irmandade.

O delineamento de perfis contribuirá para criar um ambiente ainda mais artificial do que já é a instituição asilar, pois se busca a homogeneização dos residentes. Isso, sem dúvida, favorece a administração, a funcionalidade. As políticas bem dirigidas e a alocação de recursos definida em detalhes poderão permitir o atendimento mais focado às necessidades, o que não significa que este será personalizado. Um ponto para reflexão é se tal homogeneização é salutar. A heterogeneidade comporta riqueza, poderia engendrar novas formas de relacionamento. Viu-se, não obstante, que a estrutura e a administração das instituições não asseguram a reciprocidade num ambiente heterogêneo como o da Casa Santa Zita: ali as vicissitudes da sociedade são, inclusive, reproduzidas com lentes de aumento, mas administradas pela presença amigável e conciliatória das Irmãs Gracianas.

A importância dos relacionamentos intergeracionais ficou clara na pesquisa, em diversos momentos. A convivência nas instituições entre pessoas igualmente idosas não parece ser fonte de satisfação. Os idosos entrevistados não costumam conversar entre si, não ficam tão bem com outros velhos, normalmente os desprezam e dificilmente experimentam estados identificatórios. Estes, em ambas as instituições, são circunscritos a afinidades relacionadas a algum trabalho artesanal, ao gosto pela natureza, ao desejo de prestar ajuda, ao prazer de frequentar a Igreja e o Terço. Momentos de alegria e companheirismo se manifestam nas festas, bingos, bazares, nos eventos em geral, organizados pela administração. Nas oficinas e grupos, os idosos interagem, com a mediação dos facilitadores. Diferentemente, entre as zitas, os vínculos e a solidariedade são perceptíveis, afirmados em suas reuniões e rituais.

As atitudes de cooperação são costumeiramente provenientes de idosas habituadas a servir ou prestar contribuições à comunidade antes do ingresso na instituição. Por outro lado, a demanda por ser servido parece representar a necessidade de demarcar seu lugar no mundo como pessoa de certa posição e conservar o que resta da identidade de outrora. Assim, o idoso busca se preservar como sempre foi.

Foi possível aprender que o idoso “quer a si mesmo”. Às ILPIs resta favorecer-lhe a integração das experiências, lembrar-lhe seu pertencimento ao mundo dos homens, movido por

significados potencialmente capazes de oferecer estabilidade. Desse modo, ações que contemplem essa dinâmica subjetiva contribuirão para dar suporte ao eu.

O envelhecimento da população brasileira a passos rápidos, num contexto de transformações e sem que se tenham equacionado problemas fundamentais, induz à previsão das sérias crises a serem administradas em futuro próximo. Nesse sentido, o Terceiro Setor volta-se para suprir as lacunas da família contemporânea, em face das exigências a que é submetida, e as do governo, no cuidado dos idosos. As parcerias se constituem em soluções provisórias, motivo de árdua luta dos gestores da FOSP BV, considerando o desafio de administrar instituições exigentes como as asilares. Por outro lado, a redução dos recursos provenientes do Estado acarreta situação complexa para os mais carentes, o que não pode ser esquecido, uma vez que nem sempre as parcerias estarão com a mesma disponibilidade para assumir compromissos financeiros ou oferecer assistência humanitária, passando-se a contar, nesse caso, apenas com a contraprestação pecuniária dos residentes. Isso significa que as instituições tendem a acolher preferencialmente a quem desembolsar? É uma pergunta a se fazer.

As transformações no repertório de ideias das *Obras Sociais* em sua transição para a *Fundação* e a força da visão empreendedora dos novos gestores em busca da autossustentabilidade, de atendimento qualificado ao público e da projeção de uma imagem positiva, que favoreça a formação de parcerias com a comunidade empresarial, com as universidades e com a sociedade civil configuram uma mudança paradigmática em relação às práticas caritativas.

Com a finalidade de se adequar ao modelo de administração empresarial, a FOSP BV tem observado, especialmente no Recanto, o desempenho dos funcionários, proposto demissões, substituições, além de ter contratado profissionais para compor uma equipe multidisciplinar e organizado cursos de aperfeiçoamento previstos em resoluções e portarias governamentais. Pretende, desse modo, debelar as atitudes negativas e estereotipadas dos funcionários.

Complementando o diagnóstico da FOSP BV quanto ao funcionamento da instituição, os idosos sinalizam que as atividades são insuficientes, nem sempre adequadas às suas necessidades. A programação existente de oficinas adotava as orientações das disciplinas específicas da equipe e desconsiderava os talentos dos idosos, não sendo usual o levantamento de interesses, nem das possibilidades do ambiente e de seu entorno – sobre isso os idosos

entendem que o desejo de participação é ampliado à medida que atividades mais atraentes são organizadas. Apontaram a reduzida carga horária do pessoal técnico (para alguns, de apenas 4 h/dia) e sugeriram a contratação de outros profissionais, para complementação de jornada e rodízio. Avaliaram, ainda, como interferência ao direito de privacidade, a presença de visitas que percorrem os corredores onde estão os dormitórios, tendo acesso aos quartos.

Observaram-se, no decorrer da pesquisa, algumas alterações na dinâmica das entidades. As programações se tornaram paulatinamente mais variadas e, no Recanto, as famílias, acionadas, começaram a responder. Duas situações sinalizaram o anseio por mudanças na forma de gerir a vida na instituição por meio da valorização dos idosos como seres capazes de oferecer sugestões e exercerem autonomia: o questionário desenvolvido pela equipe do Recanto como forma de sondar interesses e percepções sobre as atividades propostas e sobre o ambiente institucional – embora tenha tido seus resultados criticados por uma das idosas entrevistadas – e o convite aos idosos por parte do administrador da FOSPBV e coordenadoras para tomarem parte em reuniões específicas, o que aponta para uma administração mais participativa. Essa orientação, como projeto anunciado, se levada adiante, virá a diferenciar suas ILPIs dos redutos de velhos e de abandonados, pois se constituirá em processo dinâmico de cuidado e envolvimento, que favorece ao indivíduo encontrar significados para sua vida como membro de uma comunidade.

Também a abertura da instituição a esta pesquisa evidencia o interesse da FOSPBV por conhecer aspectos ainda não apreciados no universo de suas ILPIs e por imprimir redirecionamento em sua atuação, em busca da melhoria do atendimento aos institucionalizados. Pode ser importante para a *Fundação* a reconstituição de sua história e seu registro, pela riqueza de informações quanto ao trabalho efetivado por homens e mulheres com grande poder de administração, que colaboraram para a implementação de várias ações, programas e instituições, voltados para atenuar as necessidades de pessoas desamparadas, em um tempo no qual o Estado se manteve à margem, transferindo suas responsabilidades para essas instituições, coexistindo com o modelo de assistência meramente caritativa, fomentado por organizações religiosas.

Considerando a incipiência dos movimentos sociais em prol do idoso no Brasil, surpreendeu encontrar, na pesquisa efetuada, a *Associação de Santa Zita*, constituída por empregadas domésticas sob a orientação de párocos e paroquianas. As modalidades de coesão engendradas para as zitas permitiram benefícios materiais e subjetivos às participantes. Se as

práticas assistenciais e caritativas sustentam o reconhecimento da incapacidade generalizada de seus agraciados – um dispositivo social, portanto, que comporta o paradoxo de reconhecer o sujeito, embora cerceie sua liberdade e sua autonomia para ajustar-se aos modelos supostamente ideais –, elas propiciaram, no caso em pauta, o avançado grau de organização da *Associação de Santa Zita*, a ponto de alcançarem a construção da Casa Santa Zita, inaugurada como abrigo para empregadas domésticas, idosas ou desamparadas e gradativamente convertida em “Casa de Repouso” para as zitas idosas.

A Casa Santa Zita adquiriu, posteriormente, também a feição de pensionato para idosas aposentadas que podiam prover parte significativa do sustento do estabelecimento. As pensionistas foram ocupando espaço na casa, que as acolheu, sob a administração da FOSP BV. A *Associação de Santa Zita*, por sua vez, se viu fragilizada com a expressiva redução do número de associadas – seja pelo desinteresse em participar do movimento com a perda de seus incentivadores, seja pelo falecimento de muitas das zitas. Atualmente, na lista de aspirantes a residir na Casa, constam zitas e futuras pensionistas. Segundo o administrador da *Fundação*, ao surgir vaga, segue-se a sequência sem distinção, o que confronta a Casa Santa Zita em sua gênese.

Não apenas a *Associação de Santa Zita* surpreendeu, mas a própria Casa Santa Zita, por destoar da visão tradicional de asilo, aproximando-se, por outro lado, de uma casa onde se vive coletivamente, sob a administração das Irmãs Gracianas em parceria com a FOSP BV. Nessa instituição feminina, aberta e situada no centro da cidade, com a qual as idosas interagem sem entraves, convivem grupos heterogêneos: pessoas cultas – diretoras e professoras – e pessoas simples, muitas vezes analfabetas – antigas empregadas domésticas.

Foram detectadas dificuldades de relacionamento tanto entre os grupos como no interior de cada grupo, o que demonstrou não ser a heterogeneidade social a única razão de desarmonias.

O Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem também surpreendeu, por ali não ter havido a diferenciação planejada pelas biopolíticas características da modernidade e pelas políticas sanitaristas. Não se alcançou a distinção da velhice como categoria, pois há ainda uma convivência entre o modelo antigo dos asilos de mendicância e o novo estilo das Instituições de Longa Permanência para Idosos, ou seja, as práticas anteriores continuam vigentes e concorrem com as novas, referendadas no *Estatuto do Idoso*. A alteração no Regimento Interno das instituições e o redesenho dos perfis apontam para um novo tempo, ainda em

aberto, com muitas questões a serem amplamente discutidas na tentativa de assegurar melhorias.

Por enquanto, a convivência com a estrutura asilar e suas práticas, o peso da ação discriminatória dos agentes que atendem aos idosos e as pressões do grupo dos internos se coadunam com as anteriores interações do idoso na cidade, nocivas em sua maioria, podendo resultar na mortificação do eu (Goffman, 2005). Esta mortificação é comum pela pobreza e aridez da “vida confinada”, apesar das portas abertas, como ocorre no Recanto, cuja localização pode dar ensejo à segregação, razão pela qual se observa ali a necessidade de ações incisivas que favoreçam o bem-estar dos idosos.

A importância de preservar a história da *Associação de Santa Zita* foi considerada e descrita como um parêntese no seio desta dissertação, por ser uma instituição que está se extinguindo em face das novas modalidades de prestação de serviço nas casas de famílias, das novas formas de viver contemporâneas e do desligamento dos párocos de sua direção, alterando a posição da Associação de Santa Zita dentro do universo da Paróquia da Boa Viagem, conforme o esquema do item 2.2 permitiu visualizar.

A relação de identificação das zitas com as lideranças carismáticas de Padre Álvaro Negromonte e de Padre Paulo Rególio no rico período da Associação Obras Sociais, no qual se conceberam e ampliaram diversas instituições sob a égide da Paróquia da Boa Viagem, em Belo Horizonte, levou-as a oferecer suporte ao trabalho efetivado em suas instituições, especialmente nas asilares, cujas histórias, convergentes, foram revisitadas por lideranças zitas, pelo administrador da FOSP BV e pelas coordenadoras das instituições asilares nos encontros para este estudo. Trouxeram suas perspectivas, somadas às dos idosos, à pesquisa documental e à observação participante para a contextualização do universo investigado. Transitar por essas diversas instâncias permitiu entender parte dos dispositivos sociais criados para lidar com a velhice, retratos das necessidades e do sistema de idéias de uma época.

Um desses dispositivos, os procedimentos para o ingresso na instituição, fica realçado no processo avaliativo de seleção, com a aplicação de testes, inventários e exames calcados em parâmetros quantitativos. Sua finalidade é classificar e normalizar, não sendo, em sua maioria, adequados à realidade dos idosos brasileiros. Trata-se muitas vezes de técnicas importadas, não validadas no País, onde se contaria com resultados diversos a cada amostra regionalizada e com diferentes faixas etárias. Ganham um tom puramente convencional, não se revelando eficazes para a consecução de políticas, como o desenho dos perfis propostos no

ordenamento legal dessas instituições. Nesse momento do ingresso, tão especial pela mudança na condição do idoso, torna-se necessário acolhimento que o faça sentir incluído, participativo, e meras testagens colaboram para desestabilizar a concepção que ele tem de si mesmo, principalmente no caso daquele cuja internação é imposta.

O contrato a ser assinado quando da internação deixa entrever a ambiguidade do tratamento dispensado ao idoso, pautado por um discurso que, de um lado, incentiva a autonomia do idoso e, de outro, já a desconsidera ao delegar a assinatura do documento à autoridade da família diante de um idoso fragilizado e, possivelmente, atemorizado. Observa-se também por da parte dos familiares a desatenção com outra dimensão da autonomia, ao contrariarem o desejo do idoso de colaborar nas atividades cotidianas do recinto – por entenderem que pagam à instituição pela sua hospedagem e cuidado e também por recearem que seus familiares possam ser explorados em sua força de trabalho, ainda que precária, e, possivelmente, por se sentirem culpados pela internação. Justificam-se com a representação do idoso “em repouso”, em descanso para compensar os anos de efetivo trabalho. Esses mesmos familiares, em sua maioria, visitam-no pouco, levam-no raramente a um passeio, evidenciando a complexidade das relações entre as famílias, seus idosos e a instituição.

É notável o processo de declínio da saúde física e psíquica com a internação malresolvida, relacionada, entre outros aspectos, à falta de atendimento personalizado, de acolhida calorosa, que possibilite compreender as motivações para o ingresso, mesmo nos casos em que, aparentemente, o idoso procure a instituição por vontade própria.

Em alguns casos, fica evidente a cisão do sujeito ao experimentar a necessidade de ficar e o desejo de sair, delineando o temor de uma dupla exclusão – a da família, em processo ou já efetivada, e a da instituição, sempre iminente, caso o indivíduo desrespeite as normas e se torne um estorvo. Foi detectada a presença, em maioria, dos que se resignam à vida na instituição asilar diante do temor do desamparo e a dos poucos que se insurgem, expondo sua insatisfação, como se nada mais houvesse a perder, como se todo o desejo de vida ali fenecesse.

A revisão contratual, a cada ano, suscita outro momento de tensão extrema, pois o idoso sabe que pode ter sua condição modificada pelos familiares em consenso com a instituição, assim como pode ser desligado. Também aqui se receia a dupla exclusão.

Os idosos mostram-se suscetíveis às mudanças significativas operadas em suas vidas, como a aposentadoria, as transformações nos relacionamentos com os filhos já adultos e

independentes, as novas impressões sobre o corpo, a constatação do ritmo mais lento, o aparecimento de doenças. No caso dos institucionalizados, experimentam o rompimento com as rotinas da casa onde se habitou, a convivência em um mundo ordenado de maneira impessoal e com padrões estabelecidos previamente, aos quais deverá se curvar; precisam assimilar um novo estilo de vida, o que pode equivaler à ruptura com hábitos, com a história, o que pode representar a perda das referências e sentidos construídos. Os mecanismos defensivos usados, as estratégias adotadas para interagir com a administração e com os outros idosos vão se organizar no sentido da reedição identitária, que fará do idoso um ser diferente do que foi. Podem assimilar os significados e valores em trânsito na sociedade, que não só atestam a fragilidade, incapacidade e impotência dos velhos, como reforçam sua condição de inútil e desinteressado, um ser de falta. Esse modelo desconsidera as singularidades e confere uma verdade acerca da velhice que não vinha sendo colocada sob suspeita.

Vários dos idosos entrevistados no decorrer desta pesquisa, ao retomarem sua trajetória nas entrevistas, demonstraram apego à vida e uma tenacidade nem sempre reconhecidos pelo olhar modelador que lhes é comumente lançado. Isso porque, ao se liberarem da fase em que respostas precisavam ser ininterruptamente dadas às demandas, os idosos parecem algumas vezes abdicar de certa lógica – a da intensa comunicação e atividade preponderantes no Ocidente –, o que pode ser fecundo. Nesse sentido, o “ficar nos quartos”, o “ficar calado”, pode representar estratégia positiva de esvaziamento daquilo a que foi exposto e que pode ter sido intenso, cansativo e por demais doloroso – para dar espaço ao novo – e não necessariamente constituir-se em fuga, em um processo aniquilador, em um estancamento do fluxo da vida, como percebido, inclusive, por alguns dos idosos entrevistados do Recanto, com um período curto de internação, o que lhes provocou estados de angústia e desconforto.

Aos quartos da instituição referem-se como “minha casa”. As lembranças das antigas moradas apareceram muito nas entrevistas, plenas de afetos. Ali habitam a intimidade, o sentimento de pertença e de proteção. Ali está impressa a marca do grupo que a ocupou. A experiência do aconchego de uma casa onde se forja a individualidade, onde se mantêm os pertences, onde se tece uma rede de relações é fundamental. Mudar pode representar romper com um modo de vida estável, ordenado segundo suas necessidades, modelado pela sua subjetividade. A mudança pode afetar profundamente o sujeito idoso. Na Casa Santa Zita observa-se que as associadas zitas se sentem em casa. Elas lutaram pela sua construção ao lado dos padres que a idealizaram e a ampliaram. Sentem-se “dentro”, abrigadas de um mundo “lá fora” e imaginam que, se estivessem no Recanto, sentir-se-iam no espaço do

“fora”, desprotegidas, abandonadas. As zitas participaram da escrita de uma história, a luta que empreenderam lhes reforça o sentimento de identidade e lhes oferece ancoragem. Sentem-se donas do seu destino, o que as diferencia dos outros idosos, sejam os do Recanto, sejam as pensionistas com quem dividem o espaço.

Não foram encontrados casos em que o retorno ao ambiente familiar fosse praticável. A volta, quando acontece, é cercada por dificuldades de adaptação, a ponto de levarem o idoso ao desejo de ser novamente institucionalizado, como se o tempo vivido na instituição lhe forjasse uma identidade incompatível com a da dinâmica social da cidade, gerando conflitos internos no sujeito, que não sabe mais de si mesmo, que se sente sem terreno firme onde possa se apoiar.

Entre outros pontos a serem sublinhados, destaca-se a questão das rotinas, para as quais as instituições não consideram a necessidade de expressão dos idosos, sendo percebidas diversamente – ora como uma ofensa ao eu por uns, ora como estruturantes para outros. A tendência à homogeneização, efetivada não apenas pela instituição asilar como por pressão do próprio grupo de residentes, revela a distribuição em rede do poder disciplinar, conforme indicou Foucault (1977, 1979b, 2002), e manifesta-se como uma necessidade de tornar estável o mundo e de ordená-lo. Outro ponto diz respeito aos relacionamentos amorosos. Deles não se fala, como se fossem inadequados ou impossíveis de se pensar. Nada foi dito ou observado sobre casais formados no recinto. Podem não existir, ou ser algo incluído na ordem do interdito. Também ficaram evidenciados os padrões sociais de interação, pela formação de panelinhas, entre outros, mostrando que, sem a definição de um propósito grupal, degradam-se as relações na instituição. Quase todos os idosos pesquisados falaram sobre a dimensão da religiosidade, que torna a velhice na ILPI mais facilmente suportada pelas promessas de outra vida, amena e aprazível, pelo encontro com o divino, o que vem a apaziguar medos e ansiedades. A religião oferece um sistema de significados bem definido na Casa Santa Zita. No Recanto, conforme salientou o administrador da FOSP BV, há uma lacuna deixada com a partida das missionárias que ali viviam, minimizada com a presença de um padre. Outra questão se relaciona à necessidade de encontrar formas de favorecer a convivência dentro da Instituição de Longa Permanência para Idosos, talvez com a inclusão de atividades que sejam convidativas a diversas gerações e suficientemente interessantes para que as pessoas visitem os idosos e os lugares por prazer, e não compulsoriamente.

A natureza exploratória deste estudo induziu à opção por não se circunscrever a um único problema, mas lidar com variáveis componentes de uma ampla problemática.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, orientada pela etnografia, grupos foram formados para tomar contato, selecionar e formar elos com os idosos que viriam a ser entrevistados. Para além, esses encontros favoreceram a interação dos idosos e a compreensão de algumas situações coletivas nas ILPIs, tal como expostas acima. A experiência de investigar as percepções dos idosos sobre as relações estabelecidas entre o processo de ingresso, seus motivos e as trajetórias pessoais permitiu, nas entrevistas individuais, lidar com a memória, com as biografias *re*-produzidas por meio das narrativas, e observar os encaminhamentos e significados dados pelo idoso ou supostamente por sua família ou ex-patrões às diversas situações de convivência. A pesquisa documental e a observação participante foram essenciais para a compreensão do contexto da vida vinculada à FOSP BV.

Foram analisadas as circunstâncias de vida e os motivos que levaram os idosos à inserção na instituição, focando o momento do ingresso e as reações à nova condição. Foi igualmente objeto de interesse a vida na instituição, gerenciada e regulamentada pela equipe técnico-administrativa, que na atualidade se reorganiza no sentido das diretrizes provenientes dos aparelhos do Estado.

Nas ILPIs, cuja paisagem destoa daquela dos grupos da “Terceira Idade”, encontram-se nichos de participação, de criatividade e solidariedade, mas também sentimentos de estar fora da trama da vida, à parte, abandonado, experimentando desencontros e preconceitos, promotores de retração pessoal.

A vida institucionalizada, vislumbrada em diversas ocasiões como um desafio cotidiano, pode se tingir com matizes de consternação, sobretudo nos casos em que o ingresso foi infligido. Entretanto, pode ser um privilégio localizar um lugar para se viver independente dos familiares e, ainda, ao modo do idoso, apesar das regras e rotinas a serem seguidas. De qualquer modo, exige desapego.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Sérgio França Adorno de; CASTRO, Myriam Mesquita Pugliese de. A arte de administrar a pobreza: assistência social institucionalizada em São Paulo no século XIX. In: FRANÇA, Ítalo (org.). *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987 *apud* GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da Clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.13, p. 161-190, 1999b.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ALEXANDRINO, Marcelo; PAULO, Vicente. *Direito administrativo descomplicado*. 16. ed. revista e atualizada. São Paulo: Método, 2008.

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi de. *Velhice e projeto de vida: possibilidades e desafios*. [s.d.]. Xerox.

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.

ARAÚJO, José Newton Garcia. Apresentação. In: LE VEN, Michel Marie. *Afeto e política*. Metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia clínica. Belo Horizonte: Tela e Texto. FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2008.

ARAÚJO, José Newton Garcia. *A escuta nos grupos*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, [s.d.].

ASSOCIAÇÃO DE SANTA ZITA. *Atas da Associação de Santa Zita*. Belo Horizonte, [s.d.].

ASSOCIAÇÃO DE SANTA ZITA. *Relatório à guisa de histórico*. Belo Horizonte, [s.d.].

ASSOCIAÇÃO DE SANTA ZITA. Entrevistas de lideranças zitas concedidas a Vanja de Castro. 2008.

BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARRETO, Maria Letícia. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BARROS, Myriam Morais Lins de (org.). Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. v. 1.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v. 2.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser membro da sociedade. In: MARTINS, José de Souza; FORACCHI, Marialice Mecharini (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro. LTC, 1977. cap. 13, p. 200-214.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOLETIM INFORMATIVO DA CATEDRAL DA BOA VIAGEM. Belo Horizonte: Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem. Várias edições.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. A. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 *apud* DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M.M. Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67.

BRASIL. *Lei nº 9.782*, de 26 de janeiro de 1999. Define o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, cria a Agência Nacional de Vigilância Sanitária e dá outras providências. *Visa Legis*. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=16621>> Acesso em: 7 jan. 2009.

BRASIL. *Lei nº10.741*, de 1º outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Planalto. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.741.htm>> Acesso em: 7 jan. 2009.

BRASIL. *Portaria nº 810*, de 22 de setembro de 1989. Senado Federal. Disponível em: <[www.senado.gov.br/conleg/Idoso/DOCS/Federal/Portaria 810](http://www.senado.gov.br/conleg/Idoso/DOCS/Federal/Portaria%20810)> Acesso em: 7 jan. 2009.

BRASIL. *Portaria nº 1.868*, de 11 de outubro de 2005. Revoga a Portaria nº 810, de 22 de setembro de 1989. Disponível em:

<[www.saude.mg.gov.br/atos\\_normativos/legislacao-sanitaria/estabelecimentos-de-saude/atencao-ao-idoso/Portaria\\_1868.pdf](http://www.saude.mg.gov.br/atos_normativos/legislacao-sanitaria/estabelecimentos-de-saude/atencao-ao-idoso/Portaria_1868.pdf)>. Acesso em: 7 jan. 2009

BRASIL. *Lei nº 8.842*, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1994/8842.htm>. Acesso em: 7 jan. 2009.

BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto nº 1.948*, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/decreto/D1948.htm>>. Acesso em: 7 jan. 2009.

CALDAS, Célia Pereira. Aula 1. Módulo 1. *Conceitos básicos em gerontologia*. Curso de Especialização em Geriatria e Gerontologia. Universidade Aberta da Terceira Idade - UnATI, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, [s.d.].

CALVINO, Ítalo. As cidades contínuas. In: *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPONI, Sandra. *Da compaixão à solidariedade: uma genealogia da assistência médica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

CASA SANTA ZITA. Entrevistas de idosas residentes concedidas a Vanja de Castro. 2008.

CASA SANTA ZITA. *Regimento interno*. Belo Horizonte, 2008. [Documento em reformulação].

CLEMENTE, Pietro. Ritorno d'allapocalisse. In: CONFERÊNCIA DE AREZZO, *apud* PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

CONSELHO COMUNITÁRIO UNIDOS PELO RIBEIRO DE ABREU. 2009. Apresenta as atividades realizadas na Comunidade do Bairro Ribeiro de Abreu e adjacências. Disponível em: <<http://www.comupra.org.br>>. Acesso em 11 out. 2009.

CORIN, E. Définisseurs culturels et repères individuels: le rapport au corps chez les personnes âgées. *International Journal of Psychology*, v. 20, p. 471-500, 1985 *apud* UCHÔA, Elizabeth *et. al.* Envelhecimento de saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. cap. 1, p. 25-35.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2006.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, 1997, p. 39-56.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, M. M. (org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 49-67.

DEBERT, Guita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Editora Papirus, 1999a.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999b.

DUARTE, Augusto Carlos da Cunha. Informação e documentação. *Jornal Mãos no Trabalho, em Deus o Coração*, Belo Horizonte, 1985.

ELIAS, Norbert. Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos. In: *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ENRIQUEZ, Eugène. Instituições, poder e desconhecimento. In: ARAÚJO, José Newton Garcia; CARRETEIRO, Teresa Cristina (orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 49-74.

ENRIQUEZ, Eugène. *A organização em análise*. Petrópolis: Vozes, 1997.

EVANDROU, M.; VICTOR, C. R. Differentiation in later life: social class and house tenure cleavages. In: BYTHEWAY, B. *et al.* (orgs.). *Becoming and being old: sociological approach to later life*. Londres: Sage Publications, 1989 *apud* DEBERT, Guita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999a.

FEATHERSTONE, Mike. *O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento*. Texto apresentado em conferência na UNICAMP/IFCH, em 1993. Tradução de Deborah Stuchi, mestranda em Antropologia Social, IFCH/UNICAMP.

FEATHERSTONE, Mike; HEYPWORTH, Mike. Imagens of positive aging: a case study of Retirement Choise Magazine. In: FEATHERSTONE, Mike; WERNICK, Andrew (orgs.). *Imagens of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995, p. 29-48 *apud* SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Revista História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

FERNANDES, Rubem César. Elos de uma cidadania planetária. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 28, ano 10, jun. 1995.

FERNANDES, Rubem César. O que é o terceiro setor? In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). *Terceiro setor: desenvolvimento social sustentado*. São Paulo: GIFE; Paz e Terra, 1997.

FERNANDES, Rubem César. *Privado porém público: o terceiro setor na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. CD-ROM.

FERREIRA, Patrícia Antunes. *Qualidade de vida nas instituições de longa permanência para idosos do Estado de Minas Gerais*. Psicóloga do Ministério Público. Centro de Apoio Operacional - Pessoas com Deficiência e Idosos - CAOPPD, [s.d.].

FONTES, Malu. O lugar da velhice na sociedade de consumo. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, VI, 2006, Brasília.

FÓRUM DAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS. *Carta aberta de Santos*. Espaço Tomiko Born. 2007. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo2553.htm>>. Acesso em: 7 jan. 2009.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979a. v. I.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979b.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo/Salvador: Hucitec/Edufba, 1996 *apud* GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da Clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 13, 1999b. p. 161-190.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FUNDAÇÃO OBRAS SOCIAIS DA PARÓQUIA DA BOA VIAGEM. Entrevistas de gestores concedidas a Vanja de Castro. 2008.

GEERTZ, Clifford. O estar allí: la antropologia y la escena de la escritura. In: *El antropólogo como autor*. Buenos Aires: Piados Ibérica, 1989. p. 11-34.

GEERTZ, Clifford. Estar aqui? De que vida se trata al fin e al cabo? In: *El antropólogo como autor*. Buenos Aires: Piados Ibérica, 1989. p. 139-158.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. cap. 6, 7, 12 e 20.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOMEZ, Carlos Minayo. *Curso pesquisa qualitativa: métodos, técnicas e análise de dados*. Fundacentro Regional Minas Gerais, Ministério do Trabalho e Emprego. 2º sem. 2005.

GOULDNER, Alvin W. *La crisis de la sociologia occidental*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

GROISMAN, Daniel. Asilos de velhos: passado e presente. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 2, 1999a, p. 67-87.

GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da Clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.13. 1999b. p. 161-190.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. *Revista História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 61-78, jan.-abr. 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

HOSPITAL SANTA LÚCIA. Apresenta informações sobre lesão medular. Disponível em: <<http://www.santalucia.com.br/ortopedia/paraplegia.htm>>. Acesso em: 11 out. 2009.

IBGE. Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050. Rio de Janeiro, 2008. ISSN: 1516-3296. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/default.shtm)> Acesso em: 14 out. 2009.

IBGE. *Tábuas completas de mortalidade*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1275&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1275&id_pagina=1)>. Acesso em 14 out. 2009.

IKEBANA. In: WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/ikebana>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

JACOBS, J. *Older persons and retirement community*. Springfield: Charles C. Thomas, 1975 *apud* DEBERT, Guita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999a.

KATZ, Stephen. Imagining the life-span: from premodern miracles to postmodern fantasies. In: FEATHERSTONE Mike; WERNICK, Andrew (orgs.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995, p. 61-79 *apud* GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. *Revista História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 61-78, jan.-abr. 2002.

KATZ, Stephen. *Disciplining old age: the formation of the gerontological knowledge*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996 *apud* GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da Clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.13, p. 161-190, 1999b.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. *Cadernos CERU*. São Paulo, USP, série 2, n. 11, p. 123-134, 2000.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LENOIR, Remi. L'invention du 'troisième âge' et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, Paris, n. 26-27, p. 57-83, mars-avr. 1979 *apud* SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Revista História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

LE VEN, Michel; FARIA, Érica de; MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Centro de Memória Oral / UNICAMP, 1997.

LE VEN, Michel. *Afeto e política*. Metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia clínica. Belo Horizonte: Tela e Texto. FALE/UFMG, 2008.

LISPECTOR, Clarice. Os desastres de Sofia. In: *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1977. p. 11-25.

LOEW, Jacques. *Journal d'une mission ouvrière*. Paris: Du Cerf, 1959 *apud* BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARQUES, Márcia Siqueira Costa; PADILHA, Sônia. Envelhecimento na Revista Veja: análise dos conteúdos publicados. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE, X, 2007, Universidade Metodista de Porto Alegre, out. 2007.

MARTUCCELLI, Danilo. *Grammaires de l'individu*. Paris: Gallimand, 2002.

MATOS, Olgária. *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

MILOSZ, Czeslaw. Mistério das coisas in: *L'amoureuse initiation*. *Apud* BACHELARD, Gaston, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MINAS GERAIS. *Lei Estadual nº 13.317/99*. Contém o Código de Saúde do Estado de Minas Gerais, que estabelece normas para a promoção e a proteção da saúde no Estado e define a competência do Estado no que se refere ao Sistema Único de Saúde - SUS. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/downloads/CodigoSaude.pdf>>. Acesso em 14 out. 2009.

MINAYO, Maria Cecília (org.) *et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, Paralelo 15, 1998.

PAPALEO NETTO, Matheus *et al.* Longevidade: desafio no terceiro milênio. In: PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul (orgs.). *Bioética e longevidade humana*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2006.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PAVARINI, Sofia Cristina Iost. *Dependência comportamental na velhice: uma análise do cuidado prestado ao idoso institucionalizado*. 1996, 229 f. Tese (Doutorado em Gerontologia). – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta M. *et al.* (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 67-71.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PY, Ligia. *Testemunhas vivas da história*. Portugal: Nau Editora, 1999.

QUEIRÓZ, M. Isaura P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga M. *Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Editora dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991. cap. 8, 9, 10.

RECANTO NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM. Entrevistas de idosos residentes concedidas a Vanja de Castro. 2008.

RECANTO NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM. *Relatórios das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo*, Belo Horizonte. [s.d.].

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHIRRMACHER, Frank. Ditadura dos jovens. *Revista Veja*, Rio de Janeiro, Edição 1.876, ano 37, n. 33, 18 ago. 2004, p.11-15. Entrevista concedida a D. A. Schelp.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Revista História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

SIMÕES, Júlio Assis. A previdência social no Brasil: um histórico. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999a.

TELLES FILHO, P. C. P.; PETRILLI FILHO, J. F. As causas de inserção de idosos em uma instituição asilar. *Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, n.1/2, p.51-56, jan./dez. 1999 *apud* FERREIRA, Patrícia Antunes. *Qualidade de vida nas instituições de longa permanência para idosos do Estado de Minas Gerais*. Psicóloga do Ministério Público. Centro de Apoio Operacional - Pessoas com Deficiência e Idosos - CAOPPI, [s.d.].

TELLES, José Luiz. Uma sociedade mais velha e com saúde. *RADIS* [29 ], n.53, Manguinhos, Rio de Janeiro, jan. 2007. Disponível em: <[http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/53/pdf/radis\\_53.pdf](http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/53/pdf/radis_53.pdf)>. Acesso em 7 jan. 2009.

TELFORD, Charles W.; SAWREY, James M. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 5, jun. 2002.

UCHÔA, Elizabeth; FIRMO, Josélia O. A.; LIMA-COSTA, Maria Fernanda F. de. Envelhecimento de saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, Maria Cecília de SOUZA; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. cap. 1, p. 25-35.

VARGAS, Viviane Azevedo. *Vigilância sanitária e ILPIs*. Palestra ministrada no Programa PUC Mais Idade, da Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais [s.d.].

VELOZ, Maria Cristina Trigueiro *et al.* Representações sociais do envelhecimento. *Revista Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999.

VIEIRA, Eliane Brandão. *Instituições geriátricas: avanço ou retrocesso?* Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

VIEIRA, Rosana Figueiredo. *Identidade arquivada: análise da identidade e da mortificação do eu dos velhos, pelas práticas asilares*. 1997. 261 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

WEBER, Max. Sociologia da dominação. In: *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. da Universidade Federal de Brasília, v. 2, cap. IX.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel. *Sociologia: Max Weber*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

YAZAKI, L. M.; MELO, A. V.; RAMOS, L. R. Perspectivas atuais do papel da família frente ao envelhecimento populacional: um estudo de caso. *Informe Demográfico*, São Paulo, n. 24, 1991 *apud* PAVARINI, Sofia Cristina Iost. *Dependência comportamental na velhice: uma análise do cuidado prestado ao idoso institucionalizado*. 1996, 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

**ANEXOS**

## ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para idosos (f.1)



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós Graduação em Sociologia  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31.270-901 - Belo Horizonte – MG

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PESQUISA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS, ENVELHECIMENTO E INSTITUIÇÕES**  
Público alvo: idosos

N.º Registro COEP:

Prezado Senhor(a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

A pesquisa para a qual você irá contribuir tem como objetivo estudar o envelhecimento em nossa sociedade nos tempos atuais, pelas transformações que ele acarreta na vida e no "jeito de ser", a relação com a instituição onde está inserido (a) (residindo nela ou freqüentando grupos de convivência que funcionam em sua sede, seja Abrigo, seja Colégio).

Para participar deste estudo e chegar ao nosso objetivo, solicito a sua colaboração em responder a algumas perguntas a respeito de sua trajetória de vida: os momentos mais marcantes, as pessoas importantes, o relacionamento familiar e com amigos, as situações de trabalho, de passeios, de estudo. Conversaremos também sobre sua percepção do processo envelhecimento, as transformações ocorridas nas situações de vida, as relações atuais com pessoas próximas, com o lugar onde vive, as atividades costumeiras e as que acontecem apenas de vez em quando. Também como vem se sentindo e como gostaria de viver.

É importante esclarecer que sua participação não é obrigatória e que você tem o direito de não querer participar, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito. Mesmo se inserindo no processo de pesquisa, pode dela se retirar, interrompendo o trabalho caso venha a considerar conveniente. Como participante, também terá liberdade para deixar de responder a questões sobre as quais não deseja falar. Não existem respostas certas ou erradas para as perguntas, existe um caminho que está sendo percorrido conforme os acontecimentos e as circunstâncias de sua vida, e possibilidades abertas para continuar a viver.

A entrevista será gravada, e sua duração será de cerca de 50 minutos, mas podemos interromper se vier a se sentir cansado(a). Caso perceba que ainda há muito a dizer, e deseje se expressar, podemos marcar novo(s) encontro(s). Ao responder às perguntas, pode ficar à vontade para falar, sem se preocupar com as datas em que os fatos ocorreram, porque ao final podemos voltar em algum dado mais importante que exija precisão no tempo.

Estudos como estes são necessários para conhecer melhor as situações pelas quais as pessoas passam com o envelhecimento, como as conduzem e se elas estão relacionadas com outros acontecimentos da vida pessoal, quais as influências exercidas pela nossa sociedade sobre os fatos e a influência exercida pelo senhor(a) sobre as situações. A pesquisa poderá oferecer informações que permitam às pessoas lidarem melhor com os idosos e às instituições redirecionarem o seu modo de atuar. Também outros estudantes poderão dar continuidade aos conhecimentos adquiridos, desenvolvendo seus estudos sobre questões relacionadas com o envelhecimento e com as mudanças a ele relacionadas.

## ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para idosos (f. 2)

É importante frisar que os participantes não terão nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberão pagamento pelo mesmo.

A sua identidade será mantida em anonimato e as respostas de cada pessoa permanecerão em sigilo. Dessa forma, você não será identificado quando as informações registradas forem utilizadas, seja com o propósito de publicação científica ou educativa.

Concluída a pesquisa, essa será apresentada aos participantes que se fizerem presentes em local, dia e horário a combinar, sob a forma de uma palestra, em cada uma das instituições pesquisadas, e o texto final da dissertação estará disponível na biblioteca da FAFICH/UFMG.

As gravações das conversas serão transcritas e utilizadas para a análise necessária ao presente estudo e serão manuseadas pela pesquisadora responsável. Todo material produzido como resultado das entrevistas será guardado com a pesquisadora com a devida segurança.

### INFORMAÇÕES

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado para esclarecimentos pelo telefone 3409-4592, por e-mail [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br) ou no seguinte endereço: Av. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005. 2º andar. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

#### Pesquisadores e contatos

Aluna: Vanja de Castro Juste  
Endereço: Rua Goiás 317/703. Centro CEP: 30190-030  
Telefone: 31-3273-3743 e-mail: vanjacastro@gmail.com

Orientadora: Dra Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri  
Endereço: Rua Gumercindo Couto e Silva 284/201 - B. Itapoã CEP: 31710-050  
Telefone: 31- 3409-5032 e-mail: azhour@fafich.ufmg.br

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem usada na descrição deste estudo foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Nome do participante (em letra de forma)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Vanja de Castro Juste - pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri –orientadora

\_\_\_\_\_  
Data

## ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para gestores (f. 1)



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
**Programa de Pós Graduação em Sociologia**  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31.270-901 - Belo Horizonte – MG

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PESQUISA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS, ENVELHECIMENTO E INSTITUIÇÕES**  
**Público alvo: gestores**

N.º Registro COEP:

Prezado Senhor(a),

Para a pesquisa *Trajetórias pessoais, envelhecimento e instituições*, a ser desenvolvida como parte das exigências do Mestrado em Sociologia pela UFMG, faz-se necessária a coleta de informações que permitirão a reflexão sobre as trajetórias pessoais, os diferentes modos de envelhecer e os relacionamentos estabelecidos com as famílias, a comunidade e as instituições que acolhem "pessoas idosas", no contexto da contemporaneidade. Estudos como esse são necessários para conhecer melhor as situações que as pessoas vivem ao envelhecer, como conduzem tais situações, como e por que se dá a busca do suporte das instituições.

Serão realizadas entrevistas com idosos e proponho entrevistas também com os gestores dessas instituições, pois facilitará a compreensão das possibilidades e dos desafios encontrados no trato cotidiano com os idosos, ajudando a compor o estudo.

Para participar desta pesquisa, solicito a sua colaboração em responder a algumas perguntas, sendo importante esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas voluntária. Você tem o direito de não querer participar, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito.

A duração da entrevista é de cerca de 60 minutos. É possível que seja necessário marcar um novo encontro para explicitar em detalhes suas experiências como gestor, considerando as relações da instituição com outros órgãos, as parcerias estabelecidas, as questões financeiras a serem administradas e a gestão do pessoal que trabalha na casa, em busca da compreensão das influências do ambiente sobre a vida do idoso. Ao responder às perguntas, fique à vontade para falar, sem se preocupar com o encadeamento dos fatos em uma lógica temporal. Ao final podemos voltar em algum dado mais importante que exija precisão no tempo. Será interessante que apresente documentos sobre a história da instituição, que auxiliem na contextualização das situações.

É importante frisar que os participantes não terão nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberão pagamento pelo mesmo.

Como participante, terá liberdade para deixar de responder a questões sobre as quais não deseja falar. A participação voluntária neste projeto se caracteriza em autorização para utilização das informações coletadas na realização do estudo e publicação de seus resultados.

Esclareço que sua identidade será mantida em anonimato e serão observados os cuidados éticos necessários à privacidade dos participantes-gestores, de modo que você não será identificado quando as informações registradas forem utilizadas, seja com o propósito de publicação científica ou educativa.

Suas respostas ajudarão elucidar questões fundamentais para este estudo, as entrevistas serão gravadas e posteriormente, transcritas, utilizadas para a análise necessária e serão manuseadas pela pesquisadora responsável. Todo o material produzido como resultado das entrevistas será guardado pela pesquisadora com a devida segurança.

## ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para gestores (f. 2)

A pesquisa poderá oferecer informações que permitam às pessoas lidarem melhor com os idosos e às instituições redirecionarem o seu modo de atuar, quando isso proceder. Também outros estudantes poderão dar continuidade aos conhecimentos adquiridos, desenvolvendo seus estudos sobre questões relacionadas com o envelhecimento.

Concluída a pesquisa, essa será apresentada aos participantes que se fizerem presentes em local, dia e horário a combinar, sob a forma de uma palestra, em cada uma das instituições pesquisadas, e o texto final da dissertação estará disponível na biblioteca da FAFICH/UFMG.

### INFORMAÇÕES

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado para esclarecimentos pelo telefone 3409-4592, por e-mail [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br) ou no seguinte endereço: Av. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005. 2º andar. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

#### Pesquisadores e contatos

Aluna: Vanja de Castro Juste  
Endereço: Rua Goiás 317/703. Bairro: Centro CEP: 30190-030  
Telefone: 31-3273-3743 e-mail: [vanjacastro@gmail.com](mailto:vanjacastro@gmail.com)

Orientadora: Dra Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri  
Endereço: Rua Gumercindo Couto e Silva 284/201 - B. Itapoã CEP: 31710-050  
Telefone: 31- 3409-5032 e-mail: [azhouri@fafich.ufmg.br](mailto:azhouri@fafich.ufmg.br)

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem usada na descrição deste estudo foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Nome do participante (em letra de forma)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante Data

\_\_\_\_\_  
Vanja de Castro Juste - pesquisadora Data

\_\_\_\_\_  
Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri - orientadora Data

**ANEXO III - Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 271/08

Interessado(a): **Profa. Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri**  
Departamento de Sociologia e Antropologia  
FAFICH - UFMG

**DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 02 de setembro de 2008, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado "**Trajetórias pessoais, envelhecimento e instituições**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

**Profa. Maria Teresa Marques Amaral**  
Coordenadora do COEP-UFMG